

Diante dos negacionismos



EDITORIAL:

“Diante dos negacionismos”

Criado no âmbito da historiografia para se referir à negação do Holocausto ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, a utilização do termo “negacionismo” tem se ampliado tanto para se aludir ao revisionismo de outros crimes e horrores associados a eventos históricos (ao colonialismo e à escravidão, por exemplo) quanto para nomear estratégias e exercícios contemporâneos de poder que objetivam a negação de existências e realidades através de práticas de destruição, desaparecimento, esquecimento e invisibilidade.

Tornar os negacionismos um campo problemático nos obriga então a criar modos de testemunhar e comunicar essas existências e realidades as mais diversas. Esse foi o chamado que fizemos para o dossiê que agora publicamos, e que reúne produções dedicadas a pesquisar novos modos de conhecer, pensar, lembrar, informar, contar, escrever, desenhar, filmar, fotografar... O presente dossiê reúne esses e muitos outros gestos de criação com os quais afirmamos a vida que se encontra ameaçada de tantas maneiras nesse momento que atravessamos.

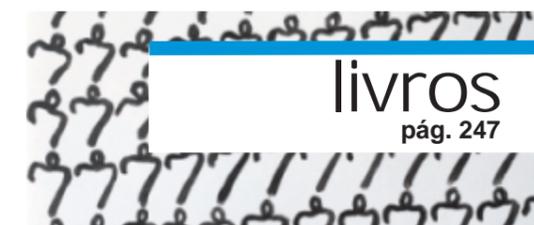
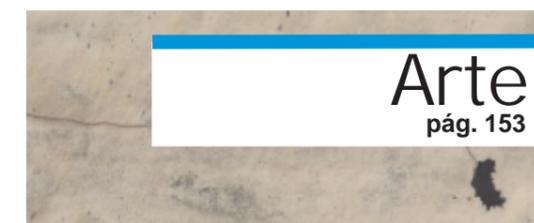
Os artigos, ensaios e produções artísticas aqui presentes multiplicam, portanto, as possibilidades de se colocar diante dos negacionismos. Essa postura é politicamente importante na medida em que tanto aqueles/as que a eles aderem quanto aqueles/as que os querem combater costumam compartilhar a defesa de verdades universais, certezas inquestionáveis e exclusivistas, monoculturas de pensamento.

Como colocar-se diante dos negacionismos? Essa é a pergunta que, recursivamente, os diferentes modos de pesquisar presentes nesse dossiê – modos científicos, ensaísticos, artísticos, jornalísticos – nos incitam a pensar. Há um fio tênue e comum a percorrer os materiais aqui reunidos e que nos sopra uma resposta: a postura política de se estar diante dos negacionismos diz respeito a não jogar o jogo das posições e alternativas infernais que o regime de verdade e de julgamento tende a nos apresentar, especialmente nesse caso. Em vez disso, podemos complexificar as dimensões do problema para que nos tornemos capazes de avaliá-lo de maneira efetiva, criando novos possíveis diante das tendências já dadas de se abordar o assunto. É com esse intuito – que anima a política editorial de *ClimaCom* também em relação a outros problemas contemporâneos – que, a partir desse dossiê, nossa revista passa a contar com o rico acervo de entrevistas realizadas por Caio Souto que, generosamente, compartilha conosco suas *Conversações Filosóficas*. Seleccionamos entrevistas que contribuem sobremaneira para a ampliação das perspectivas em torno dos negacionismos.

A imagem de capa desse dossiê traz Valéria Menezes Scornaieni e seus jardins cultivados com fragmentos de plantas, desenhos, livros, pequenas narrativas, aquarelas de terra e outros materiais. Agradecemos à artista por suas composições que alteram e ampliam as existências humanas, animais, vegetais, minerais e imagéticas. Sentimos que essa mútua e múltipla convivência agora acolhe também as produções científicas e artísticas desse dossiê em meio aos jardins expandidos entre a terra, o céu e o mar.

LABJOR - UNICAMP
Prédio V da Reitoria - Piso 3
CEP 13083-970
Email: climacom@unicamp.br
Fones: (19) 3521-2584 / 3521-2585 /
3521-2586 / 3521-2588

Carolina Cantarino (FCA-Unicamp),
Simone Pallone (Lajbor-Unicamp),
Alice Copetti Dalmaso (UFMS),
Susana Dias (Lajbor-Unicamp),
Karolyne de Souza (FE-Lajbor-Unicamp) e
Larissa Bellini (IB-Lajbor-Unicamp)



PESQUISA

ARTIGOS

A revista *ClimaCom Cultura Científica* - pesquisa, jornalismo e arte lança, a cada dossiê quadrimestral, uma chamada para artigos e resenhas de pesquisadores que desenvolvem estudos relacionados ao tema proposto para a edição. Trata-se de uma revista interdisciplinar e são aceitas contribuições de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, bem como estágios de formação. Os artigos e resenhas podem ser submetidos em português, espanhol e inglês e são avaliadas por peer review. Confira os artigos e resenha aprovados para o dossiê 01 da revista *ClimaCom* sobre "Redes"

Meio Ambiente e Segurança no Brasil: o caso da Amazônia
Giulia Neiva e Marina Kronemberger
Pag. 6

Negacionismo, relativismo e autoritarismo na ciência:
do desmascarar ao agregar realidades
Élida Santos
Pag. 28

A arte como possibilidade de enfrentamento ao negacionismo científico
Fabíola Fonseca e Claudia Marinho
Pag. 50

Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário
Geni Núñez
Pag. 82

O fim da obrigatoriedade do uso de máscaras antecipa o fim da pandemia?
Beatriz Klimeck e Ralph Holzmann
Pag. 108

Notas sobre *A Privacidade dos Outros*, de Daniel Lie: paisagem suspensa e fragmentária de mortos e vivos
Guilherme Barbosa Ferreira
Pag. 128



pesquisa

Meio Ambiente e Segurança no Brasil: o caso da Amazônia

RESUMO: As recentes queimadas em regiões do Brasil como Amazônia e Pantanal são um reflexo do atual momento histórico de crise climática. Desde 2019, quando Bolsonaro assumiu a presidência, a negligência do governo quanto à preservação do meio ambiente vem se intensificando em ritmo acelerado. O atual governo enfraqueceu as agências de proteção ambiental e tem tentado reduzir as restrições de ocupação de áreas protegidas e terras indígenas. No primeiro ano desta gestão o desmatamento teve um aumento em torno de 85% e mantém esse ritmo no segundo ano do governo. A atual crise climática é caracterizada por ser, em primeiro lugar, antropogênica: é originada pelo ser humano e marcada pela predominância de um modelo econômico ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto. Além disso, é relativamente nova: não há um consenso quanto a um ponto de início, porém, os debates tendem a observar maiores consequências a partir da segunda metade do século XX. Por fim, é global: com fenômenos em um país ou região não limitados àquela área, podendo levar a consequências para além das fronteiras.

PALAVRAS-CHAVE: Desmatamento. Crise Climática.

Policy Brief on Environment and Security in Brazil: the case of the Amazon

ABSTRACT: The recent fires in regions of Brazil such as the Amazon and Pantanal are a reflection of the current historical moment of climate crisis. Since 2019, when Bolsonaro assumed the presidency, the government's neglect of environmental preservation has been increasing at a rapid pace. This government "weakened Brazil's environmental agencies and sought to reduce restrictions on protected areas and indigenous lands. Deforestation increased by 85 percent during the first year in office (...) [and] destruction remains at the same pace in the second year of government." The current climate crisis is characterized by being, in the first place, anthropogenic: it is originated by the human being and marked by the predominance of an "ecologically predatory, socially perverse and politically unjust" economic model. Furthermore, it is relatively new: there is no consensus on a starting point, debates tend to see greater consequences from the second half of the 20th century onwards. Finally, it is global: with phenomena in a country or region not limited to that area, which can lead to consequences beyond borders.

KEYWORDS: Deforestation. Climate Crises.

Giulia Neiva ¹

Marina Kronemberger ²



*Figura 1: Queimada à beira da BR-364 (Rio Branco-Sena Madureira, Acre).
Fonte: National Geographic, 2019.*

Introdução

O caso de localidades como o Pantanal e a Amazônia evidenciam bem a situação na qual desmatamentos e disputas de terra já demonstram que as consequências se aproximam do irreparável. Para expandir ainda mais o agronegócio, os ataques contra comunidades indígenas locais são frequentes e a impunidade daqueles que os cometem é quase sempre certa devido à dificuldade de identificação dos culpados. Como consequência, tais condições podem desempenhar um papel fundamental na formação de conflitos, estimulando disputas inter e intra-estatais sobre recursos ou reforçando o apelo de grupos armados não-estatais, evidenciando a delicada relação entre o clima e questões de segurança.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir a relação entre o meio ambiente e segurança no Brasil, usando como exemplo os conflitos de terra na região da Amazônia, marcados por disputas entre a população indígena

e o setor da agropecuária, o qual recebe Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - artigos | ano 8, no. 21, 2021 apoio e incentivos por parte do governo, agravando ainda mais a degradação dos biomas brasileiros. Tal análise visa alertar para os riscos colocados sobre a população local da Amazônia, que vem sofrendo com o agravamento dos conflitos, bem como com a intensificação das queimadas na região. O Policy Brief apresentará, em primeiro lugar, uma contextualização dos conflitos de terra, identificando o contexto de degradação ambiental no Brasil e seus impactos de segurança. Em seguida, analisará o caso da Amazônia de forma a identificar as ameaças e violações sofridas pela população local. Por fim, faremos algumas recomendações aos tomadores de decisão brasileiros, assim como à sociedade civil e às organizações internacionais a respeito de algumas iniciativas que julgamos necessárias para reduzir o impacto da violência no campo brasileiro e promover mais respeito ao meio ambiente.



Figura 1: Queimada à beira da BR-364 (Rio Branco-Sena Madureira, Acre).
Fonte: National Geographic, 2019.

1. Contextualização Questões de segurança vão muito além de proteção de fronteiras e manutenção das forças armadas. Em especial, é imprescindível pensarmos a relação entre segurança e meio ambiente. Pois, não só há um risco ligado à eclosão de conflitos por recursos, mas também precisamos lembrar que a garantia de um meio ambiente saudável é essencial para nossa sobrevivência.

No Brasil, há uma disputa histórica por terras que se

agrava conforme a degradação ambiental se intensifica e o poder público não implementa medidas efetivas para reverter esse cenário. Pelo contrário, o que podemos observar nos últimos anos, especialmente a partir da candidatura de Bolsonaro à presidência em 2018, é a destruição sistemática do meio ambiente. Logo, a violência é frequentemente empregada por grupos criminosos que visam se apropriar de terras públicas e enriquecerem às custas da natureza.

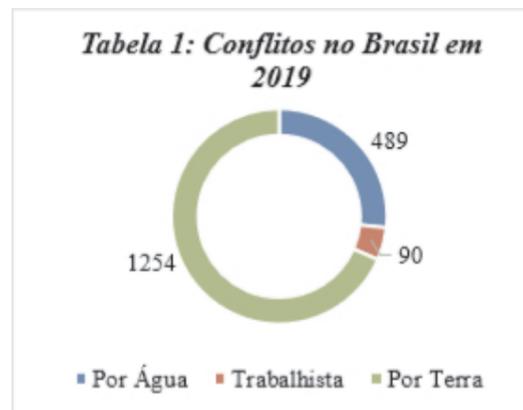


Tabela 1: Quantidade de conflitos por água, trabalho e terra no Brasil em 2019.
Fonte: Conflitos no Campo 2019.

Isto é, conforme mais investidores e grandes corporações do ramo alimentício buscam novas áreas para plantio e criação de gado, aumenta a demanda por terra e consequentemente, seu valor. Logo, "aumentam as disputas territoriais do grande capital agrário com pequenos agricultores, populações tradicionais e sem-terra, o que também eleva a violência no campo" (SANTOS; GLASS, 2018, p. 46). No ano de 2016, 118 indígenas foram assassinados no Brasil. E no ano seguinte, 207 lideranças em conflitos socioambientais ao redor do mundo, sendo 57 dos assassinatos no Brasil.

Até 2012, no entanto, o Brasil era internacionalmente reconhecido por seus esforços no combate ao desmatamento. O que se deve, em grande parte, às restrições legais impostas sobre o uso da terra e dos recursos naturais por meio da criação de unidades de conservação e ao uso de imagens de satélite para identificar e fechar sítios de extração ilegal de madeira.

Porém, à medida que madeireiros vêm utilizando técnicas de remoção que dificultam a detecção por satélites e as agências federais de fiscalização vêm sofrendo significativos cortes orçamentários e de recursos humanos, o monitoramento do desmatamento tem se mostrado menos eficiente.

Por outro lado, é importante destacarmos o papel dos povos indígenas no combate à degradação do meio ambiente. Historicamente, o desmatamento é muito menor em território indígena principalmente devido aos alertas que fazem às autoridades sempre que têm suas terras invadidas. Nesse sentido, então, sua contribuição vem ganhando maior importância nos últimos anos já que os órgãos públicos perderam grande parte de sua capacidade de monitoramento.

Contudo, esse papel exercido pelos indígenas acaba os colocando em risco. Pois, ao contrariarem os desejos de madeireiros e exploradores, estes ficam vulneráveis a possíveis ataques e/ou ameaças. O que se agrava em regiões distantes de grandes cidades e delegacias de polícia. Além disso, há pouco esforço por parte do poder público de investigar essas represálias, já que muitas vezes policiais estão envolvidos nessas atividades ilegais ou são cúmplices dessas formas de violência.

Logo, é alimentado um clima de medo sobre os povos indígenas e a população local, uma vez que a violência e a intimidação dos madeireiros continuam sem controle.

Ademais, o governo de Jair Bolsonaro vem

fragilizando ainda mais os meios de combate ao desmatamento e à devastação ambiental. Em primeiro lugar, o ministro de Relações Exteriores Ernesto Araújo, nomeado pelo presidente no início do mandato e que esteve na pasta até março de 2021, é abertamente contrário aos esforços internacionais sobre mudanças climáticas. Já o também ex-ministro, Ricardo Salles, do Meio Ambiente, considera o aquecimento global um assunto de importância "secundária", pensamento que o levou a reduzir em "95% o orçamento para a implementação da Política Nacional sobre Mudança do Clima" (Human Rights Watch, 2019), além de eliminar a Divisão de Mudança do Clima do Ministério. Além disso, houve redução de 23% do orçamento discricionário do Ministério do Meio Ambiente, o que impactou significativamente os esforços de combate e fiscalização dos incêndios na Amazônia. "E em um único dia no mês de fevereiro, 21 dos 27 diretores regionais do Ibama, responsáveis pela aprovação de operações de combate à extração ilegal de madeira, foram exonerados" (Human Rights Watch, 2019).

Foram adotadas ainda medidas que colocam impeditivos ao trabalho dos agentes que continuam trabalhando. Uma delas é a exigência de que os equipamentos e veículos empregados na extração ilegal de madeira não sejam destruídos - como era a prática anterior autorizada pela legislação brasileira - mas sejam mantidos intactos, o que força os agentes a transportar esses maquinários pela floresta, deixando-os vulneráveis a emboscadas arquitetadas por madeireiros que buscam resgatá-los. Além disso, houve o desmantelamento do departamento que coordena as principais operações de combate ao desmatamento, envolvendo tanto as forças armadas, quanto as agências federais.

O processo de aplicação de multas por infrações ligadas ao desmatamento aplicadas pelo Ibama também sofreu diversas mudanças. Além do número de emissão ter caído 38%, em abril de 2019, o governo determinou que "todas as multas ambientais deveriam ser revistas em uma audiência de 'conciliação' presidida por alguém externo" (Human Rights Watch, 2019), desvinculado das agências ambientais brasileiras. Com isso, os prazos para pagamento estão suspensos, e podem ser oferecidos descontos ou mesmo a suspensão total das multas. Consequentemente, o Ibama tem sua capacidade de sancionar violações ambientais prejudicada.

Ainda em abril de 2019, "Bolsonaro editou um decreto que extinguiu os comitês e conselhos

formados por servidores públicos e representantes de ONGs, que desempenhavam um importante papel na formulação e implementação de políticas públicas ambientais” (Human Rights Watch, 2019). É importante destacar que as organizações não-governamentais (ONGs) têm um importante papel no monitoramento e na denúncia de violações ambientais e o presidente, sabendo dessa informação, frequentemente ataca esses grupos tentando reduzir sua legitimidade.

Em junho de 2019, o governo dissolveu o Comitê Orientador do Fundo Amazônia, fundo administrado pelo Brasil em nome da preservação da floresta amazônica. Quando os maiores investidores do fundo, a Noruega e a Alemanha, se manifestaram contrários às mudanças ambientais promovidas por Bolsonaro, este cometeu mais uma atrocidade contra o meio ambiente e a cooperação internacional em prol do combate às mudanças climáticas.

Nesse sentido, o que vemos hoje com as queimadas se intensificando cada vez mais é um reflexo das políticas anti ambientais do governo, que vem apoiando as indústrias madeireira e agropecuária e promovendo um desmonte dos órgãos públicos de fiscalização. Relatos de moradores de assentamentos na região amazônica afirmam que antes da eleição de Bolsonaro, o transporte de madeira extraída ilegalmente ocorria somente à noite, mas desde a candidatura, o número de caminhões aumentou significativamente e estes também operam durante o dia.

Tais ações, que se configuram para alguns autores como “a true act of genocide in silent” (MACHADO,

2014) ao redor de todo o continente americano, são sustentadas por uma lógica comercial competitiva que promove não só uma violência sistemática de direitos, mas que também culpabiliza e criminaliza aqueles que justamente são vítimas desse extermínio. No Brasil, por exemplo, entre 2004 e 2017, foram propostos 25 Projetos de Lei pela Bancada Ruralista no Congresso Nacional que ameaçam a demarcação de terras quilombolas e indígenas. Entre estes, está a PEC 215, cujo objetivo é transferir a demarcação de terras tradicionais da União para o Congresso, definindo terras indígenas como aquelas ocupadas por índios até a promulgação da Constituição de 1988.

Portanto, uma vez que o governo incentiva a exploração comercial de recursos naturais em terras indígenas, incluindo o garimpo e a agropecuária, a população indígena fica extremamente vulnerável, ameaçando sua existência. Segundo o procurador federal no estado do Pará, Paulo Oliveira, “O efeito seria uma bomba atômica” (Human Rights Watch, 2019).

Tal exploração comercial desmedida, entre os anos de 2000 e 2015 - e que segue em crescimento - já resultou em 5.782 regiões em conflito e 602 pessoas assassinadas, reforçando e comprovando essa “invasão da moderna colonização capitalista do Brasil” que afeta principalmente localidades como a Amazônia. Isso mostra que as dinâmicas do setor agrário brasileiro perpetuam uma rede de violências e ilegalidades a fins de sustentação de um modelo de acumulação de capital lucrativo endossados por um silêncio político, que na realidade mostrase ensurdecedor.



Tabela 2: Quantidade de conflitos por água, trabalho e terra no Brasil em 2019, divididos por região. Fonte: Conflitos no Campo 2019.



Figura 3: Fogo em Candeiras do Jamari, Rondônia. Fonte: Greenpeace, 2019

2. O caso da Amazônia

Como afirmado na seção anterior, a degradação ambiental em território brasileiro vem se agravando ao longo dos anos e possui como respaldo o descaso do poder público para tal. Contudo, quando questões ambientais são debatidas, é preciso levar em consideração também que não se trata apenas de biomas que são prejudicados, mas toda uma economia e população local que depende diretamente da

agricultura de subsistência realizada nestas regiões. Segundo a Human Rights Watch (2020), os incêndios criminosos que assolam a Amazônia afetam principalmente as populações indígenas locais, que lutam há anos pela preservação da região. A urgência dessa problemática se agravou ainda mais no ano de 2020 devido à pandemia da COVID19, o que apenas dificulta ainda mais a busca por soluções em um cenário já complexo.

Quadro 1: Perseguição de líderes indígenas

Em março de 2020, um dos líderes da terra indígena Arariboia Zezico Rodrigues, do povo Guajajara, foi assassinado a tiros no município de Arame, no Maranhão. Seu corpo foi encontrado numa estrada que dá acesso ao povoado onde vivem cerca de mil indígenas, a aldeia onde morava, Zutiwa. Além de líder dos Guajajara, Zezico também defendia os direitos do grupo Awá-Guajá, que vive voluntariamente isolado, e foi professor por mais de 20 anos e diretor do Centro de Educação Escolar Indígena Azuru. Segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), “a situação vivenciada pelo povo Guajajara é trágica e exemplar em relação ao contexto de vulnerabilidade a que muitas comunidades indígenas estão expostas em todo o Brasil – mesmo as que vivem em terras

2. O caso da Amazônia

Como afirmado na seção anterior, a degradação ambiental em território brasileiro vem se agravando ao longo dos anos e possui como respaldo o descaso do poder público para tal. Contudo, quando questões ambientais são debatidas, é preciso levar em consideração também que não se trata apenas de biomas que são prejudicados, mas toda uma economia e população local que depende diretamente da

agricultura de subsistência realizada nestas regiões. Segundo a Human Rights Watch (2020), os incêndios criminosos que assolam a Amazônia afetam principalmente as populações indígenas locais, que lutam há anos pela preservação da região. A urgência dessa problemática se agravou ainda mais no ano de 2020 devido à pandemia da COVID19, o que apenas dificulta ainda mais a busca por soluções em um cenário já complexo.

Quadro 2: Dia do Fogo

Entre os dias 10 e 11 de agosto de 2019, ocorreu no Pará o "Dia do Fogo". Na ocasião, produtores rurais da região organizaram um movimento em apoio à destruição das florestas brasileiras por meio de incêndios. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), foram detectados 1.457 focos de calor no estado, sendo 580 registrados em área de floresta, 534 em Unidades de Conservação e 53 em Terras Indígenas.

Essa culpabilização dos habitantes locais configura-se apenas como uma ameaça infundada, visto que não se sustenta se observado o instrumento de medição de queimadas produzido pela NASA (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço, agência governamental estadunidense), segundo o qual, dos focos de fogo registrados em 2020, 54% apresentam-se como resultados de desmatamento florestal. Vale ressaltar que os números de setembro do ano vigente já ultrapassaram os de 2019, detectando-se "574.000 incêndios ativos, em comparação com 509.000 no mesmo período do ano passado" (GFED), sendo que 88% desse valor é datado de apenas dois meses antes.

Levando em conta tal nível de progressão do desmatamento na região, já existem pesquisadores que afirmam que a situação ambiental na Amazônia pode estar próxima de um momento no qual uma recuperação não seja mais possível. Em um cenário como esse, ao invés de funcionar como um "filtro" para as emissões de carbono, passará a dispersar aquele que conservou, contribuindo para a intensificação das mudanças climáticas. Tal poluição atmosférica

representa um grande perigo para a saúde da população e contribui cada vez mais para o aumento do número de casos de internações hospitalares devido a problemas respiratórios.

Segundo dados do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) analisados em parceria com a Human Rights Watch (2020a), no ano de 2019, 2.195 internações puderam ser relacionadas às queimadas, sendo bebês e idosos os mais afetados por tal exposição. É importante destacar também que um outro grupo muito impactado por essa situação são os indígenas, pois além das consequências prejudiciais à saúde também se aplicarem a eles, tal depredação ambiental ocorre frequentemente em suas terras e proximidades, impactando atividades como a caça, a colheita de alimentos, o cultivo de plantas medicinais, entre outros.

Todavia, é preciso ressaltar que o impacto desse cenário vai muito além dos números citados, visto elementos como o acesso restrito a sistemas de saúde na região para uma parcela considerável da população local e a escassez de dados seguros que precisem a quantidade total de pessoas expostas a

essa contaminação. Além disso, a pandemia da COVID-19 trouxe mais desafios no que tange ao treinamento, logística e atuação de profissionais para contenção das queimadas. Um agravamento dessa situação se dá ainda quando os indivíduos que já têm problemas respiratórios se tornam mais suscetíveis à contração do vírus, dado o longo percurso até a unidade de saúde mais próxima.

Dessa forma, o que se apresenta na região amazônica atualmente é uma contínua falha governamental no combate de redes de violência

ambiental que perpetuam ações criminosas contra, não só profissionais de proteção ambiental, mas também populações nativas e regionais que são deixadas para lidar sozinhas com a inadimplência da administração atual e a impunidade de tais perpetradores. Por esse motivo, é possível apresentar uma série de recomendações à organismos como o Governo Federal, a União Europeia e a Organização das Nações Unidas (ONU) para que em cooperação contínua trabalhem por uma boa gestão climática coordenada.

Quadro 3: Evangelização

Desde 1987, em meio à elaboração da nova Constituição, os povos indígenas têm garantido o direito ao isolamento. Porém, a eleição de Bolsonaro, a troca da presidência da Funai para o delegado da Polícia Federal Marcelo Augusto Xavier, ligado à bancada ruralista, e a escolha da pastora evangélica Damares Alves como ministra da pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, foram alguns dos elementos que incentivaram a disseminação do missionarismo evangélico entre povos indígenas.

Um dos grupos mais presentes em nossas florestas é a Missão Novas Tribos do Brasil, que se vale de doações dos Estados Unidos para disseminar aqui seu estilo de vida. Quando abordam os indígenas, além de transmitir doenças, os missionários condenam a alimentação e os rituais dos povos locais. Além disso, a itinerância – característica desses povos – é prejudicada à medida que o sedentarismo é incentivado e deixa-se consumir alimentos típicos como a mandioca, o milho e o amendoim. Como consequência, algumas aldeias acabam sofrendo com a falta de recursos hídricos e com a fome, pois as rotinas foram deturpadas pelos missionários.

Fonte: Bocado, 2020.

Recomendações

Ao Governo Federal:

Promover drásticas reduções no desmatamento nos moldes do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia (PPCDAM), de forma a cumprir com as obrigações colocadas pelo Acordo de Paris sobre Mudanças do Clima;

Reestruturar os órgãos e agências de fiscalização e monitoramento do desmatamento - especialmente o Ibama e o ICMBio -, cumprindo a obrigação de direitos humanos de garantir o direito a um meio ambiente saudável e o direito à saúde, além de mitigar as mudanças climáticas;

Garantir a segurança e autonomia dos agentes de fiscalização para que possam exercer seu trabalho com eficácia;

Estimular a interação entre as agências federais e a sociedade civil quanto à proteção do meio ambiente e dos povos indígenas, viabilizando um canal seguro de denúncias quanto à perpetuação da violência e ao desmatamento;

Levar à Justiça os perpetradores do desmatamento ilegal e da violência contra a população local, criando um plano de ação para combater essas práticas e dismantlar as redes criminosas envolvidas;

Retomar a demarcação de terras indígenas, como definido pela Constituição brasileira, possibilitando que os povos indígenas tenham seu território definido, além de garantir a remoção de qualquer residente não-indígena dessas terras, bem como o registro do território indígena junto à Secretaria de Patrimônio da União e evitar florestas públicas sejam destinadas à grilagem;

Incorporar ao plano de recuperação da pandemia do Covid-19 medidas que promovam a sustentabilidade, como: reduzir os subsídios aos combustíveis fósseis, incentivar a implantação de energia renovável e eficiência energética, promover a resiliência das cidades e mitigar as monoculturas, fomentando métodos alternativos de cultivo que promovam o sequestro de carbono como a agroecologia, o plantio direto, a permacultura e a agricultura regenerativa, além de promover uma reforma agrária que iniba a concentração de terras.

À União Europeia:

Condicionar a ratificação do acordo com o Mercosul ao cumprimento das responsabilidades ambientais por parte do Brasil. A UE deveria estabelecer parâmetros claros, que abordem os

principais problemas da crise na Amazônia: a violência e o desmatamento, bem como o combate à impunidade dos perpetradores de ambos.

À Organização das Nações Unidas:

Elaborar um conjunto de regras globais que garantam a responsabilização das empresas multinacionais do setor alimentício, prevenindo violações dos direitos humanos e impactos negativos sobre o meio ambiente em suas cadeias de suprimentos;

Criação de um mecanismo internacional de assessoria jurídica que facilite a denúncia de violações de direitos humanos por parte das vítimas;

Garantir aos pequenos produtores uma proteção adequada contra os traders oligopolistas de commodities.

Conclusão

A partir da situação exposta neste artigo, é possível perceber que a situação ambiental crítica na região amazônica não é algo novo e depende de uma organização de esforços conjuntos para se atingir uma solução global. Todavia, o atual governo, que não só insiste na manutenção de uma política de fragilização da fiscalização ambiental e culpabilização de ONGs, nativos e habitantes locais, mas que também garante um ambiente de impunidade de violadores, não parece preocupado com a presente imagem exportada pelo Brasil frente a essa problemática, e muito menos com o custo ambiental.

Apesar da criação de órgãos para gerenciamento das várias iniciativas de cuidado e proteção ambiental como o Conselho da Amazônia, ainda não foi possível reverter o impacto que vem sendo causado há anos devido ao desmatamento local, e que agora se agrava drasticamente. De acordo com organizações não governamentais como a WWF, a situação vigente apenas ressalta a existência de uma atual “desconexão do Governo dos desafios e oportunidades (também econômicas) que a Amazônia representa” (GORTÁZAR, 2020). Segundo o Greenpeace Brasil (2020), que reforça essa crítica, tal descaso com a conjuntura ambiental corrente apenas reflete como “a resposta do governo federal frente ao aumento do desmatamento tem sido maquiagem a realidade, militarizar cada vez mais a proteção ambiental e trabalhar para coibir a atuação da sociedade civil, ferindo a nossa democracia.” (GREENPEACE, 2020).

Contudo, a luta para superar esse cenário impeditivo deve ser mandatória, uma vez que a Amazônia configura-se como um dos maiores e mais importantes biomas do planeta, responsável não só por várias atividades que garantem o equilíbrio climático, mas também funcionado como um recurso hídrico - vista a presença em seu território de 20% da água doce do globo - e lar de uma diversidade cultural e história de variados povos nativos da região. Sendo assim, proteger tal

localidade não significa apenas a preservação de todo um ecossistema, mas também representa a garantia de um futuro para as próximas gerações, as quais encontram-se agora obrigadas a lidar com uma problemática com uma data limite cada vez mais próxima. Por esse motivo, a união de esforços em diversas frentes, desde o governo federal até instituições internacionais junto à sociedade civil, evidencia-se como uma aliança tão imprescindível para impedir o que um dia será irreversível

Bibliografia

A IMPORTÂNCIA das florestas em pé na Amazônia. IPAM. Disponível em: <<https://ipam.org.br/cartilhas-ipam/a-importancia-das-florestas-em-pe/>>. Acesso em 08 dez. 2020.

“O AR é insuportável”: Os impactos das queimadas associadas ao desmatamento da Amazônia brasileira na saúde. Human Rights Watch, 26 ago. 2020a. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/report/2020/08/26/376135>>. Acesso em 19 nov. 2020.

AMAZON fire activity in 2020 surpasses 2019. GFED. Disponível em: <<http://globalfiredata.org/pages/2020/09/22/amazon-fire-activity-in-2020-surpasses-2019/>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

AMAZON Dashboard. GFED. Disponível em: <<https://globalfiredata.org/pages/amazon-dashboard/>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRASIL: Queimadas na Amazônia afetam a saúde de milhares de pessoas. Human Rights Watch, 26 ago. 2020b. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/news/2020/08/26/376141>>. Acesso em: 18 set. 2020.

BRAZIL: Police Killings, Impunity and Attacks on Defenders. Amnesty International submission for the UN Universal Periodic Review - 27th session of the UPR Working Group, May 2017. Anistia Internacional. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/download/Documents/AMR1954672016ENGLISH.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2020.

BRUM, Eliane. A miliciarização da Amazônia: como o

crime vira lei e o criminoso “cidadão de bem” na maior floresta tropical do mundo. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; SANTOS, Paulo César Moreira dos (Coord.). Conflitos no Campo: Brasil 2019. Goiânia: CPT Nacional, 2020. p. 105-14.

CABRAL, Diogo. Não Sejam Cúmplices! Violência e Impunidade no Campo em 2019. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; SANTOS, Paulo César Moreira dos (Coord.). Conflitos no Campo: Brasil 2019. Goiânia: CPT Nacional, 2020. p. 172-9.

CANINEU, Maria Laura; GUAJAJARA, Sônia. Como os europeus poderiam nos ajudar a proteger a Amazônia. Human Rights Watch, 31 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/news/2020/07/31/375983>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CANUTO, Antônio et al. Conflitos por Terra em 2019, uma Introdução. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; SANTOS, Paulo César Moreira dos (Coord.). Conflitos no Campo: Brasil 2019. Goiânia: CPT Nacional, 2020. p. 100-4.

DELAZERI, Ana Maria et al. Por uma outra reforma agrária: Reflexão coletiva da Campanha De olho aberto para não virar escravo, da Comissão Pastoral da Terra. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; SANTOS, Paulo César Moreira dos (Coord.). Conflitos no Campo: Brasil 2019. Goiânia: CPT Nacional, 2020. p. 126-34.

DESMATAMENTO na Amazônia é o maior desde 2008, segundo dados do PRODES. Greenpeace Brasil, 30 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/blog/desmatamento-na-amazonia-e-o-maior-desde2008-segundo-dados-do-prodes/>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Desmatamento na Amazônia dispara e atinge recorde em 12 anos. *El País*, 30 nov. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-30/desmatamento-na-amazonia-dispara-e-atinge-recorde-em-12-anos.html>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

KLEIN, Leticia; MEDAGLIA, Thiago. Populações tradicionais não são responsáveis por destruição da Amazônia. *National Geographic*, 23 set. 2020. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2020/09/populacoes-tradicionais-indio-caboclo-queimadas-desmatamento-amazonia>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MACHADO, Flávio V. (Org.). *Brief Report On The Violations Of The Human Rights Of The Indigenous Kaiowá Guarani Peoples In Mato Grosso Do Sul – Brazil*. Mato Grosso do Sul: Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 2014.

MÁFIAS do Ipê: Como a Violência e a Impunidade Impulsionam o Desmatamento na Amazônia Brasileira. *Human Rights Watch*, 17 set. 2019. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/report/2019/09/17/33519>>. Acesso em: 19 set. 2020.

MALLEY, Robert. *Climate Change Is Shaping the Future of Conflict*. *International Crisis Group*, 5 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.crisisgroup.org/global/climate-change-shaping-future-conflict>>. Acesso em: 18 set. 2020.

MCDONALD, Matt. *Climate Change and Security: Towards Ecological Security?* *International Theory*, v. 10, n. 2, 2018, p.153-180.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter et al. *Bye Bye Brasil, Aqui Estamos: a Reinvenção da Questão Agrária no Brasil*. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; ANDRADE, Thiago Valentim Pinto (Coord.). *Conflitos no Campo Brasil 2015*. Goiânia: CPT Nacional, 2016. p. 1-240.

SANTOS, Maureen, GLASS, Verena (Orgs). *Atlas do Agronegócio: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2018.

FIGURAS

Figura 1: QUEIMADA à beira da BR-364 (Rio Branco-

Sena Madureira, Acre). Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/09/fazendeiros-amazonia-incendios-floresta-amazonica-queimadas-paleoecologia?gallery=41308&image=NG_Pimenta_Marcio-10>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Figura 2: TRONCOS de árvores derrubados à espera de retirada em área de floresta no Acre. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/09/fazendeiros-amazonia-incendios-floresta-amazonica-queimadas-paleoecologia?gallery=41308&image=NG_Pimenta_Marcio-10>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Figura 3: FOGO em Candeiras do Jamari, Rondônia, em 2019. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/blog/muita-propaganda-para-pouca-acao/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

TABELAS

Tabela 1: Conflitos no Brasil em 2019. CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; SANTOS, Paulo César Moreira dos (Coord.). *Conflitos no Campo: Brasil 2019*. Goiânia: CPT Nacional, 2020.

Tabela 2: Conflitos no Brasil por Região em 2019. CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; SANTOS, Paulo César Moreira dos (Coord.). *Conflitos no Campo: Brasil 2019*. Goiânia: CPT Nacional, 2020.

QUADROS

Quadro 1: Perseguição de líderes indígenas: LÍDER indígena é assassinado a tiros no Maranhão. *Deutsche Welle*, 01 abr. 2020. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/3alCv>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Quadro 2: Dia do Fogo: DIA do Fogo Completa Um Ano, com Legado de Impunidade. *Greenpeace*, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/florestas/dia-do-fogo-completa-um-ano-com-legado-de-impunidade/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Quadro 3: Evangelização: MERLINO, Tatiana. *Missões Evangélicas Avancam na Amazônia e Põem em Risco Povos Indígenas e Tradições Ancestrais*. *Bocado*, nov. 2020. Disponível em: <<https://bocado.lat/pt/missoes-evangelicas->

avancam-na-amazonia-e-poem-em-risco-povos-indigenas-e-tradicoes-ancestrais/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

¹ Giulia Neiva Armentano é graduada em Relações Internacionais no Instituto de Relações

Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio) e graduanda em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: giulianeiva98@gmail.com.

² Marina Kronemberger dos Santos é graduada em Relações Internacionais no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Email: marinakronemberger@hotmail.com.

Negacionismo climático e outras controvérsias da retórica científica sobre o clima

RESUMO: O tema das mudanças climáticas transcende a agenda ambiental e é transversal à agenda política, científica e midiática. Neste artigo, a controvérsia em torno das mudanças climáticas pode ser melhor entendida como instância em que as redes de atores científicos adentram o processo de politização da ciência. Com base na Teoria Ator-Rede (TAR) de Bruno Latour, buscou-se avaliar as narrativas e interesses dos atores envolvidos na controvérsia sobre a questão das mudanças climáticas. As implicações práticas desta análise permitem a compreensão da retórica da crise do clima, do negacionismo climático, e como conceitos científicos relacionados ao tema interferem na sua apreensão pelo público não-acadêmico com o apoio da difusão pela mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Negacionismo Climático. Discurso Científico. Controvérsias.

Climate denial and other controversies in climate science rhetoric

ABSTRACT: The theme of climate change transcends the environmental agenda and cuts across the political, scientific and media agenda. In this article, the controversy related to the climate change can be better understood as an instance in which networks of scientific actors enter the process of politicization of science. Based on Bruno Latour's Actor-Network Theory (ANT), it was sought to evaluate the narratives and interests of the actors involved in the controversy on the issue of climate change. The practical implications of this analysis allow us to understand the rhetoric of the climate crisis, climate denial, and how scientific concepts related to the topic interfere in its understanding by the non-academic public with the support of media diffusion.

KEYWORDS: Climate Denialism. Scientific Discourse. Controversies.

Jaqueline Nichi ¹

O desafio de comunicar os riscos climáticos

A divulgação científica sobre o risco climático é permeada por desafios para traduzir as modelagens computacionais sobre o aquecimento global, os efeitos naturais e antropogênicos e suas consequências sociais, econômicas e institucionais. Imbuída de interesses de diferentes atores, essa multiplicidade de variáveis, divergências e controvérsias marca a comunicação científica sobre o clima, em especial, por se tratar de um risco que evolui ao longo do tempo, de forma sistêmica.

O tema ganhou relevância a partir da década de 1980, quando meteorologistas se mostraram preocupados com o aumento do aquecimento global motivado pela contingência do uso intensivo de energia fóssil. Atividades humanas como o aumento do uso de transporte individual e das operações industriais trariam consequências negativas vertiginosas. Diante desse cenário, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou a Convenção do Clima como resultado da Rio-92 ². Passados quase 30 anos, a mais recente edição, em novembro de 2021 (COP26), aconteceu no Reino Unido com a missão de revisar as metas definidas na Agenda 2030, firmada em 2015, em Paris. Na ocasião, os países tiveram a oportunidade de rever seus compromissos para conter o aquecimento global abaixo de 2°C e a transição para uma economia de baixo carbono.

Este artigo propõe a discussão dessa pauta climática no contexto atual. A abordagem torna-se relevante, pois tanto cientistas quanto legisladores vivenciam os problemas e complexidades inerentes à comunicação sobre mudanças climáticas. Acusações mútuas sobre minimizar ou exagerar o risco, sensacionalismo e negacionismo tendem a incitar a desconfiança da população, além de teorias da conspiração pouco úteis para a resolução do problema.

Para isso, a abordagem crítica baseada na Teoria Ator-Rede foi utilizada para analisar a retórica da mudança climática no campo científico. O objetivo é avaliar de que maneira a retórica científica sobre as mudanças climáticas estão permeadas por controvérsias em torno da formulação de conceitos a partir da Teoria Ator-Rede (TAR), de Latour (2005). A primeira parte do artigo apresenta os pressupostos teóricos e os dados coletados e analisados. Na segunda parte, são discutidos os principais resultados da pesquisa, indicando a importância de distinguir os discursos

sobre o clima na ciência e na política. A terceira parte discute as implicações teóricas e práticas dos resultados, que sugerem que as sociedades modernas devem lidar não apenas com os riscos ambientais, mas também com os riscos inerentes à sua comunicação, duplicando o efeito negativo da crise climática.

Este estudo está baseado em textos produzidos em discursos científicos, políticos e midiáticos sobre a questão climática (publicações científicas, relatórios governamentais e matérias publicadas). A metodologia da análise do discurso foi aplicada para investigar a mudança de percepções das mudanças climáticas ao longo do tempo e as maneiras pelas quais isso se tornou uma questão importante na agenda política em todo o mundo, incluindo bandeiras partidárias e ideológicas que rechaçam as pesquisas científicas sobre o tema.

O discurso científico foi analisado a partir de artigos publicados em periódicos científicos a partir da base de dados do ISI Web of Knowledge e da Scopus, usando os termos de pesquisa (1) "mudanças climáticas*", (2) "comunicação científica" e (3) "negacionismo climático"

O discurso científico em dissonância com a sociedade do risco

As ciências modernas produzem técnicas e conhecimentos a partir da associação entre humanos (técnicos e leigos) e não-humanos (máquinas e materiais) em um movimento contínuo para além dos artigos, manuais e relatórios técnicos (LATOUR, 1997, 2005; CALLON, 1986; STENGERS, 2002). Quando a natureza é apresentada pela ciência, sua abordagem deve ser multidisciplinar e considerar em sua metodologia perspectivas de não-cientistas, não-especialistas, não-humanos, além de cientistas, especialistas e humanos na produção de fatos. O fato natural, como afirma Latour (2005), é transformado de um conhecimento situado em incertezas e disputas em uma modalidade universal sem autoria em que a natureza por si cria o fato e o método científico o interpreta e o revela.

A abordagem da Teoria Ator-Rede (TAR), do sociólogo e filósofo francês Bruno Latour (2005), propõe a análise de controvérsias científicas e tecnológicas em que o ator - pessoas, animais, coisas, objetos e instituições - é definido pelo papel que desempenha, sua atividade e efeito produzido na rede. Já a rede representa conexões (ou nós) em que os atores estão envolvidos e

podem seguir para qualquer direção. Neste contexto, a controvérsia se materializa por meio da contestação daqueles que apresentam uma perspectiva divergente dos grupos que operam a partir de quadros de referência distintos, inclusive às formas específicas de risco (NELKIN, 1989).

Esta perspectiva é particularmente relevante porque a ciência tende a ser vista como uma entidade suprema, um 'farol' que ilumina a humanidade e determina seu futuro (MORIN, 1996). Afinal, o campo científico é construído a partir do conhecimento agregado de descobertas anteriores e futuras, portanto, não avança de forma linear. E tampouco se constitui apenas dentro do ambiente acadêmico (LATOURET, 2005).

Assim sendo, quanto às controvérsias científicas, pesquisadores concorrentes tentam convencer o público de que sua tese é mais relevante que as demais por meio da retórica acadêmica. Esta se configura em uma "caixa preta" composta por entradas e saídas nem sempre claras, já que a divulgação de resultados costuma ocultar a totalidade do processo de construção dos dados. Esses bastidores conhecidos apenas pelo teórico e seus pares fazem parte de um sistema envolto em controvérsias que influenciam a aceitação, ou não, das teorias científicas geradas até que o conhecimento estabelecido seja superado. Neste sentido, congregam aliados para formar nós que apoiem um entendimento científico específico fortalece uma aliança que inclui outros cientistas que acabam por corroborar com as mesmas teorias para torná-las mais defensáveis.

Neste panorama, máquinas, coisas, pessoas e, no caso da ciência, textos, constituem e são constituídos por uma rede não homogênea de aliados. Mas ter uma rede de atores que apoiem uma teoria científica não é suficiente para garantir sua consolidação. Esses atores devem também ser introduzidos no discurso de persuasão dos demais. No entanto, como as redes científicas são muitas vezes extensas, em que cada ator fala em seu próprio nome, nem sempre é fácil garantir esse engajamento.

Em se tratando da produção científica na área ambiental, dados e pesquisas têm sido traduzidos para servir a fins éticos, já que sua repercussão é social. Além disso, fornece uma perspectiva crítica que transcende abordagens tradicionais de comunicação ambiental, pois considera a complexidade de relacionamentos e interesses inerentes às controvérsias científicas que,

segundo Nelkin (1995), podem ser divididas em cinco categorias:

1. Implicações sociais, morais e religiosas de uma teoria científica ou pesquisa;
2. Tensões entre os valores ambientais e prioridades político-econômicas;
3. Riscos à saúde associados às práticas industriais e comerciais, resultando em choques entre as empresas e seus interesses econômicos e as pessoas preocupadas com os riscos;
4. Disputas sobre as aplicações tecnológicas que refletem a tensão entre expectativas individuais e objetivos sociais e;
5. Conflitos no âmbito interno da ciência e da técnica relacionados a questões de equidade na distribuição de recursos.

Quando enquadramos a controvérsia no contexto das mudanças climáticas, Casagrande et al. (2011) destacam ainda:

- a) os efeitos antropogênicos no aquecimento global;
- b) a possibilidade (ou não) de amenizar esse fenômeno e como;
- c) a temporalidade dos efeitos sobre a sociedade e o meio ambiente; e
- d) a gravidade desses efeitos.

Ainda de acordo com Casagrande et al. (2011, p. 43):

[...] apesar dos céticos do clima dizerem que a conclusão de que o mundo está mais quente agora do que em qualquer período dos últimos mil anos seja discutível, não há dúvidas de que a degradação ambiental foi acelerada nas últimas décadas.

A emergência da crise climática na agenda científica

A principal fonte de informações de modelos climáticos em âmbito global advém do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), criado em 1988. A partir de dados científicos, os relatórios do IPCC têm influenciado os tomadores de decisão sobre políticas públicas de adaptação e mitigação aos impactos do clima

em todo o mundo. Essa fonte foi a primeira a alertar sobre a severidade da origem antropogênica do aquecimento global por meio da emissão de dióxido de carbono (CO₂) resultante dos modos de vida contemporâneos, que incluem processos de industrialização massivos, a mobilidade automotiva e o aumento na geração de resíduos oriundos do consumo de bens produzidos em escala.

Paralelamente, surgiram pesquisadores contrários à essa perspectiva (Lomborg, 2002; Molion, 2008; Maruyama, 2009; Baptista, 2009). Para esses cientistas denominados negacionistas do clima, a grande quantidade de gases de efeito estufa (GEE) emitida pelas florestas em decomposição e pelos oceanos são causas naturais que já influenciaram as mudanças do clima em períodos pré-industriais (BAPTISTA, 2009). Há, inclusive, pesquisadores que apontam a mídia como culpada, como é o caso de Maruyama (2009), que afirma que a ampla difusão midiática influenciou a opinião pública a corroborar com a afirmação das causas antropogênicas das mudanças climáticas. Outro exemplo é o de Molion (2008), que defende a tese de que o clima não é estável e nunca foi equilibrado.

Esse tipo de ceticismo climático se transformou em algo perigoso porque as dúvidas sobre a ciência estão sendo substituídas por dúvidas sobre os motivos por trás das falas dos cientistas e de partidos políticos. Quando o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, por exemplo, anunciou a saída do Acordo de Paris, cumpriu uma promessa de campanha. Com essa atitude, seus apoiadores tiveram a percepção de que a ciência não era totalmente confiável.

Como uma política da pós-verdade³, a era Trump influenciou uma variedade heterogênea de candidatos em todo o mundo que compartilharam essa mesma percepção negativa sobre os fatos científicos da crise climática; um indício de que os dados trazidos pela ciência não eram mais totalmente críveis. Esse discurso foi apropriado por ideologias partidárias, inclusive no Brasil, sob a gestão do atual presidente Jair Bolsonaro.

A partir desse novo panorama sociopolítico, no domínio das mudanças climáticas, os estudiosos têm prestado cada vez mais atenção em como diferentes temas e estruturas de mensagens podem alterar o apoio público às políticas de mitigação e adaptação (MAIBACH, ROSER-RENOUF; LEISEROWITZ, 2008; MOSER; DILLING, 2007,

SCHULDT; KONRATH; SCHWARZ, 2011).

Até o momento, a abordagem dominante usada para comunicar a ciência foi o modelo de déficit de comunicação científica, em que a mídia e programas de educação são usados para fornecer ao público mais fatos e aumentar conhecimento sobre questões científicas, como as mudanças climáticas (BAUER; ALLUM; MILLER, 2007). A suposição subjacente desses esforços é que se o público tiver mais informações sobre as mudanças climáticas, adotará pontos de vista consistentes com a dos especialistas. No entanto, alguns trabalhos acadêmicos recentes criticam esta abordagem (NISBET; GOIDEL, 2007).

A potência do conhecimento científico ganha força na união dos nós que, quando atacados, recorrem à sua rede para fortalecer sua consolidação na sociedade. Cientistas, ativistas ambientais e formuladores de políticas públicas que acreditam que as mudanças climáticas devem ser abordadas e trabalhadas a fim de gerar soluções devem se apoiar nos argumentos científicos, traduzindo as estratégias utilizadas pelos defensores do argumento de que as ações humanas são as principais causas dos riscos climáticos.

Nesta sociedade do risco, "como as mudanças climáticas não são concretizadas como um perigo imediato no cotidiano, a percepção do seu impacto é difusa. Mas esperar que se torne visível e aguda para só então se tomar medidas efetivas pode ser uma atitude tardia" (GIDDENS, 2010, p.20),

Quanto à cobertura jornalística da ciência, seu valor informativo e de interesse social é impulsionado quando eventos factuais de curto prazo ameaça o status quo da vida humana, como é o caso de deslizamentos, enchentes e secas, quando se trata do clima, ou de forma mais evidente, a pandemia de COVID-19, que trouxe à tona a relevância da investigação científica para a manutenção da sociedade.

A narrativa científica das mudanças climáticas

Narrativas são histórias que descrevem um problema e suas causas, mostram suas consequências e sugerem soluções (ROE, 1994) e têm sido adotadas em estudos que enfocam interpretação, argumentação e justificação por cientistas (CURRIE, STERELNY; 2017; MORGAN; WISE, 2017). Narrativas científicas são um instrumento relevante na comunicação da ciência

e na explicação de fenômenos complexos para torna-los acessíveis e reconhecidos (DOWNS, 2014). Para abordar questões ambientais, os cientistas elaboram discursos para dar voz às reivindicações com argumentações sociais, intelectuais e interpretativas ao enquadrar um aspecto da temática (HANNIGAN, 2014).

No Brasil, a questão da mudança climática global foi dominada no início justamente pelo discurso científico. Posteriormente, publicações não científicas dirigidas a um público mais amplo passou a alertar sobre os impactos negativos das alterações climáticas, apelando à ação política. Até meados da década de 1980, a ênfase na tomada de decisão por gestores públicos legitimou demandas por mais financiamento em pesquisas relacionadas às mudanças climáticas e seus impactos.

Em sua dissertação, Bailão (2014) descreve as diferentes fases dessa evolução. A primeira fase pode ser caracterizada pela descoberta do impacto antrópico sobre o clima, seguida por uma preocupação crescente entre cientistas. A segunda fase trouxe um novo nível de politização com a necessidade de ações preventivas nos discursos políticos, em particular, no que diz respeito à possibilidade de regulação sobre os limites de emissão de GEE em diferentes setores, marcadamente no transporte e na indústria, visibilizados pela poluição atmosférica, e passaram a ser distinguidos por fonte: natural ou antropogênica.

As fontes humanas são discutidas isoladamente e conectadas a certas atividades humanas (produção industrial, consumo de energia, práticas agrícolas, etc.). Na etapa seguinte, grupos ou indivíduos associados a essas atividades são identificados e quantificados dentro das diferentes cadeias. Isso levou, por exemplo, ao debate sobre o grau em que o norte e o sul, ou seja, as nações ricas ou pobres, são responsáveis por essas emissões. Essas características fortalecem a noção de que mais de 90% dos poluentes são originários de países desenvolvidos, assim como atividades agropecuárias e a queimada de florestas passam a ser reconhecidas por ter um significativo efeito sobre o aquecimento global (BAILÃO, 2014).

Em vista do rápido crescimento populacional, no final dos anos 80, os governos nacionais começaram a reconhecer as mudanças do clima, na época, focado no aquecimento global, como um problema de política, tornando os inventários

relevantes para monitorar seus efeitos em limites geopolíticos.

A incerteza dos cenários climáticos tem sido vista como uma das barreiras centrais para a comunicação científica e fontes que comunicam incerteza podem não ser vistos como confiáveis em relação à comunicação de risco porque em vez de informar, tende a evocar confusão e raiva JOHNSON E SLOVIC (1998). Como o público em geral não está familiarizado com a incerteza nas avaliações de risco por cientistas, o público pode perceber a fonte como incompetente. Os efeitos potencialmente negativos da incerteza podem contribuir para a relutância das pessoas em sacrificar benefícios próprios a fim de mitigar impactos climáticos.

A ciência busca pela verdade objetiva sobre o mundo físico com o objetivo de fornecer uma prova sólida de sua validade, pois sugere que cada pergunta tem uma resposta. Isso se configura como uma controvérsia, pois um fato científico é consequência da resolução de discordâncias entre grupos opositores e não sua causa. As ideias capazes de manter as alianças mais eficazes serão consideradas como o “melhor” conhecimento ou a “verdade” (HESS, 1997).

O desafio de comunicar os riscos climáticos

O modelo de ciência desenvolvido por Karl Popper e Thomas Kuhn apresenta a ciência como uma série de paradigmas (ou formas gerais de ver o mundo e teorizar sobre ele) que se engajam no debate e entram em conflito e substituem-se mutuamente no processo de desenvolvimento da ciência, ou seja, mudanças de paradigma se sobrepõem de forma contínua no processo científico. De acordo com essa perspectiva, o conhecimento não pode ser objetivamente provado como verdadeiro porque requer eliminar hipóteses não verdadeiras. Isso abre precedente para múltiplas versões da verdade. Este modelo apresenta a ciência como um conjunto de perguntas cujas respostas possíveis são igualmente válidas dentro do paradigma científico vigente. Essa visão contemporânea da produção científica corrobora com a ideia de que o conhecimento é passível de erros e enganos.

Ao combinar elementos factuais e normativos, o conhecimento científico cruza a fronteira entre ciência e política (JASANOFF et. al; 1998). Na arena política, a narrativa das mudanças climáticas foi tratada de diferentes maneiras. Em

três fases diferentes, entre 1975 e em 1995, cientistas políticos afirmaram que o aquecimento global representava um desafio para sistemas governamentais, primeiro, como um problema humano, marcadamente dotado de ceticismo e vigilância e, em uma fase posterior, transformado em um problema de regulação política na agenda nacional, dada a uma iminente catástrofe climática (BAILÃO, 2014).

A partir dos anos 2000, apoiando-se na autoridade da ciência, as narrativas tentaram contar com enredos mais familiares ao público geral, utilizando como subterfúgio valores e crenças para se consolidarem (KELLER, 2009). Em temas controversos como o clima, que envolve uma multiplicidade de atores e níveis de poder, as narrativas são mais ou menos aceitas pelos atores políticos dependendo das crenças compartilhadas pela população e pelas motivações políticas inerentes ao cenário político vigente (SHANAHAN; JONES; MCBETH, 2011; LAWTON; RUDD, 2014).

As fases posteriores incluíram a transição dos impactos climáticos negativos de um fenômeno natural para o qual a humanidade estava exposta de maneira passiva para um sistema ativamente influenciado pelos modos de vida do homem da era industrial. Esse modo de ser percebido trouxe à tona a necessidade de reequilíbrio pela ação humana. Reivindicações da comunidade científica foram relevantes para essa mudança de percepção e desempenhou um papel importante em manter as mudanças climáticas em alta na agenda pública. O alerta pronunciado pelos cientistas implicou na evidenciação de eventos climáticos extremos e de desastres naturais como inundações, secas e deslizamentos de terra, com impactos sociais recorrentes, diretos e indiretos, entre eles, a crise hídrica, o apagão energético e a alta de preço dos alimentos. Isso justifica a difusão da problemática em políticas setoriais, como energia, transporte e agricultura, traduzido em medidas de pequena escala.

Weingart, Engels e Pansegrau (2000), explicam que além da política, a ciência do clima adentrou o setor de mídia. Apesar de hipóteses acadêmicas raramente gerarem notícias atrativas para a imprensa, a mídia, passou a traduzir hipóteses científicas em certezas. Tanto que estudos teóricos e empíricos na área ambiental tentam mostrar padrões de como os temas correlatos se tornam notícias e buscam mapear discursos específicos na mídia.

Olhando para o lado quantitativo do discurso da mídia sobre as mudanças climáticas, os autores relatam duas fases, a primeira (1975-1987) revela o nível baixo, mas contínuo de atenção da mídia às causas antropogênicas das mudanças climáticas. As manchetes nesses primeiros anos mostram que a mídia já havia traduzido a percepção de uma catástrofe iminente. Durante essa fase, vários aspectos de pesquisas sobre mudanças climáticas foram mencionados com destaque para a análise dos climatologistas. Reportagens sensacionalistas e negativas também foram mapeadas no discurso midiático, com ênfase no consenso científico sobre o problema, face a um futuro “catastrófico”. A segunda fase do discurso da mídia mostra um aumento de atenção a partir dos anos 90, sob influência da repercussão da Rio 92, tentando traduzir o tema em um formato acessível ao público a partir de eventos factuais e experiências cotidianas concretas e relevantes, vinculando-a a padrões de comportamento, como o consumo de energia, turismo e mobilidade (WEINGART, ENGELS, PANSEGRAU; 2000).

Para explicar a controvérsia sobre mudanças climáticas, a mídia descobriu um novo culpado: o público, que com valores diferentes desenham inferências variadas da mesma evidência. No entanto, para o público, estar certo ou errado sobre a ciência das mudanças climáticas não tem impacto direto na percepção sobre a temática. Nada que eles façam individualmente como consumidores ou eleitores afetarão significativamente os riscos representados pelas mudanças climáticas. Mas assumir uma posição conflitante com seu grupo cultural pode gerar um impacto social.

Esse aspecto implica na polarização política em relação às crenças sobre se os efeitos do aquecimento global já começaram, o consenso científico sobre o aquecimento global, a ameaça que ele representa e o exagero do tema nas notícias (DUNLAP; MCCRIGHT, 2008). Superar este dilema requer estratégias coletivas para proteger a qualidade da comunicação científica em meio a visões culturais divergentes. Afinal, uma comunicação de risco bem-sucedida na ciência requer que a incerteza potencialize os efeitos da mensagem ao se ajustar ao entendimento do público.

Com o aumento da velocidade do desenvolvimento científico e tecnológico e melhor acesso à informação científica em toda a sociedade, a comunicação eficaz da ciência do clima requer o

entendimento das relações de poder, significados sociais e aspectos culturais que permeiam os discursos sobre as mudanças climáticas. Esta complexidade se bifurca em duas vias: a própria mudança do clima e a complexidade de comunicá-la, pois requer um olhar multidisciplinar, da climatologia à sociologia, passando por ecologia, ciência política, direito, ecologia, geografia, economia e até psicologia para compreender as atitudes em relação ao risco ou estratégias que podem ser usadas para desencadear mudanças de comportamento.

Consequentemente, a análise de como a mudança do clima é comunicada também impõe considerar como as sociedades funcionam e os tipos de nós existentes entre os vários atores desse sistema complexo e sistêmico. Conhecimento e ação emergem de ideias, práticas, discursos e riscos percebidos, tanto quanto de avaliações técnicas. Neste sentido, Jasanoff et al. (1998) apontam a noção de como a tecnologia e a ciência se coproduzem mutuamente. A tecnologia oferece novas formas de sociabilidade e esses arranjos sociais facilitam a progressão da tecnologia em novas direções e em novos campos. No caso da comunicação das mudanças climáticas, esse sistema ainda está em formação.

Mudanças na concepção da divulgação científica contribuíram para repensar a comunicação das mudanças climáticas. Na década de 1980, muitos cientistas e tomadores de decisão investiram em um esforço para compreensão pública de dados científicos, inserindo o público em um lugar em que a ciência especializada era necessária para traduzir os fenômenos para suprir o déficit de conhecimento público de determinados temas para que fossem mais facilmente compreensíveis. Esse consenso resultou no envolvimento mais eficaz dos cientistas nas pautas diárias dos noticiários e a pandemia de COVID-19 foi uma situação emblemática para se comprovar essa dinâmica, com cientistas sendo fonte diária de informação.

A fim de evitar uma visão simplista sobre o público, é preciso uma abordagem que ofereça uma melhor compreensão e envolvimento da população em um ambiente em que as percepções climáticas não sejam limitadas por dados especializados, numa visão de cima para baixo e unilateral. É importante, neste sentido, considerar a forma como os especialistas constroem o imaginário do público ao planejar suas estratégias de comunicação e isso pode ser crucial para

avancarmos na agenda de uma necessária economia de baixo carbono. Para tanto, incentivar o diálogo e compreender os diferentes níveis de entendimento sobre a crise climática é uma estratégia para garantir a adesão dos cidadãos rumo a uma mudança de comportamento, incluindo a cobrança por mais e melhores políticas públicas climáticas, que tragam resultados positivos.

Em suas tentativas de envolver as pessoas sobre a necessidade de adaptação e mitigação às mudanças climáticas, a narrativa, seja dos pesquisadores, seja dos legisladores ou jornalistas, deve não apenas encorajar a racionalidade baseada na ciência, mas também tornar a temática interessante e significativa para os indivíduos. Como afirmam OCKWELL et al. (2009), as recentes abordagens de comunicação falham por não considerarem valores implícitos como emoção e valores do público a fim de garantir seu engajamento e optam por focar em interesses de curto prazo, alinhados com a abordagem mercadológica sobre a natureza.

Controvérsias dos discursos sobre o clima: mídia, política e ciência

Qualquer que seja o risco compreendido pelas mudanças climáticas, a comunicação entre ciência, política e mídia assume um discurso diferente, ou seja, a forma como o risco é percebido, ou socialmente construído e comunicado, difere entre os três setores: midiático, político e científico.

Ao analisar esses três setores no Brasil, conclui-se que os cientistas politizaram a questão, os políticos reduziram as complexidades e incertezas científicas e a mídia ignorou as incertezas e as transformou em uma sequência de eventos climáticos que nos levarão à catástrofe e exigem ação imediata.

O problema dessas diferentes abordagens discursivas e controversas são caracterizadas por uma relação mais próxima entre ciência, política e mídia nos dias atuais, contrariando a ideia central de que esses setores seriam, ou deveriam ser, fundamentalmente separados, cada um focado nos seus próprios interesses. A complexidade surge quando a ciência faz pronunciamentos em questões que potencialmente dizem respeito à segurança e ao bem-estar da população em geral, e são, portanto, de relevância política, e por esta razão, está imbuída de valor noticioso.

Essa dimensão fica mais evidente quando o tema tem impacto multissetor, multinível e multiautores, em nível global, como é o caso do clima. Tais pronunciamentos são obrigados a atrair a atenção do público e direcionar a debates engajados sobre medidas concretas voltadas para a resolução de problemas oriundos de seu impacto. Embora a ciência detenha a autoridade para julgar as hipóteses científicas, a própria comunidade de pesquisadores está dividida à luz da incerteza científica e do negacionismo climático que extrapolou o campo político e adentrou igualmente o discurso científico.

A suposição de que o conhecimento é comunicado de forma inequívoca ao resto da sociedade e é transformado em resoluções práticas de acordo com uma racionalidade unidimensional não é mais sustentada. De um lado, os tomadores de decisão políticos são confrontados com as reivindicações dos cidadãos que questionam a legitimidade do poder e sua capacidade técnica dos mandatários. O presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, tem sido questionado pela comunidade internacional, científica, política e midiática, sobre sua capacidade de liderar um desenvolvimento sustentável, por sua tendência a negar e minimizar a crise climática.

A mídia, por sua vez, divulga o que tende a gerar maior repercussão, dada a escassez de veículos e profissionais, ambos reduzidos nos últimos anos devido ao crescimento das redes digitais como fonte, e também da capacidade limitada do público para compreender problemas científicos complexos. Em suma, as formas díspares de comunicação são inerentes às democracias de massa modernas, mas são permeadas de riscos comunicacionais até então desconhecidos, fenômeno que explica o aumento de fake news em todas as esferas. Desse modo, a credibilidade do

Bibliografia

- BAILÃO, A. Ciência e mundos aquecidos: narrativas mistas de mudanças climáticas em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.
- BAPTISTA, G. M. M. Aquecimento global: ciência ou religião? Brasília: Hinterlândia, 2009.
- BAUER, Martin W.; ALLUM, Nick; MILLER, Steve.

campo científico como produtor de conhecimento baseado em fatos e dados está comprometida. No caso da política, está em jogo a legitimidade. Em relação à mídia, a ameaçada está na perda de participação e relevância no mercado da informação com o advento dos meios digitais de difusão.

Com este panorama, em vez de ver o público como quem precisa de instruções de um especialista, talvez um caminho mais efetivo seja compreender as possibilidades oferecidas por um modelo mais deliberativo do processo de formulação de políticas climáticas. Ao analisar a elaboração do discurso sobre fenômenos naturais, como as mudanças climáticas, sob a ótica da Teoria AtorRede, é possível afirmar que os cientistas que defenderam com sucesso sua posição em relação aos efeitos antropogênicos desse problema, foram aqueles defendidos por seus pares cientistas quando um dos nós da rede foi atacado. E ao invocar outros nós da rede para apoiar o nó atacado, os defensores do aquecimento global foram capazes usar o peso de toda a rede como um potente recurso.

Os resultados sugerem que os comunicadores devem resistir a mensagens baseadas no medo sobre mudanças climáticas, na medida em que podem aumentar o ceticismo e diminuir a disposição do público para executar mudanças práticas no seu estilo de vida (FEINBERG e WILLER, 2011). Apelos baseados no medo podem ser opressores e desencadear a negação do problema, já uma abordagem menos catastrófica pode provocar melhor receptividade do público, em especial, porque as mudanças climáticas são percebidas como uma ameaça ao modo de vida baseado no livre mercado e na industrialização, principais responsáveis no aumento da emissão de gases de efeito estufa.

What can we learn from 25 years of PUS survey research? Liberating and expanding the agenda. Public understanding of science, v. 16, n. 1, p. 79-95, 2007.

BECK, Ulrich. La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad. Barcelona: Paidós, 1998.

CALLON, Michel. The sociology of an actor-network: The case of the electric vehicle. In: Mapping the dynamics of science and technology. Palgrave Macmillan, London, 1986. p. 19-34.

- CASAGRANDE, Alessandro; JÚNIOR, Pedro Silva; MENDONÇA, Francisco. Mudanças climáticas e aquecimento global: controvérsias, incertezas e a divulgação científica. *Revista Brasileira de Climatologia*, v. 8, 2011.
- CURRIE, Adrian; STERELNY, Kim. In defence of story-telling. *Studies in History and Philosophy of Science Part A*, v. 62, p. 14-21, 2017.
- DOWNS, Julie S. Prescriptive scientific narratives for communicating usable science. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 111, n. Supplement 4, p. 13627-13633, 2014.
- DUNLAP, Riley E.; MCCRIGHT, Aaron M. A widening gap: Republican and Democratic views on climate change. *Environment: Science and Policy for Sustainable Development*, v. 50, n. 5, p. 26-35, 2008.
- FEINBERG, Matthew; WILLER, Robb. Apocalypse soon? Dire messages reduce belief in global warming by contradicting just-world beliefs. *Psychological science*, v. 22, n. 1, p. 34-38, 2011.
- GIDDENS, A. A política da mudança climática. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- HESS, David J. *Science studies: An advanced introduction*. NYU press, 1997.
- JASANOFF, Sheila et al. Science and decisionmaking. *Human choice and climate change*, Vol 1: The societal framework, p. 1-87, 1998.
- JOHNSON, Branden B.; SLOVIC, Paul. Lay views on uncertainty in environmental health risk assessment. *Journal of Risk Research*, v. 1, n. 4, p. 261-279, 1998.
- HANNIGAN, John. *Environmental sociology*. Routledge, 2014.
- KELLER, Ann Campbell. *Science in environmental policy: the politics of objective advice*. Mit Press, 2009.
- LATOUR, Bruno. Actor network and after. In: Workshop. Keynote speech. On recalling ANT. Keel University, 1997.
- LATOUR, Bruno et al. *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford university press, 2005.
- LAWTON, Ricky N.; RUDD, Murray A. A narrative policy approach to environmental conservation. *Ambio*, v. 43, n. 7, p. 849-857, 2014.
- LOMBORG, B. *O ambientalista cético*. São Paulo: Campus, 2002.
- MAIBACH, Edward W.; ROSER-RENOUF, Connie; LEISEROWITZ, Anthony. Communication and marketing as climate change-intervention assets: A public health perspective. *American journal of preventive medicine*, v. 35, n. 5, p. 488-500, 2008.
- MARUYAMA, S. *Aquecimento Global? São Paulo: Oficina de Textos*, 2009.
- MOLION, L. C. B. Aquecimento global, manchas solares, El Niños e Oscilação Decadal do Pacífico. br.geocities.com/zuritageo/aquecimentoglobal.htm Acesso em: 22/09/2021. MORGAN, Mary S.; WISE, M. Norton. Narrative science and narrative knowing. Introduction to special issue on narrative science. *Studies in History and Philosophy of Science Part A*, v. 62, p. 1-5, 2017.
- MOSER, Susanne C.; DILLING, Lisa. Toward the social tipping point: Creating a climate for change. *Creating a climate for change: Communicating climate change and facilitating social change*, p. 491-516, 2007.
- NELKIN, Dorothy. Communicating technological risk: The social construction of risk perception. *Annual review of public health*, v. 10, n. 1, p. 95-113, 1989.
- _____. Science controversies: The dynamics of public disputes in the United States. *Handbook of science and technology studies*, v. 444, p. 456, 1995.
- MORIN, Edgar. *Complexidade e liberdade. A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- NISBET, Matthew C.; GOIDEL, Robert K. Understanding citizen perceptions of science controversy: bridging the ethnographic—survey research divide. *Public Understanding of science*, v. 16, n. 4, p. 421-440, 2007.
- OCKWELL, David; WHITMARSH, Lorraine; O'NEILL, Saffron. *Reorienting climate change communication for effective mitigation: forcing*

- people to be green or fostering grass-roots engagement?. *Science Communication*, v. 30, n. 3, p. 305-327, 2009.
- ROE, Emery. *Narrative policy analysis*. Duke University Press, 1994.
- SHANAHAN, Elizabeth A.; JONES, Michael D.; MCBETH, Mark K. Policy narratives and policy processes. *Policy studies journal*, v. 39, n. 3, p. 535-561, 2011.
- STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo, v. 34, p. 1949, 2002.
- SCHULDT, Jonathon P.; KONRATH, Sara H.; SCHWARZ, Norbert. "Global warming" or "climate change"? Whether the planet is warming depends on question wording. *Public opinion quarterly*, v. 75, n. 1, p. 115-124, 2011.
- WEINGART, Peter; ENGELS, Anita; PANSEGRAU, Petra. Risks of communication: discourses on climate change in science, politics, and the mass media. *Public understanding of science*, v. 9, n. 3, p. 261, 2000.
- 1 Doutoranda em Ambiente e Sociedade do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM/UNICAMP), mestre em Sustentabilidade (EACH/USP). E-mail: jaque.nichi@gmail.com
- 2 A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad), realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro ficou conhecida como Rio-92, Eco-92 ou Cúpula da Terra, e reuniu a comunidade política internacional para discutir formas de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a preservação do meio ambiente.
- 3 Neologismo que descreve fatos gerados a partir do apelo às emoções e crenças pessoais e que influenciam a opinião pública. Informações ou asserções que distorcem deliberadamente a verdade ou um fato real em detrimento de fatos apurados são caracterizados como uma característica da pós-verdade.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

Negacionismo, relativismo e autoritarismo na ciência: do desmascarar ao agregar realidades

RESUMO:

O presente escrito destina-se a pôr em suspensão a premissa de que o fenômeno do negacionismo decorre da “ausência de ciência”, de algo que ocorre “fora” da ciência ou onde a ciência “não chegou suficientemente”. Outrossim, reflete sobre as implicações entre os negacionismos, as verdades científicas como inquestionáveis e os sectarismos da própria ciência. Em que medida a crítica e a desconstrução acrescentam mais “ruínas às ruínas”? O descrédito em relação à ciência não seria tributário, também, de suas posturas dogmáticas e sectárias? Em que medida os negacionismos fermentam inseridos num contexto científico hegemônico que, no lugar de engajar, fundamenta-se na negligência de saberes outros, na afirmação de verdades universais, na obediência, nos sectarismos e na estabilização de fatos e mundos? A partir das reflexões de Costa (2021), Latour (2020) e Freire (1987), bem como de outras e outros interlocutores, apostamos na construção de engajamento, cuidado e emancipação, na direção de empreender diálogos, multiplicações de perspectivas e dimensões, como tentativas de fuga dos pensamentos unívocos, universalizáveis, sectários.

PALAVRAS-CHAVE: Negacionismo. Sectarismo. Relativismo.

Denial, relativism and authoritarianism in science: from unmasking to aggregating realities

ABSTRACT: This writing is intended to suspend the premise that the phenomenon of denial is due to the “absence of science”, from something that occurs “outside” of science or where science “has not arrived sufficiently”. Also, reflect on those obtained between the denials, the scientific truths as unquestionable, and the sectarianisms of science itself. To what extent criticism and deconstruction built more “ruins to ruins”? Wouldn't the discredit in relation to science also be a result of their dogmatic and sectarian postures? To what extent do denials ferment inserted in a hegemonic scientific context that, instead of engaging, is based on the neglect of other knowledge, on the affirmation of universal truths, on obedience, on sectarianism and on the stabilization of facts and Revista *ClimaCom*, Diante dos Negacionismos | pesquisa - artigos | ano 8, no. 21, 2021 worlds? Based on the reflections of Costa (2021), Latour (2020) and Freire (1987), as well as others and other interlocutors, we bet on the construction of engagement, care and emancipation, in the direction of undertaking dialogues, multiplication of perspectives and dimensions, as an escape from univocal, universalizable, sectarian thoughts.

KEYWORDS: Denial. Sectarianism. Relativism.

Élida Santos Ribeiro ¹

INTRODUÇÃO

Se você fica apenas ao nível da evidência, você pode domesticar.
FREIRE, 2011, p. 49

No início da pandemia², durante uma aula de pós-graduação, após uma colocação minha sobre um texto, um professor me disse, alarmado, que o relativismo é que havia gerado o negacionismo. Ao que interpelei, fazendo referência às implicações com formas hegemônicas de fazer ciência, em seus desvínculos, prepotências e regimes de verdade. Aquele discurso me chamou a atenção não só por se ter repetido de outros modos e em outras vozes, mas por constituir, talvez, um dos nós a serem desfeitos para que avancemos nas compreensões e resistências diante dos negacionismos.

A professora, escritora e política brasileira Erika Takimoto (2021), em seu importante escrito Como dialogar com um negacionista, faz a seguinte provocação: não buscamos a verdade, mas o conforto. “Tomo aqui como definição de um

'negacionista' aquele que nega os fatos, que rejeita a realidade para escapar de uma verdade que lhe traga desconforto” (TAKIMOTO, 2021, p. 28). A autora traz como exemplo os dados do relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) que afirma, entre outras implicações, que o gás metano, advindo principalmente da criação de gado, impacta fortemente o efeito estufa e reflete, a partir desses dados, os escapes ao debate sobre o consumo de carne e sua relação com o aquecimento global. Segundo a mesma, como se trata de um tema sensível, que movimenta crenças e hábitos estabelecidos, tendemos a reagir de forma negacionista, elaborando “malabarismos retóricos” que são utilizados como recurso para evitar a discussão ou para aceitar argumentos baratos quando diversos pesquisadores na área relacionam diretamente a criação de animais de corte ao aumento da emissão de gases de efeito estufa. E segue propondo que “todos somos negacionistas quando o assunto nos interessa, ou melhor, nos desinteressa” (TAKIMOTO, 2021, p. 28).



Figura 1 – Fonte: <https://blogdoaftm.com.br/charge-verdades/>

Takimoto (2021) defende, ainda, a ideia de que é necessário perceber que o negacionismo não está somente onde há “falta de ciência” ou “falta de inteligência”, mas inclusive dentro da própria ciência⁴, vide a negação produzida em relação a outros saberes e cosmologias: o etnocentrismo da ciência ocidental é uma forma de

negacionismo. Essa temática tem uma implicação visível com os debates sobre a ciência como verdade universal: relaciona-se às possibilidades de a ciência assumir vieses predominantemente dogmáticos, autoritários e sectários ou caminhar numa direção emancipadora e de engajamento.

Nessa direção, caminharemos para pôr em suspensão a premissa de que o fenômeno do negacionismo decorre da relativização das verdades científicas ou ao fato de controverter o prestígio da ciência como verdade inquestionável. Eximir a própria ciência e os cientistas do problema, como se pudessem lavar as mãos diante de algo que ocorre “fora” da ciência ou onde a ciência “não chegou suficientemente”, impede que sejam enfrentadas e transformadas nuances dessa problemática que parecem cruciais, o que será discutido a seguir. Em que medida os negacionismos fermentam inseridos num contexto científico hegemônico que, no lugar de engajar, fundamenta-se na negligência de saberes outros, na afirmação de verdades universais, na obediência, nos sectarismos e na estabilização de fatos e mundos?

VERDADE COMO PARTILHA SOCIAL: AUTORIDADE OU ENGAJAMENTO?

Algumas pesquisas no meio científico têm associado os fenômenos de pós-verdade e do negacionismo como sendo menos impactados na opinião pública pelos fatos objetivos do que por emoções, valores e crenças pessoais (BARCELLOS, 2020; ROSA, ALVES-BRITO e PINHEIRO, 2020; TAKIMOTO, 2021). Segundo a professora Marcília Barcellos (2020), atribuir a crise de verdade às chamadas teorias pós-modernas, por exemplo, configura um equívoco na medida em que o baixo alcance popular dos debates e embates científicos - acerca da objetividade, neutralidade e universalidade da ciência, por exemplo - impede que essas discussões tenham impactos significativos nas visões do grande público. As discussões sobre a ciência como conhecimento construído política, social e culturalmente, segundo a autora, muitas vezes não chegam nem aos próprios cientistas. A autora defende que essa crise da verdade - que se intensifica e ganha notoriedade com a pandemia de COVID-19 e com a ascensão de líderes de extrema-direita - tem íntima relação com os modelos autoritários de ciência e de educação, na medida em que não permitem o diálogo genuíno e a coexistência de diferentes visões de mundo.

De forma monumental, a ciência só pode ser percebida como mais um discurso dogmático dentre outros tantos que habitam a vida comum das pessoas. E quanto menos a ciência dialogar com os anseios e problemas reais da vida e do sofrimento das pessoas, menos poderá compor nas escolhas democráticas (BARCELLOS, 2020, p. 1509).

Esse autoritarismo da ciência, ainda segundo a referida autora⁵, constitui-se de forma dupla: a partir da dicotomia sujeito-objeto, busca dominar a natureza - que concebe fixa e fora de si; e um segundo autoritarismo que os imperialismos do capitalismo global consolidam em colonizados e colonizadores, subjugando povos não brancos e não europeus e destituindo suas culturas e cosmogonias. A esse respeito, as(os) professoras(es) e militantes Katemari Rosa, Bárbara Carine Pinheiro e Alan Alvez-Brito (2020) tecem uma discussão profunda no artigo Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista, em que discutem a pilhagem epistêmica (epistemicídio) e ocultação, pela educação científica, de fatos objetivos como a contribuição dos negros e negras para a agricultura, mineração e outras tantas tecnologias - em função de conveniências políticas, econômicas, culturais e sociais, que outrora também difundiram o racismo científico. Dessa forma, segundo as autoras e o autor, não faltaram fatos objetivos, mas posturas políticas e pessoas “credenciadas como cientistas” que validassem tais conhecimentos junto à comunidade científica e à sociedade. Assim, o que foge às premissas estabelecidas pelo pensamento ocidental universalizado é descartado por sua forma, métodos, conteúdos ou cosmologias, configurando um negacionismo dentro da própria ciência:

[...] o ensino de ciências, que sempre foi pautado numa lógica científica branca que nega o conhecimento produzido por corpos negros, posicionase nessa discussão negacionista do “outro”. Argumentamos que, no que concerne à própria estruturação da argumentação científica e de seu status quo, a Ciência Hegemônica - eurocêntrica e branca - é, por si só, um estado de pós-verdade para pessoas negras e suas epistemologias (ROSA, ALVES-BRITO e PINHEIRO, 2020, p. 1442).

Dessa maneira, ao pensar os negacionismos, parece crucial refletir os caminhos hegemônicos da ciência - em sua suposta neutralidade, em seus processos hegemônicos e autoritários, em seu caráter excludente de outros saberes e cosmologias -, não isentando-a da perda de confiança e de adesão entre o grande público. Outrossim, cabe discernimento ao fazer essa crítica aos modelos científicos convencionais, já que as pesquisas e os consensos científicos são elementos de inestimável relevância quando

tratamos de saúde pública, tecnologias, comunicação - ressaltando-se que os desenvolvimentos social e econômico não se dão espontaneamente a partir do desenvolvimento científico e tecnológico, visto que, sociedades estruturalmente desiguais como as capitalísticas distribuirão seus recursos técnico-científicos, sociais e econômicos também de forma desigual (AULER; DELIZOICOV, 2015). Ademais, cumpre pontuarmos, ainda que pareça notório, as conveniências político-econômicas de um cenário de desconfiança que coloca a ciência em xeque, já que os discursos falaciosos pretendem equiparar-se com os discursos científicos alegando tratarem-se, ambos, de questões de opinião. Acontece que esses discursos autoritários, que apoiam-se na desinformação, apropriam-se, em certa medida, de algumas das críticas interpostas à ciência para engendrar distorções convenientes.

Em novembro de 2021, em uma matéria da corporação BBC News Brasil (GRAGNANI, 2021), apresenta-se o caso de um professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas, Luiz Carlos Molion, que viaja o Brasil proferindo palestras em que alega que o aquecimento global é uma farsa e que a redução das emissões de CO₂ é inútil. “Segundo Molion, ele dá 50 palestras por ano, ‘a grande maioria, 80%, 85% para o agronegócio’, cobrando R\$ 4 mil por cada uma” (GRAGNANI, 2021). Na reportagem, destaca-se também um outro professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), o meteorologista Ricardo Felício⁶, que defende as mesmas ideias e, segundo o qual, o objetivo dessa “farsa” seria congelar a economia dos países em desenvolvimento. Apesar de o aquecimento global ser praticamente um consenso na comunidade científica mundial, de acordo com a reportagem, algumas associações envolvidas com o agronegócio, como a Cooperativa Agrícola de Unaí (Coagril), Associação Avícola de Pernambuco (AVIPE), Cooperativa de café Cooabriel, Sindicato Rural de Canarana, entre outras, financiam palestras como essas, direcionadas especialmente a estudantes de agronomia e produtores rurais.

Nesta direção, Bruno Latour (2020), em seu

escrito Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse, indaga-se, afinal, se estaria - ou estaríamos - mirando no alvo errado, diante dos seus esforços na direção de notabilizar como os fatos científicos são também produzidos, como construções sociais, em meio a jogos de poder - e, portanto, não cabendo serem tomados como verdades universais. O autor reflete sobre ter passado muito tempo tentando demonstrar a falta de certeza científica, propondo pensar que, talvez, as coisas tenham mudado muito rapidamente, e problematiza o excesso de desconfiança na contemporaneidade: “Passamos anos tentando detectar os verdadeiros preconceitos ocultos por trás da aparência de declarações objetivas, e agora precisamos revelar os fatos reais, objetivos e incontestáveis escondidos por trás da ilusão de preconceitos?” (LATOURE, 2020, p. 177). O autor pergunta-se, dessa maneira, para onde apontamos ao adicionar “desconstrução à destruição”, inquieto com as apropriações indesejáveis das incertezas e com as controvérsias mantidas artificialmente - citando o exemplo do aquecimento global, mas que pode ser extrapolado para o fenômeno do negacionismo, de forma geral - para beneficiar o pior tipo de ideia.

É claro que as teorias da conspiração são uma deformação absurda dos nossos argumentos, mas, assim como armas contrabandeadas através de uma fronteira nebulosa para a facção errada, estas ainda são as nossas armas. Apesar de todas as deformações, é fácil reconhecer, ainda gravada no aço, nossa marca registrada: Made in Criticalland (LATOURE, 2020, p. 180).

Fazendo alusão às luzes iluministas que foram se apagando depois de criticar e desmascarar poderes e ilusões, o autor então coloca um deslocamento da crítica: do desmascarar ao proteger e cuidar. Acrescentar realidade em vez de subtrair. A partir dessa reflexão, propõe uma reconfiguração de estratégia diante das mudanças conjunturais, em que o maior perigo não estaria tanto em confiar excessivamente, mas no excesso de desconfiança.



Figura 2 – Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/ogdoaftm.com.br/charge-verdades/>

Segundo a pesquisadora Alyne Costa (2021), a partir dos anos 80, contemporaneamente às preocupações mais visíveis com as mudanças climáticas, intensificam-se os questionamentos sobre a existência da neutralidade científica – que passaram a conceber a verdade não mais como uma descoberta ou representação fiel da realidade, mas como uma criação, uma certa fabricação de fatos inserida em dinâmicas de poder. Por que, por exemplo, mesmo com um consenso científico de praticamente 100% sobre os perigos do aquecimento global, os esforços para negá-lo ainda vigoram? (COSTA, 2021). Além dos interesses econômicos e políticos envolvidos na manutenção da alienação em relação a essas e outras questões – acompanhadas pela emergência da extrema direita em diversos lugares do mundo –, buscaremos discutir outros aspectos nessa problemática. Apesar do que chama de “brisa relativista” ameaçar a solidez científica e destituí-la da exclusividade sobre a verdade, a autora nos ajuda a dar conta de que:

[...] reagir ao negacionismo climático invocando “a verdade científica” do aquecimento global equivaleria a tentar dirimir a controvérsia recolocando a ciência na posição de autoridade incontestável. Uma estratégia tão equivocada quanto impotente: a ampla aderência ao negacionismo e a outros conspiracionismos (terraplanismo, movimento antivacinas etc.) que

testemunhamos hoje não se explica simplesmente por tolice ou falta de informação, mas pela perda de confiança na ciência e na verdade por ela produzida. Nesse contexto de desconfiança generalizada, o atalho oferecido pelo par de opostos verdadeiro/falso, do qual a ciência historicamente lançou mão para desqualificar qualquer visão de mundo não-científica, agora se volta contra ela própria pelas mãos de seus detratores (COSTA, 2021, pp. 42-43).

Tendo em vista a necessidade de legitimar as “verdades dos outros”, reconhecendo outras cosmovisões e formas de existência – que fogem aos padrões científicos hegemônicos ocidentais – e, ao mesmo tempo resistir às “verdades inconvenientes” reivindicadas por “certos outros”, que alimentam o negacionismo como forma de estabilizar as formas de poder e de exclusão, a autora propõe que se pense um relativismo consequente para, especialmente, “comparar e avaliar as consequências das verdades em circulação” (COSTA, 2021, p. 44) e buscar pensar “verdades suficientes”, multidimensionais, plurais, que recorram ao engajamento mais que à imposição. Verdade suficiente seria aquela “capaz de produzir convergências pragmáticas sem aplinar divergências ontológicas e políticas e que não tem medo de ser interessada, fabricada, produzida no mundo, com o mundo e com os seres que dele participam” (COSTA, 2021, p. 47).

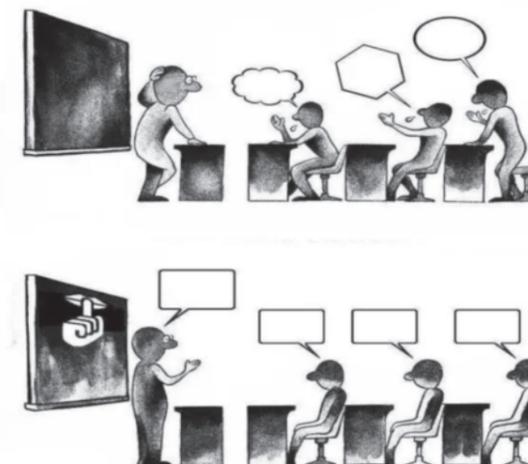


Figura 3 – Fonte: <https://mundodeoz.wordpress.com/>

Para a autora, a crise de verdade que vivemos está inserida numa outra maior, a crise de confiança nas instituições, em que a verdade, arrogando-se universalidade e alienando-se da realidade que pretende compreender e transformar, produz desvínculos, e não pertencimento. As verdades que cuidam e vinculam se fazem no mundo “sendo tanto mais legítimas quanto mais se mostram úteis para construir a realidade em que vivemos” (COSTA, 2021, p. 44). A capacidade de responder satisfatoriamente a um problema, segundo a autora, envolve engajamento, produção de confiança e de comunidade, já que a produção de verdades (ou veracidade) demanda consistência e partilha social para ser sustentada. Colocar o conhecimento à prova das demandas reais, com suas implicações, não é comparar um conceito com a realidade “representada”. Nesse sentido, para chegar às verdades suficientes é necessário fazer-lhes perguntas: resiste à prova dos contextos em que se inserem? Produzem cuidado, engajamento e comunidade?

[...] será que determinada ideia, definição ou hipótese que postula candidatura à verdade reflete a pluralidade de agências, movimentos, preocupações, expectativas envolvidos numa questão? Tal proposição oferece respostas factíveis, confiáveis e responsáveis para

lidar com o problema que nos interpela, que colocou em xeque a forma como pensávamos e agíamos no mundo até então? [...] É sobretudo esse último critério que não é atendido pela “verdade” dos negacionistas. Mais que acompanhar os movimentos do mundo, sua atitude expressa o desejo por uma verdade que o estabilize, que suprima as contradições e reduza sua complexidade; é o desejo por uma verdade imutável que, paradoxalmente, faz proliferar as “verdades alternativas”. Nas disputas em que se envolvem, o mundo não aparece como capaz de suscitar fascínio, cuidado ou apreensão; ao contrário, ele é aquilo que precisa imediatamente voltar a não importar, submetido à autoridade de uma verdade tranquilizante, porque válida de uma vez por todas (COSTA, 2021, p.46, grifo nosso).

Dessa maneira, Alyne Costa (2021) contribui para considerarmos as implicações das imposições de verdade com os fenômenos dos negacionismos. Para a autora, toda verdade incontestável é uma mentira de autoridade: certezas pré-estabelecidas vão na contramão do processo de construção de verdades suficientes, diferentemente das resistências que contribuem para a amplificação do debate, que movem a repensar verdades satisfatórias até então.

Reunindo mais elementos para refletirmos esse autoritarismo, Bruno Latour (2020), mais adiante, faz provocações cirúrgicas sobre como o próprio “espírito crítico” age de forma soberba tanto sobre a credulidade, desmascarando (!) os fetichismos em relação aos objetos e fatos (nos quais não creem) de suas projeções; mas agindo com a mesma arrogância sobre os incrédulos, apresentando as questões de fato quando convém, mesmo se forem necessários argumentos causais, explicações mecânicas e positivistas. “E essa é a razão pela qual, quando queremos respeito, solidez, obstinação, robustez, todos nós preferimos nos ater à linguagem das questões de fato, apesar de seus defeitos já bem conhecidos” (LATOURE, 2020, p. 193). O crítico está sempre certo! No afã por manter o criticismo, investimos ao mesmo tempo em desmascarar tanto os fatos em si, por serem carregados de construções sociais e simbólicas, quanto um terraplanista, acusando-o de negar os fatos. “O Zeus da Crítica reina absoluto, isto é certo, mas o faz sobre um deserto.” (LATOURE, 2020, p. 192).

No mais, empreendemos guerras. Estamos constantemente puxando tapetes, desprezando e subtraindo realidades e formas de existência. Os sectarismos que marcam nossas posições, sejam quais forem, acrescentam “ainda mais ruínas às ruínas, mais fumaça à fumaça” (LATOURE, 2020, p. 178). Os sectarismos são, segundo Paulo Freire (1987), obstáculos à emancipação humana.

O crítico não é aquele que desmascara, mas aquele que agrega. O crítico não é aquele que tira o tapete debaixo dos pés dos crédulos ingênuos, mas quem oferece aos participantes arenas nas quais podem se reunir. O crítico não é quem alterna aleatoriamente entre antifetichismo e positivismo, como o iconoclasta bêbado desenhado por Goya, mas aquele para quem, se algo é construído, então significa que é frágil e, portanto, requer muito cuidado e cautela. (LATOURE, 2020, p. 200)

As questões levantadas pelo antropólogo francês dialogam com as verdades tranquilizadoras, estabilizadoras, “válidas de uma vez por todas”, de que fala Alyne Costa (2021). O fenômeno do negacionismo, da pós-verdade, do descrédito em relação à ciência não seriam frutos importantes de nossos sectarismos? Seria uma verdade suficiente dar-mo-nos conta de que os sectarismos não estariam apenas em afirmar notícias falsas, nos discursos que equiparam ciência e opinião, mas

que vigoram-se na imposição de verdades, na falta de diálogo, no apego às ideias confortáveis, na repetição acrítica, em todo e qualquer dogmatismo - inclusive o científico? Se uma verdade suficiente envolve produção de comunidade, e a produção de verdades demanda engajamento e partilha social, aos negacionismos e outros sectarismos contrapõe-se o diálogo, em sentido ampliado: que desinvista as diferentes formas e nuances de poder e esferas de reprodução. Segundo Freire (1987), a manipulação e o dirigismo são instrumentos de dominação: se no outro só se vê a ignorância, o erro e a falta, como é possível dialogar?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até Revista *ClimaCom*, Diante dos Negacionismos | pesquisa - artigos | ano 8, no. 21, 2021 me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? (FREIRE, 1987, p. 52).

Ao tomarmos uma direção de engajamento, cuidado e emancipação, como veiculam as reflexões de Costa (2021), Latour (2020) e Freire (1987), faz sentido empreender diálogos, multiplicações de perspectivas e dimensões, tentativas de fuga dos pensamentos únicos, universalizáveis, sectários. Segundo Latour, o “parêntese moderno” - que separa o mundo dos objetos e o mundo dos sujeitos e das subjetividades, ou o mundo da natureza do mundo das e dos humanos - fechou: os objetos vão retomando seus atributos de coisas, agregadas novamente às suas multidimensionalidades.

A teimosia dos fatos, na cena habitual do oponente intransigente - “O objeto existe, quer você goste ou não” -, é bem parecida com aquela dos manifestantes políticos de direita: “Brasil, ame-o ou deixe-o”, quer dizer, um substituto muito ruim para qualquer tipo de existência vibrante, articulada, robusta, decente e duradoura. (LATOURE, 2020, p. 199).

Num país que encontra-se politicamente polarizado, como se esquerda e direita fossem formas puras, quase espécies diferentes, não é raro que cada um desses pólos se ache detentor da fórmula mágica (e pura) para um projeto de país: digladiam-se, ambos, por sua verdade - sabemos que há diferenças importantes, especialmente no que tange a quem coloca no centro das discussões os direitos humanos, a igualdade perante a lei, a equidade nas oportunidades etc., mas em que medida tratar essas questões de forma tão sectária e dogmática tem, por exemplo, fortalecido nossa democracia? Da mesma forma que consideramos de ingênuo a estúpido quem se recusa a vacinar, também nos recusamos a investigar as implicações de nosso consumo de carne, e de outras posturas e crenças sagradas - portanto intocáveis! Dar-se conta desses distintos lugares que ocupamos traz mais humildade, segundo Freire (1987), imprescindível ao diálogo.

No lugar de desmascarar e destituir, é possível cuidar; multiplicar, em vez de excluir: acrescentar mais realidade aos fatos e objetos, no lugar de

subtrair. Pensar implicações no lugar de atribuir “certo” ou “errado”, de forma excludente e moralizante. Reunir, segundo Latour (2020), compõe esse movimento de reagregar as coisas. Importa, aqui, salientar que o diálogo, a escuta e a abertura de espaços para agregar realidades aos fatos não visam suplantar indignações, não defendem comedimentos brancos, neutros e insípidos. Abrir mão de certezas pré-estabelecidas não prescinde de estarmos seguros dos perigos de alguns discursos e, portanto, questioná-los. Cuidar envolve não assumir uma postura “tanto faz”, não deixar de dizer, mas dizer admitindo outras perspectivas, somando-se a elas, “valendo-nos não da negação, que é a arma empregada pelo inimigo, mas da atenção aos meios de construir e manter realidades boas o bastante para nós e para os seres que fazem conosco essa Terra que, apesar de única, está longe de ser unívoca” (COSTA, 2021, p. 47). O propósito passa ao largo de passar mãos em cabeças, muito pelo contrário, dedicação a desassossegar, desestabilizar submissões e os confortos das “verdades de uma vez por todas



Figura 4 – Fonte: <https://suburbanodigital.blogspot.com/>

COSTURANDO CONSIDERAÇÕES

[...] uma ideia de verdade ancorada no cientificismo não convém nem para caracterizar o modo como mundos heterogêneos negociam suas divergências, nem para combater aqueles que lucram com o colapso ambiental. COSTA, 2021, p. 47

Durante minha graduação, após alguns anos de convivência, alguns de meus colegas de turma costumavam brincar com minha mania de problematização, dizendo-me “do contra”. Eu costumava criticar enfaticamente algumas de suas opiniões e posturas, as que considerava talvez conservadoras ou preconceituosas. Acontece que me passou algo emblemático: quando surgia algum tema polêmico, era comum

que alguém dissesse, meio brincando, meio a sério: “ih, não fala não, a Élida está aqui!”. Trago esse relato para essas considerações para acrescentar realidades ao texto: certa do meu “dever ético” ou “civil” de conscientizar, de desconstruir padrões e discriminações, de construir outros mundos e (...), no lugar de produzir engajamento e possibilitar a sustentação de outras verdades, no lugar de produzir interesse e aproximar, eu os afastava. O assunto, a opinião, a postura, não deixavam de existir, mas afastavam-se ainda mais das possíveis trocas e deslocamentos. Mútuos.

Para construir a solidez de que julgamos necessitar as verdades suficientes, tecendo cuidado e confiança, é preciso suspender o próprio entendimento de crítica. Cultivar uma

atitude de vigilância aos efeitos e implicações mais do que à certeza de um discurso. Tomar a verdade como composição, sem que se determine o pertencimento a ela através da comparação com a sua correspondência em relação à “realidade objetiva”, tampouco somente pela afirmação de uma convicção subjetiva, segundo sua conveniência. Como bem coloca Costa (2020), cumpre deslocar a ontologia da verdade e inscrevê-la na política. Desinvestir o estabelecimento da verdade e do erro-acerto, tributários dessa ciência hegemônica e etnocêntrica de que vimos falando, é mister quando buscamos uma ciência que seja

emancipadora, que caminhe para, reconhecendo os paradigmas que a formatam, transformá-los numa prática científica subversiva, contra-hegemônica.

Dessa maneira, afirmar que só há negacionismo fora da ciência (ocidental e eurocêntrica), não admitindo os sectarismos que são produzidos em seu bojo, é bastar-se como instrumento crítico e fechar-se ao diálogo. Para chegarmos a questões de interesse, às verdades suficientes e sustentáveis, produzir confiança, é necessário diálogo, ampliação dos debates, partilha social, formação de comuns.

Bibliografia

AULER, D.; DELIZOICOV, D. Investigação de temas CTS no contexto do pensamento latinoamericano. *Linhas Críticas*, vol. 21, núm. 45, mayo-agosto, 2015, pp. 275-296. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

BARCELLOS, M. Ciência não autoritária em tempos de pós-verdade. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 37, n. 3, p. 1496-1525, dez. 2020.

COSTA, A. Da verdade inconveniente à suficiente: cosmopolíticas do antropoceno. *Cognitioestudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 18, nº.1, janeiro-junho, 2021, p.37-49.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. [1636]. São Paulo: Martins Fontes. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2.ª ed., 1996. Cap. 4 e p. 69.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. *A África ensinando a gente : Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe / Paulo Freire, Sérgio Guimarães*. — 2. ed. - São Paulo : Paz e Terra, 2011

GRAGNANI, J. Agronegócio banca palestras que espalham mito de que aquecimento global pelo homem é fraude. *BBC News Brasil*, 18 nov. 2021.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59310009>>. Acesso em 18 nov. 2021.

GROSFUGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Rev. Sociedade e Estado*. Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, Abr. 2016.

LATOUR, B. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, v.29, n.46, p.173-204, jan.-jun.2020.

ROSA, K., ALVES-BRITO, A., PINHEIRO, B. C. S. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 37, n. 3, p. 1440-1468, dez. 2020.

TAKIMOTO, E. *Como dialogar com um negacionista*. 1 ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde - NUTES - Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: elidasribeiro@gmail.com.

2 Referência ao estado de calamidade global devido à disseminação do novo coronavírus

(COVID-19) especialmente a partir do ano de 2020, gerando mais de 5 milhões de mortes no mundo e mais de 600 mil no Brasil até a presente escrita.

3 As charges foram inseridas ao longo do texto no sentido de agregar linguagens e desestabilizar leituras.

4 Erika Takimoto (2021) compartilha em seu livro que inclusive Galileu desprezou as hipóteses de

Kepler sobre a órbita elíptica dos planetas ao redor do Sol por sua crença católica: relacionava o movimento circular à perfeição e eternidade do Criador.

5 Apoiada nas contribuições de Bruno Latour (1947 -) e de Boaventura de Souza Santos (1940 -). 6 O mesmo foi candidato à Deputado Federal pelo Partido Social Liberal (PSL) em 2018, não tendo sido eleito.

Do visível ao sensível: reflexões sobre narrativas, imaginários e leituras de vida em fotografias da pandemia

RESUMO: O que as fotografias jornalísticas produzidas na pandemia nos fazem pensar? O que elas dão a ver sobre este tempo? Como essas imagens testemunham as existências do tempo presente? Este artigo é um desdobramento da pesquisa de mestrado em andamento e tem como objetivo realizar uma reflexão sobre imagens produzidas sobre a pandemia do novo coronavírus, entendendo suas potências comunicativas através das narrativas e dos imaginários presentes nestas imagens. Utiliza-se como metodologia a Pesquisa Baseada em Arte (PBA) e busca-se suscitar o diálogo e o compartilhamento de ideias que fecundam um campo aberto na Comunicação. Aqui a imagem fotográfica além de lugar investigativo é também lugar de acontecimento, de experiência, testemunha, de narrativa, poesia e de fabulação.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Pandemia. Narrativas.

From the visible to the sensitive: reflections on narratives, imaginaries and life readings in pandemic photographs

ABSTRACT: What do journalistic photographs produced in the pandemic make us think? What do they suggest about this time? How do these images testify to time-present time existences? This article is an unfolding of the master's research in progress and aims to reflect on images produced about the new coronavirus pandemic, understanding its communicative powers through the narratives and imagery present in these images. Art-Based Research (PBA) is used as a methodology and seeks to encourage dialogue and the sharing of ideas that fertilize an open field in Communication. Here, the photographic image, in addition to being an investigative place, is also a place of event, experience, witness, narrative, poetry and fabulation.

KEYWORDS: Photography. Pandemic. Narratives.

Anette M. R. S. Bento Oliveira ¹
Amanda M. P. Leite ²

Diante dos negacionismos, a arte: uma pesquisa subjetiva

O que as fotografias jornalísticas de pandemia nos fazem pensar? Esta pergunta, à primeira lida, pode parecer banal; "faz-nos pensar que existe uma pandemia! Que existem pessoas morrendo, nos traz informações sobre este momento...". Mas a provocação que abre este artigo é de fato instigante e não deve ser limitada ou reduzida. Buscaremos pensá-la a partir de novas articulações, suscitando outros caminhos para o diálogo entre a fotografia e a Comunicação.

As reflexões e apontamentos apresentados neste artigo fazem parte de uma pesquisa de mestrado em andamento realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade na Universidade Federal do Tocantins (UFT) em parceria com o Coletivo 50 Graus- Grupo de Pesquisa e Prática Fotográfica. O corpus de investigação é uma série de doze fotografias intitulada "Morte a Domicílio: A explosão de mortes nas casas manauaras no ápice da epidemia de Covid-19 no Amazonas", 3 do fotógrafo Yan Boechat, vencedor do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos de 2020. Embora a série se configure como o recorte principal de análise, cabe frisar que apenas algumas imagens serão apresentadas neste artigo. Ao mesmo tempo em que essas imagens aparecem, é possível fazer o exercício de trazer à mente outras fotografias que foram amplamente divulgadas pela imprensa e ajudaram a construir o imaginário sobre este cenário pandêmico.

A imagem nos (re)apresenta as coisas que estão postas no mundo e é a forma pela qual buscamos dar conta de compreender os fenômenos que cercam a finitude humana. Primeiramente, pensar a imagem a partir da história é interessante, pois conseguimos observar a função dela nas relações humanas e revelar as narrativas construídas ao longo dos processos e acontecimentos. Para Regis Debray (1993, p. 33):

A imagem - primeiramente esculpida; em seguida, pintada - é, na origem e por função, mediadora entre os vivos e os mortos, os seres humanos e os deuses; entre uma comunidade e uma cosmologia; entre uma sociedade de sujeitos visíveis e a sociedade das forças invisíveis que os subjagam. Essa imagem não é um fim em si, mas um meio de adivinhação, defesa, enfeitiçamento, cura, iniciação.

É imprescindível que observemos a imagem fotográfica em sua forma visível, as imagens visuais, aquelas que existem justamente pela nossa capacidade biológica, física e química de enxergar através do globo ocular; a partir desta percepção é possível tecer outras perspectivas de ver a imagem, constituídas de elementos simbólicos e imagéticos, dando vida às narrativas e aos imaginários. Para Roland Barthes (1984, p.21), "tecnicamente a fotografia está no entrecruzamento de dois processos inteiramente distintos: um de ordem química, trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; outro é de ordem física: trata-se da formação da imagem através de um dispositivo óptico".

As ideias de Jacques Aumont (1993) também dialogam diretamente com essa ideia que estamos construindo sobre a imagem visual. Em seu livro *A Imagem*, o autor revela ainda nas páginas iniciais, como a existência de imagens está diretamente relacionada à existência dos nossos olhos e nos convida a pensar a relação entre nós e o mundo através da percepção visual.

Diante desta complexidade de entender como funciona o mecanismo do "ver" através das operações ópticas, químicas e nervosas (que não é objetivo deste artigo), podemos simplesmente compreender, a partir deste sistema, a relação olho versus olhar - e isso nos dará condições de pensar além do que nossos olhos conseguem ver. Para Aumont (1993), diferente da manifestação fisiológica do olho, o olhar está relacionado às experimentações individuais em dado espaço-tempo.

A imagem- como toda cena visual olhada durante certo tempo- se vê, não apenas no tempo, mas à custa de uma exploração que raramente é inocente; é a integração dessa multiplicidade de fixações particulares sucessivas que faz o que chamamos nossa visão da imagem. (AUMONT, 1993, p. 61)

Essa visão da imagem, que é o olhar, faz com que passemos a ser chamados de espectadores da imagem. No exercício de ver "entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história - a uma classe social, a uma época, a uma cultura" (AUMONT, 1993, p. 77). Ver uma fotografia e buscar as narrativas que estão presentes nela nunca será um ato gratuito ou desprezioso, há sempre uma vinculação potente da imagem com o domínio do simbólico,

na mediação entre espectador e a realidade.

Dessa forma, responder a pergunta inicialmente posta neste artigo traz consigo uma série de discussões e possibilidades de investigação. Não podemos pensar a imagem fotográfica somente a partir da iconografia que permitiu a sua existência. As narrativas das imagens começam a fazer sentido a partir de novas significações. Adotamos diversas perspectivas teóricas e fragmentos de autores que sustentam e corroboram para que se investiguem as fotografias não apenas como uma fabricação, mas também como testemunha. Não só como informação, mas como narrativas. Se o fotógrafo trabalha produzindo diversas narrativas sobre o mundo é porque ele busca se comunicar. E comunicar não é apenas informar, é estabelecer trajetos de sentido que nascem justamente da coexistência entre o racional, o simbólico, os desdobramentos entre o visível e o sensível. Um campo fecundo para os estudos de Imagem e a Comunicação.

Buscamos construir novos territórios de conhecimento, desestabilizando o lugar comum do pensamento, desterritorializando caminhos (DELEUZE; GUATTARI, 1997). O pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outros, em um eterno fluxo. Diante do cenário atual de pandemia, esta pesquisa surge como possibilidade de novos modos de conhecer os mundos e as realidades existentes nele.

Caminhos entre a arte e a comunicação

É através da metodologia da Pesquisa Baseada em Artes (PBA) que esta pesquisa se desenvolve. De abordagem qualitativa, “que fornece respostas a questões que tem a ver com atitudes, sentimentos, sensações, percepções e construções sociais de sentidos” (DIAS, 2013, p. 16), a PBA ainda é um novo e quase inexplorado método de se fazer pesquisa, principalmente se comparada às metodologias já consolidadas nas Ciências Humanas e, mais especificamente, na Comunicação. Para Maria Cristina Diederichsen (2019, p. 67), a Pesquisa Baseada em Arte propicia

[...] modos ampliados de conceber, pensar e significar a pesquisa, criando relações e movimentos imprevisíveis, oportunizando visadas diversas, versos e reversos que poetizam o processo investigativo. Suas práticas, tanto empíricas quanto teóricas, visitam e recriam, através do ato artístico,

as dimensões do humano e do inumano, do conhecido e do desconhecido, acolhendo a incompletude e a incerteza.

Realizar este estudo a partir da PBA pressupõe o uso de uma linguagem poética e literária nos processos investigativos e nas reflexões. Através de um olhar sensível, escapamos ao controle e à reprodução de um pensamento unívoco e dominante para nos debruçarmos em uma metodologia afetiva e construtora de conhecimento.

Dessa forma, para discutirmos e analisarmos a potência comunicativa através das narrativas e dos imaginários presentes, a metodologia da Pesquisa Baseada em Arte fornece a base epistemológica à medida que nos direciona para caminhos diversos de escrita, sem abandonar o caráter científico da produção acadêmica. Afinal, como falar de subjetividades sem adotarmos uma caminhada que justamente esteja alicerçada no sensível?

A escolha de falar sobre subjetividades, imaginários, narrativas e leituras a partir de fotografias nos faz perceber a profundidade das relações que são feitas durante a escrita e as forças resultantes de todo o processo de construção do pensamento. A propósito, seria praticamente inviável falarmos sobre experiências, emoções, sentidos e vivências sem navegarmos no limiar da razão e da imaginação, sem receio de alargarmos as fronteiras.

Descobrimos então que isso seria possível através da arte. Acreditamos que é através dela que podemos ver o mundo de modo potencial e dinâmico, propiciando uma leitura diversificada que explora as vivências humanas, ou seja, as subjetividades e os elementos imagéticos que nos constituem. A arte revela-se também enquanto possibilidade de afirmação da nossa própria existência, sendo um forte mecanismo de enfrentamento às negações de existências e ao pensamento unívoco, dominante e tantas vezes, violento.

Sabemos que as imagens que surgem para nós durante a pandemia, iconográficas e simbólicas, preparam o terreno para a construção de outros mundos, modificando nosso olhar sobre a(s) realidade(s). Temos em mente também que a arte e a pesquisa caminham juntas em um processo de devir-pesquisa, libertando as potencialidades da vida e possibilitando à Pesquisa Baseada em Arte uma forma de “criação de atuações desviantes e

perturbadoras que resistam, problematizem, desestabilizem e desloquem a mentalidade normatizadora dos pressupostos culturais hegemônicos contemporâneos” (DIEDERICHSEN, 2018, p. 129).

A metodologia da PBA busca a experimentação através de uma escrita que conduz o leitor às possibilidades múltiplas de conhecimento, inquietações, respostas e novas perguntas. Assim,

Se a prática da pesquisa serve para nos mostrar seus limites, se os objetivos que miramos não são necessariamente alcançados (e objetivos não previstos podem ser conquistados) e, ainda, se a pesquisa deve pensar a transformação do mundo - e do (a) pesquisador (a) - nada mais conseqüente do que pensar o método como uma invenção, como parceiro que nos ajuda a entender sentidos e significados que os indivíduos dão as suas ações, escolhas, motivações e expectativas. (TOURINHO, 2013, p. 67)

Ao tomarmos as fotografias de pandemia para propormos reflexões sobre o tempo presente e seus atravessamentos, buscamos estabelecer conexões com conceitos teóricos, éticos, estéticos e até pedagógicos nos modos de construir uma pesquisa acadêmica. Assim como para Irene Tourinho (2013) é preciso pensar a metodologia como um jogo criativo, estético, carregado de subjetividades e de narrativas do eu, de experiências de vida. Em um estudo baseado na PBA cada etapa do processo é igualmente importante ao resultado e as experimentações da escrita, da investigação, das análises se constituem como geradoras de conhecimento e saberes.

A metodologia não deve ser encarada de forma rigorosa como um manual de instruções sobre o fazer científico. Deve ser cuidadosamente percebida em cada abordagem feita e em cada linha escrita. Mais do que números, dados materializados, verificáveis, a Pesquisa Baseada em Arte direciona para uma análise transdisciplinar entre a comunicação, as artes e a educação, a partir do cruzamento de pensamentos, sentimentos, percepções e sentidos construídos na leitura teórica e nas observações às fotografias, nos relacionando de “outro modo” com o que estamos investigando, através de um olhar que, mediante outras metodologias, seria impossível.

Portanto, ao mesmo tempo em que devemos validar a ciência enquanto produtora de um conhecimento existente, útil e necessário (principalmente neste momento atual de pandemia em que a ciência tem sido colocada em discussão como forma não confiável de produção de conhecimento), devemos construir mecanismos de fortalecimento de idéias a partir de outras formas, também válidas, de dar conta de falar da(s) realidade(s). Não podemos hierarquizar umas em detrimento de outras, mas compreender a necessidade de construirmos diálogos em potência com as diversas áreas de conhecimento. O diálogo entre arte e ciência no estudo de imagens da pandemia torna-se um modo de enfrentamento e embate ao atual momento em que a pesquisa científica se encontra no país.

Imagem, narrativa e imaginário

A comunicação existente no trajeto do fotógrafo não é a mesma do trajeto do espectador e, por isso, faz da fotografia uma produtora de imagens e sentidos. “Sim, a imagem é ambígua, polissêmica e, em sentido estrito, intangível. É ela que toma conta do espírito quando as coisas a serem representadas não estão disponíveis à percepção” (BARROS, 2013, p. 3). A citação de Ana Taís Martins Portanova Barros nos incita a pensar a noção de imagem a partir da sua complexidade, mas, ao mesmo tempo, a partir das sutilezas e poéticas que entram em movimento dada a sua existência.

Poetizar imagens, buscar as suas narrativas, é antes de tudo encontrar perguntas que alimentam o pesquisador e geram experiências ao longo de todo o processo de investigação. Assim, “a poesia aumenta o território do pensável, mas não diminui o território do impensável” (FLUSSER, 1999, p. 68 apud BERNARDO, 2008, p. 120). É interessante pensar que, como produtora de imagens, a fotografia nos convida a perceber o mundo, a indagar sobre ele, vagueando o olhar, estabelecendo relações temporais entre os elementos que a compõem. Para Vilém Flusser (2009, p. 8), “o vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o 'antes' se torna 'depois', e o 'depois' se torna 'antes'. O tempo projetado pelo olhar pela imagem é o eterno retorno”.

Flusser (2009) estabelece relações significativas do olhar com um tempo outro que não é o agora, mas que também não deixa de ser. O eterno retorno falado pelo autor é o tempo de magia, em que o significado das imagens é o contexto mágico

das relações reversíveis entre os elementos que compõem a imagem.

O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternalizem eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria a toda a mediação, e nela se manifesta de forma incomparável. Imagens são mediações entre os homens e mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, interpõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens (FLUSSER, 2009, p. 8-9).

Esta crítica nas linhas finais da citação reflete sobre como estamos, enquanto seres humanos, produzindo e consumindo imagens. Flusser (2009) faz a separação entre imagens tradicionais e imagens técnicas e constrói uma significativa perspectiva para se pensar as imagens técnicas (categoria que a fotografia está incluída) enquanto produto provido de caráter simbólico, de imaginários e potência enquanto narrativa.

De acordo com Flusser (2009), existem três importantes códigos comunicativos criados ao longo da história humana: imagem-texto-imagem técnica. Uma questão que nos ajuda a continuar pensando é: como entender o percurso entre a vida e a morte, ou sobre o universo dos sentimentos, dos sonhos e de tantos outros devaneios e inquietações humanas? Para isso, o ser humano tratou de criar imagens através da manifestação da capacidade imaginativa, nosso processo de abstração.

As imagens estão presentes desde o período pré-histórico, onde a faculdade imaginativa era predominante. Temos neste momento o que comumente chamamos de imagem tradicional. Para compreendê-las, é preciso se debruçar sobre o processo de abstração e tentativa de codificação e descodificação, encontrando as representações imagéticas presentes. É mais fácil entender este processo se lembrarmos, por exemplo, das pinturas rupestres. Em um exercício de vaguear o olhar sobre esta superfície, certamente muitas

tentativas de significados virão à tona e, por mais que surjam diversas decifrações possíveis, haverá sempre um campo de magia, para usarmos a expressão de Flusser, que colocará a imagem em um eterno retorno, atribuindo significado às figuras e à realidade, mas, ao mesmo tempo, novas possibilidades de decodificação.

Este processo de decodificar imagens é o que Flusser (2009) vai chamar de scanning. Neste sentido, “o traçado do scanning segue a estrutura da imagem, mas também os impulsos no íntimo do observador. O significado decifrado por este método será, pois, resultado da síntese entre duas “intencionalidades”: a do emissor e a do receptor” (FLUSSER, 2009, p. 7-8). Assim, por mais que busquemos encontrar o significado das pinturas rupestres (e das imagens tradicionais como um todo) estaremos sempre diante de um processo cíclico e interpretativo que não se esgota diante da nossa observação. Há sempre mais a ser visto e decodificado.

Com o início da escrita, as imagens tradicionais entram em crise e é inaugurado o conhecido período histórico. A partir deste momento, há uma (re)significação da realidade e a forma como nos posicionamos e buscamos entender o mundo. Para Flusser (2009) ao mesmo tempo em que alteramos o significado da realidade através da escrita, fugimos de fato do que ela é. A realidade é agora conceitual e deve seguir a uma ordem lógica: a escrita (e assim a explicação do mundo/realidade) deve ter um começo-meio-fim, de forma linear. Se com as imagens tradicionais o significado é do campo da magia, das pulsões imaginativas e do eterno retorno, de modo circular e pulsante, a escrita inaugura a racionalidade e a consciência histórica. Há o desencanto dos processos do imaginário através da negação da própria imaginação. Essas imagens se tornam inimagináveis, não mais decifráveis.

Assim como as imagens tradicionais, a escrita também entra em crise, surgindo a última categorização de Flusser: as imagens técnicas; aquelas imagens produzidas por aparelhos, como a fotografia. As imagens técnicas trazem em sua essência a síntese entre as imagens tradicionais e os textos: resgatam uma dimensão imaginária típica das imagens, são produtos oriundos de uma conceitualização lógica que busca significar e dar conta da realidade, típica dos textos científicos. Mas diferentemente das imagens tradicionais, que imaginam o mundo, as imagens técnicas “imaginam textos que concebem imagens que

imaginam o mundo” (FLUSSER, 2009, p. 13). Dessa forma, temos a ilusória percepção que esse tipo de imagem não necessita ser decifrada, decodificada, que ela é desprovida de caráter simbólico, pois já é a própria significação e realidade do mundo.

Dessa forma, o que vemos no fotojornalismo, por meio das imagens técnicas, pode ser a realidade (às vezes a única) e o significado das coisas do mundo passa a ser exatamente aquilo que é revelado pelo processo óptico, físico, químico e mecânico de construção técnica dessas imagens. Acabamos por não desconfiar: acreditamos “cegamente” nessas imagens, pois elas estão ali, diante dos nossos olhos revelando um mundo para nós. Como elas podem não ser o real?

E por estar ali revelando algo que não é preciso ir além, pois está posto, acabamos por nos limitar a encontrar os significados das imagens técnicas e adentrar o campo de magia e dos processos imaginários. É certo, pois, que as imagens técnicas,

assim como todas as imagens, são símbolos e revelam a possibilidade (e necessidade) de decifrá-las. Este é, talvez, um grande desafio a ser vencido pela sociedade do consumo e produção massiva de imagens.

Quando as imagens técnicas são corretamente decifradas, surge o mundo conceitual como sendo seu universo de significado. O que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é “o mundo”, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem (FLUSSER, 2009, p. 14-15).

Dentre as fotografias pandêmicas premiadas, muitas vezes o conteúdo visual ultrapassa o que uma possível descrição verbal poderia dizer. É o caráter mágico da fotografia citado por Flusser (2009). Há sempre mais a ser dito, o não-dito no fotojornalismo.



Figura 1 : “Morte a Domicílio: A explosão de mortes nas casas manauaras no ápice da epidemia de Covid-19 no Amazonas”. Fonte: premiovladimirherzog.org

À primeira visualização, a Figura 1 nos diz muito, mas ao mesmo tempo carrega uma grande carga do não dito. Fica o silêncio e a margem para novos atravessamentos da e com a imagem. Primeiramente, sem um texto ou uma legenda, como saber o que essa imagem nos revela. Qual informação ela quer nos dar?

Talvez, se observássemos essas fotografias expostas nesta série sem levarmos em conta a relação imagem-texto, facilmente poderíamos associá-las a qualquer outro acontecimento trágico, em qualquer espaço geográfico, em um tempo outro. Como saber que estas narrativas se referem à pandemia da Covid-19?

O título da série, conforme disponível no site da premiação descreve brevemente as fotografias: trata-se da morte de pessoas pela Covid-19 dentro de suas próprias casas na cidade de Manaus (AM). O texto não explica totalmente o que está contido nos recortes, deixa margem para amplitude do comunicar, dos trajetos de sentidos, dos significados não explícitos na fotografia. É um jogo em que as imagens se fazem texto e o texto explica as imagens. Assim, “em outros termos: a escrita é metacódigo da imagem” (FLUSSER, 2009, p. 10).

Com o título, somos direcionados minimamente para uma possível narrativa sobre as fotografias (mas, outras narrativas podem existir). Sabemos que retratam a pandemia da Covid-19 e o local onde as fotos foram produzidas. Isso não basta para nós (nunca deve bastar para o fotojornalismo), já que “nenhuma legenda consegue restringir, ou fixar, de forma permanente, o significado de uma imagem” (SONTAG, 2003, p. 35). Podemos ir além. Devemos ir além.

Assim, por mais que o sentido expresso, ao primeiro olhar, possa ser facilmente descritível é preciso justamente fazer pausas, se distanciando de um fotojornalismo instantâneo e noticioso para enfim encontrar na observação da imagem outras nuances.

A estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; ela comunica pelo menos com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) de que vai acompanhada toda foto de imprensa. A totalidade da informação é pois suportada por duas estruturas diferentes (das quais uma é lingüística); essas duas estruturas são convergentes, mas como suas unidades são heterogêneas, não podem se misturar; aqui (no texto) a substância da mensagem é constituída por palavras; ali (na fotografia), por linhas, superfícies, tonalidades. Além disso, as duas estruturas da mensagem ocupam espaços reservados, contíguos, mas não “homogeneizados”, como, por exemplo, num enigma figurado que funde numa só linha a leitura de palavras e figuras. E também, muito embora não haja foto de imprensa sem comentário escrito, a análise deve incidir primeiro sobre cada estrutura separada; é só quando se tiver esgotado o estudo de cada estrutura que se poderá compreender

a maneira como se completam (BARTHES, 1978, p. 01)

Na perspectiva de Roland Barthes (1978), não podemos dissociar a narrativa da imagem fotojornalística (a mensagem iconográfica) com as informações que são trazidas nos textos que a acompanham. Muitas vezes, visualizando todas as estruturas e dimensões será possível perceber os significados não explícitos, suas conotações, produzindo novos significados além daqueles já apreciados pela observação da fotografia. Dessa forma se conduz o eterno retorno dito por Flusser. Neste caminho, as imagens são reveladas, dobradas, desdobradas, atravessadas. Permeiam o campo das notícias, mas produzem narrativas, imaginários e leituras que somente àqueles que estão, de fato, abertos ao deslocamento de olhar, estão suscetíveis ao encontro.

Dobras e desdobramentos

A potência das imagens fotojornalísticas produzidas sobre a pandemia é inegável; elas desdobram e revelam mundos; estampam capas de revistas, jornais, periódicos. Futuramente estarão presentes nos livros didáticos contando um recorte da história. Elas continuarão sendo lembradas anos depois, como ícone, memória, documento, informação. Testemunharão as passagens do tempo, dizendo o que não está dito, o que será esquecido, o que nunca foi dito: será plataforma do imaginário. Sobre isso, Susan Sontag (2004, p. 18) lembra que

por meio de fotos, o mundo se torna uma série de partículas independentes, avulsas; e a história, passada e presente, se torna um conjunto de anedotas e de faits divers. A câmera torna a realidade atômica, manipulável e opaca. É uma visão do mundo que nega a inter-relação, a continuidade, mas confere a cada momento o caráter de mistério. Toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio. A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: “Aí está a superfície. Agora, imagine — ou, antes, sinta, intua — o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto”. Fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia.

Diante do pensamento sobre o lugar da imagem e o

tempo dela, estas fotografias pandêmicas investigadas se colocam como potência enquanto agentes na construção de narrativas sobre a pandemia no cenário caótico na cidade de Manaus em 2020. Elas chocam ao mesmo tempo em que comunicam.

As narrativas construídas pelo fotojornalista Yan Boechat inquietam os nossos corpos diante da exposição da intimidade do outro: estamos adentrando um dos lugares mais íntimos do ser humano, o lar, justamente no momento mais frágil da vida: a morte. Sabemos que este momento sempre esteve relacionado com a fotografia, pois “desde quando as câmeras foram inventadas, em 1839, a fotografia flertou com a morte” (SONTAG, 2003, p. 64). Estar tão próximo da morte dessas pessoas, participando do acontecimento com os gestos que Barthes nomeou de operator ou spectator⁴ é estranho, provocador. As narrativas não são as nossas, mas poderiam ser. Ao analisar essas fotografias pandêmicas percebemos como elas nos colocam diante da cena. Para Sontag (2004, p. 26), “tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa)”.

Se por um lado a morte é um fenômeno abrupto e inadiável, em que o vírus ataca qualquer pessoa sem distinção social, por outro lado estas fotografias de morte revelam para nós diversas experiências. Georges Didi-Huberman (2012) faz uma interessante análise sobre as experiências humanas com a imagem. Para o autor, não devemos ver nas imagens apenas o que elas representam, pois elas não são apenas coisas para representar; elas mesmas são coisas que estão nos nossos corpos. Existe muito de nós em toda imagem vista por nossos olhos. Ter a imagem em nossos próprios corpos significa ultrapassar a ideia de que a imagem “é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 207).

Na verdade, a imagem nunca se completa em conhecimento sobre ela mesma, acontece justamente na experiência que vivenciamos com e através dela; e se ela está em nós, consequentemente está em nossos processos imaginativos: o simbolismo é então um convite à

experiência cotidiana “porque é um enorme equívoco querer fazer da imaginação uma pura e simples faculdade de desrealização” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 208). Por mais que essas imagens produzidas sobre a morte durante a pandemia cheguem até nós com o caráter noticioso, elas também revelam as forças que estão intrinsecamente relacionadas.

As imagens pandêmicas revelam que a morte se tornou ainda mais visível, mas ao mesmo tempo invisível: ela não se trata de uma questão meramente biológica provocada por um vírus letal, mas a vida e a morte relaciona-se a uma ordem do poder, onde a necropolítica, isto é, o poder da Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - artigos | ano 8, no. 21, 2021 morte, uma modalidade do biopoder (FOUCAULT, 2011) determina o destino das pessoas, distinguindo aqueles que possuem mais chances de sobreviver e aqueles que certamente sucumbirão à doença. A vida se torna instrumento, a morte pela Covid-19 é desencadeada pelas desigualdades históricas presentes no país e na região norte do Brasil.

Por mais que nos sensibilizemos ao visualizar as imagens, temos em mente que o vírus não atinge todas as pessoas de maneira igual e, por este motivo, também geram experiências diferentes em cada um. Para Didi-Huberman (2012, p. 208) algumas imagens geram experiência, outras não (é como o punctum de Barthes). Por ser um fenômeno complexo e de tamanha potência, essa experiência consome, marca e faz arder a imagem. “Assim, podemos propor esta hipótese de que a imagem arde em seu contato com o real. Inflama-se, e nos consome por sua vez.”

Esse ardor utilizado pelo autor é provocativo, pois se arde, queima, esquenta, pode deixar cicatrizes e, por vezes, precisa ser alimentado para que volte a arder, assim como as cinzas de uma fogueira ou de fogão a lenha... A imagem que gera experiência em ardência precisa ser assooprada para que volte a ser atizada e sua energia possa ser consumida. Quem poderia fazer isso à imagem? Ora, os simbolismos e os processos do imaginário! É pela imaginação que a imagem pode tocar o real e passar a arder no sentido posto pelo autor (DIDI-HUBERMAN, 2012).



Figura 2: “Morte a Domicílio: A explosão de mortes nas casas manauaras no ápice da epidemia de Covid-19 no Amazonas” Fonte: premiovladimirherzog.org

A cama que acalenta e embala o sono agora serve como descanso para a morte (Figura 2). O sofrimento é nítido, perturbador. As mãos que vão à cabeça, também gostariam de ir ao céu como pedido de súplica. Como prolongar a vida? Seria a fotografia uma forma de eternizar a morte através da própria morte que é a fotografia, já que toda fotografia é o retorno do morto (BARTHES, 1984)? Em pé, ela - que não sabemos qual o grau de relação com ele - busca uma luz no meio do caos, mas só encontra uma pequena lâmpada que ilumina e dá nitidez à fotografia e ao pequeno quarto. O espelho, que antes trazia o duplo deste ser, agora apenas reflete um pequeno guarda-roupa.

Essa pequena narrativa é construída à luz de Sontag (2003, p. 25) ao descrever que:

Assim como o fascínio exercido pelas fotos é um lembrete da morte, é também um convite ao sentimentalismo. As fotos transformam o passado no objeto de um olhar afetivo, embaralham as distinções morais e desarmam os juízos históricos por meio do pathos generalizado de contemplar o tempo passado.

Afinal, o que seria da fotografia sem o sentimentalismo? A imagem fotográfica passa de iconografia para suporte do simbólico. Reencontra

o afeto e os sentidos e narrativas ganham potência. São dessas micro-narrativas, dessas divagações e devaneios sobre a imagem que percebemos a direção que podemos seguir na observação das fotografias. Entre imagens estéticas e trágicas da morte, percebemos a dimensão da vida.

Com essas fotografias, não ficamos estáticos, mas, estabelecemos trajetos. As nossas experiências de vida neste momento de pandemia recortam a imagem, fazem pulsar o que comove e talvez desaparecer o que não move dentro de nós. Para Barthes (1984), ao olhar algumas imagens somos atingidos pelo punctum, um deslocamento que nos atravessa e nos leva como uma forte onda, sem destino. O punctum vai além das técnicas de fotografia, é o detalhe.

O detalhe que me interessa não é, ou pelo menos não é rigorosamente, intencional, e provavelmente não é preciso que o seja; ele se encontra no campo da coisa fotografada como um suplemento ao mesmo tempo inevitável e gracioso [...] um detalhe conquista toda minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração. Pela marca de uma coisa, a foto não é mais qualquer. Essa alguma coisa deu um estalo, provocou em mim um pequeno abalo, um satori, a passagem de um vazio [...] (BARTHES, 1984, p.76-77).

Assim, a fotografia se torna pensativa. Barthes (1984) observa a subjetividade do punctum, refletindo sobre a necessidade de nos distanciarmos da imagem para que possamos ser atingidos. Erguer a cabeça ou fechar os olhos é a orientação do autor. É preciso silenciar para ouvir o detalhe. Esse detalhe, o punctum, surge sem que possamos buscá-lo. Ele chega sem aviso, como a própria morte. Sabemos que ela existe em algumas fotografias, mas não a encontramos pela busca, mas pela (in)consciência afetiva de cada ser que se deixa ser atravessado pela imagem. Para o autor “o punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)” (BARTHES, 1984, p.46). Por meio do punctum conseguimos desdobrar a imagem, torná-la viva através da construção de narrativas.

O visível e o sensível: pensando modos de (re)existência

Observações interessantes podem ser tecidas a partir desta breve análise, revelando os movimentos iniciais dados até aqui e suscitando a abertura de novas provocações no campo da Comunicação e da Fotografia.

Fotografar é registrar o que aconteceu em um tempo outro que não o agora, mas que toda vez que no agora a imagem for revisitada, torna a abrir um novo tempo para cada imagem. É como um jogo dos duplos que são opostos, mas que só conseguem existir juntos: entre ausência e presença, realidade e ficção, o tempo da imagem é a essência justamente do que nunca morre, mas que já foi morta no ato fotográfico.

Dessa forma, pensando as fotografias de pandemia, muito há de ser revelado para nós. Trabalhar com essas imagens fotográficas significa articular idas e vindas no tempo, narrando histórias. É escolher e organizar fluxos imagéticos que se espalham no tempo, realidades múltiplas que se constroem, ficções que se tornam realidades. Ao pensar com e a partir dessas imagens, encontramos possibilidades de promover outros espaços e ideias, extraindo nos fluxos do tempo oportunidades de ensinar,

Bibliografia

AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas, Papirus, 1993.

aprender, socializar, politizar, educar e criticar nos contrapondo a homogeneidades históricas, artísticas e educacionais (MARTINS, 2013, p. 85). As imagens fotojornalísticas desvelam mais do que informações noticiosas sobre a pandemia vivida em Manaus (AM) em 2020. Sabemos que fotografia permite estarmos diante de acontecimentos que afligem todos os povos, independentemente do espaço geográfico. Há um enorme fluxo de imagens produzidas e consumidas neste momento de pandemia capazes talvez de trazer à tona o rompimento com as barreiras físicas da imagem para a construção desses imaginários universais.

Susan Sontag (2003) em Diante da Dor dos Outros discute a influência das imagens de sofrimento na vida cotidiana, analisando desde as fotografias de guerra, como da Primeira Guerra Mundial, do Vietnã, os campos nazistas de extermínio na Segunda Guerra às imagens contemporâneas da Palestina, Ruanda e os ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos. Para a maioria de nós, estamos próximos da dor do outro, nos compadecemos e nos sensibilizamos aos martírios das vítimas, independentemente de onde essas pessoas estejam. É esta linha tênue que acaba por nos separar de uma maior aproximação com o que, de fato é a dor do outro.

Portanto, ao analisarmos fotografias da pandemia da Covid-19, talvez estejamos diante de um marco na atualização sobre a fotografia enquanto potência comunicativa e construtora de imaginários. A dor sentida pela guerra, por mais que exista em vários lugares ao redor do mundo, tem um caráter próprio e particular de quem vive. Hoje, por vivermos uma pandemia dada por um vírus letal, que está presente em lugares do globo, até aqueles mais distantes, podemos pensar em uma investigação sobre narrativas pandêmicas dadas por fotografias que ganham destaque de circulação mundial. Observar e buscar realizar leituras de vida a partir dessas imagens é, certamente, uma forma de perceber como essas imagens de caráter universal conseguem revelar mundos que ao mesmo tempo são tão particulares, como a morte em cada lar, mas também são de todos nós. Existe muito de cada um de nós nestas imagens.

BARROS, Ana Taís. MartinsPortanova. Ciência e imaginário: a fotografia como heurística. FlusserStudies, v. 15, p. 1-16, 2013.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: nota sobre a

ARTIGO: Do visível ao sensível: reflexões sobre narrativas, imaginários e leituras de vida em fotografias da pandemia

fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. "A mensagem fotográfica", in Teoria da comunicação de massa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BERNARDO, Gustavo. Do pensamento como dúvida In: Bernardo, Gustavo; Finger, Anke; Guldin, Rainer. Vilém Flusser: Uma introdução, Annablume, São Paulo, 2008.

DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.

DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____.; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - artigos | ano 8, no. 21, 2021

_____.; _____. O que é a Filosofia? Tradução: Bento Prado Jr e Alberto Alonso Munoz. São Paulo, SP: Editora 34, 1992.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 21-26.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 30 nov. 2012.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina. Pesquisa baseada em arte: criações poéticas desdobrando mundos. Políndromo. vol. 11, n 25, p. 64-84, setembro 2019.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Sinergia RelumeDumará. 2009.

FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 145-174.

MARTINS, Raimundo. Metodologias visuais: com imagens e sobre imagens. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 83-95.

NIETZSCHE, Friedrich Humano, demasiado humano II. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Sobre Fotografia. tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

TOURINHO, Irene. Metodologia (s) de pesquisa em Arte/Educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 63-70.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Jornalista formada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade na Universidade Federal do Tocantins (PPGCom-UFT). E-mail: bentoanette@gmail.com

2 Pós-doutora em Educação pela Unicamp. Doutora e Mestre em Educação pela UFSC. Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade e no curso de Pedagogia da UFT. E-mail: amandaleite@uft.edu.br - Instagram: [@amandampleite](https://www.instagram.com/amandampleite) - www.amandaleite.com.br.

3 A série fotográfica está disponível no site premiovladimirherzog.org/durante-crise-da-covid-19-mais-de-30-dosobitos-ocorrem-em-casa-em-manaus/

4 Roland Barthes, em A Câmara Clara- nota sobre a fotografia (1984) observou que uma fotografia pode ser objeto de três ações (ou intenções): fazer, suportar e olhar. Nessa perspectiva, o fotógrafo tem o papel de Operator. Já o Spectator é a audiência, quem busca ver a fotografia. Neste caso, estamos como Spectator e o Yan Boechat como Operator.

A arte como possibilidade de enfrentamento ao negacionismo científico

As coisas que não levam a nada
Têm grande importância
(trecho da poesia de Manuel de Barros)

RESUMO: negacionismo científico é um movimento que tem ganhado força nos últimos anos, sobretudo com a ascensão da extrema direita ao poder. Este movimento mostra-se como perigoso diante da forma como exclui a necessidade de balizar as decisões coletivas alicerçadas em parâmetros científicos. Diante disso, procuramos ações afirmativas para o enfrentamento desse movimento, cientes que a ciência, assim como a arte é também uma atividade de criação e que o ato de divulgar e comunicá-la deve articular-se à cultura, arte, entre outros. Apresentamos aqui experimentações que fizemos ao criar o livro de artista Escala cromática para moscas e seres afins, que nasceu de uma residência artística em um laboratório de genética, e que tem uma narrativa poética que atravessa a ciência com a poesia de Manuel de Barros.

PALAVRAS-CHAVE: ciência e arte, bioarte, filosofia da diferença

Art as possibility to face the scientific denial

ABSTRACT: Scientific denial is a movement that has become strong in recent years, especially with the rise of the far right to power. This movement shows to be dangerous facing the way that excludes the necessity to guide the collective decisions based on scientific parameters. In this context, we seek affirmative actions to face this movement, awareness that science, as well as art, is also activity of creatina and that the act of disseminating and communicating it must be linked to culture, art, among others. Here we present the experimentes we made when creating the artist's book Escala cromática para moscas e seres afins, which was born from na artistic residency into a genetics laboratory, and which has a poetic narrative tha crosses Science with the poetry of Manuel de Barros. Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - artigos | ano 8, no. 21, 2021

KEYWORDS: Science and art, bioart, philosophy of difference

Fabíola Fonseca¹

Claudia Marinho²

Ciência, arte e negacionismo

Diante do atual cenário marcado pelo crescente número de apoiadores ao movimento chamado negacionismo científico, que se caracteriza pela negação dos conhecimentos produzido pela ciência, percebemos o tanto que é importante a criação urgente de formas de aproximar a ciência da comunidade não-científica. Isso porque a ciência adentra as tramas sociais e, pelo fato de ter um percurso rigoroso para legitimação do conhecimento, entra nas decisões e nos direcionamentos coletivos.

De acordo com Vilela e Selles (2020), o negacionismo científico se caracteriza por negar conceitos e teorias consensualizadas pela ciência e, embora não seja uma novidade, tem ganhado força com a ascensão do conservadorismo e da ultradireita ao poder. "Tal fenômeno emerge recrudescido com o advento da internet e das redes sociais que agregam e fortalecem grupos identitários e o consumo acrítico da desinformação" (VILELA; SELLES, p. 1725). O que tem acontecido no Brasil é que a defesa da ciência tem encontrado como adversários principais a própria política de governo que se complementa com a disseminação em massa de notícias falsas (fake news) por meio da internet.

Isso também pôde ser visto de forma clara com a pandemia da covid-19 em que a vacinação tem se mostrado como a principal forma de enfrentamento e, ainda assim, há quem se negue a tomar. Nos últimos meses, notou-se o aumento das taxas de contaminação do vírus principalmente em indivíduos não-vacinados, o que coloca em risco mesmo os vacinados já que vírus possuem altas taxas de mutabilidade. Outros exemplos disso: o movimento terraplanista que ignora os eixos da Terra já validados por experimentações científicas e/ou por imagens de satélite e afirmam que a Terra seja plana; a tentativa de ignorar as imagens de satélite das queimadas na região da floresta Amazônica para mensurar a perda de vegetação; o desprezo pelas coleções científicas e acervos que foram perdidas no incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Como combater as queimadas na Amazônia se as imagens de satélites produzidas pela ciência não são levadas em conta? Como destinar verbas para a recuperação, e sobretudo a manutenção de museus, se não se valoriza um museu como lugar de pesquisa e conservação?

O negacionismo científico empobrece os diálogos na medida em que fabrica mensagens e

informações que deslegitimam a atividade científica e finda por inviabilizar a proposição de políticas públicas a partir de dados científicos (BOSCO, 2017). Movidas pela preocupação diante desse assombroso cenário que ameaça nossas formações sociais, a saúde pública, as instituições de pesquisa, temos pensado nas conjugações entre a ciência e a arte para criar enfrentamentos. Isso porque, ambas são atividades que nos colocam em linhas de criação e, nesse sentido, cientistas e artistas não se diferenciam.

Embora exista um senso comum sobre o entendimento da ciência como uma atividade em que o conhecimento científico se dá no estilo eureka, isto é, uma descoberta que acontece quando menos se espera, nunca é demais reforçar que esse estereótipo não condiz com a realidade. A ciência é uma atividade que coloca o cientista diante da criação porque há ali uma necessidade em responder uma questão, em levantar hipóteses que podem tatear o problema. E isso o leva para a criação dos protocolos, o delineamento do experimento, a escolha do que vai ser usado e a leitura de textos científicos daqueles que já fizeram caminhos similares. Como dizem Deleuze e Guattari (2016) ciência, arte e filosofia são jangadas com as quais mergulhamos e enfrentamos o caos.

O que define o pensamento, as três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, é sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos. Mas a filosofia quer salvar o infinito, dando-lhes consistência: ela traça um plano de imanência, que leva até o infinito acontecimentos ou conceitos consistentes, sob a ação de personagens conceituais. A ciência, ao contrário, renuncia ao infinito para ganhar a referência: ela traça um plano de coordenadas somente indefinidas, que define sempre estados de coisas, funções ou proposições referenciais, sob a ação de observadores parciais. A arte quer criar um finito que restitua o infinito: traça um plano de composição que carrega por sua vez monumentos ou sensações compostas, sob a ação de figuras estéticas (DELEUZE, GUATTARI, 2016, p. 233).

A ciência, como atividade criadora, está sempre em busca de um pedaço de caos para poder criar com ele. E nisso, ela luta contra o caos ao acelerar e desacelerar partículas para compor esse plano de coordenadas, como dizem Deleuze e Guattari

ARTIGO: A arte como possibilidade de enfrentamento ao negacionismo científico

(2016). Mas ao mesmo tempo é preciso não perder de vista que não há uma busca por uma unidade, tampouco uma unificação dos conhecimentos ou leis que criam. Até porque a “ciência daria toda a unidade racional à qual aspira, por um pedacinho de caos que pudesse explorar” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 242). São esses pedaços de caos que a colocam em movimentos de criação.

A arte, ao contrário da ciência, atravessa o caos captando um pedaço dele e fazendo um composto de sensações, um bloco (DELEUZE; GUATTARI, 2016). É esse bloco que convoca outras forças, faz vibrar, arranca, entrelaça, fende-se e torna “sensíveis as forças insensíveis que povoam o mundo, e que nos afetam, nos fazem devir” e criam conjugações e ressonâncias, novas sensibilidades para estar no mundo. De tal forma que tanto ciência como a arte, e aqui podemos facilmente inserir também a filosofia, são formas para emanciparmos nossas formas de pensar as coisas.

Por isso, temos conjugado ciência e arte nessa caminhada, por nos interessarmos por outras formas possíveis de estar no mundo, de olhar a ciência, de criar com a arte. Destacando parte da minha trajetória acadêmica enquanto pesquisadora entre ciência, arte e educação, tenho produzido obras de arte a partir de residências artísticas em laboratórios de pesquisa. Aos poucos tenho trazido isso para a área da educação criando propostas que também envolvam processos de criação. Em 2019, quando pesquisava nos laboratórios da UFC, criamos uma obra chamada Procolito Fungo, uma vídeo performance na qual um grupo de cientista performava na praça do Ferreira, no centro de Fortaleza, com uma placa de Petri na mão contendo ágar. Nessa placa, esporos de fungos e bactérias iriam grudar e ter condições biológicas para crescer. Traçamos um plano em que estava inserida a potência da invisibilidade dos fungos e das câmeras de vigilância presentes nas grandes cidades, bem como questionamos nossas formas de proliferações nesses cenários de vigilâncias, a partir da dinâmica que os fungos e bactérias criavam nas placas de Petri. A dinâmica desses seres é também uma dinâmica da criação de mundos, uma negociação na placa.

É como performar a atividade do laboratório e assim experimentar o processo de produção da ciência. Criando essa rede entre ciência, arte e educação tenho percebido a potência desse encontro, inclusive em consonância com as

pesquisas mais recentes acerca da divulgação científica. De acordo com Vogt (2008) divulgar ciência, embora já tenha sido entendido como um processo de comunicar os produtos científicos alcançados, hoje já carrega consigo outras preocupações. Divulgar ciência é também fazer emergir formas de engajar e envolver o público não-cientista nas questões sobre o conhecimento científico e seu impacto social.

Vogt (2008) em entrevista afirma que o conceito de divulgação científica foi sendo transformado com o tempo, partindo de uma noção centrada apenas no acesso à informação para a que privilegia a formação do cidadão, mas que para ele não há como falar em divulgar a ciência sem que isso crie um espiral que entrelace cultura, educação, conhecimento e arte.

no sentido que ele possa ter opinião e uma crítica de todo o processo envolvido na produção do conhecimento científico com sua circulação e assim por diante. Esse é um conceito relacionado à cultura científica que modifica os modos de fazer e de pensar a própria divulgação (VOGT, 2008, sem página).

Sabemos das inúmeras atribuições dos professores que acumulam cargos de coordenadores, pesquisadores, diretores, orientadores, dos mecanismos de avaliação institucional que valorizam majoritariamente a pesquisa científica em relação às outras atribuições acadêmicas, da sobrecarga em relação à quantidade de hora-aula, entre outros. Tudo isso coloca os diálogos entre as instituições produtoras de conhecimento e a sociedade em um plano menor de importância.

Não queremos com isso desvalorizar as tentativas de pesquisadores e institutos em divulgar os resultados de suas pesquisas em redes sociais. É igualmente crescente o número de pesquisadores que tem criado redes sociais para divulgar os produtos científicos das suas pesquisas. Mas a questão que emerge é: como temos divulgado a ciência que produzimos? E como essa divulgação tem se emaranhado nas tramas sociais para produzir nossa formação social? Queremos alimentar conversas, engajar o público não-cientista nessa trama, estabelecer pontes para além dos nossos pares na academia e almejamos fazer isso como forma de experimentar outras possibilidades de experimentar com os protocolos da ciência e as produções científicas.

ARTIGO: A arte como possibilidade de enfrentamento ao negacionismo científico

Bueno e Dias (2008) partem dos escritos de Vogt para afirmar que o ato de divulgar torna-se, portanto, um laboratório de formação.

O ato de divulgar, pensado como um levar a ciência e a informação além dos limites, envolveria uma criação, na qual não está em jogo uma mera tradução do conhecimento científico, ou das técnicas jornalísticas em texto, mas um pensar com a prática da escrita, um criar na escrita e com a escrita (sem página).

Pensando na divulgação como também um laboratório de formação trazemos para cá o processo de criação do livro de artista “Escala cromática para moscas e seres afins” que juntou ciência e arte e foi produzido a partir de uma residência artística no laboratório de genética do Instituto de Biotecnologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Como diz Latour (1997), falar dos processos de produção do conhecimento científico é abrir a caixa preta da ciência. Além disso, o livro de artista agrega cultura, educação, filosofia e arte a partir de uma narrativa poética que vá apresentando também as etapas da produção do conhecimento, seus erros, tentativas etc, utilizando escritos, poesia e visualidades com desenhos, fotografias, rascunhos etc.

Escala cromática para moscas e seres afins: uma narrativa poética para falar com a ciência

Há um amplo espectro sobre o que pode ser considerado um livro de artista. Para Silveira (2008), um livro de artista é algo que nos desloca do livro unicamente como fonte de informação e o coloque como um livro-objeto, possível de criações artísticas. Daí a infinidade de formas como lugar de articulação de experiências, de técnicas artísticas e de materiais: livro diário de bordo, de roteiro, de anotações, de registros, dobraduras, de acrílico etc.

Um dos pontos de convergência do livro de artista é que há uma peculiaridade quando todos eles se legitimam pela criação página a página pelo artista. Daí o fato do livro ser a obra de arte em si. “Desse modo, as páginas dos livros podem ser compreendidas como potenciais lugares pra o exercício de sensações táteis intensificadas, territórios fundados pelo artista e fruídos pelo folheador” (SOUZA, 11, p. 91. Grifo da autora). O livro de artista abre portas para alguém que vai experimentá-lo ao passar página a página, sendo essa uma de suas potências quando trazemos esse

artefato artístico para o campo da educação. É são também essas sensações que queremos desencadear para envolver professores e estudantes da educação básica em processos de criação a partir desse livro de artista.

Se enquanto obra, o livro de artista é inacabado e aberto, são por essas aberturas que nos permitem deixar buracos e assim queremos que o ato de folhear se torne uma experimentação com a ciência. Deleuze e Guattari (2016) falam da potência que a obra de arte tem quando deixa um espaço vazio, bolsões de ar. Aliás, para eles “algo só é uma obra de arte se, como diz o pintor chinês, guardar vazios suficientes para permitir que neles saltem cavalos” (p. 196). É a partir dessas experimentações que nos deslocamos por entre a ciência, a arte e a educação e, assim como dizem Deleuze e Guattari (2016), vamos nos tornando com e em criação com o mundo.

O livro de artista Escala cromática para moscas e seres afins está em processo de finalização com lançamento marcado para o dia 02 de dezembro de 2021, pelo Museu Universitário de Arte (MUNA) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Este livro nasceu da residência artística feita no laboratório de genética do Instituto de Biotecnologia (IB) da UFU, coordenado pelo prof. Dr. Carlos Ueira. É um livro que cria uma narrativa poética envolvendo o poema Matéria de Poesia do poeta Manuel de Barros.

O livro é também um desdobramento da obra de arte homônima, em que fizemos no laboratório sucessivos cruzamentos com as moscas selvagens. Essas moscas têm olhos vermelhos, contudo algumas possuem uma mutação que as deixa com olhos brancos. Então o que fizemos foi estabelecer essa linhagem que possui essa mutação. Este estabelecimento se deu a partir do cruzamento de moscas em que íamos fazendo uma seleção artificial de acordo com a cor dos olhos e condição da asa. A variedade das cores dos olhos ia de vermelho a branca, passando por tons de laranja; as asas podiam ser curvas (com a ponta para cima) ou normais. Essas moscas dos olhos brancos acabam sendo viáveis para produzir moscas transgênicas, uma vez que esse gene serve de gene marcador.

Nas páginas do livro a ciência e o protocolo utilizado ganham outros contornos. Encontra-se com a poesia de Manuel de Barros, com a discussão sobre os protocolos obsoletos da ciência, aqueles que não servem para nada. Isso porque tais

ARTIGO: A arte como possibilidade de enfrentamento ao negacionismo científico

protocolos obsoletos, esquecidos na gaveta, nos apontam a necessidade de novas criações, de correr novos riscos na criação de outros protocolos. Deleuze e Guattari (2016) dizem que a ciência abandona um plano inteiro de infinitas possibilidades para criar uma referência, ao mesmo tempo está sempre atrás de uma porção de caos. Em outras palavras, a ciência atravessa o caos e para sobreviver a ele, para fazer a travessia organiza as coisas com bases em referências umas das outras, mas é esse encontro com o caos que faz com que entre nesses movimentos, nessas linhas de fuga para encontrar um mínimo de organização.

Pequenas porções de caos colocam a ciência em movimento. O tempo de pesquisa no laboratório nos ajuda a encontrar essas pequenas porções de caos e a presença de uma cientista-artista em uma bancada de um laboratório ajuda também a despertar outras e, ao mesmo tempo, outros sentidos também. Isso se desenrola para criar também outras possibilidades de pensar a divulgação da ciência, a formação do cientista. Enquanto na ciência abrimos mãos do infinito das coisas, na arte essas infinitudes tornam-se possibilidades de criação, de aberturas, de encontrar vidas aprisionadas em formas únicas de ver as coisas.

E assim, o livro de artista ganhou sua narrativa atravessada por poesia e pelo convite a essa aliança entre cientistas e artistas. O desconhecido dessa relação torna-se uma experimentação, um atravessamento em que algo passa entre cientistas e artistas. O que desperta os sentidos de todos que se envolvem no processo, abrindo portas para pensar em uma aliança possível. E essa talvez seja a maior potência desse encontro entre ciência e arte: a possibilidades de novas alianças sobretudo diante de um mundo marcado por essa crescente onda negacionista.

A criação e curadoria das páginas, a escolha das imagens, dos rascunhos, das anotações, as imagens de microscópio e microscopia eletrônica vão dando forma a esse encontro. Ao mesmo tempo cria uma relação entre ato de folhear as páginas e quem está folheando, pois ali encontram-se mais os fluxos e movimentações do processo do que o produto científico. A linhagem torna-se detalhe diante de todo o processo de construção do conhecimento científico que está posto ali. Por isso o livro é uma cartografia do que foi experimentado no laboratório, isto que desperta novos sentidos por se preocupar mais com os fluxos percebidos do que com a coisa em si. Ele nos abre e

encontra outras forças para emancipar as formas de pensar. Ou como disse o Carlos durante uma fala sobre ciência e arte em que dividimos a mesa com ele: "o laboratório nunca mais foi o mesmo, nem a nossa forma de pensar a ciência permaneceu como era antes desse projeto". Como diz Orlandi (2014)

Todo encontro ordinário, portanto, está exposto à possibilidade de uma reviravolta instantânea que pode projetar tudo para fora dos eixos. É como se a própria vida se sentisse abalada por esse vinco em que uma experiência ordinária é dobrada junto com a outra, a extraordinária. Presentimos que a efetiva complexidade da experiência dos encontros depende do que se passa nessa dobra, razão pela qual é preciso buscar sua explicitação. Cada um sente e exprime a seu modo essa ocorrência simultânea de linhas divergentes, a estranha dobradura na qual os juntados experimentam seu próprio vínculo como sendo aquilo que os lança num tempo fora dos eixos [...] (sem página).

A criação de um livro de artista para falar da ciência nos permitir perceber linhas de intensidade nesse processo em que o conhecimento científico é criado. São essas linhas que nos interessam, uma vez que instauram também uma outra lógica para pensar as relações entre ciência e arte. Uma lógica de intensidade em que tais linhas são linhas nômades, conectáveis que formam um mapa que não tem começo nem fim e, por isso, estaremos sempre no meio.

Na cartografia, as linhas são cruzadas, arranjadas, engancham-se umas com as outras, formando mapas que se conectam em outros. Linhas com inúmeras proveniências, em cujos traçados dobram-se, vergam-se, delineando bordas movediças, contornos mutantes: os devires. Estes extraem partículas, entre as quais instauram relações de movimento e de repouso, de velocidade e lentidão; as mais próximas daquilo em que estamos em via de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos; e, nesse sentido, o devir é o processo do desejo como fluxo (KROEF, 2018, p. 23).

A escrita experimental do texto também nos coloca em contato com delicadezas que surgem no decorrer do processo. A ciência não é neutra, tampouco o cientista é apenas tomado pela razão,

ARTIGO: A arte como possibilidade de enfrentamento ao negacionismo científico

embora exista um processo metodológico e rigoroso para a construção daquele conhecimento. Isso faz do processo de criação do livro a possibilidade também de despertar outras subjetividades e não apenas reviver ou reafirmar as subjetividades capturadas do que é ser um cientista.

Algumas considerações

Embora ainda estamos experimentando essa proposta, podemos vislumbrar a potência desse encontro entre a ciência e arte em vários aspectos

Bibliografia

BOSCO, Francisco. A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Editora Todavia, 2017.

BUENO, Chris; DIAS, Susana. O ato de divulgar como laboratório de formação. ComCiência, n. 100, p. 0-0, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 2016.

ORLANDI, Luiz. Um gosto pelos encontros. Territórios da filosofia (blog), 29/12/2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luizorlandi/> Visitado em 20/11/2021.

SILVEIRA, Paulo. A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista. Editora da UFRGS, 2008.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. O livro de artista como lugar tátil. Florianópolis: CEART, 2009.

que vão desde esse enfrentamento ao negacionismo até em possibilidades para emancipar nossas formas de pensar e de estar no mundo. É preciso também que a gente não separe o conhecimento científico das tramas sociais nas quais ele está entranhado. Nisso, temos experimentado o livro de artista como essa possibilidade de performar com a ciência, de encontrar outros caminhos e despertar sensibilidades diante do assombro. Encontrar poéticas possíveis tem nos embalado nessas criações em que as portas se abrem para uma nova proposta de aproximação com a ciência.

VILELA, Mariana Lima; SELLES, Sandra Escovedo. É possível uma Educação em Ciências crítica em tempos de negacionismo científico?. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 37, n. 3, p. 1722-1747, 2020.

VOGT, Carlos (Entrevistado por Nereide Cerqueira e Marta Kanashiro). A divulgação e cultura científica. ComCiência. Em 10/07/2008. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37&id=436> Acessado em 20/12/2020.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

¹ Pós-doutoranda no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Email: fabiologa@gmail.com

² Professora na Universidade Federal do Ceará. Email: claudiamarinho@gmail.com

Fotografias-bordadas: construindo paisagens para (re)existir

RESUMO: Vivemos em uma era marcada pela destruição em massa, mudanças climáticas aceleradas, uso indiscriminado de agrotóxicos, queimada e desmatamento das florestas, o Antropoceno que destrói, ao mesmo tempo que permite o surgimento de outras vidas. Em meio às paisagens em ruínas, este trabalho busca repensar a biologia, para conectá-la com a filosofia, a política e os estudos multiespécies contribuindo com as discussões sobre o Antropoceno. Literalmente cartográficas, as abelhas se relacionam com o mundo num rizoma sem fim de conexões. As abelhas se adaptam e criam modos de (re)existir em meio às paisagens em ruínas. Entendendo que as abelhas encontram-se afetadas pelas plantations, criamos refúgios a partir de fotografias, fotografias-bordadas, para assim provocar pensamentos e filosofia e biologia e arte e.... Pensando no conceito de paisagens com Anna Tsing, criamos refúgios com as fotografiasbordados com a intenção de sobreviver e (re)existir ao Antropoceno. Essas criações nos possibilitaram, em meio às ruínas, pensar a educação em uma perspectiva multiespécie. Uma educação multiespécie baseada no afeto, afetando e sendo afetada, criando possibilidades de coexistência e (re)existência.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Ciências e Biologia. Antropoceno. Estudos Multiespécies. Educação Multiespécie. Embroidered-photographs: making landscapes for (re)existing

ABSTRACT: We live in an era marked by mass destruction, accelerated climate change, indiscriminate use of pesticides, burning and deforestation of forests, the Anthropocene that destroys, while allowing the emergence of other lives. Amid the ruined landscapes this work emerges to rethink biology, to connect it with philosophy, politics and multispecies studies and to contribute to discussions about the Anthropocene. Literally cartographic, bees relate to the world in an endless rhizome of connections. Bees adapt and create ways to (re)exist amidst ruined landscapes. Understanding that bees are affected by plantations, we created refuges from photographs, embroidered photographs to provoke thoughts connecting philosophy and biology and art and Thinking about the concept of landscapes with Anna Tsing, we created refuges with embroidered photographs with the intention of surviving and (re)existing in the Anthropocene. These creations enabled us, amidst the ruins, to think about education in a multispecies perspective. A multispecies education based on affect, affecting and being affected, creating possibilities for coexistence and (re)existence.

KEYWORDS: Anthropocene. Multispecies Studies. Multispecies Education.

Nicole Cristina Machado Borges ¹

Lucia de Fatima Dinelli Estevinho ²

"Se na flor não houvesse qualquer coisa de abelha Se na abelha não houvesse qualquer coisa de flor, Nunca o acorde seria possível."
(UEXKÜLL, 1982, p. 203)

INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte da dissertação de mestrado em educação³, construído quase todo em um período pandêmico, onde nos afastamos de tudo e de todos. Nossas casas se tornaram nosso trabalho, nossos estudos, nosso descanso e lazer. Viajando por entre janelas do computador, estávamos em reuniões de trabalho, amigos, encontros, shows e festas... E nesse entremear de janelas surgiu o desejo de bordar, de se autoconhecer, de partilhar desejos e suspiros de esperança em meio ao caos.

Estamos passando por um período onde o pensamento negacionista está muito presente, seja na ciência, na crise climática, no desmatamento, no uso de agrotóxicos. Se faz urgente criar mecanismos que nos permitam re-existir em meio a estes pensamentos. Afetar e ser afetado, contaminar uns aos outros pelo que é bom, pelo fio da esperança e da necessidade de ir à luta por uma educação mais inclusiva, em defesa dos animais, da natureza e dos povos ameríndios que tanto nos ensinam sobre um mundo em coexistências.

Assim, esse trabalho surgiu do desejo: de mudar a visão da educação, mudar a maneira como vemos as abelhas e como nos relacionamos com elas, mudar a forma como aceitamos a utilização desenfreada dos agrotóxicos. Como um grito de socorro e de esperança em tempos de desesperança.

ATINGINDO O PAPEL

Quem conta um conto aumenta um ponto e no conto que aqui conto vários pontos unem vários outros contos. Contos de uma vivência, experiências de vida, experimentações científicas, sonhos e penhascos, de um se jogar no abismo sem saber se há fim. Experimentamos com fotografias, linhas e agulhas. Susana Dias (2020) dialogando com autores como Donna Haraway, Deleuze e Guattari e Anna Tsing nos faz pensar sobre experimentações lúdicas e processos de criações que elegem o papel como fonte de inspiração e experimentação.

[...] Há que se atingir uma certa infância do papel, onde não sabemos de antemão o

que pode ser comunicado e nos lançamos em experimentações lúdicas com os materiais (revistas, jornais, fotografias, linhas, tintas, etc.), sem impor formas, projetos e objetivos, antes farejando e tateando as propensões criativas da matéria papel, exercendo modos de arruiná-la, abri-la, desfazê-la e torná-la disponível para outros cruzamentos, conexões inesperadas e ligas discordantes (DIAS, 2020, p. 15)

Inspiradas nesta autora, no "atingir uma infância do papel", uma caixa de lembrança foi aberta e entramos em contato, com fotografias e cadernos de campo de uma pesquisa realizada em 2016 por ecólogos do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais. A pesquisa era sobre o comportamento de abelhas em cultivo convencional de tomates e ligada ao Laboratório de Ecologia e Comportamento de Abelhas da Universidade Federal de Uberlândia (LECA-UFU).

As fotografias, histórias e experiências que compõem esse artigo foram registradas em 2016 nas monoculturas de tomate junto ao LECA-UFU. Saíamos pela manhã da universidade, paramentados com roupas específicas para campo, já que íamos passar horas trabalhando no sol e no meio de uma plantação de tomates. Nossos equipamentos incluíam: caderno de campo, sacos de organza, máquina fotográfica e protetor solar. No LECA desenvolvíamos pesquisas relacionadas à ecologia e comportamento de abelhas sem ferrão. Nas monoculturas de tomate observávamos os comportamentos das abelhas, taxa de produtividade e análises de frutos.

Remexendo as fotografias dos cultivos, das centenas de fotos, 14 foram impressas e espalhadas na mesa de trabalho. Ao som de uma música desconhecida me deixei levar pelas fotos e cinco foram bordadas. Para a escolha das fotos, pensei na composição das paisagens, de como os objetos utilizados na pesquisa em ecologia aparecem e como o Antropoceno nos afetam. Rememorando os momentos de campo, horas no sol, tomateiros enfileirados, flores ensacadas, tomates verdes- vermelhos-amarelos, abelhas em trânsito, relato abaixo alguns momentos que passam a ser considerados acontecimentos.

Ao chegar à monocultura, era escolhido um transecto⁴ para o experimento e sempre se colocava uma placa "CUIDADO! Pesquisa em

andamento". Tal placa era colocada em um lugar visível para alertar os trabalhadores rurais de que ali havia uma intervenção científica, um experimento, algo que não era encontrado comumente. As flores e tomates que têm vida livre no campo, apesar de terem sido plantados por um agricultor, agora passariam a ser ensacados em tecido de organza branco e amarrados com fitilhos coloridos acompanhados, por sua vez, por pequenas placas de identificação feitas por um pesquisador. Esses tomates e flores eram cuidados não mais pelo agricultor, mas agora pelo pesquisador que pedia que o agricultor tivesse cuidado com o tomate transformado em experimento. Aquele material ia ser usado para algo fora dali.

As pesquisas científicas são construídas em meio a linhas que se entrelaçam, amarram, dão nós, laços e que podem, porém, deixar pontas soltas a serem amarradas a outras linhas criando pesquisas em outras áreas. Nesse trabalho vamos pensar nas pesquisas científicas como um rizoma que abre possibilidades em diversas áreas. Olhando com atenção para os registros da pesquisa em ecologia para perceber se há pontas soltas que permitem entremear pensamentos, pois na intervenção com as fotografias as pontas estão soltas, sempre podemos pegar uma ponta e continuar a pesquisa, mesmo que em outra perspectiva. Assim, pegando uma ponta, nasce essa pesquisa que se entrelaça em um novo olhar, uma nova leitura de mundo.

Entre amarras e emaranhados, peguei uma ponta e fiz um laço. A pesquisadora que participou das pesquisas em ecologia, agora olha para as fotografias: abelhas, tomates, pesquisadores, agricultores; narrativas em uma outra perspectiva, em um processo de mudança e transformação, contando histórias de uma paisagem que se abre para uma nova leitura. Entremendo e unindo trabalhos de diferentes áreas em uma possibilidade de enxergar o novo, ou o que não está óbvio, como as conexões com a educação e com a arte.

As oportunidades que o bordado e as fotografias nos dão, nos remetem ao Feral Atlas⁵. Idealizado por Anna Tsing e com contribuição de vários artistas e pesquisadores do campo da ciência, o atlas é composto por artigos, vídeos, desenhos, poemas e análises acadêmicas permitindo uma infinidade de possibilidades de navegação. Por meio de camadas é possível enxergar, ler e viajar nas relações dos humanos com não-humanos. É

um site labirinto capaz de prender a atenção do público visitante, que cada vez mais fica emaranhado em seus conceitos (CHIODI, 2020).

Inspirada pela viagem pelas camadas, pelos conceitos, pelas possibilidades de coexistência no Antropoceno, bordamos as plantations⁶ de tomate criando camadas, formando fotografiasbordadas e propondo o movimento do pensamento em relacionar filosofia, biologia e arte. Apresentando uma nova leitura das paisagens de monocultura de tomate, vendo além da produção de tomate e da relação abelha-flor.

O período de isolamento social que envolveu meu segundo ano de mestrado me fez procurar formas de não me perder e me manter bem. A todo momento bombardeada por todos os meios com notícias devastadoras e que me fazia questionar sobre o amanhã, senti a necessidade de me desconectar do mundo lá fora e me conectar com o mundo de dentro. O bordado preencheu o vazio da vida lá fora, compondo comigo a necessidade de criar novas rotas de fuga da realidade, interiorizando na casa e dentro de mim, compartilhando com a vontade de renascer dentro de mim e de casa. Compartilhando saudades dos trabalhos de campo, do vento indo de encontro ao rosto, dos amigos, do compartilhar. As fotografias de um tempo que não existe mais se tornam meu campo de trabalho, preenchem minha mesa de estudos, vejo nelas uma possibilidade de bordar, bordar encontros impossíveis, pois já não estou mais no campo. Em pontos diferentes, sem a dureza do X, podendo ou não ter um avesso perfeito, liberdade para criar, ser e sentir. E assim temos os primeiros pontos deste conto que agora se somam aos pontos da pesquisa no campo da Educação em Ciências e Biologia.

Linhas e agulhas quando de encontro ao conhecimento científico abrem portas para a criação de novos elementos, resultante de duas forças moventes que só poderiam ter como resultado algo único. As palavras de Susana Dias (2020) nos inspiram:

[...] o lidar materialmente é sempre uma abertura aos devires inauditos, imprevisíveis e implica uma atenção feminina às práticas e técnicas, rechaçando qualquer separação entre teoria e prática, qualquer a priori e qualquer generalização e forçando a uma disposição a um pensamento em ato,

atento ao que surge em cada situação (DIAS, 2020, p. 16)

Tomate Feral

O tomate fotografado está doente, vemos um círculo de cor amarelada com uma parte mais escura no centro. Provavelmente contaminado por um vírus, uma bactéria ou um fungo. Para o biólogo e para os agricultores, ele irá apodrecer e se tornar um "tomate-zumbi" ⁷, sem vida, mas até um zumbi, se move, sai em busca de algo. Seria um devir-fungo do tomate? Anna Tsing (2019) descreve as plantations, como incubadoras para pragas e doenças, incluindo patógenos fúngicos, criando e espalhando microrganismos virulentos. Esse vírus-bactéria-fungo que infecta e se espalha em questão de dias contamina tudo à sua volta. Nas palavras de Tsing (2019):

[...]em ecologias mais comuns, os

patógenos tornam-se menos virulentos com o passar do tempo, à medida que se ajustam à dinâmica populacional de suas presas. Na plantation, no entanto, a oferta de corpos é constantemente atualizada. Não há motivos para os patógenos reduzirem sua virulência. Bem-vindo ao Antropoceno [...] (TSING, 2019, p. 236)

Provocadas pelas pesquisas de Tsing (2019) de como podemos pensar a ciência, olhando para a composição de uma paisagem nas fotografias, conectando antropologia e ecologia e arte e ... Com camadas históricas entrando e saindo destes lugares. Nesta pesquisa tecemos camadas com bordados entrelaçando o que é e o que poderia ser, o que eu era e o que nós somos. Um movimento de criação de linhas que se conectam em um devir que unem narrativas científicas e narrativas poéticas.



Imagino o que poderia compor esse "tomate-zumbi", o que sai dali, qual a vida que pode emergir? Agulhas e linhas em mãos, cores para inundar o tomate quase sem vida. Penso nos cogumelos de Tsing que tem suas hifas profundas nas florestas, assim um cogumelo surge na

fotografia. De ponto em ponto, indo e vindo o cogumelo se forma soltando esporos viajantes que irão encontrar um lugar para crescer, procurando por árvores companheiras para se alimentarem juntos ou para transformar a ruína em algo novo ⁸.



Assim como uma abelha que ziguezagueia minha agulha ziguezagueou, deslizando entre dois pontos⁹. Abro outra camada, outra dimensão, olhando para o avesso da fotografia-bordado (que pode ser a frente), ele conta histórias de pontos interligados por linhas visíveis.

As linhas que atravessam a fotografia mostram possibilidades multiespécies, as relações que não são visíveis aos olhos humanos, o voo da abelha, os esporos que são liberados pelo fungo, as gotas do agrotóxico que contaminam o mundo, o grito de socorro das matas e dos animais não humanos, o florescer da flor e da abelha em meio ao Antropoceno, a resistência. São linhas que ao fugirem da fotografia não são vistas, mas são sentidas pelos frutos e pelo olhar atento de uma vida multiespécie.

Uma teia-constelação-bordado-ziguezague-... foi criada, um novo mundo de possibilidades é posto em jogo. Susana Dias (2020, p. 18) citando Derdyk (2017) nos diz "as linhas criam um 'muro invisível que pode ser transpassado pelo olhar', 'vetores' que dão a ver a 'musculatura do ar', que permitem 'visibilizar o que há entre as coisas'",

o avesso cria paisagens no entre, possibilitando novas formas de ver o mundo e a vida multiespécie.

O meu avesso tira o peso da perfeição, um avesso que conta a história da fotografia-bordado. Um avesso-história que perpassa as camadas em movimento. No bordado em tecido o ponto é feito entre os fios de trama e urdume¹⁰, no entrelaçamento, nas pequenas janelas entre os fios horizontais e verticais. Nas fotografias não há janelas, as criamos pelo sentir. Sentir as possibilidades de abrir janelas para outras histórias que não são só a da ciência. Podemos comunicar a ciência pelos estudos multiespécies. Ver as coexistências no existir da abelha, do tomate, do cientista e do agricultor, pelas frestas que se abrem em uma educação em biologia. Pequenos furos são feitos primeiro, depois o entrelaçamento é criado, e por fim, a agulha e linha passam trazendo cor, abrindo possibilidades de vida a partir do tomate. No avesso não há escolha, é o que acontece sem a gente ver, são relações multiespécie, mas quando a fotografia é virada damos existência a esse bordado não pensado. Assim como o "tomate zumbi" dá vida ao fungo.



O ziguezaguear pelas pequenas frestas formam um desenho que agora compõem a fotografia, mais uma camada é criada. Fotografia, linhas e agulhas, bordado, avesso da fotografia, frente e avesso juntas, criamos um tomate-zumbi? Uma camada em relevo que além de ser vista, pode ser sentida pelo toque dos dedos sobre ela, pelo relevo, e pela vida que o fungo deu para o tomatezumbi. Tecendo

uma nova camada, penso na feralidade¹¹ das plantations, no ambiente tóxico¹² que caracteriza o Antropoceno, na capacidade de criação de novos patógenos, no vir a ser que não controlamos e não prevemos. As ruínas causadas por ele. O tomate-bordado se transforma em um organismo feral, criado para que possa viver nas ruínas das *plantations*.



As camadas que compõem o tomate-zumbi mostram a feralidade de nossas ações. O que era ruína se transformou em vida, o olhar multiespecífico

oportuniza ver além do óbvio ou do que foi posto. O Antropoceno que cria as ruínas também possibilita o surgimento de outras vidas, outros devires.



Coexistências

Continuando o trabalho com as fotografias espalhadas pela mesa, me deparo com mais uma imagem. Nela, o pesquisador aparece ao fundo, caminhando de costas para a câmera, que está focando na fileira de tomateiros.

O pesquisador caminhando no campo, paramentado com suas roupas especiais: chapéu, camiseta de manga longa, calças, perneiras e botas, tudo para a sua proteção. Mesmo ao fundo, desfocado e de costas, a presença dele é marcante na fotografia. Como resistência na pesquisa, nos campos de tomate, na produção de conhecimento, na denúncia da morte das abelhas, da contaminação, da morte.

É possível também ver vários tomates verdes e avermelhados, mas o que me toca são as folhas secas revelando a morte dos tomateiros. Quando olho para o tomateiro me recorro das diversas idas a campo em que presenciamos os trabalhadores aplicando agrotóxicos na plantação. Sem equipamentos de segurança necessários para protegê-los, os trabalhadores ficavam expostos ao que é tóxico para o homem, para as abelhas, para os demais insetos, para as próprias plantas. Perigo! Cuidado! Agrotóxico! Contaminação! Mantenha-se afastado! Faixa de isolamento. Folhas secas e doentes, verdes-amarelas-marrons, secas-manchadas, tomates ao chão. Iminência da morte ou da vida?



Além das folhas secas, é possível perceber na fotografia gotas vermelhas, imperceptíveis se

olhamos sem aproximá-las pelo zoom da câmera. Gotas de veneno, de sangue, de diminuição da

vida, de exposição ao mau, gotas de agrotóxico, que entram em contato com os organismos vivos, passando de um para outro em uma cadeia de envenenamento e morte (FERAL ATLAS, 2021). Gotas que se embrenham no fruto e contaminam o humano e o não-humano. Devircontaminante. Devido à grande perda de frutos por infestação de "pragas", agrotóxicos são usados para aumentar a produção de tomates e diminuir a perda. Na lógica capitalista, envenenar o homem pelo fruto, pelo chão, pelo rio, pela abelha, pela falta dela, não há problema desde que a produção da mercadoria-tomate13 esteja em alta. Produção de tomates para garantir a

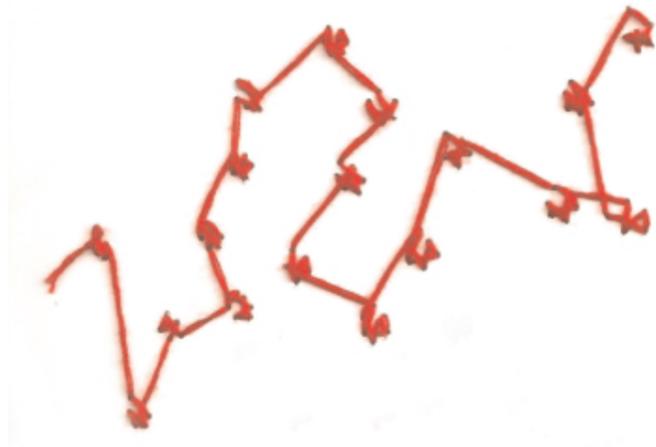
vida? Que vida está garantida?

Pensamos que os tomates são espécies companheiras de outras espécies, como o animal humano, que lá na plantação poderiam ser o agricultor e o ecólogo. Entretanto, o tomate passa a ser companheiro, de certa maneira, do agrotóxico, e dessa conexão outras espécies entram: o capim, o fungo e sua minúscula vida. Mas estas conexões se abrem e se fecham. Entram e saem espécies. As abelhas entram atraídas pelas flores e pólen e pelo ecólogo que anota as visitas no seu caderno de campo. Contudo, desaparecem quando o veneno do agrotóxico é colocado pelo agricultor.



O pesquisador que continua em segundo plano se expõe ao risco dos agrotóxicos, passando horas em contato com flores, folhas e frutos impregnados com a substância tóxica 14. Como se proteger contra o inimigo invisível? No avesso da fotografia, expandindo o olhar em

busca de um respiro em meio às ruínas, quem sabe ver uma constelação. Ursa maior? Ursa menor? O que os pontos me contam? Presságio de um fim próximo? Mensagens para se adiar o fim do mundo15? Ou para adiantar o fim do mundo16? Sangue que nutre um corpo? ...



Fotografias do trabalho de campo sobrepostas por camadas de bordados, linhas e agulha que revelam e contam, no avesso do bordado na fotografia, outras narrativas, contaminação que se espalha em

zigzague, criando caminhos de proliferação. Risco para as interações, para as espécies companheiras, para o pesquisador e para o agricultor. Vida que resiste e coexiste em um ambiente tóxico.



Contaminados em zonas de contato, todos susceptíveis ao caos. O avesso me lembra o voo da abelha que resiste em meio às ruínas das plantations. Resistindo, voando de flor em flor, mesmo que aquele voo cause sua morte. Olhando as fotografias, as bordadas e as não bordadas; a primeira ainda sem bordados foca nos tomateiros, folhas secas, tomates verdes e alguns em amadurecimento. Na segunda, agora bordada, vejo

o vermelho do perigo que o agrotóxico traz a todo um emaranhado de seres. Na terceira, o bordado do avesso, talvez ver a abelha que não está mais presente, mas que deixou seu rastro em zigzague. Na última fotografia, experimento pelo bordado, o verde tomando conta do vermelho para quem sabe dar espaço para as abelhas voltarem. Refúgios são criados para se adiar o fim do mundo, criar possibilidades e caminhos.



Existências

Enfileirados, vários metros de tomateiros, a monocultura mata a pouca vida que brota. Filas sem fim de tomates se misturam ao azul-céu, filas que me lembram o ambiente de uma sala de aula: carteiras enfileiradas, uma organização que parece não deixar espaço para a criação. No chão alguns pés de capim manduru, ou capim-braquiária, estão secos, mortos pelos

agrotóxicos ou arrancados da terra pelo homem. Inspirada pelo Feral Atlas (2021) penso nestas plantações em fileiras infestadas de ervas daninhas resistentes a agrotóxicos, químicos industriais que escorrem pelas folhas e contaminam o solo, a água, tudo à sua volta. Produtos químicos que matam os polinizadores e estimulam fungos patogênicos que se proliferam ao encontrar um banquete que é a monocultura.



A Ciência das plantations (expertise) 17 , a administração e os especialistas trabalham juntos pelo controle das plantas. Existe uma vontade de poder, uma autoridade ou superioridade, que separa os especialistas das plantas. Não há diálogo entre os cultivadores, o bem-estar não é considerado, todos os danos colaterais são calculados e esperados (TSING, 2019). Assim, temos enormes plantations, com filas enormes que me lembram o ambiente escolar. A escola onde os alunos são enfileirados, a autoridade muda de acordo com

o nível de poder, não há diálogo entre alunos e professores, não é permitido fluir o amor entre professor e estudantes. Assim como as plantations podem ser contaminadas por fungos, acreditamos que as escolas como plantations também podem ser contaminadas com bons encontros que rompem com o utilitarismo e educa pelo afeto. Aqueles que permitem criar e romper com as amarras do sistema promovem "uma imersão apaixonada", nos tornando curiosos com o processo, nos emaranhando, "aprendendo a ser afetado" e,

assim, talvez, entender, cuidar e aprender de maneira um pouco diferente (van DOOREN, KIRKSEY e MÜNSTER, 2016, p. 4418).

O ensino como rizoma que entrelaça saberes científicos e indígenas, que ensina pelo afeto e pelo respeito. Alimentar o pensamento de que o humano vive sozinho de forma autônoma pode incentivar o pensamento de superioridade, de controle da natureza, bem como de ideologias autocráticas e militaristas (PEREIRA, 2018). Cristine Takuá (2019) conta como a educação para os indígenas acontece pela relação entre humanos e não-humanos: em sua fala-escrita, ela conta que as crianças da escola indígena conhecem mais de 30 cantos de abelhas, embora nunca as tenha visto porque hoje só restam 8 espécies de abelha. O que sustenta essas histórias é a memória ancestral e os cantos. Acreditamos que devemos ter uma educação multiespécie. Uma educação que leve em conta que nós humanos somos multiespecíficos e que estamos em conexão com o todo, assim como Krenak (2019) diz que somos água, somos bactérias, somos também multiespecíficos. Considerando as ciências mais que humanas para um alargamento de luta por uma ecologia de saberes mais que humana, não limitando a compreensão das ciências da natureza à uma compreensão de florestas, savanas, rios e

mares, mas uma busca dos rastros das ciências e saberes multiespecíficos (ALMADA e VENANCIO, 2021). Para estes autores, em uma educação na perspectiva multiespécie, a natureza deixa de ser palco do desenrolar das histórias humanas. Parafraseando Paulo Freire, Almada e Venancio (1981, p. 79) comentam:

ao afirmar que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os humanos educam-se entre si e em aliança com a multidão de espécies viventes que coabitam esse planeta, constantemente produzindo e transformando mundos; a educação acontece no mutirão dos viventes (ALMADA e VENANCIO, 2021, p. 75)

E por meio de um mutirão de viventes, sendo resistência-existências-coexistências-criação, resistir ao sistema de plantation nas escolas, fugir ao controle, permitir que, com paraquedas coloridos,¹⁹ o conhecimento nas escolas seja multiespecífico, colorido e prazeroso que contenha histórias, “narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade” (KRENAK, 2019, p. 15).



Criando paraquedas coloridos, contrariando a impossibilidade de criação, de ponto em ponto uma flor surge. Em meio àquela fileira sem vida, cresceu o improvável. Improvável, porque é quase impossível que uma flor resista em meio a tantas aplicações de agrotóxicos. E em meio a resistência da flor, uma abelha é atraída. Com seu corpo preto e com listras amarelas, atraída pelo odor, pelas cores ou pelos recursos disponibilizados pela flor, co-evoluindo e coexistindo em meio às ruínas das plantations. Ou quem sabe pela linha e agulha do bordado.

No ambiente escolar, pensamos nos afetos que deveriam ser cultivados. A educação pelo método simultâneo que visa ensinar a todos o mesmo conteúdo, em um mesmo lugar, ao mesmo tempo e de uma única forma, hoje ainda é o mais usado nas escolas (FARIA FILHO, 2000). A alfabetização acontece por meio da padronização de materiais que todos os estudantes usam, como cartilhas e livros, e traz a ideia de homogeneização das

classes por garantir o desempenho na leitura e na escrita e, ainda, o controle de atividades pela escola e pelo professor (FRADE, 2007).

Acreditamos em uma educação multiespécie que permite a ampliação dos horizontes e rompe com a ideia de superioridade do humano sobre os não-humanos. Um ambiente escolar multiespécie permite o fluir do amor, do diálogo e dos afetos, trazendo uma educação igualitária respeitando a aprendizagem do indivíduo. Descolonizando²⁰ os saberes e valorizando os ensinamentos indígenas, criando novas práticas de atenção e cuidado para com os não-humanos.

O avesso conta histórias não vistas, o ziguezague das abelhas que faz nó e laço. Que deixa pontas soltas para novas narrativas, que mostra possibilidades, as dificuldades, a dor e a glória. Ainda é possível ver a flor, já a abelha está com pontas soltas, espalhando pólen, polinizando vida... esperança.



Juntas vejo o potencial de ainda resistir em meio ao caos. A vida que luta para resistir, e re-existir junto a morte que os agrotóxicos causam. A coexistência, o (re)existir e o lutar contra o impossível, construindo paraquedas coloridos. Criar uma educação refúgio, onde aprendemos não

somente com humanos, mas com os não-humanos, que nos ensinam sobre respeito, resistências, coexistências, sobre encontrar nas frestas e fazer florescer, ser e fazer floresta quando não encontramos saídas humanas.



Voando pelo Feral Atlas que é composto por camadas que proporcionam uma viagem... Inundadas pelo entremear da esperança de vida que surge em meio às ruínas, pensamos sobre o processo de adaptação da vida ao Antropoceno. Viajando no Feral Atlas chegamos aos tippers, que são modos de mudança causados por infraestruturas e encontramos as abelhas sobreviventes em plantações comerciais. Em um relatório de campo, a pesquisadora Marcela Cely-Santos (2020) no Feral Atlas (Tsing, 2020) relata sobre a flexibilidade de Apis e Trigona de se adaptarem às mudanças climáticas e a perturbação agroquímica. À medida que as plantations avançam em altitudes encontramos

menos abelhas, porém esses dois gêneros ainda lutam para existir. "Tudo isso até que todo o sistema entre em colapso, quando essas abelhas também serão levadas ao limite de sua capacidade de tolerar perturbações" (CELY-SANTOS, 2020).

O processo de criação que rompe com o sistema e cria vida no impossível, que coevoluem e criam resistência por meio dos afetos e afectos. Uma educação por atravessamentos que considera o ser, os devires e os desejos. As camadas desse processo de libertação do sistema tradicional que procura por frestas, criando brechas, rompendo com o tradicional e fazendo voar as possibilidades.



Com as fotografias-bordados vislumbramos a criação de mundos onde a abelha possa (re)existir. Onde a plantation dê lugar à floresta. E como floresta, quem sabe a gente possa pensar mundos por existir onde flores e abelhas vivam imbricadas pelas linhas do bordado. Assim construímos paisagens em ruínas no Antropoceno. Florestas que, mesmo bordadas, movam pensamentos para a floresta que vive em algum lugar, uma vida em que

seres se conectam uns nos outros, em coexistências. As palavras de Susana Dias (2020) sustentamos nossa (re)existência:

Em uma floresta tudo está vivo, tudo está em constante movimento e transformação. Coisas, seres e sobrenaturezas mantêm complexos processos de mútua afetação diferencial. Vidas orgânicas, inorgânicas e

virtuais estão em estado de cocriação constantes e não lineares. Uma floresta interessa por ser um laboratório vivo do que pode se tornar um estar junto, um viver junto. O que pode uma experiência de estar junto levada ao limite, por reunir modos heterogêneos de viver, sentir e pensar e deixá-los coexistir, promovendo relações aberrantes, parentescos impensados. Numa floresta se percebe que a existência não está somente nos seres, coisas e sobrenaturezas, mas entre eles, pois que um mundo vivo é um mundo de pontes, conexões, sinapses. Por isso uma floresta reivindica um pensamento não em torno de indivíduos, mas sim de populações, sistemas, redes, de fluxos de matéria e energia e de passagens entre devires. Porque todo indivíduo já é de imediato um coletivo dissonante, feito de interações multidimensionais. (DIAS, 2020, p. 8)

As fotografias-bordadas permitiram a criação de refúgios, de florestas que expandem o olhar para um mundo multiespécie. Acreditamos que a educação multiespécie tem um papel importante na descolonização do conhecimento, construindo novos mundo possíveis, indo ao encontro com o que defendem Almada e Venancio (2021). O bordado que expande o olhar e cria novos arranjos que contribuem para o alargamento do pensamento sobre a ciência que estuda as abelhas, as relações ecológicas, o contato entre humanos e não-humanos. E que tenta por meio da criação e arte romper com o pensamento negacionista em relação ao uso de agrotóxicos e o perigo do Antropoceno.

VIVENDO EM RUÍNAS

Voando com as abelhas durante esse trabalho pude ter outras possibilidades de visão de mundo tendo contato com os estudos multiespécies. A formação ficou mais aguçada para os afetos, para o sentir. As abelhas que sempre me atravessaram começaram a fazer ninho comigo, ninho-mundo. E me ensinaram como viver nas ruínas, construindo refúgios em

meio ao Antropoceno.

Como educadora, o processo de construção deste trabalho me permitiu romper com padrões sociais que estão entranhados no nosso processo de formação. Trazer para dentro de sala de aula a visão dos povos ameríndios, de se ter uma vida multiespécie com a floresta e com o mundo, olhando para o ensino e enxergando as possibilidades de (re)existir. Criar formas de ver o mundo com novos olhos, uma nova leitura para mudar o mundo e passar mais rapidamente pelo Antropoceno. A criação precisa ser parte do ser professor, entremeado com a antropofagia da cartografia, que bebe em várias fontes para criar algo próprio.

No arranjo multiespécies, as conexões se estabelecem e se desfazem entre animais humanos, não humanos e animais extra-humanos, entre linhas e bordados. No perigo que ronda as abelhas, as ruínas do Antropoceno criam ambientes, adaptações, coevoluções que permitem o surgimento de frestas e brechas para o novo. Nós, como seres multiespécies, necessitamos de uma educação multiespécie que expanda nosso olhar e favoreça o florescimento da vida.

O ninho de uma abelha é um rizoma, se conectando por diversas formas e lados. Potes de pólen, células de cria, invólucro, potes de mel, abelhas... São platôs desse rizoma. Abelhas que floream as matas e a vida, são agentes ziguezagueantes responsáveis pela continuação da vida por meio da polinização. Cartógrafas da vida e de conexões. Coexistindo e coevoluindo, em uma captura recíproca onde a relação se produz a partir de histórias coevolutivas e a partir de ricos processos de co-tornar-se. Devemos aprender com as abelhas que fazem parte de um rizoma coletivo, que se conectam com as plantas, com outras abelhas, com o ambiente, deixando marcas nas flores e transportando vida.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

Bibliografia

ALMADA, E. D.; VENANCIO, B. Pode a natureza falar? Perspectivas para uma educação ambiental multiespécie. Revista Interdisciplinar Sulear, p. 67-81, 2021.

BORGES, N. C. M. Abelhas melíferas compo

paisagens em ruínas: o que é possível (re)existir em uma educação no Antropoceno?. 2021. 53f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

CELY-SANTOS, M. Only a few bee species thrive in the killing fields of industrial agriculture. In: TSING, Anna et al. (org.). Feral atlas: the more-than-

ARTIGO: Fotografias-bordadas: construindo paisagens para (re)existir

human Anthropocene. Stanford: Stanford University Press, 2020. Disponível em: feralatlas.org.

CHIODI, Y. Mapas para o Antropoceno: um guia de leitura para o Feral Atlas. *ClimaCom* [online], Campinas, Incertezas, ano, n. 19, Dez. 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/mapas-para-o-antropoceno/>.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. Tradução de: RIBEIRO, EA São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

DIAS, S. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. *ClimaCom - Florestas* [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>.

Estudo encontra até 18 diferentes resíduos de agrotóxicos em tomate. *Século Diário*. 09 de março de 2020. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/meioambiente/estudo-encontra-ate-18-diferentes-residuos-de-agrotoxicos-em-tomate>.

FARIA FILHO, L. M. de F. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, E. M.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. 500 anos de Educação no Brasil. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

FERALATLAS. Thrives with the Plantation Condition. In: TSING, Anna et al. (org.). *Feral Atlas: the more-than-human Anthropocene*. Stanford: Stanford University Press, 2020. Disponível em: <https://feralatlas.supdigital.org/?cd=true&rr=true&cdex=true&text=fq-thrives-with-theplantationcondition&ttype=essay>.

FERAL ATLAS. Toxic Environment. In: TSING, Anna et al. (org.). *Feral Atlas: the more-than-human Anthropocene*. Stanford: Stanford University

Press, 2020. Disponível em: <https://feralatlas.supdigital.org/?cd=true&rr=true&cdex=true&text=fqtoxicenvironment&ttype=essay>.

FRADE, I. C. A. S.. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. *Educação*, v. 32, n. 1, p. 21-39, 2007.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição). Editora Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, B. Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora 34, 216 p. 2016.

PEREIRA, T. F. Estudos Multiespécies: uma breve análise da teoria e de suas aplicações. *Revista Ensaios*, p. 106-126, 2018.

TAKUÁ, C. Seres criativos da floresta. *Cadernos Selvagem*, transcrito por Camila Vaz, publicação digital, Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

UEXKÜLL, J. von. Dos animais e dos homens. Tradução Alberto Candeias e Anibal Garcia Pereira. Lisboa: Vida e Cultura, 1982.

van DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. Trad. Susana Oliveira Dias. *ClimaCom* [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezasnov2016.pdf>

ARTIGO: Fotografias-bordadas: construindo paisagens para (re)existir

1 Mestra em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Licenciada e Bacharel pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Integrante da Matilha de Estudos, Arte e Vida Uivo (UFU). Email: nicolecristinam@gmail.com

2 Licenciada em Ciências Biológicas, Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Instituto de Biologia (INBIO) e no Programa de PósGraduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). E-mail: lestevinho@gmail.com

3 Dissertação de mestrado intitulada "Abelhas melíferas compoem paisagens em ruínas: o que é possível (re)existir em uma educação no antropoceno?" (BORGES, 2021).

4 Transecto é uma demarcação de uma área onde os dados para uma pesquisa são coletados e todos os dados só poderão ser coletados nesse espaço.

5 Disponível pelo link: <http://feralatlas.org/>

6 Toda a escrita da pesquisa é permeada pelo conceito de plantation que são monoculturas manipuladas pelo humano onde são utilizadas todas as formas de controle das plantas, como fertilizantes químicos e agrotóxicos; para uma produção sempre superior.

7 "Tomate-zumbi" era a forma como os pesquisadores no campo se referiam aos tomates doentes.

8 Anna Tsing (2015) traz a discussão de Donna Haraway sobre espécies companheiras, sendo que estas podem ser consideradas companheiras quando se associam a outras espécies, vivendo de relações interespecíficas. As relações interespecíficas são baseadas no respeito mútuo e interdependente entre as espécies, nunca atuando em singularidade e estas relações são ao mesmo tempo biológicas e culturais.

9 Para Deleuze e Parnet (1998, p.6 - 27) o ziguezague é "algo que passa ou que se passa entre dois como sob uma diferença de potencial", "que desliza'entre".

10 Bruno Latour (2016) no livro *Cogitamus* mostra uma interpretação da história do mundo, usando um diagrama em forma de tapeçaria, onde a urdidura, ou urdume, é formada por novas competências inventadas a cada estágio, e a trama é representada por um ziguezague de longitude e complexidade crescente.

11 Para Tsing (2019) a feralidade está relacionada ao conceito de feral que, segundo esta autora, são não-humanos que reagem de forma diferente daquela esperada pelo design humano.

12 De acordo com o Feral Atlas (2021) o ambiente tóxico "é originário de um ambiente que envenena criaturas, causando mutações genéticas, atrapalhando a rotina de seus vizinhos por meio de sons ensurdecedores ou obstruindo os sistemas com material não gerenciável" (tradução nossa).

13 Ailton Krenak em seu livro "Ideias para adiar o fim do mundo" comenta, citando a fala de Davi Kopenawa, pajé yanomami, que "o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo o que está fora de nós" (KRENAK, 2020, p.33).

14 De acordo com dados do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA), desenvolvido no Espírito Santo pela Secretaria de Estado da Saúde (SESA) e analisados pela Comissão de Saúde e Meio Ambiente do Fórum Espírito-Santense de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos e Transgênicos (Fesciat) foram encontrados 18 diferentes resíduos de agrotóxicos em tomate (ESTUDO ENCONTRA ATÉ..., 2020).

15 Em Ideias para adiar o fim do mundo, Ailton Krenak (2019) escreve: "E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim".

16 Suely Rolnik, na live com Ailton Krenak intitulada "Do sujeito-em-bloco ao sujeito-em-obra. Ideias para adiantar o fim de um mundo", propõe ideias para adiantar o fim "deste" mundo e assim fazer surgir novos mundos.

17 Conceito utilizado por Tsing (2019).

18 van DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. Trad. Susana Oliveira Dias. 2016

19 Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* diz: "Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos" (KRENAK, 2019, p. 30).

20 van DOOREN, KIRKSEY e MÜNSTER (2016, p.45) nos apresenta outras formas de conhecer a natureza por meio do contato com outras áreas e sugere desafiar os pensamentos hegemônicos sobre a Ciências da Natureza como uma forma de descolonizar esses saberes de quem está autorizado a falar pela natureza.

A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

RESUMO:

Em meio ao contexto da pandemia do Covid-19, observa-se que o aumento da busca por informação através das redes sociais vem propiciando a formação da sociedade de controle de Deleuze, onde o negacionismo acaba por ser tanto técnica quanto produto desta estrutura, o qual, não só no Brasil, como em outros países do mundo, vem prejudicando diretamente os direitos à vida e à saúde. Desse modo, por meio do método hipotético-dedutivo embasado em material bibliográfico como artigos, livros e dados, a presente pesquisa buscou analisar como o negacionismo viola o direito à informação e, em consequência, outros direitos fundamentais, causando o adoecimento da democracia. Para isso, realizou-se a análise do surgimento da sociedade de controle informacional e do processo de modulação, distinguindo o biopoder do psicopoder; bem como a análise das técnicas de manipulação e o papel dos filtros-bolha na intensificação dessas, para, finalmente, pontuar os riscos e danos desses processos na formação de uma sociedade efetivamente democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade de controle. Manipulação de informação. Negacionismo.

The society of control and denialism as a technic and a product of information manipulation: risks for a democratic society

ABSTRACT: In the context of the Covid-19 pandemic, it is observed that the increase in the search for information through social networks has led to the formation of Deleuze's society of control, where denialism turns out to be both a technique and a product of this structure, which, not only in Brazil, but in other countries around the world, has directly harmed the rights to life and health. Thus, through the hypothetical-deductive method based on bibliographic material such as articles, books, and data, this research sought to analyze how denialism violates the right to information and, consequently, other fundamental rights, causing the sickening of democracy. To do so, an analysis of the emergence of the society of control and of the modulation process was carried out, distinguishing biopower from psychopower; as well as an analysis of the manipulation techniques and the role of filter bubble in the intensification of these, to finally point out the risks and damages of these processes in the formation of an effectively democratic society.

KEYWORDS: Control society. Information manipulation. Denialism.

Giovana Batisti ¹

Leonardo Antônio Dresch ²

1. INTRODUÇÃO

O direito à informação é um direito humano e fundamental essencial para o funcionamento de uma sociedade democrática, na qual o direito de saber como o poder eleito e o dinheiro público estão sendo usados, bem como o direito de influenciar e participar em decisões sobre matérias de interesse público, devem ser garantidos aos cidadãos. Assim, pode-se dizer que a liberdade de informação é um dos princípios que norteiam a democracia, sendo o direito à informação tanto um direito essencial em si mesmo, como um instrumento para alcançar outros direitos (MARTINS, 2011, p. 233-235).

Uma das maiores ameaças ao direito à informação plena é a manipulação da informação, um meio muito utilizado por atores políticos e/ou econômicos para obter alguma vantagem. Apesar da manipulação da informação poder ser exercida de diversas formas e servir a diversos fins, é certo que essas práticas podem deteriorar uma sociedade democrática (GIUSTI; PIRAS, 2021). A partir da estruturação da Sociedade Informacional, conforme definida por Castells, de uma rede de internet global em geral e das redes sociais em específico, uma nova esperança surgiu, com expectativas de democratização do controle sobre a divulgação de informações, maior liberdade de expressão, democratização do acesso à informação e, até mesmo, emancipação da mídia e distribuição da informação, antes quase exclusiva de atores institucionais (BEZEMEK, 2020).

No entanto, o que se pode observar é que as novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente as redes sociais, tornaram-se terreno fértil para a expansão e a disseminação de informações manipuladas, por meio, principalmente, da modulação algorítmica e da utilização de perfis automatizados (bots) em redes sociais. Essas técnicas não só criam novas formas de manipulação da informação, como ajudam a disseminar informações já manipuladas por meio do discurso. No cenário pandêmico, em meio a necessidade crescente de obtenção de informações relevantes sobre o vírus e a doença, e com a aceleração do uso da internet para obtenção dessas informações, essa situação se torna ainda mais perigosa à sociedade democrática, solidificando o que Deleuze chama de sociedade de controle (CALDARELLI et al., 2021; GIUSTI; PIRAS, 2021).

Em contextos de crise sanitária mundial, o acesso à informação se torna mais fortemente relacionado aos direitos à vida e à saúde. O que se observa, não só no Brasil, como em outros países do mundo, é que esses direitos resultam em muito prejudicados, principalmente, pelas práticas de negacionismo operadas pelo poder público no Brasil (BATISTA, 2020). Desse modo, através do método hipotético-dedutivo, embasado em material bibliográfico como artigos, livros e dados, pretende-se analisar como o negacionismo - como sendo tanto uma técnica de manipulação da informação, como um produto do processo de modulação - e as demais técnicas de manipulação e modulação da sociedade de controle são responsáveis pelo adoecimento da sociedade democrática. Para isso, o artigo foi dividido em três partes. Em um primeiro momento, delinea-se o conceito de sociedade de controle e o processo de modulação de mentes, que é o objetivo do psicopoder, conforme formulado por Deleuze (1992) e Ha (2018). Em seguida, são analisadas as técnicas de manipulação da informação e o conceito de negacionismo, na tentativa de demonstrar como o negacionismo pode ser considerado tanto como uma dessas técnicas, quanto como um produto delas e do processo de modulação. E, por fim, descreve-se como a sociedade de controle, com seus processos de manipulação e modulação, violam o direito à informação e causam o adoecimento da democracia.

2. A SOCIEDADE DE CONTROLE E O PROCESSO DE MODULAÇÃO

Com a aceleração no processo de digitalização da sociedade e o acesso e busca por informação através das redes sociais frente à pandemia de COVID-19 (NEWMAN et al., 2020, pág. 9), as Sociedades de Controle de Deleuze "que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação incessante" (DELEUZE, 1992, p. 220) vem tomando forma. Para isso, os celulares e aparatos cibernéticos assumem o papel de panópticos digitais que viabilizam um conhecimento detalhado da singularidade de cada sujeito social (HAN, 2018, p. 56), sendo que, neste processo, a coleta de dados pessoais possui tanto um caráter capitalista de mercantilização da privacidade quanto uma forma de monitoramento social (ZUBOFF, 2019, p. 63), transformando todas as relações sociais em relações de mercado, onde "a circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital" (HAN, 2018, p. 66).

ARTIGO: A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

Mesmo que a proposta inicial da Internet buscasse a democratização do acesso à informação e conseqüentemente a autodeterminação informacional (BARLOW, 1996, p. 1), hoje existe uma cooptação desse direito concentrado em espaços digitais privados, ou seja, as redes sociais e ferramentas de busca. Essa concentração permite uma nova forma de poder, forma essa que prescinde da necessidade de coerção dos corpos presente na Sociedade Disciplinar de Foucault, pois explora a liberdade, propondo uma falsa sensação de livre escolha limitada às ofertas disponíveis (HAN, 2018, p. 27). Todavia, isso não significa substituição, mas sim uma intensificação no controle social.

As tecnologias atuais proporcionam uma manipulação psicológica e aberta e não somente física e 3 fechada como é no biopoder. Diferentemente das sociedades disciplinares que confinam o sujeito em moldes pré-estabelecidos, as sociedades de controle modulam o sujeito em moldagens auto deformantes que mudam de acordo com suas individualidades. O psicopoder age como uma peneira cujas malhas se alteram de um ponto a outro conforme o que se busca moldar (DELEUZE, 1992, p. 225).

A nova técnica de poder atua através das psicotecnologias (HAN, 2018, p. 41) que viabilizam a modulação, ou seja, a capacidade de, mediante manipulação informacional e modulação algorítmica, conduzir o pensamento do sujeito social. Em suma, esse poder trabalha “[...] penetrando os cérebros e forjando as mentes com seus mecanismos de influência.” (SOUZA; AVELINO; DASILVEIRA, 2018, p. 15)

Como observado, a modulação é um ponto central na efetivação da Sociedade de Controle. O termo busca expor a distinção entre manipulação e modulação, mais especificamente, manipulação midiática e modulação algorítmica. A primeira relembra que o sentido de manipular está atrelado ao ato de tocar, segurar, ou transportar com as mãos, com isso tal processo necessita de uma interferência humana - de uma ação humana - que escolha e defina quais informações irão ou não aparecer na mídia em geral (SOUZA; AVELINO; DA SILVEIRA, 2018, p. 28). Já ao ato de alterar algo através de comandos algorítmicos deve-se chamar modulação, pois “[...] usa as mais avançadas técnicas de inteligência artificial para induzir o comportamento do usuário das tecnologias de informação e comunicação.” (SOUZA; AVELINO; DA SILVEIRA, 2018, p. 28) Isso se dá pelo fato de que o

maquinário dominante atualmente opera de maneira personalizada, identificando peculiaridades e preferências de cada usuário, pois possui acesso a uma quantidade colossal de dados. 4

3 Deleuze observa que cada tipo de sociedade possui uma máquina dominante pela qual ocorre a absorção do poder: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina e para a sociedade de controle as cibernéticas e os computadores (DELEUZE, 1992, p. 220), sendo assim, as tecnologias atuais.

Se o biopoder se baseia em dados, previsões e informações estatísticas coletadas (FOUCAULT, 2019, p. 207), o psicopoder também no qual, contudo, há um maior aprofundamento que visa observar e operar em uma esfera singularizada e pessoal onde os dados são o material primário para viabilizar tal operação (ZUBOFF, 2019, p. 65). Sendo assim, o processo de modulação,

(...) começa por identificar e conhecer precisamente o agente modulável. O segundo passo é a formação do seu perfil e o terceiro é construir dispositivos e processos de acompanhamento cotidiano constantes, se possível, perversivos. O quarto passo é atuar sobre o agente para conduzir o seu comportamento ou opinião. (SOUZA; AVELINO; DA SILVEIRA, 2018, p. 39, grifo nosso)

A massa de dados coletada hoje é resultado de tecnologias concebidas para tal. O iPhone, por exemplo, sabe exatamente para onde o seu portador está indo, para quem ele telefona, o que costuma ler e o que prefere pular; e graças ao microfone, giroscópio, GPS e outras ferramentas embutidas o aparato é capaz de distinguir quando se está caminhando ou aproveitando uma festa (PARISER, 2012, p. 7). Além da coleta de dados do mundo físico, as plataformas digitais acompanham todos os movimentos desempenhados pelos usuários nos ambientes digitais. Desse modo “the new Internet doesn't just know you're a dog; it knows your breed and wants to sell you a bowl of premium kibble.” (PARISER, 2012, p. 6)

Como resultado há uma sobreposição de filtros que propicia o efeito filtro-bolha, ou seja, cada usuário possui uma realidade digital diferente do outro, tudo isso baseado nas peculiaridades e informações coletadas; a ordem no resultado das pesquisas, ainda que seja o mesmo termo, será diferente para cada bolha, assim como

ARTIGO: A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

publicidades e conteúdos em geral. O Facebook, por exemplo, classifica seus usuários por seus interesses. Entretanto, através da nanossegmentação é possível direcionar um anúncio exclusivo para um único usuário dentre os mais de 2 bilhões que estão na plataforma; para isso é necessário cruzar 4 interesses raros (ex. ser torcedor de um time de bairro ou fã de um grupo musical pouco conhecido) ou 22 gerais/genéricos (COLOMÉ, 2021).

4 Dados de 2019 apontam que em apenas um dia mais de 500 milhões de Tweets são publicados; 294 bilhões de e-mails são enviados; 4 petabytes (1,000⁵ bytes) de dados são gerados no Facebook; 65 bilhões de mensagens são enviadas no WhatsApp e 5 bilhões de buscas são efetuadas. (DESJARDINS, 2019)

A mesma informação não chega democraticamente para todos os usuários, antes ela passa por filtros (peneiras) que se alteram conforme os interesses “[...] que marcam o acesso à informação, ou a rejeição.” (DELEUZE, 1992, p. 226) É através dessa mecânica que o controle informacional toma forma, onde o controlador manipula os algoritmos e os algoritmos modulam a realidade digital de cada usuário que é incapaz de perceber o enviesamento de dentro da própria bolha (PARISER, 2012, p. 10). Em suma, há uma personalização excessiva da realidade de cada sujeito social levando-o cada vez mais a uma singularização social.

3. O NEGACIONISMO COMO TÉCNICA DE MANIPULAÇÃO INFORMACIONAL E MODULAÇÃO PSÍQUICA

A manipulação da informação por meio do discurso tem uma longa história. Os fenômenos da verdade, falsidade e poder estão interrelacionados no âmbito da política. Disfarçar a verdade e manipular informações sempre foram meios utilizados por agentes políticos e econômicos para obtenção de vantagens particulares - como o controle social - meios esses que passaram a se expandir nas últimas duas décadas graças ao desenvolvimento de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), especialmente as plataformas de mídias sociais, que são hoje as principais fontes de informação dos cidadãos, e seus algoritmos.

Esse desenvolvimento tecnológico permitiu não só que a divulgação e a construção de inverdades e informações enganosas fossem facilitadas, como também que uma plethora de novas técnicas de manipulação da informação surgisse (GIUSTI; PIRAS, 2021, p. 1) - tendo protagonismo as formas

de modulação informacional por meio de algoritmos com a finalidade de controle social via modulação das mentes, conforme anteriormente explicitado.

Como técnicas de manipulação da informação, tem-se a propaganda, a construção de informações falsas (disinformation), a divulgação de informações vagas ou incompletas (misinformation) e a fake news. Todos esses termos apresentam proximidades conceituais e práticas, mas devem, de qualquer forma, ser diferenciados. A propaganda data de 1600 e refere-se ao uso seletivo de informações para manipular ou influenciar opiniões de modo a apoiar uma causa ou ideal de um grupo específico, enquanto, simultaneamente, distorce ou suprime argumentos contrários, produzindo os efeitos políticos desejados em favor desse grupo. A desinformação (disinformation) é o produto da construção proposital de falsidades, podendo ser fatos verdadeiros tirados de contexto ou misturados com falsidades, com a finalidade de apoiar um ideal. A misinformation, por sua vez, trata-se de informações incompletas, vagas, errôneas ou ambíguas, que podem levar um indivíduo a erro. Por fim, o termo fake news pode designar uma versão tecnologicamente avançada da misinformation ou da disinformation, uma vez que consiste em informações manipuladas que são divulgadas por meio da internet e das redes sociais, dentro dos quais a mensagem pode tornar-se viral em poucos segundos (GIUSTI; PIRAS, 2021, p. 2-3).

O termo fake news passou a ganhar grande destaque no âmbito político, principalmente em eleições (como as eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016) e, desde então, vem permeando todos os aspectos da vida e da política, mas ainda sendo especialmente utilizado por agentes de poder em busca de satisfazer seus objetivos políticos: deslegitimando jornalistas e meios de comunicação, desacreditando oponentes políticos ou líderes de países estrangeiros, ou com a finalidade de justificar decisões políticas graves tomadas por eles (GIUSTI; PIRAS, 2021, p. 3-5).

Ainda, tem-se como dois grandes fenômenos que auxiliam no aumento da escala e escopo de informações manipuladas, os filtros-bolha - que garantem que o usuário só terá acesso à informações que coadunam com as suas opiniões e crenças -, e a utilização de contas automatizadas (bots) em redes sociais, controladas totalmente ou em parte por algoritmos computacionais, que vem

ARTIGO: A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

sendo usadas para ampliar narrativas ou esconder a dissidência política, sendo grandes disseminadores de informações falsas (CALDARELLI et al, 2021, p. 157).

A expansão do uso dessas técnicas de manipulação informacional e a ascensão da modulação algorítmica, a qual cria os filtros-bolha - bem como a consequente solidificação das sociedades de controle por meio da modulação psíquica dos cidadãos - dá origem à expressão “política da pós-verdade”, a qual indica uma fase em que os indivíduos se mostram mais propensos a aceitar argumentos que se coadunam com suas crenças, do que aqueles baseados em fatos e, assim, decisões importantes são tomadas com base no emocional e em impulsos ideológicos, sem a construção de um pensamento crítico e uma análise dos fatos. É a era em que tudo é “questão de opinião”, enfraquecendo a relevância do pensamento racional (GIUSTI; PIRAS, 2021, p. 5).

Nesse contexto, abre-se espaço para a proliferação e normalização do negacionismo, fenômeno sociopolítico de negação de evidências, conhecimentos, teorias e fatos em relação à ciência e à história, com finalidades políticas e econômicas. O negacionismo, assim, pode ser definido como o emprego de retóricas que possuem a aparência de legitimidade, mas não têm nenhuma, e tem por intuito negar uma proposição que possui um consenso científico. Esse fenômeno pode ser imposto pelo poder estatal ou ter origem na própria sociedade, a qual se vê abalada pelos avanços na ciência e nos costumes, com o objetivo de defender os padrões e costumes religiosos e/ou socioculturais arraigados. Assim, o uso do negacionismo por agentes de poder pretende, por meio das técnicas de manipulação da informação, modular opiniões com a finalidade de fazer com que fatos desfavoráveis ao poder, aos interesses econômicos e políticos daqueles que estão no poder, sejam ignorados, bem como instituições democráticas que representam um empecilho nas agendas políticas desses agentes (DIETHELM; MCKEE, 2009; TELLES, 2021).

Advindo de figuras públicas, que detêm poder e autoridade, como chefes de Estado, o escopo de influência desses discursos negacionistas é muito maior, causando danos maiores à sociedade. Um grande exemplo desse fenômeno é a negação da existência das mudanças climáticas e do aquecimento global, que são fatos com evidências científicas, pelo ex-presidente dos EUA, Donald Trump. Ao negar fatos científicos, o presidente faz

com que a questão passe a ser questionada e cria uma versão alterada da realidade, a qual torna-se a “verdade oficial” para cidadãos que defendem os mesmos ideais do presidente (MERENDA, 2021, p. 24).

O negacionismo foi utilizado também pelo atual presidente brasileiro tanto em relação às crises ambientais e mudanças climáticas, quanto no contexto da pandemia do Covid-19. Em relação às políticas ambientais e climáticas, Bolsonaro sempre defendeu que essas eram parte de uma guerra ideológica entre a esquerda e a direita e entre outros países e a soberania do Brasil. Ainda, durante a pandemia, o presidente já teve 33 (trinta e três) vídeos retirados do YouTube por fake news sobre a Covid-19 (CYPRESTE, 2021). Durante esse período, Bolsonaro utilizou-se da divulgação de informações falsas, errôneas, vagas e de verdades retiradas de contexto, em relação: à gravidade da doença causada pela infecção do coronavírus; à promoção de pseudociência e tratamentos precoces sem evidências científicas; à negação de eficácia de medidas de combate à pandemia, como o uso de máscaras, o distanciamento social e a vacinação; e à origem do vírus que, segundo o presidente, foi propositadamente criado pela China com a finalidade de iniciar uma guerra biológica; tudo isso com o intuito de priorizar aspectos econômicos sem ser por isso responsabilizado (BASTOS et al, 2021, p. 1251-1253; 1260-1262).

Assim, pode-se dizer que o negacionismo é em si tanto uma técnica de manipulação da informação, quanto um produto dessa, e que tem por intuito a modulação psíquica própria da sociedade de controle descrita por Deleuze, tendo em vista que se utiliza da junção de variadas técnicas de manipulação da informação - e se beneficia da modulação algorítmica e dos filtros-bolha - em defesa de interesses políticos e econômicos.

A negação de fatos, a dissimulação da verdade e a disseminação de informações falsas ou errôneas são instrumentos de poder da sociedade de controle informacional. Essas técnicas de manipulação da informação, como mecanismos de influência, servem para manter um estado de ignorância da população, modulando as mentes e exercendo, assim, o controle social, um controle autoritário dissimulado dentro de uma sociedade que deveria ser democrática. Assim, nas palavras de Federica Merenda (2021, p. 27):

When factual truth is put into question,

ARTIGO: A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

denied and substituted by deliberate lies, we may start to have reasons to worry about the ability of democratic guarantees to prevent any political discourse paving the way for an exercise of power that reminds us more of political dominion than of democratic power . 5

5 “Quando a verdade factual é posta em questão, negada e substituída por mentiras deliberadas, podemos começar a ter razões para nos preocuparmos com a capacidade das garantias democráticas de impedir qualquer discurso político que prepare o caminho para um exercício de poder que nos lembre mais do domínio político do que do poder democrático.” (tradução livre).

Questiona-se, portanto, se há a possibilidade de manutenção de uma sociedade verdadeiramente democrática sob o exercício de um controle social por meio da manipulação da informação e da consequente modulação psíquica, especialmente frente à grande capacidade das redes sociais e de seus algoritmos de disseminarem informações e influenciarem pensamentos e comportamentos por meio da manutenção de indivíduos dentro de filtros-bolha.

4. OS RISCOS DA MODULAÇÃO E MANIPULAÇÃO INFORMACIONAL PARA A DEMOCRACIA

A ideia de democracia, embora seja um processo dinâmico, sempre esteve ligada à participação popular em decisões públicas relevantes, seja direta ou indiretamente. Nesse sentido, de acordo com Canotilho, a garantia dos direitos fundamentais se faz necessária para a realização do princípio democrático, uma vez que o exercício democrático do poder implica na: a) contribuição de todos os cidadãos para seu exercício; b) participação livre dos cidadãos assente em garantias de liberdade constitucionais (liberdade de associação, formação de partidos, liberdade de manifestação de pensamento, liberdade de consciência e crença, liberdade de expressão de atividade intelectual, artística, científica e de comunicação); c) criação de direitos sociais, econômicos e culturais constitutivos de uma democracia econômica, social e cultural (CANOTILHO, 2003, p. 290).

Assim, ao pressupor a participação igualitária de todos os cidadãos, o princípio democrático está estreitamente relacionado com os direitos fundamentais de participação e associação, bem como com os demais direitos subjetivos de liberdade, tendo em vista que esses criam um espaço pessoal de formação da vontade livre e da opinião pública, necessárias para a participação e

associação políticas. Por fim, os direitos subjetivos sociais, econômicos e culturais são dimensões impositivas ao Estado, necessárias para que o cidadão possa viver com dignidade e exercer plenamente suas liberdades (CANOTILHO, 2003, p. 291).

A essencialidade da informação para as sociedades democráticas é evidenciada, assim, na medida em que é não só um direito e uma liberdade importantes para a formação de opinião e a participação política, como é também um instrumento para o acesso a muitos outros direitos humanos e fundamentais, como é o caso dos direitos à vida e à saúde no contexto pandêmico (MARTINS, 2011, p. 233-235). O direito à informação é tanto uma liberdade que exige uma ausência de constrangimento na transmissão e comunicação da informação, bem como um direito de ter a seu dispor os meios para informar; quanto uma garantia de que o indivíduo possa buscar livremente a informação e de que deve ser adequadamente e verdadeiramente informado pelos meios de comunicação e poderes públicos. Assim, é somente por meio da garantia desse direito, por meio do acesso a informações sérias, seguras, imparciais, que os cidadãos podem exercer a autodeterminação e a formação da vontade livre, bem como participar autônoma e plenamente do regime democrático. A garantia do direito fundamental à informação, portanto, promove a dignidade da pessoa humana e o exercício efetivo da cidadania (FERRARI; SIQUEIRA, 2016, p. 134-137).

Para além disso, o direito à informação, como antes mencionado, pode estar diretamente relacionado a outros direitos fundamentais. No caso da pandemia da Covid-19, evidencia-se a relação deste com os direitos à vida e à saúde, uma vez que sem a informação adequada e verdadeira, os cidadãos colocam-se em risco ao buscar por soluções ineficientes ou prejudiciais à saúde, mas que por terem sido divulgadas como verdadeiras pelo próprio presidente do país passam uma falsa sensação de segurança e confiança (BATISTA, 2020, p. 4). De acordo com estudo realizado por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), o aumento das mortes por Covid-19 durante o ano de 2020 pode ser resultado da conduta negacionista do Presidente Bolsonaro em face da pandemia (BASTOS et al, 2021, p. 1262)

Diante disso, as técnicas de manipulação da informação representam um risco significativo para os processos democráticos, já que, tendo

ARTIGO: A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

acesso apenas a informações manipuladas, errôneas, falsas, vagas, os cidadãos ficam à mercê daqueles que possuem o poder e o controle sobre essa informação. Ainda, em determinados contextos, como o aqui exposto, essas técnicas podem representar riscos a outros direitos humanos e fundamentais, como a própria vida de toda uma população. Assim, o negacionismo e as demais técnicas de manipulação da informação, apelando para o sistema inconsciente de crenças e emoções dos cidadãos, enfraquece o pensamento crítico e os debates públicos atuais com o objetivo de manipular os indivíduos e minar qualquer potencial para ação coletiva e participação política do cidadão, enquanto, simultaneamente, pode estar diretamente relacionado com a morte de milhões (LOVELESS, 2021, p. 65).

Atualmente, qualquer tipo de informação pode ser obtida por meio da internet e é principalmente por meio das redes sociais que a maioria dos cidadãos busca se inteirar das notícias e obter conhecimentos gerais. De acordo com Frank Pasquale (2017, p. 17-21), as redes sociais são parte do que ele chama de “esfera pública automatizada”, uma esfera pública operada por algoritmos que modulam os conteúdos que cada usuário terá acesso, por meio da filtragem de expressões, informações e opiniões. Esse processo de personalização dos conteúdos de acordo com o perfil de cada usuário cria os denominados filtros-bolha, anteriormente mencionados, os quais garantem que um indivíduo tenha acesso apenas àquilo em que acredita e concorda, minando as chances de contato com opiniões e informações contrárias ao seu leque de crenças, essenciais para a formação de um pensamento crítico (DA SILVEIRA, 2019, p. 57-58).

Desse modo, a manipulação da informação se agrava, na medida em que os filtros-bolha, por si só, já são responsáveis pela modulação das opiniões e mentes dos usuários das redes por operarem de forma que o indivíduo não tenha controle sobre quais conteúdos e informações tem acesso, violando assim o direito à informação, especialmente em sua dimensão de liberdade negativa de buscar informações. Isso resulta em um controle sobre o debate público e sobre a formação da opinião política dos usuários da rede (DASILVEIRA, 2019, p. 57-58)

Ainda, tem-se que informações falsas e manipuladas são distribuídas significativamente mais rápido e para mais pessoas do que

informações verdadeiras, porque os próprios indivíduos são mais propensos a compartilhar as informações falsas, segundo estudo realizado por pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology (MIT) (VOSOUGH; ROY; ARAL, 2018, p. 1146). Assim, esses filtros-bolha podem operar, também, de forma a facilitar a disseminação de informações manipuladas nas redes, já que indivíduos que demonstraram de alguma forma concordar ou gostar desse tipo de informação, continuarão recebendo-as.

Nas palavras de Sérgio Amadeu da Silveira (2019, p. 60):

A mediação e o controle algorítmico de quem deve ou não visualizar determinadas mensagens nas redes sociais online, bem como o ordenamento dos resultados de busca apresentados sem que as pessoas possam saber ou escolher os critérios de posicionamento do que procuram, podem interferir de modo negativo nas condições de disputa entre as forças políticas numa democracia. Atuando num largo período de tempo, os algoritmos podem criar assimetrias invisíveis e desequilíbrios performativos completamente antidemocráticos.

Desse modo, as técnicas de manipulação da informação, combinadas com a modulação algorítmica que ocorre nas redes sociais, solidificam a sociedade de controle, formando um terreno fértil para o enfraquecimento da formação da vontade e da opinião pública, do exercício do direito à autodeterminação dos indivíduos e do exercício da cidadania, causando, assim, o adoecimento da democracia e a grave violação de direitos humanos e fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observa-se das discussões realizadas no presente artigo, o cenário de pandemia acelerou a solidificação da sociedade de controle, onde as redes sociais e ferramentas de busca são chaves centrais que viabilizaram a expansão da prática de manipulação da informação e intensificação do negacionismo, sendo esse tanto uma das técnicas de manipulação, quanto um produto dessas.

A prática de negacionismo por figuras públicas de grande visibilidade, especialmente pelo Presidente Bolsonaro, no contexto brasileiro - mesmo que muitas vezes foi freada por ação dos

ARTIGO: A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

provedores ou intervenções promovidas por outros poderes - causou sérias implicações não só para a autodeterminação informacional, como também para outros direitos humanos e fundamentais, entre eles os direitos à vida e à saúde.

Quando verdades factuais são postas em questionamento, negadas ou substituídas por meias-verdades, surge a preocupação a respeito de como os direitos e garantias fundamentais, pilares da democracia, poderiam prevenir seu desmoronamento, dando lugar a um poder totalitário. Há uma erosão na sociedade democrática como um todo, um cenário social de incerteza e ao mesmo tempo de radicalização política resultantes de uma cacofonia ideológica promovida nas bolhas digitais.

Bibliografia

BARLOW, John Perry. A Declaration of the Independence of Cyberspace. Electronic Frontier Foundation. 1996. Disponível em: <https://www.eff.org/pt-br/cyberspace-independence> Acesso em: 07 nov. 2021.

BASTOS, Francisco Inácio; FONSECA, Elize Massard da; LAZARO, Lira Luz Benites; NATTRASS, Nicolas. Political discourse, denialism and leadership failure in Brazil's response to Covid-19. In: Global Public Health, v. 16, n. 8-9, p. 1251-1266, jun. 2021.

BATISTA, Jandrê Corrêa. O acesso à (des)informação no Brasil no contexto de pandemia: o posicionamento oficial anti-ciência e as suas consequentes violações aos direitos humanos fundamentais. In: Revista UFG, v. 20, p. 1-26, 2020.

BEZEMEK, Christoph. The 'filter bubble' and human rights. In: PETKOVA, Bilyana; OJANEN, Tuomas. Fundamental Rights protection online: the future regulation of intermediaries. Cheltenham/Northampton: Edward Elgar, 2020. p. 16-26.

CALDARELLI, Guido; DE NICOLA, Rocco; PETROCCHI, Marinella; SARACCO, Fabio. Information spreading and the role of automated accounts on twitter: two case studies. In: GIUSTI, Serena; PIRAS, Elisa (eds). Democracy and Fake News: Information manipulation and post-truth

Diante desse cenário, é mais que fundamental uma atuação multifacetada envolvendo poder público, privado e sociedade civil. Garantir uma base educacional emancipatória que possa proporcionar instrumentos conceituais capazes de viabilizar no sujeito social o pensamento crítico e o exercício de um debate verdadeiro entre diferentes opiniões políticas; atuação efetiva das plataformas no combate à disseminação de desinformação; eficaz democratização do alcance da informação de qualidade e efetivas punições quando direitos e garantias forem violados para que só então a democracia possa realmente operar em sua plenitude.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

politics. London/New York: Routledge, 2021. p. 157-172.

CANOTILHO, J.J Gomes. Direito Constitucional e Teoria da Constituição. 7ª ed. Coimbra: Almedina, 2003.

COLOMÉ, Jordi Pérez. O Facebook conhece tanto os seus gostos que pode mostrar um anúncio só para você. El País, 20 out. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-20/o-facebook-conhece-tanto-os-seus-gostos-que-po-de-mostrar-um-anuncio-so-para-voce.html?outputType=amp&utm_medium=Social&utm_source=Twitter&ssm=TW_BR_CM&twitter_impression=true Acesso em: 12 nov. 2021.

CYPRESTE, Judite. YouTube já deletou 33 vídeos de Bolsonaro por fake news sobre Covid. Metrôpoles, 31 out. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/youtube-ja-deletou-33-videos-de-bolsonaro-por-fake-news-sobre-covid>. Acesso em: 11 nov. 2021.

DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. São Paulo: Edições Sesc SP, 2019. Edição do Kindle.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DESJARDINS, Jeff. How much data is generated each day? World Economic Forum. 17 abr. 2019.

ARTIGO: A sociedade de controle e o negacionismo como técnica e produto da manipulação de informação: riscos para uma sociedade democrática

Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2019/04/how-much-data-is-generated-each-day-cf4bddf29f/> acesso em: 15 nov. 2021.

DIETHELM, Pascal; MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond? In: *European Journal of Public Health*, v. 19, n. 1, p. 2-4, jan. 2009.

FERRARI, Caroline Clariano; SIQUEIRA, Dirceu Pereira. O direito à informação como direito fundamental ao estado democrático. In: *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)*, v. 4, n. 2, p. 124-153, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Editora wmfmartinsfontes, 2019.

GIUSTI, Serena; PIRAS, Elisa (eds). *Democracy and Fake News: Information manipulation and post-truth politics*. London/New York: Routledge, 2021.

HAN, Byung-Chul. *No Enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Áyiné, 2018.

LOVELESS, Matthew. Information and democracy: fake news as an emotional weapon. In: GIUSTI, Serena; PIRAS, Elisa (eds). *Democracy and Fake News: Information manipulation and post-truth politics*. London/New York: Routledge, 2021. p. 64-76.

MERENDA, Federica. Reading Arendt to rethink truth, science, and politics in the era of fake news. In: GIUSTI, Serena; PIRAS, Elisa (eds). *Democracy and Fake News: Information manipulation and post-truth politics*. London/New York: Routledge, 2021. p. 19-29.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; SCHULZ, Anne;

ANDI, Simge; KLEIS, Nielsen. *Reuters Institute Digital News Report 2020*. Oxford. 2020. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf acesso em: 10/11/2021

PARISER, Eli. *The Filter Bubble: how the personalized web is changing what we read and how we think*. New York: Penguin Books, 2012.

PASQUALE, Frank. A esfera pública automatizada. In: *Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero*, ano XX, n. 39, tradução de Marcelo Santos e Victor Varcelly, p. 16-35, jan./ago. 2017.

SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org.). *A Sociedade de Controle: manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Editora Hedra, 2018.

TELLES, Sergio. Aspectos do negacionismo no mal-estar de hoje. In: *Psychiatry on-line Brazil*, v. 26, n. 6, jun. 2021. Disponível em: <https://www.polbr.med.br/2021/06/01/aspectos-do-negacionismo-no-mal-estar-de-hoje/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. In: *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 9 mar. 2018.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. New York: PublicAffairs, 2019.

1 Mestranda em Direito pela PUCPR. Bacharel em Direito pela PUCPR. E-mail: giovanabatistvieira@hotmail.com.

2 Pós-graduando em Direitos Humanos e Questão Social pela PUCPR. Bacharel em Direito pela PUCPR. E-mail: leoadresch@gmail.com.

Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário

RESUMO: o ensaio discute a relação que há entre a teoria e a prática da violência colonial, problematizando os efeitos do sistema de monocultura na conjuntura dos negacionismos. A partir da cosmogonia anticolonial guarani, o texto busca apresentar pistas para o reflorestamento das relações do humano entre si e com os demais seres.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo. Monoculturas. Perspectivas indígenas.

Thought monocultures and the importance of reforestation of the imagination

ABSTRACT: This essay discusses the relationship between the theory and practice of colonial violence, problematizing the effects of the monoculture system in the context of negationism. Based on the Guarani anticolonial cosmogony, the text seeks to present clues for the reforestation of human relationships with each other and with other beings.

Keywords: Christianity. Monocultures. Indigenous peoples perspectives.

Geni Núñez¹

A violência colonial tem atingido múltiplas esferas da vida, desde a exploração das terras, matança dos rios, extinção de múltiplas espécies até à exploração do território-corpo que somos. Há nessas relações agrotóxicas uma interconexão e interdependência. Da mesma forma que essas violências incidem sobre nós de maneira conjunta, o enfrentamento a elas também deve acompanhar a complexidade que essa tarefa nos traz.

Se como nos ensina Fanon (1968), o mundo colonial é um mundo de compartimentos (natureza ou cultura, humano ou animal, mente ou corpo, selvagem ou civilizado etc.), uma das dificuldades que temos é o binarismo por vezes posto nas noções de teoria e prática. Aqui vale ressaltar que a prática da violência ecocida, etnocida, racista e misógina não é apenas o desvio ou desobediência de uma teoria de mundo que seria ética, mas uma continuidade com o que essa própria ideologia colonial orienta.

Quando comento de ideologia colonial, estou falando do que tenho chamado de sistema de monoculturas, organizado em alguns eixos como a monocultura da fé (no monoteísmo cristão), a monocultura dos afetos (na monogamia), a monocultura da sexualidade (no monossexismo) e a monocultura da terra, cuja imposição do Um antagoniza com o princípio da floresta, necessariamente múltiplo (NÚÑEZ, 2021).

É através da compreensão desse sistema de pensamento que podemos reconhecer os efeitos de suas práticas violentas. Nessas monoculturas um dos eixos centrais é o pressuposto da não concomitância: só um deus seria verdadeiro, só um amor seria legítimo, apenas uma sexualidade a ser escolhida, apenas um plantio na terra e assim por diante. Esse modo unívoco de existir só consegue se positivar na negatificação de outros seres, operando através de uma lógica parasitária. Nela, humano seria a negação do animal, civilizado a negação do selvagem, além de não haver concomitâncias: nunca azul e rosa, masculino e feminino, humano e animal ao mesmo tempo.

No monoteísmo cristão, essa ideologia orientou todo o projeto catequizador, afinal, foi justamente por não reconhecerem outros deuses e espiritualidades como legítimos que o projeto de conversão encontrou sua motivação de nos salvar. Sabemos que os jesuítas não vieram para cá para serem salvos por nós indígenas, mas para nos salvar. Salvar de quê? Daquilo que inventam como pecado e por consequência, do sujeito que se

efetiva a partir dessa noção, o pecador. Por aí percebemos que o projeto de catequização foi em si mesmo um gesto de racismo religioso que persiste até os dias contemporâneos, visto que a noção de que apenas um deus seria verdadeiro coincide com o ataque, a perseguição e a violência contra aqueles deuses que seriam os falsos.

Em nossas cosmogonias indígenas nunca tivemos essa motivação de impor ao mundo toda nossa perspectiva como se fosse a única possível, nunca buscamos "converter" o planeta todo ao nosso deus. Essa ideologia de um monocultivo do pensamento implica em uma certa agenda de ação no mundo, orienta um certo modo de se vincular com os demais seres.

Para compreender melhor as raízes desse pensamento no cristianismo, Nietzsche (2009) relembra a influência do platonismo nessas lógicas. Segundo ele, o cristianismo empresta do platonismo a ideia de dois mundos, um real e outro ideal, a ideia do corpo como oposição do espírito, a noção de uma vida imperfeita (terrena) e uma vida perfeita (celeste). O corpo, nessa perspectiva, tornase algo a ser combatido, um território inimigo da alma. Este tipo de pensamento tem como um de seus efeitos uma precarização da qualidade da vida psicossocial, na medida em que toda a experiência é sempre tida como aquém daquela maior que um dia chegará. Um dos efeitos dessa ideologia é o que Nego Bispo (2018) chama de "desenvolvimento" com o próprio corpo, com a própria terra.

O desenvolvimento, aqui compreendido desde a potência do seu prefixo, diz desse afastamento consigo mesmo e com os demais seres no qual esse sujeito da epistemologia cristã é construído. Se essa vida é imperfeita, se o mundo foi criado por e para Adão (que a tudo nomeia), se o humano foi feito à imagem e semelhança de Deus e não a capivara, o rio, as joaninhas, então esses seres importariam menos ou nada em relação à centralidade do humano. Não à toa a hipótese heliocêntrica foi tida como herege, visto que desafiava a centralidade do humano e do planeta Terra, descolando-os do lugar de um protagonismo terraplanista.

Quando os colonizadores chegaram aqui, eles fizeram aquela pergunta aos nossos ancestrais: "têm alma ou não?". Essa pergunta buscava verificar se nós éramos humanos ou se éramos bichos e apenas os primeiros poderiam ser catequizados, civilizados, tornados gente. Para

nós guarani, essa pergunta não tem essa resposta (PERALTA, 2017). Sim, nós temos alma, mas o rio também, o milho também tem alma, todos os seres têm espírito e é por entender que eles são nossos parentes que os respeitamos. Não é porque nós indígenas temos uma especial sensibilidade inata com os demais seres, é que nossas histórias, nossas cosmogonias não são da monocultura do pensamento. Como diz o parente Alexandre Acosta:

essa terra que pisamos é nosso irmão, (...) a terra também é um guarani. É uma pessoa, tem alma. Essa terra aqui é nosso Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - ensaios | ano 8, no. 21, 2021 parente, mas uma pessoa acima de nós. (...) por isso, quando os parentes morrem, a carne e o corpo se misturam com a terra. Por isso que temos que respeitar a terra e esse mundo em que a gente vive (ACOSTA, 2009, p. 25).

Para desconstruir o negacionismo não basta atuar na dimensão da informação, apenas, mas na própria barreira emocional que a ideologia colonial engendra. Em nossas perspectivas, não é através do desenvolvimento, mas sim do envolvimento com o corpo, com a terra, que tecemos caminhos de convivência saudáveis (BISPO, 2018).

O negacionismo é uma forma de tentar dar um sentido ético às violências, um meio de criar uma conciliação emocional consigo e com o mundo. Se observamos, por exemplo, em violências como misoginia e racismo, percebemos que raramente alguém racista ou machista irá se autodenominar dessa forma. O que costuma acontecer é justamente uma negação e ela se dá através da desqualificação das vítimas e um apelo moral ao agressor, como se "ser uma boa pessoa" fosse um impeditivo direto de cometer violências. O que fica obliterado nesse caminho é que a maior parte das opressões acontecem não em nome do mal e do ódio, mas em nome do amor, do bem, da moral. Combater a força de movimentos negacionistas nos convoca a redirecionarmos nossos esforços não apenas aos discursos e práticas de ódio, mas sobretudo às narrativas de amor, pois é exatamente em nome desse que as violências decorrem. Em nome do bem a conversão cristã se fez e se faz, em nome da "cura gay" que as lgbtfobias se organizam, em nome do bem e do protagonismo do humano contra os demais seres que se autorizam as explorações e chacinas aos seres ditos sem alma.

Ao mesmo tempo, o combate ao negacionismo talvez não deva passar pela busca da verdade absoluta, mas valer-se de outros critérios. Se temos diversas narrativas de mundo, para além da simplificação verdade ou mentira, que outras perguntas podemos nos fazer? E se em vez do critério da verdade suprema nos inspiramos em pistas como: essa narrativa de mundo promove saúde? Essa cosmogonia inspira coletividade e partilha ou mérito e superioridade?

No negacionismo ambiental, articulado com a ideologia cristã e capitalista, a ideia de ordem e progresso considera um "final feliz" em uma vida futura, a celeste. Essa vida é percebida como mera passagem, como objeto e mercadoria. Se as sociedades não indígenas não se guiassem por esse marco temporal, que outros cuidados teriam com a terra? Se a vissem como sua parente, como parte de si mesmos? Se seus deuses não morassem no andar de cima, mas conosco, no vento, nos rios, nas águas, como seriam os cultos sem o sobrenatural?

Enquanto não combatermos a monocultura do pensamento não será possível reflorestar nossa existência.

Concluo com um poema de minha autoria, abaixo, no qual falo de outras formas sobre a discussão apresentada nesse texto. Enquanto escrevo, agradeço ao ar, ao vento, à água e ao alimento que corporificou essa cria e tornou minha/nossa vida possível.

Vestida estou de minha alegria

Tenho em mim todas as idades do mundo

Se a maior parte do meu corpo é água, também sou rio

Se só existo, se respiro, também sou vento

Os trilhões de microorganismos que convivem em mim, em nós, não me deixam reivindicar a autoria individual do ser que somos

Com quantos milhões de seres se faz nosso sorriso, lágrimas, gozo?

A cada vez que vejo o pôr do sol, a chuva, festejo a lembrança de saber que também sou (parte do) sol, da chuva, da terra.

Toda vez que machucamos a terra é uma

autodestruição

Alguns não indígenas dizem não se preocupar com o "meio ambiente" porque sua vida humana é limitada a uma certa idade e nem estarão aqui quando as coisas piorarem ainda mais.

Ainda que não se pense nas gerações seguintes de humanos, há que se lembrar que nosso corpo vai se transformar em terra, bichinhos, planta, o ciclo da vida não tem começo, meio e fim, é espiralar.

Eu aspiro que se em outro momento da minha corporalidade eu for peixe, que eu possa nadar fora de um aquário, que eu possa viver num rio-universo com milhões de outros parentes, sem estar em cativeiro, sem viver no veneno.

Se eu for planta, bicho, não vou querer que minha potência de vida seja esmagada pelo agrotóxico.

Se for nuvem no céu, meu desejo é que possa chover água potável.

Bibliografia

ACOSTA, A. In. "Mano'i Rapé = caminho da sabedoria", 2009, org FREIRE, J., ed. Local.

FANON, F. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. 3 ed. São Paulo: Editora Escala, 2009.

NÚÑEZ, G. Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena. Revista Teoria & Cultura, Rio de Janeiro, Edição especial, 2021, p. 65-73.

PERALTA, A. Agroecologia Kaiowá: tecnologia espiritual e bem viver, uma contribuição dos povos indígenas para a educação. Revista Movimentação: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal

Que em nenhuma das minhas/nossas versões impere a monocultura colonial.

Em todas as versões que eu fui, sou e serei, permaneço indígena, originária e nativa dessa terra.

Reconstruo minha autoestima amando meus parentes: "puxou a cara do rio, é o mar escrito, é igualzinha uma árvore".

Isso que quero ouvir e lembrar, com lágrimas nos olhos, as mesmas que orvalham as folhas, recupero e retomo meu direito de estar aqui,

com-vivendo e me (des)envolvendo nos fios que fazem nosso planeta-casa continuar circulando, sendo mais um entre muitos, pequeno e imenso ao mesmo tempo.

Abraço o que sou e sigo, sorrindo com os trilhões que me habitam.

Em toda forma e cor que fui sou e serei, sou apenas parte e ser parte é infinito ²

da Grande Dourados, 2017. P. 1-19.

SANTOS, A. B. Somos da terra. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12, p. 44 - 51, 2018.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Graduada em Psicologia (UFSC), mestre em Psicologia Social (UFSC) e doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Membro da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos/as (ABIPSI) e co-assistente da Comissão Guarani Yvyrupa. Email: geninunez@gmail.com

2 Poema declamado na Web Série Leia Mulheres Indígenas, do SESC IPIRANGA: https://www.youtube.com/watch?v=79sC_C8-pQs&t=6s

História ambiental: por mais vidas na história

RESUMO: A história ambiental vem colocando em pauta a tradicional concepção de história fundamentada apenas no estudo dos processos humanos no tempo, como se estes fossem descolados dos processos biofísicos que constituem o mundo tal como o conhecemos. Eventos recentes, como a pandemia suscitada pelo novo coronavírus e a emergência das mudanças climáticas, vêm corroborando a necessidade de uma revisão das teorias da história pautadas no excepcionalismo humano. Este ensaio pretende incitar reflexões sobre estas questões, buscando construir, por meio de experiências históricas concretas, outra forma de se pensar as relações entre as ciências da natureza e as ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: História ambiental. Cultura e natureza. Teoria da história.

Environmental history: for more lives in history

ABSTRACT: Environmental history has questioned the traditional conception of history based only on the study of human processes in time, as if these were detached from the biophysical processes that constitute the world as we know it. Recent events, such as the pandemic caused by the new coronavirus and the emergence of climate change, have corroborated the need for a revision of the theories of history based on human exceptionalism. This essay intends to encourage reflection on these issues, seeking to construct, through concrete historical experiences, another way of thinking about the relationships between the natural sciences and the human sciences.

KEYWORDS: Environmental history. Culture and nature. History theory.

Carolina Marotta Capanema ¹

A história é tradicionalmente definida como a ciência dos homens no tempo, tal qual propôs o historiador francês Marc Bloch (2001) em seu livro "Apologia da História", uma clássica referência teórica desta área do conhecimento. A referida definição vem passando, contudo, por uma profunda revisão por parte de historiadoras e historiadores que têm como campo de estudos a história ambiental. Área de pesquisa que considera o mundo biofísico como parte constitutiva das dinâmicas histórico-sociais e não apenas como um palco ou cenário em que se desenvolvem os acontecimentos. Afinal, nem só de "homens" (ainda que estendamos o significado do termo à humanidade e não apenas ao gênero masculino) constitui-se a história.

A história se constrói, antes de tudo, nas relações. Nas relações de humanos entre si e entre a humanidade e outras espécies; entre o mundo biofísico (que nos inclui) e o mundo abiótico. A tradicional concepção de história fundamenta-se em uma separação dicotômica entre cultura e natureza - herdada da tradição judaico-cristã e reforçada pelo pensamento cartesiano - que vem sendo enfaticamente questionada nas últimas décadas por cientistas das ciências humanas e das ciências da natureza.

Plantas, animais, rochas, agentes atmosféricos e muitas outras vidas e componentes são nossos parceiros na política de habitar e transformar o mundo, como alerta a antropóloga norte-americana Anna Tsing (2019). E a história está repleta de casos que corroboram tal afirmação. Um exemplo emblemático é o resultado do contato entre europeus e ameríndios na época moderna, quando o trânsito entre o continente europeu e americano causou a dispersão de espécies entre Europa e América alterando definitivamente a biota dos dois territórios, incluindo as vidas humanas que ali habitavam (CROSBY, 2001).

Há, ainda, exemplos contundentes que mostram como as sociedades e os ambientes nas Américas estiveram imbricados em seus processos de coevolução nos últimos 12.000 anos, muito antes do contato com os europeus. Refiro-me à formação das chamadas "terras pretas de índio" da Amazônia, também conhecidas como "terras pretas arqueológicas" ou simplesmente "terras pretas". Estudos arqueológicos, como do antropólogo estadunidense William Baleé (2009), indicam que há manchas de solo de cor preta em regiões da Amazônia que foram

formadas pela decomposição de material orgânico e fragmentos de cerâmica utilizados pelos indígenas no passado. Esta interação formou um tipo de solo que apresenta grande fertilidade em lugares que foram intensamente ocupados por séculos e muitas vezes estão hoje recobertos por florestas, geralmente consideradas áreas intocadas.

Em seu artigo "O clima da história: quatro teses", o historiador indiano Dipesh Chakrabarty (2013, p.5), enfatiza outro fator importante para a readequação a uma abordagem menos dicotômica entre os estudos em ciências humanas e naturais: o aquecimento global. Para ele, "as explicações antropogênicas da mudança climática acarretam o fim da velha distinção humanista entre história natural e história humana", pois abala os paradigmas estabelecidos da teoria da história ocidental, que parte do princípio de que humanos são sujeitos e natureza é objeto que não atua nos processos históricos. A atual crise climática coloca em risco a nossa própria existência como espécie e a continuidade da história humana. Outro exemplo fatídico de que a história não é construída por ações estritamente humanas é a emergência da pandemia causada pelo novo coronavírus, cuja principal hipótese de origem tem sido atribuída à passagem do vírus de animais para os seres humanos. Este agente microbiológico vem alterando nossas formas de estar no mundo e, portanto, a nossa história.

A história ambiental, campo da história que nasceu no início da década de 1970, vem contribuindo para a construção de um conhecimento menos dualista das relações entre cultura e natureza, como salienta o historiador José Augusto Pádua (2010). Esta perspectiva de análise sustenta que há uma determinação recíproca, dinâmica e complexa entre o que se convencionou classificar como "sociocultural" e "biofísico". A separação cultura/natureza é uma abstração conceitual, pois somos seres biológicos que co-participam dos processos que convencionamos chamar de "naturais". Bruno Latour (2020) é categórico ao afirmar que a natureza não existe como um domínio, mas apenas como a metade de um par (cultura/natureza) tradicionalmente definido por um conceito único.

Como disse outro respeitado estudioso da área da história ambiental, Donald Worster (1991, p.199), este campo da história "rejeita a

premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, e de que somos uma espécie distinta “super natural”. Os fenômenos humanos e não humanos se interconectam e são intrinsecamente interdependentes, como em um sistema de redes ou fluxos que se ligam. É preciso permitir a entrada da história de não humanos na história, como disse a antropóloga Anna Tsing (2019), para não incorremos, inclusive, em erros de interpretação histórica.

Um interessante exemplo, nesse sentido, nos foi legado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda (2006) em seus estudos sobre a agricultura. Em “Raízes do Brasil”, Holanda argumenta que duas causas explicariam a persistência de certos métodos de lavoura nas colônias alemãs do sul do Brasil nos séculos XIX e XX. A primeira diz respeito à formação geológica da região, pois, situadas ao longo da região serrana, as plantações ocupavam as encostas dos morros, e isso dificultava o uso do arado. A segunda causa seria originária da própria experiência dos colonos que mostrava que o emprego do arado era muitas vezes contraproducente em certas terras tropicais e subtropicais. Ou seja, a tecnologia utilizada no período não foi determinada por uma escolha arbitrária ou por determinações impostas por agentes humanos, mas por uma adaptação a características ambientais específicas.

Não se trata, no entanto, de reafirmar teorias deterministas biológicas ou geográficas, que sustentam que a natureza ou o ambiente definem os rumos da história e as características humanas, mas sim, compreender que os processos sociais se constroem mutuamente

com os processos biofísicos. Para melhor visualizarmos os entrelaçamentos das vidas humanas e não humanas e de todos os componentes que formam nosso mundo e, conseqüentemente, nossa história, sigamos o argumento do antropólogo norte-americano Tim Ingold (2012), em sua análise sobre a vida das árvores. O título do texto é bastante sugestivo: “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”.

A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? Essas não são questões fáceis de responder - ao menos não tão fáceis como parecem ser no caso dos móveis no meu escritório. A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. Se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galhos balançam e suas folhas farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar [...] a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais (INGOLD, 2012, p.2-3).



Quantas vidas constituem uma árvore? Esta é uma falsa-serigueira (*Ficus elastica*) e nesta foto é possível observar que nela coabitam várias espécies. Se focarmos nesta multiplicidade, ela não pode ser compreendida como uma única vida, mas como um aglomerado de vidas que evoluem simultaneamente. A proposta da história ambiental é também pensar a construção dos processos históricos como processos igualmente complexos que envolvem inúmeras vidas, abarcando aspectos biofísicos e sociais que se constituem mutuamente.

Fotos: Carolina Capanema. Universidade Federal de Viçosa, fev.2021.

Ingold é um dos pensadores das ciências humanas que vêm propondo uma forma alternativa à concepção cultura versus natureza, sujeito versus objeto, cristalizada na cultura ocidental para analisar processos, sejam eles definidos como sociais ou biológicos. Ele nos ajuda a embasar o questionamento das bases antropocêntricas das teorias da história, que colocam homens e mulheres como seres descolados de todos esses fios vitais a que ele se refere, como se estivéssemos apartados do mundo material (e quando não estamos, fôssemos apenas seus controladores) e todos os processos sociais fossem fruto de nossas decisões ou da nossa obediência àqueles que as tomam.

A COVID-19 nos lembra diariamente que esta teoria já não nos serve. Um vírus tem mudado os rumos da história e vem redefinindo, junto de todas as vidas envolvidas nesse novo fluxo vital (incluindo a humana), o nosso presente e o nosso futuro. As teorias e métodos que orientam as análises históricas não deveriam ignorar esta realidade e a antropologia e a história ambiental têm muito a contribuir para isso, bem como outras ciências que vêm questionando as velhas dicotomias entre sujeito/humanos/atores versus

objetos/demais vidas/ambiente.

Estudos recentes, como da neurobiologia vegetal, vêm indicando, por exemplo, que seres que sempre consideramos inertes, como as plantas, são dotados de inteligência e, mesmo não possuindo um sistema nervoso central (como o nosso, caracterizado por um único órgão: o cérebro) apresentam um intrincado sistema que transmite estímulos nervosos por meio dos quais se comunicam e desenvolvem soluções adaptativas. Utilizemos a ironia do biólogo italiano Stefano Mancuso (2019) em “Revolução das plantas”: o homem é um recurso para as plantas. Ou seja, somos dispersores de espécies e esta relação entre “nós” e “elas” modificou as Américas e a Europa no contato entre europeus e os povos que aqui viviam.

Portanto, entre estas histórias e tantas outras, onde começa e termina a nossa história (humana) e a dos outros (não humanos)? Não seríamos todos como as árvores, agregado de fios vitais? Façamos como Ingold propõe: tragamos a história à vida! Ou, fazendo uma alusão à provocação de Bruno Latour em “Diante de Gaia”, animemos a história

ENSAIO: História ambiental: por mais vidas na história

Bibliografia:

BALÉÉ, W. Culturas de distúrbio e diversidade em substratos amazônicos. In: TEIXEIRA, Wenceslau Geraldes et. al. As terras pretas de índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2009.

BLOCH, M. Apologia da história, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CHAKRABARTY, D.O clima da história: quatro teses. Sopro 91, jul/2013.

CROSBY, A. W. Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOLANDA, S.B. de. Raízes do Brasil. Organização Ricardo Benzaquen de Araújo, Lilia Moritz Schwarcz. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, [1936] 2006.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, vol. 18, no. 37, Jan./June 2012.

LATOUR, B. Diante de Gaia: oito conferências sobre o Antropoceno. SP/RJ: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

MANCUSO, S. Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

PÁDUA, J.A. As bases teóricas da história ambiental. Estudos avançados, 24 (68), 2010.

TSING, A.L. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, n.8, p.198- 215, 1991.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Departamento de História, Universidade Federal de Viçosa. E-mail: cmcapanema@gmail.com

Viver é uma impossibilidade coletiva: algumas formas como a pós-verdade sequestra o consenso

RESUMO: O novo ciclo de populismo mundial pode ser diferenciado de seus outros ciclos históricos pelo seu fortalecimento gerado a partir da disseminação de notícias falsas. O conceito de pós-verdade é explorado nesse ensaio como um dos fatores agravantes da tendência política de governantes populistas, que tendem a recorrer à negação deliberada dos fatos para manipular a compreensão da realidade. Agravante da compreensão equivocada das implicações de crises como a do colapso climático, é traçada uma contextualização de fatores socioculturais que historicamente contribuíram e que ainda contribuem para diferentes crises locais e globais.

PALAVRAS-CHAVE: Negacionismo climático. Pós-verdade. Populismo.

Living is a collective impossibility: how post-truth politicians undermine consensus

ABSTRACT: The new global cycle of populism can be distinguished from other historical cycles by its growth through the dissemination of fake news. In this context, the concept of post-truth is explored in this essay as one of the aggravating factors in the political tendency of populist rulers, that is, to resort to a phenomenon known as denialism. Based on this observation, a contextualization of sociocultural factors that has historically contributed and still contributes to different local and global crises, and that affect the understanding of the real implications of crises, such as the climate crisis, is drawn up.

KEYWORDS: Climate denialism. Post-truth. Populism

Chana de Moura ¹

Em 2016, quando as notícias falsas dominavam os processos eleitorais nos Estados Unidos e o fenômeno das fake news se alastrava pelo mundo, "pós-verdade" foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Segundo o dicionário britânico, o verbete significa "relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal". Na era das pós-verdade intensifica-se cada vez mais uma das crises fundamentais no tecido social atual: a crise da confiança. As consequências dessa crise de confiança embaralham as fronteiras entre fatos e mentiras, e fomentam um solo fértil para a proliferação do negacionismo, como a exemplo do negacionismo climático. A crise ecológica global exige medidas universais, entretanto, em função das estruturas políticas mundiais vigentes, parece ser impossível a criação de um plano verdadeiramente unificador entre nações, necessário para tratar de assuntos planetários. Por falta de acordos eficazes entre nações, medidas de combate ao colapso climático acabam servindo, frequentemente, como meros paliativos. Além disso, múltiplos eventos relacionados às mudanças climáticas são retratados, inclusive por líderes políticos mundiais, como desconectados entre si, reversíveis ou mesmo irrealis. Alegações como essas são geralmente convenientes para as alianças entre governos e corporações, que frequentemente se beneficiam com a disseminação da desinformação. Sendo veiculadas diariamente em meios de comunicação, e especialmente nas redes sociais, notícias sem bases científicas tendem a auxiliar a piorar ou apenas a manter o estado das coisas como são.

A constante global é de que, em algum momento, todos os cidadãos já foram decepcionados profundamente por instituições que deveriam garantir a manutenção da sociedade. A cada decepção política nacional, surgem novos candidatos dispostos a adotar a estrutura da "saída simplista" para problemas complexos, uma prática que tem sido reciclada por diferentes políticos no decorrer do ciclo histórico. De forma geral, o crescimento do populismo cíclico é caracterizado por moldar a opinião pública de acordo com interesses de elites. Fatos objetivos, nesse contexto, passam a ter menos influência nos comportamentos do que apelos às emoções e às crenças pessoais. No documentário Hipernormalização (2016), o diretor Adam Curtis

disseca poderosas redes tramadas entre corporações, governantes e meios de comunicação de massa. O filme expõe como nossas vidas são rodeadas de aparatos complexos de distração que, diante de crises, surgem na forma de estratégias como a publicidade, e cujo intuito é o de fabricar desejos de consumo desnecessários. "Eles sabem que sabemos que eles mentem" é uma frase extraída de um trecho do documentário de Curtis. O escritor russo Alexei Yurchak, que criou a expressão que dá nome à obra, elaborou esse conceito tendo em mente as dinâmicas sociopolíticas e culturais estabelecidas no fim do estado soviético, em que absurdos eram normalizados. Em um mundo dominado pela hipernormalização, entende-se a estratégia política dominante como uma constante tentativa de fabricar verdades.

Ao observar aspectos da história das civilizações, pode-se perceber a confiança mútua como uma das fundações onipresentes nas consolidações das sociedades. O historiador Yuval Harari (2015) observa que comunidades e civilizações inteiras se desenvolveram baseadas em narrativas e acordos mútuos, formas efetivas de viabilizar a evolução desde o início da história. Entretanto, a confiança coletiva que historicamente originou fortes sistemas cooperativos, vem se tornando uma mera mercadoria na contemporaneidade. A internet que, nos seus primórdios, provia uma alternativa às discrepâncias sociais do mundo físico, também se tornou um espaço prolífico para o domínio das corporações e outros agentes com intenções duvidosas. William Gibson (1984), em seu livro Neuromancer, trouxe à vida o termo cyberspace. Prevendo a possível decadência do espaço virtual, décadas atrás, Gibson imaginou em sua obra um web cenário distópico e dominado por corporações, ironicamente similar ao que a internet vem se tornando hoje. A conectividade virtual que, anteriormente, possibilitava tanto o florescimento de narrativas multiangulares quanto a democratização da informação, trouxe consigo uma camada extra de complexidade para o tecido sociocultural, intensificando a corrosão da capacidade humana de confiar. Se não há confiança na estrutura e nas pessoas que compõem nosso entorno, tendemos a alimentar visões e narrativas maniqueístas de mundo. Quando se rompe um acordo fundamental da vida em sociedade, ou seja, a cooperação baseada em confiança mútua, passamos a habitar uma realidade mais hostil. Quando instituições governamentais não são entidades fidedignas, a confiança é passível de se tornar uma nova e

intercambiável moeda no cenário global. Em uma era em que a verdade pode ser manufaturada, diferentes situações de crises evidenciam como as convenções democráticas são frágeis, podendo ser facilmente manipuladas.

Shoshana Zuboff (2019), em seu livro *The Age of Surveillance Capitalism*, explora como as empresas de tecnologia utilizam o espaço virtual para extrair e refinar dados de usuários. Para a autora, o intuito das corporações não é apenas de usar tais informações para predição de comportamento, mas também para um conhecimento intenso do próprio usuário, ainda mais profundo que ele mesmo possa ter de si. Com esses dados em mãos, afirma Zuboff (2019), as organizações conseguem prever os passos futuros dos usuários. Desse modo, com os dados coletados por corporações tecnológicas, distribuídas em plataformas como Google ou WhatsApp, são vendidos a diferentes empresas. Estas, ao adquirirem tais informações, podem então criar narrativas de consumo que se enquadram com o perfil de cada indivíduo, potencializando seus poderes de alcance.

Assim, a posse desse conhecimento é usada também para promover a manipulação do comportamento humano, arrastando usuários para dentro de narrativas sem que possam ao menos perceber, criando desejos de consumo que anteriormente nem sequer existiam. Remontando às bases do sistema capitalista, o capitalismo de vigilância se trata de um aprimoramento do mesmo. Em uma palestra, Evgeny Morozov aponta estes recentes aperfeiçoamentos neoliberais como características de um novo estado social, regido por algoritmos. Um regime que é intimamente relacionado ao hipercapitalismo² e que, segundo ele, pressupõe vigilância universal e ubíqua, como uma pré-condição para o usuário receber quaisquer benefícios.

Embora a essência do capital resida no conceito de escassez, as crises capitalistas são, contrastantemente, crises de abundância. Nesse sistema, se produz muito mais do que é necessário produzir, e é nesse fator que se fundamenta a eterna necessidade de invenção do desejo inerente à cultura capitalista. Tal lógica justifica quantidades bestiais de recursos naturais são desperdiçadas em nome da produção em larga escala de produtos desnecessários. Assim como se notou na crise do pós-Segunda Guerra Mundial, com a popularização do *american way of life*, os

mecanismos de consumo atuais figuram como paliativos para cicatrizes existenciais deixadas por sistemas socioculturais falidos. Tradicionalmente, a lógica capitalista busca oferecer simultaneamente o remédio e a doença aos seus participantes. Entretanto, o capitalismo nunca oferece a cura: caso a possibilitasse (se permitisse que as pessoas percebessem que aumentar hábitos consumistas de fato não preenche vazios existenciais), este sistema entraria em ruína instantaneamente. Isso se dá, pois, o capitalismo é basicamente fundamentado na manufatura do desejo, e é precisamente por isso que crises são endêmicas a este sistema, assim como constataram Karl Marx e Friedrich Engels (1848), na obra *Manifesto Comunista*³.

Décadas depois de sua instauração praticamente global, é perceptível o fato de que o sistema capitalista fornece uma espécie de terceirização do bem-estar. Ofuscando feridas profundas, o consumismo figura constantemente como resposta imediata a crises profundas, atuando como um agente terceirizador. Atualmente, tanto a crise da falta de confiança mútua, como também a crise de esperança em um futuro alternativo ao que o meio socioeconômico atual oferece, têm posto à prova a premissa de que o consumo remedia tudo. Deste modo, pode-se conceber o capitalismo como “aquilo que resta quando crenças colapsam ao nível da elaboração ritual ou simbólica, e tudo que resta é o consumidor-espectador, arrastando-se através das ruínas e relíquias” (FISHER, 2009, p. 116). Mark Fisher, ao ressaltar que quando caminhamos pelos museus europeus encontramos uma variedade de objetos sacros deslocados de seus contextos originais, demonstra a capacidade humana de tornar dinâmicas de domínio civilizacional em patologias. Ao banalizar diferentes aspectos da vida social e das culturas não ocidentais, o realismo capitalista, expressão cunhada por Fisher, converte práticas ancestrais e ritualísticas em meros objetos estéticos (FISHER, 2009). Nesse sistema, o poder do fetichismo agregado a mercadorias precisa existir para sustentar sua lógica produtivista.

O sistema capitalista tem historicamente evidenciado seu poder de viabilizar efetivamente diferentes mecanismos de controle. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) em um pensamento nomeado como esquizoanálise, buscam criticar estados psico-políticos de modelos de controle. Nessa perspectiva, em uma sociedade ideal, deve ser propiciado um

ambiente destinado à cura de patologias, em que as pessoas possam romper com padrões de controle psico-políticos que as englobam. Romper com tais padrões trata-se de uma tarefa complicada, pois os mecanismos alicerces capitalistas geram constantes crises de narrativas. Ao embaralhar perspectivas e turvar a realidade, tais narrativas exemplificam seu poder de indução que torna indivíduos em participantes de narrativas alienadas (aqui, pensar o conceito de Marx em um contexto expandido).

Idealmente, no processo democrático representativo, o que se pretende ao eleger um representante é simples: através de participação e consenso, eleitores esperam representatividade fidedigna dos políticos eleitos. Grande parte das pessoas confia ou historicamente confiou em instituições centralizadoras de poder, acreditando que poderiam, através delas, terceirizar a confiança. Governos, por exemplo, são entidades onde depositamos a nossa confiança de que o dinheiro público será gerido de forma honesta, mas sabemos que isso nem sempre é verificado. Idealmente, o ato de confiar é uma das bases da democracia, e deve ser mútuo e inerente às relações sociais, pois nada em sociedade se constrói na ausência desse fator. Entretanto, o que diferentes instituições (estatais ou privadas) provaram é que a confiança passou a ser tratada como uma moeda de troca ou uma peça de um jogo, usada de acordo com certas conveniências específicas e momentâneas.

De distintas formas, tanto sistemas governamentais antidemocráticos, quanto corporações tentam incessantemente impor seus ideais reducionistas e imediatistas, forçam nações inteiras a atuar em um roteiro alheio às necessidades reais daqueles indivíduos e comunidades. Durante a pandemia gerada pelo Covid-19, por exemplo, não tem sido raro identificar líderes mundiais sustentando slogans que atentam contra a vida, afirmando que a “economia não pode parar em razão de um simples vírus”. Entretanto, segundo Emanuele Coccia (2020), o que este mesmo vírus tem evidenciado é que seu “aparecimento já mudou irremediavelmente nossos estilos de vida, nossas realidades sociais, nossos equilíbrios geopolíticos”; e ainda, “grande parte da angústia que experimentamos hoje é resultante da nossa compreensão de que o menor ser vivo é capaz de paralisar a civilização humana melhor equipada tecnicamente” (COCCIA, 2020). Para ele, o poder

transformador de forças invisíveis pode produzir um questionamento no narcisismo das nossas sociedades. Ou seja, o poder transformador de um “simples vírus” reside em definitivamente pôr em xeque as narrativas dominantes. O ser microscópico, a essa altura, evidencia uma rachadura profunda na prática macropolítica entre nações, reforçando o sentimento de que governantes falham deliberadamente em representar os interesses de seus povos.

Bruno Latour (2020), em um artigo publicado no jornal *Le Monde*, relembra que crises de saúde não são novas, assim como nessas ocasiões as intervenções radicais do estado também não são. Para Latour, pandemias despertam nos líderes um auto-evidente senso de proteção, em que estes se sentem impelidos em mostrar como providenciam a proteção da nação pela qual respondem. Embora os fatos atuais tenham feito submergir as capacidades autoritárias de diferentes estados sobre suas populações, também evidenciaram o despreparo e a precariedade de um sistema de valores inteiro. Tanto as estruturas socioeconômicas quanto o caráter frequentemente soberbo do campo tecnocientífico têm se mostrado ferramentas agravantes desse contexto. Ao provar que até mesmo um microrganismo pode facilmente desestabilizar a mais sofisticada sociedade tecnológica, a ocorrência do vírus poderia descredibilizar o sistema capitalista de forma definitiva. Se as massas fossem providas de uma educação baseada em capacidades críticas profundas, a pandemia já teria feito brotar, no coração das sociedades, uma revolução global.

Pelo contrário, como observou Yuval Harari, diante de crises globais, as pessoas muitas vezes não têm outra opção senão confiar na ciência, nas autoridades públicas e nos meios de informação. Entretanto, nos últimos anos, políticos irresponsáveis têm exaustivamente minado a confiança pública na ciência (um exemplo desse fenômeno pode ser um governante negacionista climático). Harari (2015) complementa que estes políticos irresponsáveis são os mesmos que tentam traçar uma via rápida ao autoritarismo durante tempos críticos; sob o argumento de que não é possível confiar na população para “fazer a coisa certa” nesses casos. Esses líderes não estariam essencialmente equivocados em um mundo em que a educação não é igualitária, porém não podemos desconsiderar a probabilidade de interesses ocultos por trás dessas alegações. Sócrates já se opunha a um

sistema democrático se a maioria dos cidadãos não tivesse acesso a um sistema educacional consistente (IRWIN, 1989). Segundo ele, a educação circundante à democracia deveria ser uma educação capaz de elucidar o campo filosófico da política e da ética que implica a prática do voto.

Portanto, se a manutenção da estrutura democrática é de fato tão trabalhosa, é preciso constantemente elencar formas de construir novos capítulos em sua história. Recentes ameaças à democracia, tais como líderes mundiais eleitos através de táticas como disseminação de notícias falsas, vêm reafirmando como conquistas civilizacionais jamais devem ser tomadas por garantia. Vitórias políticas que levaram décadas para serem alcançadas podem ser desmanteladas muito rapidamente, a qualquer altura da história. Entretanto, no cenário pós-verdade no qual a humanidade, especialmente a ocidental, está impregnada, narrativas baseadas em evidências parecem estar fora de alcance. Não coincidentemente, a paisagem social da pós-verdade é conveniente para sistemas de

opressão sociopolíticos, socioeconômicos ou ambos.

É importante ressaltar que pessoas com acesso à verdade obstruído podem tender a optar por narrativas que oferecem conforto imediato. Em tempos críticos, não é incomum encontrar líderes que inventam narrativas narcisísticas, as quais apelam para as emoções muito mais do que para fatos objetivos. De fato, as pessoas “sempre inventaram mitos e estórias para trazer sentido à vida, assim como também o fizeram líderes que usam narrativas e retóricas para agitar com a emoção de sua audiência” (FOROUGH et al., 2019). Ao serem repetidas excessivamente, essas narrativas vão gradualmente apagando as fronteiras entre fatos e ficções. Considerando esse contexto, veremos que a pós-verdade talvez não se trate de um fenômeno inteiramente novo. O jornalista Matt Taibbi (2018), em uma entrevista com Noam Chomsky, concluiu que a pós-verdade desmembra a essência da própria verdade, pois ela “é como a parábola do zelador de Kafka, que guarda a porta para uma verdade que foi construída especialmente para você” (TAIBBI, 2018).



Sem título, David Lagerlöf, 2016. Tess Asplund, uma ativista, se posiciona em oposição a manifestantes do movimento neo-nazi Nordic Resistance, na Suécia.

Jason Stanley (2018) observou que “o fascismo é um método de fazer política”, ou seja, “é uma técnica para chegar ao poder”. Nesse escopo, afirma que este é um jeito de conduzir candidaturas que se torna viável em momentos de grande ansiedade. Essa tática tem um pacote de características. Primeiro, constrói uma narrativa através da qual uma parte da sociedade passa a se enxergar como vítima. “Grande a um tempo, aquela sociedade foi destruída pelo liberalismo, pelo feminismo, pelo marxismo cultural, não importa” (STANLEY, 2018). O fascismo, para ele, é baseado sobretudo na mentira como tentativa de obscurecer a verdade. Líderes fascistas espalham mentiras porque lhes é fundamental deixar a fronteira entre verdade e mentira a mais nublada possível, enquanto um acordo coletivo a respeito de fatos é essencial para que democracias funcionem. Um passado grandioso e perdido faz parte da história contada por fascistas. Nesse ciclo retrógrado, há um elemento crucial: movimentos fascistas são extremamente masculinizados, carregados de símbolos ligados a hombridade, e muito mobilizados por uma decadência sexual na qual enxergam a cultura se perdendo. Hannah Arendt (1951) constatou que o fascismo nunca se contenta com uma mera mentira, ele precisa convertê-la em “verdade”, persuadindo as pessoas a acreditarem em uma nova ordem infundada.

Ao passo que uma parcela da população sustenta e transpõe para a realidade tais categorias de discursos, são nutridas novas formas de fazer política no horizonte da pós-verdade. Contando com a validação popular, brotam líderes que erodem com a capacidade coletiva de estabelecer vínculos de confiança, causando danos irreparáveis em diferentes aspectos dos ecossistemas sociais. Em seu documentário Hipernormalização (2016), Adam Curtis também busca encontrar evidências de como o mundo alcançou um cenário em que a verdade deixou de ser a base das relações e passou a ser um conceito volátil. Curtis reparou, utilizando como ilustração o sonho original da União Soviética, que diferentes governos alimentam o falso sonho de um glorioso mundo alternativo para seus povos. As autoridades soviéticas pressupunham que um novo mundo não consistia somente em modificar a sociedade. Nesse plano, individualmente, cada pessoa deveria ser transformada em um ser humano elevado. Incapazes de sustentar essa narrativa, no entanto, a realidade idealizada pelo governo convergira com a realidade experienciada pela população cotidianamente. E, em meados dos

anos 1980, tornou-se evidente que aquele sonho havia falhado.

A União Soviética, de acordo com Curtis, lentamente se transmutou em uma sociedade distópica, na qual as pessoas, entregues à desesperança, não tinham crença em qualquer coisa, muito menos tinham qualquer ideia de como o seu futuro seria. Naquele contexto, a violência cotidiana exposta pela utopia de um sistema falido, que não estabelecia comunicação com seu povo, tornou-se avassaladora. Os governantes do regime, que acreditaram poder controlar, monitorar e prever todos os aspectos inerentes ao sistema, falharam, levando o plano de uma sociedade perfeita para um abismo. Mas, como era necessário que a população soviética passasse a alimentar esperanças em um futuro melhor e a realidade não dispunha de recursos para isso, o governo passou a explorar novos métodos para fazer a sociedade “funcionar”. Foi assim que os tecnocratas da época, principais responsáveis pela manutenção social, decidiram simular que ainda tinham controle da situação, e que tudo ainda acontecia dentro das diretrizes iniciais do plano de governo.

A atitude do estado foi a base que deu origem à versão paralela da realidade soviética da época: aquela havia se tornado uma sociedade em que todas as pessoas sabiam que o que seus líderes diziam não era real, pois elas poderiam ver com seus próprios olhos que a economia estava ruindo. Mas, todos tinham que jogar o jogo, fingindo que situação era, de fato, real, já que ninguém conseguia imaginar qualquer outra alternativa (CURTIS, 2016). Como foi comentado anteriormente, a expressão hipernormalização foi criada justamente para designar o período em que a população soviética se tornara tão anestesiada pela brutalidade da realidade em que estava inserida que não tinha sequer energia para vislumbrar alternativa ao status quo vigente. Aquela grande ilusão de progresso que ali reinou — bem como ocorreu em diferentes ditaduras em outros locais do globo — fez com que políticos tornassem os cidadãos complacentes com a falsa ideia de uma sociedade funcional. Sendo incrivelmente complexo imaginar alternativas para sistemas em colapso, é compreensível que governos e indivíduos tendam a apoiar-se em narrativas germinadas em realidades insustentáveis, de modo a amenizar crises.

Pensadores como Walter Benjamin (BEINER, 1984) e Vilém Flusser desenvolveram pesquisas que

buscavam dissecar as transformações culturais e antropológicas ocorridas no mundo contemporâneo. Mais precisamente, as transformações exercidas pelo impacto da cultura midiática e imagética no tecido sociocultural. Para Flusser (2007), analogamente ao conceito de pós-verdade, o atual estágio da humanidade pode ser designado como pós-histórico. Diferentemente da antiguidade, a comunicação na atualidade se desenvolve não mais através de textos, mas pelo repertório imagético específico do nosso tempo, observa ele. Nesse horizonte, é importante

ressaltar que cultura atual se constrói majoritariamente por imagens provenientes de diferentes aparatos tecnológicos midiáticos (FLUSSER, 2007). Isso pode nos levar a concluir que vivemos em um contexto dominado pela pós-história, pós-verdade e pela hipernormalização de absurdos. Ao admitir essa afirmação como um fato, pela ótica do campo das humanidades, paira no ar um questionamento inevitável: se o mundo é dominado por narrativas enganosas, como podemos passar a contar as histórias de outra forma?

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda N. The danger of a single story. TED Ideas worth spreading, 2009. 1 vídeo (18 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 22 de maio de 2020.

ARENDDT, Hannah. The origins of totalitarianism. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Co., 1951.

COCCIA, Emanuele. O vírus é uma força anárquica de metamorfose. N-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/021>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

CURTIS, Adam. Hipernormalização. Londres: British Broadcasting Corporation (BBC), 2016. 1 DVD (166 min).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DUARTE, Rodrigo. Pós-história de Vilém Flusser - Gênese - Anatomia - Desdobramentos. São Paulo: Annablume, 2012.

FISHER, Mark. Capitalist Realism: Is There no Alternative? Winchester: O Books, 2009.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. Towards a Philosophy of Photography. Londres: Reaktion Books, 2013.

FOROUGH, Hamid; GABRIEL, Yiannis; FOTAKI, Marianna. 2019. Leadership in a post-truth era: A new narrative disorder?. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1742715019835369>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

FOTAKI, Marianna & PRASAD, Ajnesh. Questioning Neoliberal Capitalism and Economic Inequality in Business Schools. Academy of Management Learning & Education, 2015, Vol. 14, Nº 4, p. 556-575.

GIBSON, William. Neuromancer. Nova Iorque: Ace Books, 1984.

HARARI, Yuval Noah. Yuval Noah Harari on the myths we need to survive. Londres: Royal Geographical Society, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UTchioiHMOU&t=1389s>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

HARRELL, David Edwin; GAUSTAD, Edwin; BOLES, John; GRIFFITH, Sally Foreman. Unto a Good Land: A History of the American People. Cambridge: WMB Eerdmans Publishing, 2005.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1992. IRWIN, Terence. H. Review: Socrates and Athenian Democracy. Palo Alto: Philosophy & Public Affairs. Vol. 18, Nº 2, 1989, p. 184-205.

JAMESON, Fredric. Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism. Durham: Duke University Press, 1990.

LATOUR, Bruno. Bruno Latour: "O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo". El País, 2019. Entrevista concedida a Marc Bassets. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

_____. Is This a Dress Rehearsal? Bruno Latour, 2020. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-203-LEMONDE-VIRUS-GB.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

_____. La crise sanitaire incite à se préparer à la mutation climatique. Le Monde, 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/03/25/la-crise-sanitaire-incite-a-se-preparer-a-la-mutation-climatique_6034312_3232.html. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

_____. Prof. Bruno Latour - The Anthropocene and the Destruction of the Image of the Globe. 2013. 1 vídeo (1h13min). Publicado por University of Edinburgh. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4-l6FQ4P1c>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

_____. We have never been modern. Harvard: Harvard University Press, 1993.

STANLEY, Jason. How Fascism Works: The Politics of Us and Them. Nova Iorque: Random House, 2018.

YURCHAK, Alexei. Everything Was Forever,

Until It Was No More: The Last Soviet Generation. Princeton: Princeton University Press, 2006.

ZUBOFF, Shoshana. The Age of Surveillance Capitalism. Londres: Profile Books 2018.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Chana de Moura é estudante do programa de doutorado em Artes Visuais da Universidade de Arte e Design de Linz, Áustria E-mail: chanademoura@gmail.com

2 Hipercapitalismo é um termo usado por alguns estudiosos como crítica contínua da economia política para descrever uma forma relativamente nova de organização social capitalista marcada pela velocidade e intensidade dos fluxos globais que incluem uma troca de bens materiais e imateriais, pessoas, e informação.

3 A versão citada neste texto é o livro Manifesto do Partido Comunista, 1848, lançado pela editora L&PM, em 2009. A publicação é uma reprodução da versão original do texto de Karl Marx e Friedrich Engels, de 1848.

UMA SEMENTE: relatos de propagações poético-pedagógicas

RESUMO: Uma correspondência entre dois relatos poéticos de convivência com uma semente de algodão. Histórias dos percursos de uma semente, de como elas (as histórias e as sementes) podem ser catalisadoras de processos de aprendizagem em Arte e Cuidado, seja dentro ou fora de espaços formais de Educação. Um texto que veio sendo escrito ao longo dos últimos cinco anos, em conjunto, entre uma então estudante e uma então professora, sempre estudante também. Um ensaio que, como as sementes de um Ipê, lança-se nesse momento de seca como tática de propagação da vida, disseminação poética de processos pedagógicos.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Relacional. Cuidado. Processos de Aprendizagem.

ASEED: reports of poetic-pedagogical disseminations

ABSTRACT: A correspondence between two poetic accounts of living with a cotton seed. Stories of the paths of a seed, of how they (stories and seeds) can be catalysts for learning processes in Art and Care, whether inside or outside formal spaces of Education. A text that has been written over the last five years, together, between a student and a teacher, always a student as well. An essay that, like the seeds of an Ipê, launches itself in this moment of drought as a tactic for the propagation of life, poetic dissemination of pedagogical processes.

KEYWORDS: Relational Art. Care. Learning Process.

Annaline Curado1

Larissa Dutra2

Annaline me deu uma sementinha.

Lá estava eu em meu primeiro período de faculdade no curso de Artes Visuais, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Annaline era professora e eu era estudante, estávamos utilizando uma sala de teatro, que era ampla e iluminada. Era frequente que usássemos aquela sala nas cadeiras que ela ministrava. Me lembro da palma e dos dedos alongados quando ela estendeu o braço na minha direção e em sua mão havia uma porção de sementes de diversos tipos e formatos que eu desconhecia até então, mas que foram distribuídas entre estudantes da cadeira de Arte Ambiental. Escolhi as que considere mais interessantes e diferentes, eram verdes e felpudas e logo descobri que eram sementes de algodão.

Eu estava animada e brincava dizendo que iria fazer minhas próprias roupas artesanais, 100% algodão. Naquele dia, recebi com muita empolgação a missão de plantar aquelas sementinhas. Inicialmente eram três sementes, as três brotaram e botaram a cara no sol, mas duas morreram depois de uma troca de vasos, me deixando apenas uma única e preciosa plantinha de três ou quatro folhas.

Meu algodãozinho sobrevivente cresceu bastante e com facilidade, era uma planta linda. Plantei ela no chão assim que pude ir na casa dos meus pais, que fica na Ilha de Itamaracá. Escolhi um local especial para a semente, ao lado de onde antigamente havia uma goiabeira. Eu tinha um apego por aquela goiabeira, na minha infância vivia trepada nela e meus pais me chamavam de Tainá (referência ao filme que eu adorava). Quando meu irmão caçula cresceu um pouco, meu pai mandou fazer uma casinha suspensa de madeira, em cima de onde ficava a goiabeira. Por falta de sol a árvore morreu, mas ao redor dessa casinha a minha mãe começou a cultivar várias plantas de sua escolha, formando assim um pequeno jardim. O pé de algodão foi a minha contribuição para esse jardim e para o espaço lúdico onde hoje as crianças que visitam a casa adoram brincar e passar o tempo. Para mim, o

algodoeiro é de certa forma uma homenagem à minha antiga goiabeira e ao meu percurso na área de Artes Visuais. No chão, essa planta cresceu e cresceu, e logo eu colhi tufo de algodão. Me lembro de sentar no chão em um momento agradável junto ao meu pai, que me ajudou a separar o algodão das sementes.

As sementes eu prometi a Kathy, que nunca veio pegá-las. Depois dei para Drika, que por sua vez as plantou e presenteou sua avó com os três pézinhos de algodão que brotaram, mas não sobreviveram. - "Não sei ao certo porque morreu mas acredito que tenha sido por causa do solo. Porque eu tava criando em terra adubada e tals e minha avó só fez um buraco no quintal e tacou o negócio lá. Acho que foi falta de cuidado" - Quanto às sementes restantes, Drika presenteou um vizinho no bairro do Ibura, Seu Nelson.

O algodão, consegui transformá-lo numa pulseira. Foi difícil! Antes tive que aprender a preparar e fiar o algodão: com a ajuda de um vídeo no youtube, montei um fuso a partir de um CD e um palito. Deixo aqui o aviso para quem quiser testar essa técnica que não funcionou muito bem para mim, mas que foi suficiente para fazer a pulseira. Ainda a tenho, hoje está amarrada em torno de um castiçal de cerâmica feito pela minha mãe. O que me faz pensar sobre a origem desse objeto como um todo, sobre como ele é fruto do contato entre pessoas e natureza.

As provocações que a relação com aquela sementinha me instigaram são inúmeras, vale dizer que esse percurso inteiro é para mim algo que me passa, que é significativo, que virou parte de quem eu sou e que segue seu caminho próprio criando novos significados ao longo do tempo. Significados que eu jamais imaginaria quando vi aquele gesto bonito e afetivo que Anna fez ao me oferecer as sementes. O meu algodoeiro segue crescendo e hoje é até mais alto do que a casinha ao lado da qual foi plantado.

Larissa Dutra
Recife-PE
agosto de 2021



Figura 1. montagem digital com três fotos ilustrando o algodoeiro e o algodão. Fonte: imagens de arquivo pessoal da autora.

Da disseminação de coragens ancestrais

Era uma carta de tarô. Um tarô diferente do de Marseille. A carta tinha um número, ao lado dele, a palavra: CORAGEM. Na imagem, o exato momento em que de uma pequena semente começa a brotar o que virá a ser, quiçá, uma árvore. Até tenho um baralho de tarot, mas não desse, uma amiga me apresentou a ele em sua casa. A carta ficou tão impressa em minha mente que a procurei na internet, imprimi em papel como se fosse um cartaz e coleí no painel que ficava atrás da minha mesa de trabalho. Era 2014, naquele momento eu fazia mestrado em Artes Visuais na UDESC, em Florianópolis-SC. Esboçava o que já era, apesar de não saber-se, uma dissertação. Sempre que começava a escrever sentia então que minha escrita era como aquela semente. A carta ou a coragem que dela emanava, me regava, era como um insumo necessário para quebrar a dormência das palavras. Evoco essa memória agora porque outro dia recebi um texto que poderia ser também uma carta de tarô, talvez a sequência daquela. Larissa escreveu e compartilhou comigo um relato sobre o cuidado que teve com a semente de algodão que lhe dei no primeiro dia de aula de Arte Ambiental, matéria que ofereci quando professora substituta da UFPE no Recife, em 2017. No final do texto, a foto de uma árvore, um algodoeiro maior do que a própria casa ao lado da qual ele foi plantado.

CUIDADO, poderia ser esse talvez o nome da carta de tarô desenhada por Larissa, caso fosse uma. Dei sementes a toda a turma presente naquele primeiro dia de aula. A aula é um tipo de semeadura da qual nem sempre conseguimos ter notícias imediatas, que dirá remotas. Quando elas surgem assim, depois de tanto tempo, causam encantamento, tipo aquele instante em que a flor desponta de um cacto, sabe? O que cada uma faz com a proposta que a gente traz já não está no nosso campo de visão, é subterrâneo. A semente brota ou não, no devido tempo,

dependendo das condições que encontra em cada solo, cada contexto, cada momento. Na semana passada, na aula de Tópicos em Arte e Contexto que estou fazendo no Doutorado, agora na UNICAMP, o professor nos sugeriu que escrevêssemos a história de alguma coisa/objeto. A proposta veio pouco depois do dia em que eu disse à Larissa que escreveria a ela a parte da história em que a semente esteve comigo. Esta é então uma escrita em momento de plantio. Nutriente importante para que ela possa brotar é eu conseguir lembrar: de onde mesmo veio aquela semente de algodão?

A primeira recordação que me vem é novamente dos tempos de mestrado. Fiz uma matéria chamada Arte Relacional, oferecida naquele semestre pelo professor José Luiz Kinceler. Não lembro se vivi ou se me contaram que em algum outro semestre ele tinha dado sementes a todos os presentes no primeiro dia de aula dessa matéria. Só sei que ela certamente foi e é uma semente para mim. Zé, como era chamado, elaborou a proposta de planejamento toda baseada em uma pergunta: "Como é que vamos envelhecer?". Movimentadas por muitas discussões de textos e construção coletiva de caminhos, passamos aquele semestre intercalando convivências artísticas (ou não) na Universidade e em um Asilo de idosos, no norte da Ilha de Florianópolis. Um semestre convivendo com aquelas pessoas, tão presentes na impermanência da vida, cada dia delas me parecia sinônimo daquela carta da coragem. Zé não envelheceu muito além daquele ano, mas suas sementes são uma floresta que certamente anda frutificando por aí/aqui. Não pude contar isso a ele enviando-lhe um texto, mas lhe disse, quando em um sonho, o encontrei pessoalmente.

Já a semente, aquela de algodão-mocó, que hoje é uma árvore ao lado da casa dos pais de Larissa, quem me deu mesmo foi meu amigo Bebeto. Lembrei bem agora, da cabaça onde ele guardava

outras tantas além das de algodão. Peguei também, no mesmo dia, algumas sementes de quiabo e arroz. Sim, Bebeto fez todo um esquema de tratamento de água da casa, mesmo que alugada, que culminou num brejinho onde plantou arroz crioulo. Fazer do chão de onde se está, sementário (ou seminário, como me corrige aqui o dicionário), mesmo que temporário. Não sei se esse é um conceito de Arte Relacional ou Arte Contextual escrito e legitimado em algum livro de algum crítico de Arte. Não o trago aqui como citação. Apenas compartilho a lição do que tenho aprendido na CONVIVÊNCIA e CIRCULAÇÃO entre gentes, sementes e suas histórias. Há alguns dias perguntei a Bebeto, que mora em um vilarejo perto de Brumadinho-MG, se poderia me falar, por áudio, um pouquinho mais sobre aquela semente de algodão.

De onde ela vinha? Me contou então que aquele era um tipo de algodão conhecido por sua resistência, que por muito tempo tinha sido a principal fonte de subsistência do sertão e que por conta da propagação de uma praga chegou a ficar ameaçado de extinção. Algodão-mocó, o ouro branco do semiárido nordestino, assim chamado e até cantado por Luiz Gonzaga. Ouvi isso e pensei na saga daquela sementinha. Será que ela vinha do nordeste e a ele teria então regressado? Lembrei do que minha avó me disse quando eu fui morar em Pernambuco, que eu estava voltando à terra de meus antepassados, seus pais. Bebeto me disse mais, contou que as sementes vinham da casa da avó de sua

companheira, Jéssica. Dona Isaura o nome da avó, descendente de mãe indígena pataxó, viva, 98 anos, "rega até hoje suas plantas". "98 anos", voltei com atenção a essa parte do áudio. Lembrei novamente da pergunta de Zé: "Como é que vamos envelhecer?" Sigo sem saber como responder. Era como se ele quisesse nos preparar para o que viria. Como envelhecer em tempos de pandemia? Pandemia de coronavírus, de genocídios, etnocídios, sonhídios... Como cultivar a vida na presença de tanta morte?

Olho pela janela da casa de meus pais, em Campo Grande, centro-oeste do Brasil, cerrado em seca forte. Vejo um Ipê ou seria outra carta de tarô? Lá está ele, sei que é rosa porque esteve florido há alguns dias. Hoje, totalmente sem folhas, caduco, carregado de cápsulas de sementes. O Ipê é uma espécie de árvore chamada caducifólia, ou seja, no tempo de extrema seca, quando se sente ameaçada, ela deixa cair todas suas folhas e coloca toda sua energia em seu florescer colorido e majestoso (que dura no máximo uma semana). As sementes vêm logo em seguida, em abundância. São um ato de esperança. Vejo um Ipê e nessa imagem, muito mais: sinais de propagação da vida, táticas tácitas de cuidado e disseminação de coragens ancestrais.

Annaline Curado
Campo Grande-MS
Agosto de 2021



Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Mestre em Artes Visuais (UDESC). Doutoranda em Educação (PPGE UNICAMP). Professora Assistente

da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: anninha.piccolo@gmail.com

2 Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais (UFPE). E-mail: larissadtra@gmail.com

A escrita: vias de caminhar no tempo

RESUMO: Experimentar a escrita para além de palavras, para vê-la como uma escrita-corpo. Através dessa experimentação é possível caminhar pelas memórias, pela atenção do tempo presente e pelos anseios futuros. Uma escrita que vem como maneira de criar novas possibilidades, diante das multiplicidades que estão sendo negadas, destruídas e silenciadas no atual contexto do Brasil. Dessa forma, é uma escrita-corpo que flerta com queimadas, com nascimentos, com mortes, com as mudanças climáticas. Um encontro de palavras, corpos, histórias e seres. Um convite de leitura que escreve enquanto lê e lê enquanto escreve (DALMASO, 2016). Este ensaio tem como característica evidenciar os esquecimentos e aceleramentos. Portanto, um ensaio que se cria por meio das leituras de COCCIA (2020), DALMASO (2016), RAUBER (2021), PONTIN e GODOY (2017) e LARROSA (2004; 2014), produzindo uma escrita como maneira de caminhar pelo tempo.

PALAVRAS-CHAVES: Escrita. Corpo. Experiência.

Writing: ways to walk through time

ABSTRACT: To experiment writing beyond words, in order to see them as a writing-body. Through such experimentation, it is possible to walk through memories, through the attention to the present time and through future longings. A writing that appears as a way of creating new possibilities, facing multiplicities that are denied, destroyed and silenced in the current context in Brazil. Thus, it is a writing-body that flirts with fires, with births, with deaths, with climate changes. It is a meeting of words, bodies, histories and beings. An invitation to a reading that writes while reads and that reads while writes (DALMASO, 2016). This essay has the characteristic to evidence the forgetfulness and the accelerations. Therefore, it is an essay created with the readings of COCCIA, (2020) DALMASO (2016), RAUBER (2021), PONTIN and GODOY (2017) and LARROSA (2004; 2014), producing writing as a way to walk through time.

KEYWORDS: Writing. Body. Experience.

Luana da Silva ¹

Experienciar o mundo através dos pés. Encostá-los na terra molhada, na areia quente, na água gelada... Pés que escrevem no tempo deixando suas marcas por onde percorrem formando, assim, simbioses com outros pés que ali também pisaram. São eles, os pés, que carregam histórias minhas, tuas e nossas. Escrever no tempo torna-se uma maneira de compreender as palavras que vão além de escritos, elas são além e muito mais (LARROSA, 2014). As palavras são um encontro de existir, se escreve na ação e na (des)ação de si, é um convite para olhar o silêncio e também as vozes que ecoam interstícios na nossa história. A escrita aqui se torna uma escrita-corpo ² (PONTIN; GODOY, 2017), ou seja, as palavras da rotina, do tédio, do silêncio, do coletivo, do tempo e de tudo aquilo que faz você se desconfigurar de conceitos que estão atribuídos somente um significado, é começar a sentir as multiplicidades das palavras que se escrevem e se inscrevem no corpo. Meus pés deixam marcas no tempo que hoje já não reconheço mais, marcas antigas e novas marcas que constituem quem eu sou.

Para compreender essas marcas no tempo, preparo meus pés em uma caminhada nas pegadas de Coccia (2020), Larrosa (2004; 2016), Pontin e Godoy (2017), Dalmaso (2016) e Rauber (2021). É com eles que entendo que esse ensaio é: "Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero da escrita." (LARROSA, 2004, p. 32). Portanto, aqui escrevo com o corpo como maneira de abrir vias para caminhar nesta trajetória do tempo.

Faço um esforço para recordar-me dos meus pés tateando o mundo, logo ali na infância: foco no dia do passeio ao parque aquático. Dormi cedo para levantar no outro dia descansada para o passeio, lembro de uma noite inquieta e ansiosa, e de acordar com um leve feixe de luz que vinha do sol - era na época horário de verão -, fiz toda a rotina para sair aquele dia. Dentre dela estava passar protetor solar, posto que muito ouvia na escola sobre raios ultra violeta, aquecimento global e pouco entendia, mas sabia que era importante passar protetor solar para não me queimar e poder aproveitar o máximo todo o parque aquático. Encontro das marcas, dos pés que não entendiam o que era aquecimento global e dos pés de hoje que entendem o avanço do agronegócio (RAUBER, 2021). Esse avanço, sabemos, que destroem biomas e geram queimadas, as quais liberam gás carbônico, contribuindo para o aquecimento da

terra.

As palavras tem tons laranjas, não as encostos, elas estão ardendo. Estão quentes, mas continuo escrevendo sobre elas e por elas. Escrevo em tons laranjas, a importância das palavras que estão ardendo. Existo por elas! Escrevo pela existência delas.

Dos aceleramentos

Eu vou esquecendo de muita coisa, principalmente daquilo que não é mais tão próximo. Me aproximo de outras coisas e vou esquecendo também. É um processo muito acelerado que às vezes não questiona, se contenta com apenas respostas e não investiga. Ando esquecendo as coisas mais rápido, é como se meus pés deixassem uma marca na areia que logo após é pisada por outro e eu já não conseguisse me lembrar que também pisei ali. Pegadas pegadas pegadas encontros escritos escritas informações informações. Esquecimento das pegadas, onde escrevo nos encontros de informações?

Veja bem, quando me refiro em uma escrita pessoal envolve você, o outro e o outro e também outro, porque meu corpo não escreve sozinho, ele também tem os outros corpos e juntos escrevemos no tempo. Por isso me perco com muitas pegadas que estão distante de mim. As palavras não conversam sempre, elas se desconfiguram, mas criam novas possibilidades de invenção nessa nossa escrita compartilhada. Entretanto, não consigo escrever com quem aprecia e permite que o fogo se espalhe pelas nossas florestas, ou seja, preza palavras laranjas ardentes, ou que vive nesse mundo de informações tão aceleradas negligenciando palavras de corpos que hoje escrevem em outro local que eu não tenho acesso. Aqui, sinto que as minhas palavras encontram-se dolorosas e de certa forma tristes, mas uso delas para afirmar que continuo escrevendo para esses corpos que já não podem aqui nessa vida escreverem comigo.

Assim, as marcas também são memórias e não apenas esquecimento. Escrever para dar sentido às informações, para estar atenta, escrever é também parar, sair da lógica do aceleramento. Olhar o entorno por muitos pontos de vista, com

ENSAIO: A escrita: vias de caminhar no tempo

várias lentes de câmeras, dar zoom, fotografar instantes e observar aquilo que chama atenção das escritas dos olhos.

Seres

Uma das minhas brincadeiras favoritas quando pequena era o faz de conta de cozinhar, que de fato, eu cozinava na minha linguagem explorando esse universo do imaginário, no qual tudo é tão versátil, é cheio de possibilidades e tudo se transforma. Eu lembro que meu pai sempre me dizia: 'não pegue as folhas que estão nas plantas ou nas árvores, pegue as folhas que estão no chão.' Confesso que enquanto criança, achava muito triste brincar com as folhas do chão, estavam sempre secas e muitas vezes não tinha aquele colorido das folhas nas árvores, mas pensava também que arrancar elas de onde estavam era causar um certo tipo de dor e não queria isso. Foi nos encontros de faz de conta de cozinhar com as plantas que comecei minhas primeiras escritas coletivas com a flora. Me invento e me recrio com todos os outros seres, para além dos seres humanos, é nessa relação de espécies que habitam o mesmo mundo que a minha experiência se torna diferente.

Partilho um pensamento que não é só meu, ele faz parte da escrita conjunta com o grupo de pesquisa que participo, o Fiandar³. Foi nele que pela primeira vez consegui compreender que 3 uma folha seca no chão não está morta, ela está em outro estado se formando outra coisa quando se mescla com a terra, ou até mesmo com a água. Um corpo-escrita, também partilha de escritas sensoriais que vem de outros seres é uma mescla de um todo, o eu é tão coletivo, porque dentro dele existem tantos outros 'eu' que coabitam um corpo.

³ Fiandar: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria.

Um corpo habitado pelas secas, pelas chuvas intensas que provocaram alagamentos, pelos agrotóxicos ingeridos em alimentos que duram semanas dentro da geladeira, pelos animais instintos e não instintos, pelos dias de inverno que foram altamente calorosos, pelos dias de verão que fizeram frio. Mas também um corpo que é habitado por movimentos e ações mais subjetivas que não tem um nome ou uma razão. Um corpo de objetos, de vidas, de nascimentos e morte (COCCIA, 2020). Um corpo de escolha. Um corpo que escolhe perceber que a escrita da rotina são palavras entre eu, o outro e todos os seres.

Sensível

A todo momento sou engolida por palavras. Vomito frases, textos curtos, poemas... Não escrevo com finalidade de entender, escrevo para libertar o que fica agarrado em minhas entranhas. Uma escrita com um caráter de voar para onde ela sentir vontade de se aproximar em outro ser, que também possa estar sentindo algo similar com essas palavras viajantes que também foram engolidas por ele. Escrever também é ler. É uma ação que se entrelaça. Leio enquanto escrevo, escrevo enquanto leio (DALMASO, 2016). Resolvi ler o mundo. Me assusta.

Então escrevo. Ler o mundo é conseguir ter generosidade com seres que estão passando por momentos de luta e de resistência, que tentam sobreviver em meio à situações que parecem não permitirem um coletivo, mas somente interesses de um eu que se enxerga sozinho.

Me coloco no avesso para enxergar aquilo que geralmente não se vê. Convido aquilo que se tem como estranho a ser notado e se mostrar em sua versão mais nua. Olho para o meu entorno de cabeça para baixo, faz mais sentido para mim. Vejo uma árvore, primeiro pelas suas raízes e depois vou subindo pelo seu tronco até chegar em suas folhas. Se faz necessário ver a vida do avesso, com um olhar mais sensível enxergando as raízes dos acontecimentos.

Caminhar no tempo é perceber que passado, presente e futuro não se separam. Quando se enxerga as raízes nota-se os padrões que insistem continuar permeando no nosso entorno, da mesma maneira sem uma resignificação ou uma mudança de si. Aqueles que escrevem com palavras em tons laranjas, acelerados, negligenciando corpos que hoje já não escrevem mais, não se colocam como uma escrita que escreve com os seres, pensam que escrevem sozinhos, seus corpos são os únicos que ficam intactos e para eles os padrões seguem e as raízes continuam sendo luta dos povos que foram plantados ali.

Experienciar

Minha fruta favorita sempre foi melancia. Comê-la é ter um gostinho de infância na boca, engulo minha infância em cada mordida. É fácil recordar de bons momentos na casa da minha vó embaixo da árvore de ingá que ela tinha na época, eu sem blusa apenas de bermudinha comendo melancia com toda a família reunida. Lembro que era

ENSAIO: A escrita: vias de caminhar no tempo

verão, outra coisa que amo e quando pequena amava ainda mais, porque podia ficar mais tempo na rua brincando com a minha prima. No verão, quando ia à praia meus pés escreviam na areia e minhas mãos escreviam no vento. O anoitecer às vinte horas sempre me chamou atenção era a mescla de dia e noite coabitando o mesmo espaço e tempo.

Tudo que divide é algo que me interessa. Estamos divididos a todo momento, desde memórias, atenção nos momentos presentes, até nos anseios que estão por vir. A divisão é do micro ao macro, estão entrelaçadas, porque somos uma partícula de átomo nesse espaço que vivemos, e somos também uma rotina de encontro uns com os outros. Relembrar a infância é dividir não somente as minhas memórias afetivas, mas é descrever um pouco de cada ser que vive dentro dessa lembrança. Claro que, às vezes, nos esquecemos de muitas coisas ou lembramos somente de alguns fragmentos, é um processo que acontece no decorrer da vida. Assim, penso que memórias e momentos presentes dão vida a algo novo, nos colocam em um campo de experimentar novas possibilidades de ser e estar. Que nossas memórias não se esqueçam de experimentar e dar uma nova forma às palavras laranjas, aos que não escrevem mais conosco nessa vida. Que a atenção no presente, no meio do percurso das nossas rotinas evidenciam a importância de que escrevemos juntos e combatemos espaço com todos os seres e juntos criamos algo seja ele o que for.

Uma escrita que não cessa...

Caminhar com um corpo palavra é escrever história a todo o momento, é viver numa constante escrita de si, com outro e o mundo. Aqui já se torna claro que essa escrita e essa palavra não é só o ato de parar e escrever algo com um lápis ou por qualquer outro meio. Escrevemos com o corpo de maneiras diferentes e em situações distintas. Escrevemos e somos escritos por outros seres, existimos em uma escrita conjunta que não para.

Um corpo palavra, quando atento, ou atento na sua desatenção, faz da escrita potência, torna o eu coletivo em uma potência que vai muito mais além. Eu, você, os outros e outros seres caminhamos no tempo que não para.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: luanadasilvaufsm@gmail.com

2 Esse conceito (e esta escrita) é parte de uma operação de produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso, o qual pesquisa as noções de escrita como parte do processo autoformativo de uma futura pedagoga.

3 Fiandar: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria.

O fim da obrigatoriedade do uso de máscaras antecipa o fim da pandemia?

RESUMO: Diante de uma ameaça invisível aos olhos, as máscaras materializam a crise sanitária e relembram a existência do vírus, da tragédia, das mortes, da ameaça. Neste ensaio, refletimos sobre como o fim da obrigatoriedade de máscaras no país, junto à reabertura de todos os espaços públicos em plena capacidade, pode marcar o fim da pandemia - e da necessidade de cuidado - antes mesmo que se haja redução significativa na transmissão.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Máscaras. Covid-19.

The end of mask mandates anticipates the end of the pandemic

ABSTRACT: When facing a threat invisible to the eyes, masks materialize the sanitary crisis and remind us of the existence of the virus, the tragedy it unleashed, the deaths it caused, its looming menace. In this essay, we analyze the end of mask mandates around Brazil, accompanied by the reopening of all public spaces at their full capacity, as it might mean the end of the pandemic - and the need for safety measures - before there is significant reduction in transmission levels.

KEYWORDS: Pandemic. Masks. Covid-19

Beatriz Klimeck ¹

Ralph Holzmann ²

A pandemia de Covid-19 incorporou e reatualizou diversos hábitos e práticas no cotidiano da população brasileira. Elas se fundamentam em determinada imagem do vírus e presumem certas formas de contágio. A partir de nosso desconhecimento das formas de transmissão do chamado “novo” coronavírus, as principais recomendações para a proteção relacionavam-se com a higiene das mãos e superfícies, nas quais o vírus poderia se alojar. O distanciamento recomendado entre as pessoas - às vezes dois metros, às vezes dois e meio, às vezes três - buscava driblar as gotículas de saliva que saíam da boca de uma pessoa contaminada em sua trajetória oblíqua em direção ao solo. Estes protocolos fundamentam a imagem de um vírus cuja transmissão não se dá pelo ar.

Cientistas no campo da mecânica dos fluidos, em suas muitas áreas de especialidade, contestaram os infectologistas e os protocolos mencionados, reaccessando e produzindo um volumoso corpo de evidências que argumentava que a forma principal de transmissão do vírus é aérea, através de partículas aerossolizadas que podem permanecer em ambientes fechados por longos períodos de tempo (GREENHALGH et al, 2021). De oceanógrafos a engenheiros, diferentes especialistas na trajetória e permanência destas partículas ganharam projeção no cenário internacional, contestando a Organização Mundial da Saúde e os protocolos de seus países de origem.

A predominância destas medidas ainda hoje é relevante, pois atesta que sua implementação não se baseia somente em modernas conclusões “racional”, e sim em produções de verdade que se concretizam a partir de interesses específicos em atos, máquinas, processos e rotinas.

Aderir à tese da contaminação por partículas aerossolizadas é repensar a nossa existência e a coletividade de forma muito mais profunda que posicionar totens de álcool em gel ou tapetes sanitizantes nos ambientes. É preciso olhar para o ar que respiramos e repensar nossa relação com os hermeticamente selados edifícios com climatização central, símbolos de modernidade, avanço e tecnologia. Garantir circulação de ar à atividade econômica presencial envolve exigir que os agentes econômicos invistam em infraestrutura, reformem ambientes e implementem sistemas de limpeza do ar. Para que isso fosse garantidamente executado, o investimento público teria de ser retomado, e determinada função estatal (a intervencionista) teria de ser retirada do ostracismo neoliberal e ocupar o centro da agenda.

Desta forma, essa imagem do vírus é desconfortável para a estabilidade cognitiva da produção capitalista. Sua contraface, o contágio por gotículas, assegura que essa atividade transcorra com mínimas adaptações, aproximando-se ao máximo do senso de “normalidade”. Torna-se muito mais fácil reabrir os espaços quando o protocolo não envolve monitoramento de CO2, ventilação dos ambientes ou estratégia eficaz de testagem. Posicionar uma garrafa de álcool em gel à disposição dos que quiserem, verificar a temperatura (no pulso!) com termômetros de testa mal calibrados e registrar a higienização constante das superfícies são também performances de proteção, protocolos pensados para que as atividades possam retornar sem grandes mudanças. A fotografia abaixo registra um dos milhares de formatos de avisos sobre os protocolos sanitários vigentes afixados em estabelecimentos em todo o país:



Figura 1 – Aviso de protocolos sanitários contra a Covid-19 na porta de um estabelecimento.
Fonte: Beatriz Klimeck

Inserido nesse rol de medidas, o uso de proteção facial respiratória, antes reservado apenas para contextos hospitalares ou ambientes de trabalho envolvendo poeiras, névoas e fumos, foi introduzido para toda a população, logo nos primeiros meses da chegada do SARS-CoV-2 no Brasil, também por meio da obrigatoriedade do uso em espaços públicos. Diante da possibilidade de escassez no suprimento de equipamentos de proteção individual, como máscaras cirúrgicas e respiradores PFF2/N95, a produção de máscaras de tecido foi amplamente incentivada a partir de diretrizes da OMS, fossem caseiras ou produzidas industrialmente.

Em junho de 2020, os guias da OMS sobre o uso de máscaras passaram a incluir o “uso coletivo e preventivo” de máscaras não-médicas, ou seja, máscaras de tecido. Falar em uso preventivo, aqui, não tratava de prevenção individual: máscaras de tecido seriam eficazes somente na função de controle da fonte, protegendo o grupo de um sujeito potencialmente infectado. Na tabela que segue o guia de julho, faz-se possível notar que máscaras médicas são apenas recomendadas para pessoas acima de sessenta anos e pessoas com comorbidades, como hipertensão, diabetes, câncer ou imunossupressão, tendo, para estes casos, a função de proteção individual. Em todas as outras situações, indica-se o uso de máscaras não-médicas, sempre com a função de “controle da fonte”. O documento passa a definir, portanto, diversas diretrizes para a produção das máscaras de tecido, como material recomendado e mínimo de três camadas.

É a partir dessa noção que o uso obrigatório de máscaras ativou formas de adesão à medida, como trabalhadores que passaram a comercializar máscaras confeccionadas localmente. Segundo a Agência Brasil, a obrigatoriedade do uso de máscaras criou oportunidade para a cadeia produtiva têxtil, afetada pela pandemia (COSTA, 2020). Apesar disso, não vemos na comunicação pública sobre o uso de máscaras a informação de que as versões de tecido não são pensadas para proteger o usuário. Ela é divulgada primordialmente como medida de prevenção, e é a partir dessa ideia que foi adotada em larga escala.

Com ampla adesão nacional, o significado coletivo da medida não se confinou a essas definições: transformando visualmente o ambiente público, as máscaras trazem aos olhos a

lembrança do vírus invisível. Narizes e bocas cobertos lembram que há a necessidade de separação dos fluidos corporais, das respirações, do contato físico. Onde há desejo de diminuir ou esquecer a pandemia, há também o questionamento da obrigatoriedade do uso.

A intenção de manter a normalidade diante da crise sanitária aparece desde o primeiro pronunciamento sobre o coronavírus feito pelo presidente Jair Bolsonaro, em 24 de março de 2020:

[...] “Mas, o que tínhamos que conter naquele momento, era o pânico, a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão: espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carrochefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com clima totalmente diferente do nosso. [...] O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos têm que ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos sim voltar à normalidade.”. [...] (BOLSONARO, 2020).

Hoje, após a vacinação de uma parte significativa da população, o uso obrigatório de máscaras se apresenta como fronteira entre a realidade pandêmica e essa normalidade. Em 10 de junho de 2021, o presidente da república, Jair Bolsonaro, afirmou ter solicitado ao Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que buscasse embasamento para o fim do uso obrigatório de máscaras, pronunciamento amplamente criticado pela mídia e pela comunidade científica (SIMÃO, 2021). No entanto, conforme a vacinação avançou em todos os estados do país, gestores passaram a discutir mais diretamente as medidas que flexibilizariam o uso de proteção facial nos espaços públicos.

Autores como Morawska e Milton (2020) argumentam pelo princípio da precaução (“precautionary principle”): mesmo que não haja consenso sobre a forma de transmissão, deveríamos aderir à proteção respiratória que protege não apenas contra gotículas, mas contra aerossóis. Argumentamos no mesmo sentido: se

não há certeza de que é o momento, a máscara deveria ser mantida por precaução. Trata-se de medida efetiva e de baixo custo. Quanto vale experimentar com a vida das pessoas?

Se máscaras foram o sinalizador do início da era pandêmica, sua desobrigação pode muito bem operar como sinal de seu fim. É nisso que apostam comunicações como a da Prefeitura do Rio de Janeiro, que condicionam a flexibilização da obrigatoriedade das máscaras à porcentagem de vacinados na cidade. Quando da liberação do uso da máscara em espaços abertos, o perfil do Twitter da Prefeitura afirmou que: “com a pandemia controlada e mais de 65% dos cariocas com esquema vacinal completo, está liberado mostrar o rostinho sorridente pelas ruas da cidade.”³

Por um lado, o cenário epidemiológico favorável com a alta cobertura vacinal pode indicar a possibilidade de flexibilização das medidas sanitárias. Por outro, a retirada da obrigatoriedade do uso de máscaras em espaços públicos informa a população de que não há mais razão para cuidados individuais e que a pandemia foi superada, possibilitando o retorno à vida pré-pandemia.

Sendo a máscara facial uma medida individual que tem como objetivo proteger o outro e a si mesmo, a flexibilização de seu uso, especialmente em ambientes fechados, indica que as interações entre pessoas não oferecem mais riscos consideráveis, o que não é verdade. No entanto, sem a vacinação completa da população e sem previsão de início da campanha para crianças abaixo dos 12 anos, a retirada das máscaras tende a aumentar a circulação do vírus, mesmo em uma população com alta cobertura vacinal.

No dia 19 de julho de 2021, a Inglaterra passou a desobrigar máscaras em data que ficou conhecida como o Dia da Liberdade (“Freedom Day”). Com o anúncio da flexibilização na Inglaterra, cientistas publicaram no *The Lancet* uma declaração que considerava a medida “perigosa e prematura” (GURDASANI et al., 2021). O artigo fora co-assinado por dezenas de pesquisadores de diferentes áreas que se opunham à liberação, visto que, diante do cenário epidemiológico, tratar-se-ia de uma chancela para a infecção em massa.

Em 18 de outubro, o Reino Unido atingiu o maior

número de novas infecções desde julho, quando a obrigatoriedade do uso de máscaras foi flexibilizada, segunda maior taxa de novos casos em números absolutos do mundo. Editorial recente na *BMJ* em 20 de outubro afirma que seria hora de reintroduzir medidas sanitárias (IACOBUCCI, 2021), como o trabalho em home office e o uso de máscaras. Mas reintroduzir tais medidas após a flexibilização não é tarefa simples, já que a comunicação foca na vacinação como estratégia para o convencimento: como convencer aqueles que se vacinaram para relaxar nas medidas que é hora de retornar com elas?

Como a obrigatoriedade não atua apenas como “regra”, e sim como uma infinidade de significados e cognições sobre a presença da pandemia, ao observar a alta de casos com a retirada das máscaras, a busca por reverter a mensagem envolve um trabalho árduo de comunicação que põe em risco a credibilidade e coerência das medidas sanitárias adotadas pelos gestores, já posta em risco frequentemente por aqueles que negam a efetividade destas.

Por esta razão, entendemos que propor o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras no Brasil hoje pode significar adiantar o anúncio do fim da pandemia. Liberando a população de todas as medidas restritivas, o Estado envia a mensagem de que, estando vacinado/a, não há mais razão para se preocupar.

As evidências nos apontam para o caminho contrário. Mesmo com boa cobertura vacinal, a transmissão do vírus continua ocorrendo, assim como mesmo casos leves podem deixar sequelas, muitas desconhecidas. Em prol do “retorno à normalidade”, cidades como o Rio de Janeiro erram ao ignorar o aprendizado da experiência de outros países e optar por retirar precocemente uma medida efetiva e de baixo custo, ao invés de adicionar protocolos de testagem em massa e investir em adequação respiratória, como o investimento em medidores de CO2 e filtros de ar.

Compreender que a sociedade brasileira lidará com o SARS-CoV-2 de forma endêmica não precisa significar o fim das medidas de prevenção e monitoramento. A espetacular adesão dos brasileiros à campanha de vacinação contra a Covid-19 não pode ser nosso parâmetro: vivemos em um único planeta com fronteiras artificiais e, no globo, a pandemia está longe de acabar. Não haverá forma de fugir: precisamos repensar, todos, o ar que respiramos.

ENSAIO: O fim da obrigatoriedade do uso de máscaras antecipa o fim da pandemia?

Bibliografia:

- COSTA, G. Produção de máscaras cria alternativas para negócios. Agência Brasil, Brasília, 04/05/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-05/producao-de-mascaras-criaalternativa-para-negocios>. Acesso em 16/11/2021.
- GURDASANI, Deepti et al. Mass infection is not an option: we must do more to protect our young. The Lancet, v. 398, n. 10297, p. 297-298, 2021.
- GREENHALGH, Trisha et al. Ten scientific reasons in support of airborne transmission of SARS-CoV2. The Lancet, v. 397, n. 10285, p. 1603-1605, 2021a.
- GREENHALGH, Trisha; OZBILGIN, Mustafa; CONTANDRIOPOULOS, Damien. Orthodoxy, illusion, and playing the scientific game: a Bourdieusian analysis of infection control science in the COVID-19 pandemic. Wellcome Open Research, v. 6, p. 126, 2021b.
- IACOBUCCI, G. Covid-19: Government must reintroduce precautionary measures now, say health leaders. BMJ, v. 375, n. 2566, p. 1, 2021.
- MORAWSKA, Lidia; MILTON, Donald K. It is time to address airborne transmission of coronavirus disease 2019 (COVID-19). Clinical Infectious Diseases, v. 71, n. 9, p. 2311-2313, 2020.
- SIMÃO, E. Em vídeo, Queiroga confirma que Saúde fará 'estudo' sobre uso de máscaras para atender Bolsonaro. Valor Econômico. Brasília, 10/06/2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/06/10/em-video-queiroga-confirma-que-saude-faraestudo-sobre-uso-de-mascaras-para-atender-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 15/11/2021.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Doutoranda em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social da UERJ e mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório Único. E-mail: klimeckbeatriz@gmail.com

2 Mestrando em Comunicação na UFF. E-mail: holzmannralph@gmail.com

3 Tweet da conta @Prefeitura_Rio no dia 28/10/2021. Disponível em: https://twitter.com/Prefeitura_Rio/status/1453754752949436424. Acesso em 15/11/2021

Como suscitar a potência do pensamento em tempos de turbulência social e ecológica? Leituras micropolíticas entrelaçadas de “Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”, de Donna Haraway

RESUMO: O ensaio apresenta de forma introdutória conceitos relevantes à teorização e à metodologia feminista da bióloga e filósofa estadunidense Donna J. Haraway, principalmente a partir do livro “Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene”. Discute-se a proposição do Chthuluceno como um marcador temporal singular e em relação a conceitos como Antropoceno e Capitaloceno, e as consequências dessas categorizações do tempo para os processos de produção de subjetividades e para as práticas narrativas e historiográficas. Enquanto estes últimos sentidos parecem facilitar a condução à negligência e ao niilismo diante da magnitude e complexidade das tensões sociais e ecológicas contemporâneas, o conceito proposto por Haraway suscita a responsabilidade implicada na convivência com outras espécies, convocando a figuração de imaginários relacionais que não reiterem extermínios e genocídios. Neste percurso, nos referimos a conceitos conectados e elaborados por autores como Hanna Arendt, Grada Kilomba e Fernanda Eugenio, aproximando o trabalho de Haraway destas análises micropolíticas sobre a renaturalização de práticas sistemáticas de violência colonial e racializante.

PALAVRAS-CHAVE: Antropoceno. Chthuluceno. Políticas de narratividade.

How can we think potently in times of social and ecological trouble? Intertwined micropolitical readings of Donna Haraway's “Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”

ABSTRACT: The essay presents relevant concepts to American biologist and philosopher Donna J. Haraway's feminist theorization and methodology, focusing on the book “Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene”. The proposition of the Chthulucene as a singular temporal marker and in relation to the concepts of Anthropocene and Capitalocene is examined, as well as the consequences of these different categorizations of time in the contemporary processes of production of subjectivity, as well as narrative and historiographic practices. While the last two concepts seem to lead to negligence and nihilism in face of the magnitude and complexity of contemporary social and ecological tensions, the concept proposed by Haraway invokes thinking with the responsibilities that coexisting among species entails and calls for the figuration of relational imaginaries that do not reiterate exterminations and genocides. Reference is made to connected concepts elaborated by authors such as Hanna Arendt, Grada Kilomba and Fernanda Eugenio, bringing Haraway's work closer to these micropolitical analyses on the renaturalization of systematic practices of colonial and racializing violence.

KEYWORDS: Anthropocene. Chthulucene. Politics of narrativity.

Ana Cláudia Holanda ¹

Ana Luiza Braga ²

ENSAIO: Como suscitar a potência do pensamento em tempos de turbulência social e ecológica? Leituras micropolíticas entrelaçadas de “Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”, de Donna Haraway

A pandemia global do novo coronavírus nos atravessa também em sua dimensão de fim de um mundo, como efeito brutal de estruturas ecocidas intensificadas. Em tempos de turbulência social e ecológica, é em histórias tão sérias quanto vivazes como as narradas por Donna Haraway que a nossa capacidade de responder às mutações sociais e subjetivas pode ser colocada em jogo.

Em “Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”, a bióloga e filósofa estadunidense nos desafia a permanecer na constante tensão da complexa trama de “padrões enormemente injustos de alegria e dor” (HARAWAY, 2016, p. 1) que caracterizam as experiências dos seres vivos no presente. Para Haraway, o momento não é próprio para nostálgicas utopias salvacionistas nem para “passados edênicos” (2016, p. 1), mas para uma atenção continuada aos efeitos irreparáveis da ação do Homem - ocidental, colonizador e industrializado - sobre os sistemas da Terra e seus viventes. É preciso não aderir ao desespero maniqueísta, alerta Haraway, mas compreender a gravidade, a magnitude e a complexidade dos processos envolvidos, considerando suas consequências materiais e semióticas. É necessário ter cuidado para não sucumbir aos discursos derrotistas, ela aconselha, nem recorrer a metafísicas seculares ou religiosas que produzem fés intolerantes, conduzindo ao cinismo ou ao desespero. Haraway insiste na recusa a respostas transcendentais prontas para instigar outras possibilidades de pensamento com e em meio às urgências e o luto; escapando das profecias “autoindulgentes e autorrealizáveis” (2016, p. 35) e da espera eterna por algum advento arrebatador.

Banalidade da negligência

Não há lugar para o niilismo nem a apatia nesta leitura feminista de uma época batizada de Antropoceno - alcunha dos cientistas do clima Paul Crutzen e Eugene Stoermer para um período de tempo que demarca os efeitos das ações humanas nos sistemas da Terra, com mutações irrevogáveis nos ciclos que mantiveram a estabilidade climática e a produção de biodiversidade nos últimos doze mil anos. A aceleração das transformações ambientais já era sentida em 1995, quando Crutzen ganhou o prêmio Nobel por expor que a civilização moderna se tornara uma força com alcance planetário e duração geológica, impactando

devastadoramente incontáveis formas e gerações de vida na Terra. Haraway, por sua vez, retoma outras leituras que situam na história recente as principais práticas tecnológicas e os modos de produção e de existência que Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - ensaios | ano 8, no. 21, 2021 conduziram diretamente ao esgotamento dos processos biofísicos e à perda massiva de biodiversidade planetária, pavimentando o caminho para a “Grande Aceleração” do século XX: a empreitada colonial escravista e a subsequente expansão global dos modelos capitalistas industrial e neoliberal. Buscando aprofundar a disputa de narrativas políticas nas ciências biológicas, no entanto, a filósofa vai além, argumentando que a própria noção de Humano como espécie é um dos principais produtos e capturas destas práticas antropocêntricas de conhecimento.

Ao ecoar a antropóloga Marilyn Strathern, etnógrafa de categorias relacionais e uma de suas grandes companheiras de pensamento, Haraway recorda que os sujeitos, objetos e tipos são produtos de suas relações, e que de modo algum as precedem. Convoca as redes entre fato científico, ficção científica e fabulação especulativa, cuidadosamente entretidas pelas forças tentaculares da aranha Pimoc thulu, Haraway para contar uma “história suficientemente grande” (2016, p. 52) que dispensa a teleologia e o determinismo, descrevendo uma época para recomeços: o Chthuluceno [Chthulucene]. Este lugar no tempo [timespace] fabulado nos serve para aprender a “ficar com o problema de viver e morrer com responsabilidade em uma terra ferida” (2016, p. 2) e a cultivar habilidades de responder a urgências concretas colocadas por territórios degradados, como a necessidade de constituir refúgios para muitas pessoas e espécies em meio a processos acelerados de devastação. Isto não se daria em favor de um mundo nem de um eu ideal, ela avisa, contrariando os sempre benevolentes esforços civilizadores - mas, como na proposição cosmopolítica da também filósofa e feminista Isabelle Stengers (2018), por mundos que assumam sua franca interdependência, nos quais as decisões devem ser tomadas na presença de todas e todos que arcarão com suas consequências. Sintetizando seu pensamento comprometido com a compostagem, Haraway defende que:

O inacabado Chthuluceno deve coletar o lixo do Antropoceno e o extermínio do Capitaloceno;

ENSAIO: Como suscitar a potência do pensamento em tempos de turbulência social e ecológica? Leituras micropolíticas entrelaçadas de “Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”, de Donna Haraway

picotando, triturando e estratificando como um jardineiro maluco, para formar uma pilha de compostagem muito mais quente para passados, presentes e futuros ainda possíveis. (HARAWAY, 2016, p. 57, tradução livre)

A filósofa assinala que a indiferença diante dos horrores a que estão submetidos humanos e não humanos (na exploração das cadeias industriais de alimentos ou de mineração, por exemplo) nos aproxima da condição extrema e cada vez mais normalizada da “banalidade do mal”. Esta expressão, como se sabe, foi usada por Hannah Arendt em sua descrição de Otto Adolf Eichmann, um dos organizadores do genocídio do Holocausto, durante seu julgamento em Jerusalém. Haraway enxerga na atual “negligência banal” [common thoughtlessness] (HARAWAY, 2016, p. 36) a mesma combinação entre a capacidade destrutiva e a burocratização que permitia que Eichmann participasse da “solução final” (ARENDR, 2016, p. 109) enquanto evitava testemunhar as consequências de suas ações. Dessa forma, recusava-se a “presentificar o que está ausente” (2016, p. 36). Para a autora, a suposta superioridade do Homem em relação aos demais existentes, na medida em que a supremacia do Antropos reproduz seu ideário de extermínio e dominação, aproxima esta figura do polêmico conceito arendtiano.

Compostagem em companhia inesperada

Contrária à reiteração do excepcionalismo humano e do individualismo limitado - que considera “seriamente impensáveis” (2016, p. 36) nas ciências biológicas atuais - Haraway já havia trazido à cena a noção de “espécies companheiras” (HARAWAY, 2021b) para evidenciar as parcerias ontologicamente heterogêneas que se tornam mutuamente capazes de viver através de relações de associação. Este “bestiário de agências, tipos de relações e marcações de tempo [...] superam as imaginações até mesmo dos cosmologistas mais barrocos” (2021b, p. 45), pois produzem conjuntamente as condições de existência ecológica entre diferentes seres e seus habitats. As múltiplas espécies com quem nos constituímos nos devolvem uma pergunta que escancara a falácia que aparta o Antropos de tudo que o compõe: qual é a nossa política de constituição de mundos em comum?

Ao apontar para sentidos de parentesco distintos daqueles da reprodução sexuada e das

concepções de família genealógica, biogenética ou religiosa, Haraway conecta a capacidade coletiva de responder a eventos devastadores com a tessitura de conexões inventivas e “não inocentes” entre múltiplos agentes implicados em práticas colaborativas e localizadas de reabilitação do mundo, para recuperar parcialmente os modos de viver e morrer (HARAWAY, 2016).

Ao acompanhar as diferentes histórias de cooperação e regeneração, chama atenção a sugestiva predileção da filósofa por certos prefixos: aquelas palavras que começam com ‘re-’ parecem lhe ser mais úteis, incluindo a “ressurgência” e a resiliência. O prefixo ‘pós-’, talvez, seria mais problemático (HARAWAY; TORRES, 2021b). Ao invés de insistir nas já caducas Humanidades (ou em correlatas vertentes pós-humanistas, igualmente teleológicas), Haraway opta por chafurdar no lodo das “humusidades” [humusities] (HARAWAY, 2016, 32), como nomeia o cultivo da capacidade interespecies de imaginar e performar mundos sensíveis e com sentidos para este “presente espesso” (2016, 2) de onde o passado emerge continuamente. Para reconstituir as condições para se seguir adiante conjuntamente, Haraway assinala, é preciso prestar atenção à degradação terrena e às estruturas de violência herdadas: “o humano como húmus tem potencial, se pudermos cortar e picar o humano como Homo, este projeto detumescendo de um CEO autoproduzido e destruídos de planetas” (2016, 32, tradução livre).

Com Haraway, portanto, assumir as “responsabilidades” [response-abilities] (2016, 32), isto é, inventar as habilidades de responder coletivamente a esta época instável que chama de Chthuluceno, tem a ver com (re)aprender a produzir mundos com diferentes espécies e suas temporalidades emaranhadas, reconhecendo as presenças e ausências, a persistência de assassinatos, os trabalhos de cuidados invisibilizados e os lutos recorrentes. A filósofa recorda a especificidade das mortes marcadas duplamente, a “dupla morte” [double death] (2016, 32) - tradução da antropóloga australiana Deborah Bird Rose a um conceito aborígine que descreve o assassinato da possibilidade de continuar - caso de diferentes processos de extinção em massa, guerra, genocídio, “especiescídio” [speciesscide] (2016, 32), extrativismo e simplificação de ecossistemas atrelados a políticas imperialistas.

ENSAIO: Como suscitar a potência do pensamento em tempos de turbulência social e ecológica? Leituras micropolíticas entrelaçadas de “Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene”, de Donna Haraway

Rememorando quem vive, quem morre, e de quais maneiras, Haraway procura estar atenta às práticas e narrativas sobre formas de continuidade [ongoingness]. Deixando de lado os reiterados “contos fálicos” [prick tales] (LE GUIN, 2019, 111) anteriormente diagnosticados pela escritora Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - ensaios | ano 8, no. 21, 2021 Ursula K. Le Guin, Haraway encontra força em diferentes matrizes narrativas que fabulam histórias minuciosas, cheias de experimentações de práticas de cuidados coletivos e de justiça ambiental e reprodutiva. Não seria o caso, portanto, de reproduzir programas éticos preconcebidos, mas de procurar maneiras de transmitir histórias de entrelaçamentos enquanto se presta contas a quem veio antes, para assim “tornar o mundo mais cheio de práticas de justiça e cuidado para aqueles que vierem depois” (HARAWAY; TORRES, 2021a, 400).

Para não confundir Cthulu com Cthulhu

Note-se que Haraway tem o cuidado de marcar com uma letra a diferença entre os seres ctônicos que convoca em seus textos e o imaginário racista de divindades diabólicas e povos primitivos de H. P. Lovecraft. Enquanto, para o autor estadunidense, a imagem de Cthulhu emerge fetichizada como uma ameaça de vingança e caos sobre as sociedades ditas civilizadas, para Haraway, a aranha Cthulu é capaz de desfilar as estratégias narrativas totalizantes de supremacia racial que retificam a hegemonia do modo de existência ocidental.

A incidência do termo de que é necessário se afastar encontra-se no conto de ficção científica do escritor estadunidense H. P. Lovecraft (2009), “O chamado de Cthulhu”. A referência a esta antiga deidade monstruosa surge quando se tem notícias de algumas tragédias ocorridas em torno da escultura de um ídolo antropeide com cabeça de polvo, cultuado por marinheiros negros em rituais sacrificiais nos bosques de Nova Orleans, e apreendida pela polícia na década de 1920. O leitor se depara com os registros em formato de diário de um pesquisador que relata suas descobertas acerca de uma série de estranhos eventos conectados à maldição de seres imemoriais, habitantes de uma antiga cidade submersa, e ritualizada por pequenos grupos racializados nos confins do mundo civilizado. Finalmente, como leitores, somos levados a

deduzir que provavelmente seremos os próximos vitimados pelo contágio da leitura, que conduz ao confronto com a iminência da própria morte, a ser causada pela sublevação de algum povo oprimido pela máquina de dominação colonial.

A narrativa de Lovecraft oferece subsídio ao preconceito do pensamento que justifica a opressão racial na projeção do desejo de extermínio da diferença. Em “Memórias da Plantação”, Grada Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa - ensaios | ano 8, no. 21, 2021 Kilomba (2019) nomeia este mecanismo como negação. Segundo a artista e psicanalista, para defender-se do mal-estar pelos atos criminosos que comete, o sujeito branco colonizador fantasia no sujeito negro seu desejo de forma invertida: “Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam “moralmente” à/ao colonizada/o, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo” (KILOMBA, 2019, p. 34). A repressão da verdade, pensa a autora, é uma defesa do ego diante da realidade. Para Kilomba, este é um dos mecanismos centrais do racismo, utilizado para manter as posições de poder em uma estrutura de opressão que justifica atos de violência e exclusão racial:

Elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm que ser controladas/os.” A informação original e elementar - “Estamos tomando o que é Delas/es” - é negada e projetada sobre a/o “Outra/o” - “elas/es estão tomando o que é Nosso” -, o sujeito negro torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. (KILOMBA, 2019, p. 34).

Do processo psíquico de negação quase absoluta pelo qual se constrói o racismo, a autora infere uma dinâmica na qual o sujeito negro torna-se não apenas o “Outro” mas a própria alteridade, enquanto representação mental do que o sujeito branco não quer ser: “A negritude serve de forma primária de alteridade por via da qual se constrói a branquitude. O outro torna-se “outro” graças a um processo de negação absoluta.” (p.36) Trata-se da identificação do sujeito negro com o objeto mau, projeção daquilo que o sujeito branco teme admitir sobre si (p. 35), em uma dinâmica em que o opressor torna-se o oprimido.

Apesar de ser um conto bastante conhecido e celebrado no universo literário, o texto de Lovecraft parece reiterar a fantasia racista e

ENSAIO: Como suscitar a potência do pensamento em tempos de turbulência social e ecológica? Leituras micropolíticas entrelaçadas de "Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene", de Donna Haraway

patriarcal que projeta sobre coletividades racializadas a vocação ao extermínio e à desordem, com o objetivo de justificar a perpetuação da violência sobre esses mesmos grupos. Não por acaso, Lovecraft defendeu em vida posições racistas e antisemitas - note-se que os grupos com os quais relaciona o culto do deus tentacular de seu conto são constantemente referidos como primitivos e inferiores. Ao associar as mortes de homens brancos a aterrorizantes rituais de feitiçaria, Lovecraft reanima no imaginário de seus leitores o fantasma das opressões de que eles mesmos tentam esconder, mas inverte seu sentido, apresentando a decisão de oprimir com uma saída lógica, inerente a uma suposta unidade superior da natureza humana.

Haraway descola a figura da aranha Chthulu e sua escrita deste tipo de narrativa para situá-la em meio a relações fabuladoras entre ciências e ontologias diversas, a partir de uma de escuta que se quer aprendiz da diferença, e não reitera a reatividade das operações de apagamento e assimilação. Para ela, a diferença é a principal aliada na montagem de estratégias para "pensar com" as urgências do presente. Haraway defende que é preciso cessar as aproximações a cosmologias não-ocidentais que tendem à linearidade e à superação. Para ela, a existência do pensamento colonial branco não coloca os mitos dos povos originários de territórios americanos, por exemplo, como "atrasados" ou "primitivos", mas como concomitantemente existentes em uma lógica tentacular da continuidade. Afinal, segundo ela, "as serpentes ctônicas do terrível submundo de Lovecraft eram terríveis apenas em modo patriarcal. O Chthuluceno tem outros terrores, mais perigosos e gerativos, em mundos onde este gênero não reina." (HARAWAY, 2016, 174).

Reparação micropolítica

Na leitura de Kilomba também encontramos outras ressonâncias com as "responsabilidades" pensadas por Haraway, isto é, nossa capacidade de responder coletivamente às necessidades de recuperação parcial de comunidades e territórios devastados por empreitadas coloniais. Ao investigar o processo pelo qual a branquitude se constrói na constituição de uma alteridade negra em gestos de racismo cotidiano, Kilomba mapeia um possível percurso de conscientização coletiva que tem a ver com processos de

responsabilização - em seu entendimento, a criação de novas configurações de poder e conhecimento.

Kilomba aprofunda em trabalhos artísticos os cinco mecanismos de defesa do ego que, na descrição de Paul Gilroy, o sujeito branco atravessa ao tomar consciência de si enquanto encenação do racismo: negação, culpa, vergonha, reconhecimento, reparação. Enquanto a negação é seguida de dissociação e projeção, como na narrativa Lovecraftiana, a reparação se refere à negociação do reconhecimento, aproximando-se das histórias de recuperação parcial contadas por Haraway. Trata-se, para Kilomba, do "ato de reparar os danos causados pelo racismo mudando estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, abdicando de privilégios" (KILOMBA, 2019, p. 34).

A artista Fernanda Eugenio (2019) oferece ainda outras pistas para o que seria uma reparação micropolítica, que se modula triplamente ante a própria impossibilidade de reparação, ou o que chama do irreparável: "(re-parar), inventariar atentamente e manusear em concerto." Visando uma prática sustentada de uma ética de reparação diante das inexoráveis operações de recolonização, assentes "numa proliferação de variadas versões de uma mesma cisão, que separa sujeitos e sujeitades", Eugenio se detém na afinação entre esses fluxos, "num reconhecimento de que a luta pela descolonização de ser/estar preparada (e pré-parada) debaixo da pele." A autora também convida à habitação de alianças improváveis e na potência de agregação de esforços coletivos, apostando no "grau de consistência, justeza, firmeza e franqueza com o qual se habita e se encara este vínculo entre o íntimo e político".

Com Haraway, Kilomba, Eugenio e outras companhias de viagem, podemos afirmar que "um mundo vivível comum deve ser composto pouco a pouco, ou de modo algum" (HARAWAY, 2016, 40). O jogo está em nossas mãos para ensaiar o 're-', Haraway recorda, e cabe a nós pensar e experimentar formas de agir coletivamente. Talvez, "mas só talvez", ressalta - "e somente com intenso compromisso e trabalho colaborativo com outras entidades terrenas, o florescimento de ricos agenciamentos multiespécies que incluem pessoas será possível" (2016, 101).

ENSAIO: Como suscitar a potência do pensamento em tempos de turbulência social e ecológica? Leituras micropolíticas entrelaçadas de "Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene", de Donna Haraway

Bibliografia

ARENDR, H. Eichmann em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal. Coimbra: Tenacitas [1963], 2003.

EUGENIO, F. Quase-manifesto ante o irreparável. Revista BUALA, 2019. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/quase-manifesto-ante-o-irreparavel-2019>. Acesso em 2 de novembro de 2021.

HARAWAY, D. J.; TORRES, H. Ficar com o problema. In: PÉLBART, P. P.; FERNANDES, R. M. (org.). Pandemia Crítica: inverno 2020. São Paulo: edições SESC; n-1 edições, 2021a. p. 390-405.

HARAWAY, D. J. O manifesto das espécies companheiras - Cachorros, pessoas e alteridades significativa. Bazar do Tempo, 2021b.

HARAWAY, D. J. Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GUIN, U. K. The carrier bag theory of fiction. Ignota Books, 2019. LOVECRAFT, H. P. O chamado de Cthulhu e outros contos. São Paulo: Hedra, 2009.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 69, São Paulo, p. 442-464, 2018.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutoranda no mesmo programa e instituição. E-mail: anaclh@gmail.com

2 Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e bolsista do CNPq. E-mail: analuizabragam@gmail.com

As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

RESUMO: Este ensaio traz considerações sob um viés marxista sobre o negacionismo na condução da pandemia de Covid-19 por parte do governo brasileiro, seguidas por uma crítica à ideologia dominante que coloca o trabalho e a economia como mais importantes do que as vidas humanas que estavam sendo perdidas e arriscadas diariamente, usando para isso mitos como a figura do “mercado”. Apresenta reflexões sobre a invisibilidade das crianças na sociedade, por exemplo na política e durante a pandemia. É apresentado o exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com a construção da identidade das crianças como sujeitos participantes do movimento: as Sem Terrinhas. Costurando os pontos apresentados, a educação libertadora de Paulo Freire é reafirmada como necessária para a criação de uma sociedade que se liberte das opressões e do ódio.

PALAVRAS-CHAVE: Educação libertadora. Pandemia de Covid-19. Ideologia.

Children as an affirmation of hope for the future: the need for a liberating education in the face of negationism

ABSTRACT: This essay brings considerations from a marxist point of view about the negationism in the conduct of the Covid-19 pandemic by the Brazilian government, followed by a critique of the dominant ideology that places work and economics as more important than the human lives that were being lost and risked daily, using myths such as the figure of the “free market” for this. It presents reflections on the invisibility of children in society, for example in politics and during the pandemic. The example of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) is presented with the construction of the children's identity as participants in the movement: the Sem Terrinhas. Sewing together the points presented, Paulo Freire's liberating education is reaffirmed as necessary for the creation of a society that frees itself from oppressions and hatred.

KEYWORDS: Liberating education. Covid-19 pandemic. Ideology.

Patricia Kawaguchi ¹

ENSAIO: As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

Negacionismo. Essa palavra se tornou parte do nosso vocabulário durante a pandemia de Covid19, quando vimos uma série de atitudes estarrecedoras por parte do governo. Começando pelo presidente minimizando a doença com afirmações que não tinham qualquer respaldo científico, passando pelo ativo boicote ao uso de máscaras, incentivo do uso de medicamentos que não apenas não tratavam a doença mas poderiam trazer complicações, esforços para atrasar a vacinação, escândalo de propina, trocas de ministros e existência de um gabinete paralelo com médicas/os negacionistas... Tudo isso culminou em mais de 600 mil mortes, em uma pandemia que, embora o número de mortes felizmente tenha se reduzido, ainda não acabou.

Junto com negacionismo, outra palavra passou a ser associada ao governo brasileiro: genocídio. O presidente Jair Bolsonaro foi denunciado ao Tribunal Penal Internacional, em Haia, na Holanda, por crimes contra a humanidade, com o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI da Covid) como evidência. O atual Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, debochou dizendo que vai “passear em Haia” junto com o presidente. Algumas pessoas afirmam que chamar Bolsonaro de genocida seria banalizar a palavra, mas como definir um governo que ativamente contribuiu para a morte de milhares de pessoas, mais especificamente parcelas específicas da população: pobres e idosos? A investigação conduzida pela CPI escancarou os horrores que aconteceram durante os piores meses da pandemia, evidenciando que não se tratou de mera negligência ou falta de competência.

Mesmo com todas essas informações, ainda existe uma base governista que defende o presidente e seus asseclas e encontra justificativas para tudo. A sensação de impotência é enorme: será que falhamos como sociedade? Como pode haver pessoas que não se incomodam com o aumento da miséria e com pessoas fazendo fila para receber doação de ossos, mas que estão sempre dispostas a ofender e julgar seus adversários políticos? Por exemplo, a polêmica esdrúxula em que personalidades como o deputado federal Eduardo Bolsonaro apontaram como hipocrisia o fato de marmitas do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto terem camarão - como se camarão fosse comida de luxo e como se pessoas pobres não pudessem se alimentar bem. Não é a fome que choca essas pessoas. Diante dessas manifestações de ódio, torna-se cada vez mais nítida a realidade da luta de classes - luta que muitas vezes parece

que estamos perdendo.

Nesse sentido, o jurista e filósofo do direito Alysson Mascaro pontua que a pandemia não se limita à explicações biológicas ou da natureza, apenas sobre o vírus e a doença. “A crise atual é estrutural na economia, na política e na sociabilidade” (MASCARO, 2020, p. 15). Ou seja, precisamos observar a totalidade do cenário brasileiro para compreender por que a pandemia atingiu tamanhas proporções no país e por que foi tratada aqui dessa maneira desastrosa. O problema não começou em março de 2020. “O flagelo do desemprego, as habitações precárias para suportar quarentenas, as contaminações em transportes públicos lotados e a fragilidade do sistema de saúde são, exata e necessariamente, condições históricas de um modo de produção específico, o capitalismo” (MASCARO, 2020, p. 7).

O atual governo não é o único responsável pelo absurdo número de vidas perdidas em decorrência da pandemia. Os empresários que pressionaram tanto pela reabertura do comércio e de seus estabelecimentos, colocando a vida de tantas trabalhadoras e trabalhadores em risco, também têm sangue nas mãos. Por exemplo, o empresário Junior Durski, dono da rede de restaurantes Madero, disse ainda em março de 2020 que o país não poderia “parar de trabalhar” pois as consequências econômicas seriam pior do que o número de mortes, estimadas por ele em 5.0002. Como diz Kurz (2014, p. 373 apud JAPPE et al, p. 52): “Os sanguinários sacerdotes dos astecas eram inofensivos e amigáveis em comparação com os burocratas do sacrifício ao fetiche do capital global no seu limite interno histórico”.

Outro exemplo digno de nota foi o vídeo da campanha “Milão não para”, contra o fechamento dos comércios e as medidas de quarentena e isolamento social. Esse vídeo posteriormente foi copiado pela Secretaria de Comunicação do governo brasileiro, que postou a campanha “O Brasil não pode parar”. Um mês após a campanha e após considerável aumento no número de infecções e mortes, o prefeito de Milão, Giuseppe Sala, admitiu que foi um erro3. Os brasileiros nunca se desculparam. Pelo contrário, em uma atitude bizarra o governo federal negou a existência da campanha, dizendo que o vídeo postado era apenas uma proposta que não chegou a ser aprovada e que foi publicado como ação isolada4.

Basta olhar as redes sociais para ver os maiores

ENSAIO: As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

malabarismos argumentativos para tirar do governo a culpa pela miséria do povo brasileiro. Dizem que a culpa é da pandemia, pois todos os países estão passando por uma crise. Dizem que a culpa é do “fique em casa” – sendo que nem houve um lockdown consistente no país –, reclamam que as pessoas não querem trabalhar, apostam que se flexibilizar – entenda-se precarizar – as condições de trabalho haverá mais empregos... numa tentativa de tirar a culpa do capitalismo.

Martelando incessantemente o panorama de uma economia mundial em bom estado de saúde antes da covid-19 e projetando as causas da crise para seu exterior, a ideologia apologética dominante busca, acima de tudo, absolver de qualquer culpa a corrida treloucada da economia e impedir que, na situação atual, a crítica do sistema se reorganize (JAPPE et al, 2020, p. 32).

A educação é a nossa principal arma para lutar por um futuro melhor. Não é por acaso que ela é constantemente atacada pelos negacionistas, sob a justificativa de lutar contra imposições ideológicas, escondendo o fato que uma educação tecnicista que objetiva formar trabalhadoras e trabalhadores que aceitem de forma submissa as exigências de seus empregadores e do “mercado” também está a serviço de uma ideologia: a ideologia da classe dominante. Grespan fala sobre o conceito de fetichismo em Marx para além da mercadoria: “enquanto as relações humanas se coisificam, as relações entre as coisas adquirem subjetividade, e expressões como o ‘mercado está nervoso’ ou ‘está calmo’ tornam-se lugar-comum nos meios de comunicação” (GRESPLAN, 2021, p. 45). Torna-se frequente então referir-se ao “mercado” como se ele fosse uma entidade dotada de vontade própria. Sobre a ideologia dominante, dizem Marx e Engels:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das

relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época (MARX; ENGELS, 2007, p. 47, grifos dos autores).

Ou seja, a ideologia dominante busca fazer as pessoas acreditarem no mito do empreendedorismo, de que o capitalismo é um sistema que dá liberdade para as pessoas escolherem o que fazer, para que cada um possa “ser seu próprio chefe”. Marx detecta a farsa da igualdade entre empregados e empregadores, já que uma das classes não possui os meios de produção. “Esse despojamento, porém, é apresentado pelo capitalismo como o avesso do que é, a saber, como a propriedade que cada trabalhador tem de sua força de trabalho e a liberdade daí decorrente de trabalhar em qualquer lugar ou em qualquer ramo da produção” (GRESPLAN, 2021, p. 11). Paulo Freire também denuncia essa farsa da liberdade dentro da sociedade capitalista a partir de seus mitos:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. [...] O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando” é ainda uma pergunta dos nossos dias (FREIRE, 1987, p. 137).

ENSAIO: As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

A indústria cultural incentiva essa ideologia com as suas variadas mídias, incluindo novelas, programas de televisão sensacionalistas, filmes e músicas. O patrono da educação brasileira já nos alertava para a questão da mídia décadas atrás, salientando que a mídia nunca é neutra pois “na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação” (FREIRE, 2015, p. 136). Ou seja, o controle da produção da ideologia é também inerente às classes dominantes. Como diz Ludovico Silva:

Ser capitalista não é apenas ser dono do capital material; mas, também, do capital ideológico. O capitalismo não apenas controla os homens economicamente; mas, além disso, os explora ideologicamente. Para dizê-lo com nosso vocabulário: coloca em seu pré-consciente a imagem do mundo como um mercado, o converte em um arsenal de valores de troca, faz do trabalho espiritual uma mercadoria (SILVA, 2017, p. 198).

A educação libertadora é uma concepção educacional que se propõe a combater as opressões das classes dominantes, que usam a concepção bancária de educação para manter a sua dominação ao tentar impedir o desenvolvimento do pensamento crítico dentro da escola. “Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância” (FREIRE, 1987, p. 58). A educação libertadora por sua vez é dialógica: a/o docente aprende ao ensinar e a/o estudante ensina ao aprender: “Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento” (FREIRE, 1997, p. 118, grifos do autor).

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou

de forma desestruturada. A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 83-84, grifo do autor).

Freire acrescenta ainda que “[...] a concepção problematizadora da educação não pode servir ao opressor. Nenhuma ‘ordem’ opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: ‘Por quê?’” (FREIRE, 1987, p. 75). É justamente por isso que nosso patrono da educação é tão perseguido pelas classes opressoras. Tão reconhecido mundo afora, foi perseguido no Brasil em vida e continua sendo após sua morte, acusado de promover uma educação doutrinária e culpado pelo declínio na educação brasileira – acusações que não se fundamentam. Sérgio Haddad afirma que essas críticas “não têm base empírica que as comprovem: Paulo Freire nunca foi comunista, é pouco lido nas universidades brasileiras, nunca pregou uma educação partidária nas escolas e a crítica à qualidade literária dos seus livros não se sustenta” (HADDAD, 2019, p. 145).

Quando falamos sobre educação, um dos nossos primeiros pensamentos são as crianças, que são invisibilizadas em outros assuntos. Por exemplo, os espaços das cidades e da sociedade em geral não são pensados para incluir as crianças, o que muitas vezes acaba por excluir suas mães: a falta de creches em muitas universidades, falta de trocador em banheiros... Apenas em 2021 a Câmara dos Deputados passou a sinalizar a licença-maternidade de parlamentares ao invés de apenas mostrar ausência. A política institucional é, ainda, um espaço pouco acolhedor para crianças, como narra Manuela D’Ávila em seu livro Revolução Laura (2019): “A construção da presença de Laura nos espaços públicos foi gradual e transformadora. Para mim e para muitos” (p. 56). “Durante a campanha me disseram que o estranhamento da presença de uma mulher com seu bebê no ambiente político apenas reforça a necessidade de termos mais mulheres na política” (p. 59). Ela narra também todas as agressões que sofre em decorrência do ódio à esquerda, agressões quando está inclusive com sua filha, além de fake news – que deveriam ser chamadas de mentiras sórdidas.

Os movimentos sociais se tornaram, ao longo dos anos, mais acolhedores e reconheceram a existência e a importância de crianças como parte integrante. Um exemplo é o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra, que não por acaso se inspira muito na pedagogia freireana: falando

ENSAIO: As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

sobre os lugares que as crianças do MST ocuparam dentro do movimento ao longo de sua história, Roseli Caldart diz que o primeiro “foi como testemunhas da luta de suas famílias, ou seja, estavam lá e acompanhavam, sofriam o desenrolar dos fatos de cada ocupação, de cada acampamento, de cada assentamento” (CALDART, 2004, p. 302, grifo nosso). Ela afirma que o colégio das crianças nunca é passivo, colocando em seguida um relato de Frei Sérgio Górgen sobre uma ocasião em que o acampamento de Encruzilhada Natalino em Ronda Alta estava cercado pelo exército nacional e pela polícia federal, em 1981:

Meu coração estava aflito e minha mente perturbada. Naquelas condições não havia resistência possível. Foi quando me chamou a atenção uma criança de uns quatro anos, sentada em cima de um tronco de árvore, na beira da estrada quase ao centro do acampamento, parecendo alheia a tudo que ali se passava, sem se importar com o aparato militar que a rodeava, cantava a plenos pulmões a música-hino dos sem terra naquela época: “A Grande Esperança”. Parei tomado de emoção ouvindo aquela voz infantil rompendo o silêncio imposto pela ditadura militar e pelas elites aos camponeses pobres [...]. Naquele momento vi-me tomado de uma súbita certeza: este povo vai resistir e vai vencer. Pela simples razão de que só assim haveria esperança de futuro para aquela criança e a multidão de outras que se acotovavam, sofriam e brincavam pelos barracos daquele acampamento. E assim se deu. A criança venceu o coronel que hoje é cinza na história (CALDART, 2004, p. 303-304).

As crianças se tornaram parte da identidade Sem Terra, ganhando até um nome próprio: Sem Terrinhas. “[...] as crianças começaram a entrar em cena como personagens que criam seus próprios espetáculos, exigindo seus direitos também como integrantes desse Movimento e dessa organização social que vem produzindo sua identidade específica” (CALDART, 2004, p. 306, grifos da autora).

Ou seja, as crianças podem e devem estar envolvidas com a sua comunidade, pensar em suas reivindicações e se articular das suas próprias maneiras. Muitas vezes subestimamos o entendimento que as crianças têm do mundo na

tentativa de protegê-las das violências e das opressões que o “mundo adulto” traz. E acabamos deixando de enxergá-las como sujeitos que possuem angústias, desejos e potenciais.

Durante a pandemia, as crianças perderam o contato com seus círculos de amizade e passaram por inúmeras dificuldades em relação ao ensino remoto, ao falecimento de familiares e até mesmo com o aumento da violência doméstica. Picornelli-Lucas afirma que, com o isolamento social e a perda de contato com professoras/es e outras pessoas externas ao círculo familiar, as crianças tornam-se mais vulneráveis, um problema muitas vezes invisibilizado. Acrescentando que,

[...] além da vulnerabilidade que implica na insegurança econômica e isolamento em espaços confinados, o fechamento das escolas e a vida familiar em período integral, sem que as crianças tenham contato com suas redes sociais físicas, transformaram a violência intrafamiliar em um dos riscos invisíveis dessa pandemia (PICORNELL-LUCAS, 2020, p. 14).

No que se refere aos órfãos da Covid, há uma verdadeira invisibilização dos dados. Uma estimativa do Imperial College aponta que 5 milhões de pessoas em todo o mundo devem ter perdido os pais durante a pandemia; no Brasil não há dados concretos sobre isso⁵. Essa é uma dor invisível com a qual nossa sociedade deverá lidar durante os próximos anos. Faz-se necessário criar políticas de acolhimento, é essencial pensar que “uma sociedade não pode ser entendida sem crianças e adolescentes. E agora é a hora de focar no impacto que esta pandemia está tendo e terá no futuro próximo no bem-estar social e educacional deles” (PICORNELL-LUCAS, 2020, p. 17).

A escola precisa ser um espaço de acolhimento, compreensão e empatia para receber de volta as crianças após o longo período de ensino remoto emergencial. É preciso compreender as dificuldades pessoais por que cada estudante passou, problemas de saúde física e mental, sem exigir um produtivismo desalmado para compensar as lacunas na aprendizagem. Caso contrário, não haverá diferença entre nós, professoras e professores, e a tal entidade capitalista “mercado”, que suga até o sangue e a alma da classe trabalhadora. Como nos ensinou Paulo Freire, a educação é um ato de amor e de coragem e precisamos nos lembrar disso nesses tempos sombrios repletos de ódio.

ENSAIO: As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

Frente a esse ódio, a escola pode e deve se colocar contra as opressões e preconceitos, por exemplo o androcentrismo, que:

[...] é a junção de dois problemas frequentes que enfrentamos na sociedade: o androcentrismo e o eurocentrismo. São preconceitos e estereótipos enraizados em nossa sociedade, presentes também na escola a partir da definição do que - e de quem - é estudado, das referências em livros didáticos e da postura de professoras e professores (KAWAGUCHI, 2021, p. 36).

Essa visão que coloca como padrão a ser admirado e seguido o homem cisgênero, héterosexual e branco é naturalizada, então “se não tivemos a oportunidade de conhecer outras visões, muitas vezes reproduzimos preconceitos [...]. Por isso mesmo a escola é um espaço tão importante. É nela que as alunas e alunos podem ter contatos com outras concepções, outras visões de mundo, outras culturas” (KAWAGUCHI, 2021, p. 33). A compreensão das diversas formas de opressão, que são também parte constituinte de uma sociedade capitalista, é um primeiro passo para a educação

Bibliografia

ALBINO, M. Um ano atrás eu publicava essa imagem, que circulou bastante à época [...]. Campinas, 29 abril 2021. Instagram: @matheusalbino13. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COQkWFPHhLr/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CALDART, R. S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

D'ÁVILA, M. *Revolução Laura*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2019. FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 2 ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GRESPLAN, J. *Marx: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2021.

HADDAD, S. *Paulo Freire, o educador proibido de*

libertadora.

É natural haver o receio de perseguições, ameaças e punições - infelizmente são inúmeros os casos que aconteceram nos últimos anos. Por isso é mesmo preciso coragem para seguir lutando. Diz Freire:

Quando começamos a ser envolvidos por medos concretos, tais como o de perder o emprego, o de não ser promovidos, sentimos a necessidade de estabelecer certos limites a nosso medo. [...] O que não posso permitir é que meu medo me imobilize. Se estou seguro do meu sonho político, com táticas que talvez diminuam os riscos que corro, devo prosseguir na luta (FREIRE, 1997, p. 58).

Em oposição ao negacionismo, as crianças são uma afirmação do futuro, da esperança. Qual futuro queremos? Precisamos de uma educação popular articulada com movimentos sociais e que combata as opressões para transformar a sociedade - para melhor. Devemos lutar por isso para as crianças e com as crianças.

educar. In: CÁSSIO, F. (Org.) *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019.

JAPPE, A et al. *Capitalismo em quarentena: notas sobre a crise global*. Tradução de João Gaspar et al. São Paulo: Elefante, 2020.

KAWAGUCHI, P. *Androcentrismo na arte-educação: perspectivas feministas e anticoloniais para levar à sala de aula*. In: SANTOS, R. C. D.; CARNEIRO, M.; ROSSETTI, D. (Org.) *Pesquisa em Arte, Mídias e Tecnologia: Textos selecionados*. Rio Branco: Stricto Sensu, 2021.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASCARO, A. L. *Crise e pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

ENSAIO: As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

PICORNELL-LUCAS, A. As crianças e os adolescentes confinados e invisíveis. In: MOREIRA, T. A. S. et al. COVID-19, infância e adolescência: o novo mundo é um jardim ou uma cela? Editora Terra sem Amos: Brasil, 2020.

SILVA, L. A mais-valia ideológica. Florianópolis: Insular, 2017.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Mestra em Música, Unicamp.
patricia@nocmoon.com

2 Disponível em: <https://istoe.com.br/dono-do->

[madero-diz-que-brasil-nao-pode-parar-por-5-ou-7-mil-mortes/](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/03/26/interna_mundo,840540/erramos-um-mes-apos-campanha-para-nao-parar-milao-tem-4-4-mil-mort.shtml). Acesso em: 19 nov. 2021.

3 Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/03/26/interna_mundo,840540/erramos-um-mes-apos-campanha-para-nao-parar-milao-tem-4-4-mil-mort.shtml. Acesso em: 19 nov. 2021.

4 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/propaganda-brasil-nao-pode-parar-foi-um-ato-isolado-diz-governo-ao-supremo/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

5 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-24/invisiveis-orfaos-da-covid-19-encaram-a-dor-e-odesamparo-tentamos-seguir-a-nossa-vida.html>. Acesso em: 19 nov. 2021

ENSAIO:

Notas sobre A Privacidade dos Outros, de Daniel Lie: paisagem suspensa e fragmentária de mortos e vivos

RESUMO: Este ensaio tematiza os limites entre morte e vida, arte e ciência, humanos e não humanos. A partir da instalação de Daniel Lie intitulada A privacidade dos outros, pensamos sobre o colonialismo, ancestralidade, espiritualidade e tempo. A instalação compõe a primeira exposição do artista fora do Brasil - Os Anos Negativos, que ocorreu na Escócia, Reino Unido. Com Anna Tsing e Dipesh Chakrabarty, tratamos da emergência da vida em nossa época, o Antropoceno, marcada pelas extinções em massa. Com Claire Bishop e Maria Angélica Melendí, será feita uma breve exposição da relação entre o sujeito observador e a arte instalativa.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Instalativa. Morte. Vida.

Notes about The Privacy of Others, by Daniel Lie: suspended and fragmentary landscape of the dead and the living

ABSTRACT: This essay discusses the boundaries between death and life, art and science, humans and non-humans. Based on Daniel Lie's installation entitled The privacy of others, we reflect upon colonialism, ancestry, spirituality and time. The installation is part of their first exhibition outside of Brazil - The Negative Years, which took place in Scotland, United Kingdom. With Anna Tsing and Dipesh Chakrabarty, we address the emergency of life in our time, the Anthropocene, which is marked by mass extinctions. With Claire Bishop and Maria Angélica Melendí, there will be a brief exposition of the relation between the observer subject and the installation art.

KEYWORDS: Installation art. Death. Life.

Guilherme Barbosa Ferreira ¹

ENSAIO: Notas sobre A Privacidade dos Outros, de Daniel Lie: paisagem suspensa e fragmentária de mortos e vivos

Em 2020, os incêndios na floresta amazônica aumentaram 30% em relação a julho do ano passado, 77% em relação aos territórios indígenas. As queimadas no pantanal também cresceram, alcançando o maior número de ocorrências desde os anos 1990. No ano de 2021, o Brasil ultrapassou o número de três mil humanos mortos todos os dias diagnosticados com coronavírus. Trata-se da morte coletiva de seres vivos, e também de entidades, mundos e pontos de vista.

Em Arts of Living on a Damaged Planet (2017), a antropóloga Anna Tsing escreve que, no Antropoceno, a vida persiste na sombra da morte em massa (Tsing et al., 2017). Que a morte não é o fim da vida, mas marca o início de uma nova existência: a vida dos fantasmas, "after death comes the strange life of ghosts" (Tsing et al., 2017, p. 8). Em convite aos espectadores para visitarem a exposição The Negative Years (2019), Daniel Lie apresenta questões semelhantes:

Quando a morte acaba? Quando olhamos uma fruta podre, se olharmos mais de perto podemos ver muita vida ali. Então aquilo está realmente morto? O que nós consideramos morto? E como expandimos os limites entre morte e vida? (Lie, 2019b).

Daniel Lie é artista não-binário nascido em São Paulo, com ascendência pernambucana e indonésia. Seus trabalhos são, em geral, artes

instalativas que articulam tempo, natureza e ancestralidade. São paisagens suspensas e fragmentárias de mortos e vivos. Matérias orgânicas (flores, fungos, terra) que se relacionam com matérias inorgânicas, simbolicamente históricas e ritualísticas. Suas exposições ocorrem em museus e galerias de arte nacionais e internacionais. Entre as participações mais recentes, estão a exposição coletiva Composições para tempos insurgentes, em cartaz no MAM Rio neste momento, e o festival Berlin Atonal, que ocorreu na Alemanha entre os meses de setembro e outubro de 2021. Em Os anos negativos (2019c), Lie apresentou uma série de instalações para os espaços da instituição Jupiter Artland, na Escócia, Reino Unido. Utilizando matérias-primas dos jardins da instituição, ocupou espaços internos e externos pelo período de dois meses, com cinco instalações site-specific. São elas: Quing, Incapaz de Destruir, Solitude Conjunta, Velar a Vida e A Privacidade dos Outros.

A pesquisa de Lie, que precedeu as obras, teve duração de dois anos, e foi resultado da colaboração de pesquisadores das áreas da arqueologia, micologia, história, agricultura, energia sustentável e artes. Em matéria publicada pelo jornal inglês The Guardian, Lie definiu a exposição como "um espetáculo não-verbal sobre cheiro, atmosfera, sentimentos e emoções, onde outros seres vivos guiam o caminho" (Lie, 2019a, tradução nossa).



Figura 1: Detalhe da instalação A privacidade dos Outros (2019)

ENSAIO: Notas sobre A Privacidade dos Outros, de Daniel Lie: paisagem suspensa e fragmentária de mortos e vivos

O termo arte instalativa começou a ser utilizado a partir dos anos 1960, influenciado pelos environments, os happenings e as esculturas do movimento minimalista dos anos 1950 (Bishop, 2005). Mas foi somente em 1990 que as instalações conquistaram um reconhecimento institucional amplo no campo das artes, ocupando museus como Tate e Guggenheim. Marcada pela memória e pela história individual, a arte instalativa do final do século XX apresentou novas características em relação aos movimentos que a precederam (Bishop, 2005, p. 76).

Em um sentido conceitual amplo, a arte instalativa se opõe à noção de obra de arte enquanto objeto, e privilegia o aspecto acontecimental dos trabalhos artísticos. Os artistas apresentam uma situação pensada para ocorrer em um espaço determinado, e o espectador é convidado a participar da obra. Com isso, ensaia-se um novo papel para o espectador de arte, que rompe com a tradição observacional renascentista - ideologicamente masculina, humanista e individualizante -, para enfatizar a multiplicação dos pontos de vista, e o descentramento subjetivo do espectador.

Acreditava-se que ao enfatizar o aspecto

experiencial e efêmero das obras de arte, os artistas seriam capazes de impedir a captura do sistema mercadológico das galerias de arte. Se, em alguns contextos, o surgimento da instalação reagia diretamente à essa captura, em outros respondia a regimes políticos autoritários. É o caso da arte participativa brasileira dos anos 1960 e 1970, em que a ênfase na participação do espectador responde a uma urgência existencial no contexto político de ditadura militar (Bishop, 2005, p. 63). Diferente do que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, a arte participativa no Brasil não surge simplesmente como resposta a determinadas ideologias dominantes, mas implica uma necessidade social que produz, como efeito, as experiências artísticas participativas.

A arte participativa brasileira abandonou o abstracionismo dominante para propor "trabalhos mais ou menos comprometidos com uma postura política e social" (Melendi, 2017, p. 38). Em um contexto cultural híbrido, herdeiras da cultura popular e dos modernismos artísticos da Europa (Melendi, 2017), a arte brasileira desse período estabeleceu diálogos com a arte dos outros países latino-americanos.



Figura 2: Fotografia da instalação A Privacidade dos Outros (2019)

ENSAIO: Notas sobre A Privacidade dos Outros, de Daniel Lie: paisagem suspensa e fragmentária de mortos e vivos

A privacidade dos outros (2019) é uma instalação dentro de uma galeria que antes fora salão de dança. O espaço, que é composto por lustres, teto ornamentado, lareira e piso de madeira, está sub-iluminado. Focos de luz branca e amarela são distribuídos pela sala. As sombras projetadas formam figuras na parede, criando uma atmosfera sombria. Ouvem-se ecos do que parece ser a respiração de algo, ou alguém, sob a água ou a terra. Pendurada no centro do salão, entre dois lustres, uma corda sustenta uma estrutura vertical de lã em decomposição. Atravessam horizontalmente essa estrutura arcos de flores amarelas, brancas e laranjas, também suspensas por cordas - dessa vez penduradas nas paredes. No chão, seis esculturas de argila comportam sementes de linhaça em fermentação.

Essa é a descrição a partir do vídeo que registra Os Anos Negativos. A lã, que forma uma coluna vertical de três metros de altura, foi retirada das ovelhas que vivem na fundação escocesa. As dez mil flores que formam os arcos horizontais e, aos poucos, perdem suas pétalas, também saíram dos jardins da Jupiter ArtLand. Segundo o portfólio do artista, os materiais utilizados nessa instalação específica são: entidades sem nome, argila com linhaça, corda de fibra natural, flores, luzes, lã e instalação sonora.

Intitulada A Privacidade dos Outros, a instalação sugere que, ao entrarmos no salão, temos a chance de participar de íntimos processos dos outros que humanos que se apresentam. Processos de simbiose, decomposição, fermentação, aparição e desaparecimento de plantas, fungos, partes de animais, entidades e ancestrais. A inscrição do tempo, sob o ponto de vista existencial e sensível da interação desses seres, constitui a paisagem suspensa. Diferentes estágios de existência, que se manifestam materialmente e imaterialmente no espaço instalativo. Modos virtuais, como 'entidades sem nome', que podem se atualizar fantasmagoricamente através do balançar do lustre no salão. Ou modos de existência passados, como os cadáveres das flores no período final da exposição.

Ao se inserir na tradição da arte instalativa brasileira, The other's privacy mobiliza determinada noção de política ao tensionar a história do colonialismo com a ocupação do espaço instalativo. Os elementos

arquitetônicos clássicos do salão, onde o trabalho foi instalado, remetem à história imperial inglesa do século XVII. Na medida em que o artista relaciona sua obra com os elementos do espaço, promove deslocamentos e repartilhas de símbolos europeus e não-europeus. Com esse gesto, experimenta estratégias de negociação (e não apenas de enfrentamento) com a história das invasões europeias aos países colonizados. O espectador, imerso no espaço instalativo, relaciona-se com tais elementos a partir do aspecto acontecimental dos trabalhos artísticos. Considerando o ponto de vista de seres outros que humanos, pode experimentar, mesmo que de forma fragmentária, tal paisagem de mortos e vivos. De fantasmas coloniais e experimentações políticas.

Se vivemos em um assombro generalizado, a existência dos fantasmas nos recorda que as paisagens devastadas são como paisagens ainda presentes. Carregadas de passado, mas também de possibilidades de futuro, as paisagens são zonas onde se compartilham histórias naturais-culturais. Esse seria o papel dos museus na época do Antropoceno, segundo o historiador dos estudos pós-coloniais Dipesh Chakrabarty (2019). Em resumo, se os museus foram construídos a partir da separação da categoria de natureza e cultura (aquilo que é natural, separado daquilo que é social, tecnológico e humano), os museus de hoje têm que lidar com as intersecções entre tais categorias. Isso porque vivemos no Antropoceno, em que o humano se tornou uma força geológica (Crutzen e Stoermer, 2015 [2000]) - uma força natural, e, portanto, não apenas humana.

Não obstante, Chakrabarty nos ajuda a pensar que a representação histórica dos povos ditos 'sem história', 'não-europeus', continua uma questão aberta para o campo artístico. E sugere:

We need to bring together deep and recorded histories, to put geological time and the biological time of evolution in conversation with the time of human history and experience, and to tell the story of human empires, colonial, racial, and gendered oppressions alongside—or maybe in connection with—the larger story of how a particular biological species, Homo sapiens, came to dominate the biosphere, lithosphere, and the atmosphere of this planet [...] (Chakrabarty, 2019, p. 18).

ENSAIO: Notas sobre A Privacidade dos Outros, de Daniel Lie: paisagem suspensa e fragmentária de mortos e vivos

Bibliografia

BISHOP, C. Installation Art: A Critical History. London: Tate, 2005.

CHAKRABARTY, D. Museums between globalisation and Anthropocene. Museum International 71, 12-19, 2019.

CRUTZEN, P.; STOERMER, E.F. O antropoceno. Belo Horizonte: PISEAGRAMA. 2015 [2000].

MELENDI, M.A. Estratégias da arte em uma era de cataclastos. Rio de Janeiro: Cobogó 2017.

LIE, D. Art in the open: the joys of Jupiter Artland sculpture park. 2019a. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/travel/2019/may/17/open-air-art-jupiter-artland-sculpture-park-edinburgh-festival>>. Acesso em 15 de março de 2021.

_____. 2019b. Daniel Lie: The Negative Years. 2019B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XSMomE5QLEo&t=14s>>. Acesso em 15 de março de 2021.

_____. 2019c. Os Anos Negativos. Escócia.

TSING, A. L., SWANSON, H. A., GAN, E., & BUBANDT, N. (Eds.). Arts of living on a damaged planet: Ghosts and monsters of the Anthropocene. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: guilherme1ferreira11@gmail.com

O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

RESUMO: Este trabalho visita as comunicações do presidente Jair Messias Bolsonaro e de sua rede de apoiadores para analisar se o êxito de suas estratégias comunicacionais durante a pandemia de Covid-19 foi mérito de narrativas bem planejadas ou fruto do acaso. Para analisá-las, tomou-se como base os conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud, tais como a ideia de negação, perseguição e mal-estar civilizatório. Pela profundidade do tema e interdisciplinaridade proposta, optou-se por fazer um Ensaio Teórico, permitindo uma amplitude maior para a discussão. Foram desenvolvidas análises que apresentam a correlação entre as comunicações feitas pelo presidente e seus apoiadores e os conceitos freudianos. Observou-se que o apoio do qual ainda goza o atual presidente aparenta estar mais voltado a uma identificação pessoal de seus apoiadores do que na eficiência das estratégias comunicacionais adotadas pelo mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonarismo. Negacionismo. Freud.

Is the denial in political communication of the pocketbook network a strategic communicational trick or is it mere chance? A theoretical essay based on Freudian concepts

ABSTRACT: This work visits the communications of President Jair Messias Bolsonaro and his network of supporters to analyze whether the success of his communication strategies during the Covid-19 pandemic was due to well-planned narratives or the result of chance. To analyze them, the concepts developed by Sigmund Freud were taken as a basis, such as the idea of denial, persecution and civilizing malaise. Due to the depth of the theme and the proposed interdisciplinarity, it was decided to carry out a Theoretical Essay, allowing a greater amplitude for the discussion. Analyzes have been developed that show the correlation between the communications made by the president and his supporters and Freudian concepts. It was observed that the support that the current president still enjoys seems to be more focused on a personal identification of his supporters than on the efficiency of the communication strategies adopted by him.

KEYWORDS: "Bolsonarismo". Denialism. Freud.

Rafael Rodolfo Sartorelli Sadocco ¹

Suelen Aparecida de Souza Fernandes ²

Helen Regina José da Silva ³

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19, iniciada na China no final de 2019, acabou por se desdobrar em um estado de exceção social em todo mundo, que além de escancarar as inúmeras dificuldades no manejo de políticas protetivas, também impetrou o sentimento de indeterminação frente à ameaça de um vírus silencioso e fatal (URZÚA et al., 2020). Nesta conjuntura, diversos atores como acadêmicos, pesquisadores, agentes públicos, entre outros, partem de inúmeras premissas para compreender o comportamento da sociedade perante uma ameaça que já ceifou mais de 600 mil vidas apenas no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Um dos motivos que poderia gerar maior desconforto nessa compreensão seria a da constante recusa de pessoas a aceitarem e assumirem os riscos provocados por essa doença tão perniciosa (URZÚA et al., 2020).

Essa tendência de rejeitar a seriedade da doença, presente nos mais variados grupos sociais, já foi constantemente debatida por múltiplos autores em diversos campos do conhecimento (ROY; SINHA, 2020). Contudo, deve-se pontuar que o descarrilamento da epidemia não é apenas fruto dos comportamentos individuais irresponsáveis e negacionistas, mas igualmente, oriunda de um somatório de atitudes deliberadamente equivocadas por parte de ocupantes de altos cargos políticos. Esses, mesmo agindo na contramão da ciência e das orientações das mais credenciadas organizações médicas, eximiram-se de pensar estratégias adequadas cientificamente, buscando uma imunização de rebanho (CALIL, 2021) que resultou na perda de milhares de vidas humanas.

Todavia, muitos desses gestores públicos ainda gozam de suntuoso prestígio perante uma significativa parcela da sociedade. Um desses agentes políticos, o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, cometeu ininterruptos erros na condução da pandemia, ao agir de maneira grosseiramente populista, o que culminou tanto na sua repulsa internacional, como na formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que já levantou ao menos 20 crimes praticados por esse líder (CALIL, 2021; WILLIAMS; KESTENBAUM; MEIER, 2020; AGÊNCIA SENADO, 2021).

Não obstante, nota-se que ao longo de 2020 e início de 2021, os órgãos responsáveis pela comunicação do Presidente e seus apoiadores mais próximos adotaram sistematicamente um

compilado de narrativas que distorcem a realidade no combate ao vírus. Essas, por mais descabidas, foram em grande parte aceitas e reproduzidas por seus apoiadores (AMARAL, 2021). Em paralelo, os índices de aprovação desse governante permaneceram relativamente altos, na casa dos 35%, sendo que 24% a consideram como uma gestão "ótima" ou "boa", ainda que o número de mortes fosse, tanto em números absolutos como proporcionais, um dos mais altos do mundo (GAZETADO POVO, 2021).

1.2 Objetivos, justificativa e proposta

Perante esse visível contrassenso, este ensaio teórico tem como objetivo geral responder a seguinte pergunta: de que forma o negacionismo, exercido no contexto da comunicação política do bolsonarismo, pode ser entendido à luz dos conceitos freudianos?

Para esse objetivo, perscruta-se refletir sobre os seguintes tópicos: (i) se o duplo movimento em aceitar mentiras patentes e a recusa em culpabilizar agentes políticos (especificamente no caso do presidente e seus apoiadores eleitos que reproduzem suas falas) está associado ao êxito das estratégias comunicacionais (geralmente no formato digital), criadas diretamente por esse grupo político; ou (ii) se o grau de facciosismo em um número elevadíssimo de pessoas já as colocaria em uma situação de predisposição à aceitação de qualquer história, o que não presumiria mérito aos bolsonaristas, ou ainda, se (iii) seriam uma combinação dos dois.

Assim, a principal contribuição deste trabalho é verificar se há de fato mérito na estratégia comunicacional bolsonarista, norteadas por um pensamento de marketing estratégico bem elaborado e convincente, que refletiria o êxito de sua reprodução pela população, além de assegurar popularidade ao presidente. A outra hipótese consideraria a possibilidade de existirem características psicológicas mais profundas em uma parte da grande massa, que resultariam nessa simpatia pelo grupo político, independentemente de quais fossem as comunicações adotadas. Isso, de certa forma, classificaria as estratégias comunicacionais como irrelevantes, uma vez que a "devoção" ao mito do presidente já se formou anteriormente à posse. Em outras palavras, quaisquer falas por ele emitidas seriam aceitas.

A resolução dessa questão é relevante para o debate acadêmico por dois motivos. A primeira,

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

porque muitos autores e jornalistas reforçam que o bolsonarismo se sustenta exatamente por meio da sua estratégia comunicacional, fortemente embasada em fake news (CALIL, 2021; PAULINO; WAISBORD, 2021; CESARINO, 2019a; CESARINO, 2019b), colocando o receptor da mensagem como um sujeito persuadido por elas a posteriori e não a priori. Evidentemente, há uma cisão gigantesca entre ambas as percepções e suas consequências seriam importantes para diversos tipos de profissionais, como cientistas políticos, sociólogos, marqueteiros políticos, psicólogos, acadêmicos, jornalistas e tantas outras categorias.

O segundo motivo que justifica este trabalho se dá em razão das contribuições que ele pode trazer para o debate acadêmico em volta do conceito de comunicação política, pensada pela perspectiva estratégica. A comunicação política é um dos pilares das administrações públicas e a utilização desse recurso, por meio das redes sociais, tornou-se fundamental para a manutenção da democracia digital (ROTHBERG; VALENÇA, 2014).

Para iniciar essa incursão, apresentar-se-á nas próximas linhas o referencial teórico, que abrangerá, inicialmente e de maneira abreviada, os pontos centrais da discussão em torno da comunicação política. Elenca-se também alguns conceitos freudianos entendidos pelos autores deste trabalho como adequados para investigar o problema, dada a sua historicidade e ampla aceitação na sociedade. Na sequência, será realizada a análise da relação de tais conceitos com as falas públicas feitas pelo atual presidente da república e seus apoiadores, considerando como recorte metodológico as comunicações ocorridas após o início da pandemia de Covid-19. Ressalta-se que por se tratar de um ensaio teórico, o caminho metodológico não é necessariamente traçado e percorrido como nas demais propostas (MENEGETTI, 2011). E por fim, serão apresentadas algumas considerações finais e possível caminhos para a realização de pesquisas futuras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Comunicação Política e negacionismo

A comunicação de atores políticos, por meio de ações e falas inusuais, não é uma particularidade brasileira. Tal fato se apoia na necessidade de construção da imagem de uma pessoa pública no âmbito do cenário político, visando a conquista

e/ou manutenção de uma posição perante o eleitorado. Nesse contexto, o estudo da comunicação política se faz relevante e tem ganhado cada vez mais espaço, não somente no debate público, mas igualmente na academia (MACEDO; ROSA, 2014).

Embora o conceito de comunicação política tenha evoluído ao longo do tempo (CANAVILHAS, 2009), ainda não encontrou a clareza conceitual necessária, sendo utilizado “com múltiplos significados, frequentemente conflitantes, dependendo do país, do autor e do contexto” onde é adotado (MACEDO; ROSA, 2014, p. 4). Ressalta-se ainda que tal conceito é frequentemente confundido com comunicação eleitoral, marketing político e marketing eleitoral, não existindo limites claramente definidos entre eles (TESSEROLI; PANKE, 2021).

Matos (2006) visava dar clareza a esses conceitos, afirmando que a Comunicação Política supera a comunicação governamental, eleitoral ou voltada para o marketing político. Joana Fernandes (2010, p. 124) o complementa ao afirmar que:

[...] a comunicação política é um elemento determinante e transversal ao marketing político e, tal como assistimos a uma multiplicidade de definições deste último, também coexistem diferentes posicionamentos que a comunicação entre eleitos e eleitores pode assumir, da propaganda à compreensão mútua [...].

Por sua vez, Lennon pontuaria que a comunicação política está muito mais relacionada ao “campo de estudo que inclui a atividade de certas pessoas e instituições especializadas (políticos, jornalistas e opinião pública) que têm por objetivo facilitar o intercâmbio e a divulgação de informações, ideias e atitudes em determinados assuntos públicos” (LENNON; 2014, p. 186-187, tradução livre).

Tal como destaca Barnett (1997 apud CANAVILHAS; 2009), a comunicação política possui um papel relevante no funcionamento dos sistemas democráticos por estar focada em alguns fundamentos da democracia tal como a cidadania do conhecimento, compreendida como o acesso à informação relevante não distorcida, ou o livre acesso aos espaços de debate onde os cidadãos podem deliberar e desenvolver os seus próprios argumentos. Assim, as redes sociais se tornam grandes aliadas desse processo ao permitir que as informações sejam disseminadas por um grande

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

número de pessoas instantaneamente. Entretanto, também abre espaço para a promoção de notícias falaciosas, ou seja, notícias criadas de maneira propositalmente enganosa (MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020), indo na contramão desse fundamento.

Segundo Massarani, Leal e Waltz (2020), a repetição contínua de textos e imagens desconectados da realidade faria com que pessoas pudessem se familiarizar com a informação falsa, tomando-a como verdadeira. Esse assunto se tornou um dos principais problemas contemporâneos, fazendo com que a UNICEF a considerasse uma “infecção real de desinformação” (UNITED NATIONS CHILDREN'S FOUNDATION, 2019 apud MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020, p. 2), minimizando a gravidade de doenças (MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020).

A combinação na utilização de diversos tipos de plataformas midiáticas digitais vem sendo usado por inúmeros governos, que investem pesado em muitas ou até mesmo em todas elas (YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, etc.), unificando as pautas e informações fornecidas por meio de entrevistas em mídias tradicionais. Em tempos curtos, as assessorias de imprensa de governos e políticos publicam dezenas de links para divulgar fatos (teoricamente) pertinentes à administração, mantendo o político em evidência. Obviamente, com a necessidade de se prover um alto volume de material para abastecer as redes, o conteúdo acaba fraquejando, principalmente, quando fogem da compreensão técnica dos políticos e de seus assessores.

Contudo, seria lógico esperar que os destinatários dessas mensagens identificassem a ausência de fundamentação científica, e, portanto, rapidamente as rejeitassem, fato que não tem ocorrido. Muito pelo contrário. A aceitação e reprodução desse material se tornou uma constante, requerendo-se auxílio de outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, para identificar as razões para isso.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Apresentação dos conceitos freudianos e aplicação desses

Um dos mais aclamados livros do século XX, O mal-estar da civilização, escrito por Sigmund Freud, foi lançado em 1930, abordando as relações entre cultura e sociedade. Nesse clássico, o autor

austríaco aponta que a civilização sempre vai produzir, em maior ou menor grau, um mal-estar no ser sujeito. Esse mal-estar poderia estar associado a três níveis, que por sua vez, estariam envolvidos nas três limitações intrínsecas ao homem, sintetizando aquelas que seriam as fontes desse mal-estar. A saber: (i) a externalidade (ou o mundo externo ao sujeito), que estaria associada às ameaças provenientes da natureza; (ii) o corpo em seu limite de solução, que abrange a compreensão da perecibilidade corpórea, atrelada, portanto, às condições naturais e biológicas; e, (iii) a diferença entre os sujeitos, marcada pelo estranhamento aos demais, presente nas relações interpessoais (FREUD, 1996).

Esses três níveis poderiam se voltar contra os próprios indivíduos como forças de destruição esmagadoras e impiedosas (FREUD, 1996). Nota-se que essas limitações intrínsecas se apresentam de uma maneira permanente, havendo assim um continuum na presença das mesmas durante as etapas da vida do indivíduo. Observa-se que elas não são auto excludentes, podendo as três se manifestarem ao mesmo tempo (FREUD, 1996).

Percebe-se que quase um século depois da publicação desse clássico livro, um vírus surgido do outro lado do globo, infecta e abala justamente essas três instâncias, identificando-se sinais claros dos três níveis supracitados: a enorme dificuldade coletiva em lidar com uma ameaça invisível advinda da natureza, direcionando a culpa à agentes externos; a dificuldade incomensurável em aceitar a natural falibilidade corpórea, especialmente quando se admite que a sucumbência do corpo seria para uma doença nova de origem “culturalmente” dispar, gerando a falsa crença de possibilidade de superação do problema com base na força de vontade; e a escassa cooperação voluntária entre os indivíduos em se sensibilizarem para protegerem os demais da sua sociedade. Permitir-se-ia entender que as três limitações se encavalam neste contexto.

Um dos pontos que chamam a atenção neste debate é o de que a ideia de vivenciar um período biologicamente pandêmico, por si só, já tenderia a compelir nos sujeitos um mecanismo de defesa natural, uma atitude preventiva que traria no próprio indivíduo o interesse de se preservar, afastando-se do principal agente da pandemia (no caso, o vírus). Contudo no Brasil, principalmente entre apoiadores bolsonaristas (RESENDE, 2021), a gravidade da doença é continuamente minimizada, e os fluxos de autopreservação se dão

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

exatamente no sentido oposto, como se fosse possível combater uma ameaça biológica com coragem e virilidade.

A psicanálise também aponta para mecanismos de defesa do psiquismo baseados na negação e distorção de uma realidade indesejável e dolorosa, a qual o sujeito não está preparado para suportar (FREUD, 2014). O conceito de negação, já havia sido esquadrihado anteriormente, mas é melhor estruturado no livro homônimo de Freud, de 1925, que de acordo com Carone (2014, apud RIPOLL; 2014), comporia uma das etapas da finalização do edifício freudiano. Sublinha-se que embora tenha sido publicado já em um período mais maduro do autor, e como dito, supostamente conclusivo, a obra na verdade seria responsável por indicar mais zonas obscuras da mente humana, inclusive catapultando leituras mais bem exploradas por Lacan (RIPOLL; 2014).

O tema é tão sombrio e arduo, que Freud comenta no livro a dificuldade vivenciada em apreender essa negação, a ponto do próprio sentir certa vergonha ao não ser capaz de avançar nas conclusões. Entender a negação exigiria entender a função do juízo, que em suma seria responsável por recusar ou aceitar uma qualidade qualquer e admitir ou contestar determinada manifestação do real, discernindo se tal representação tem vínculo com a realidade. Ao optar por abnegar um fato verídico, o sujeito afirma para si que a relação de sentido legítima é mais interessante quando suprimida, uma vez que, passivamente, o homem não teria condições de constituir o símbolo da negação, abstendo-se das consequências oriundas dessa rejeição ao óbvio. Em outras palavras, o juízo não delibera de acordo com a realidade pujante, dando maior valor às exigências hedônicas, e ignorando os desdobramentos dessa abnegação (FREUD, 2014; RIPELL, 2014).

Esse postulado de Freud (2014) tem um impacto significativo na história da ciência, ao findar com o pensamento cartesiano de racionalidade extremada, reduzindo a capacidade lógica inquebrantável da ciência, maculando permanentemente os raciocínios supostamente totalitários e generalistas (RIPPOL, 2014). Para Safatle (2014), um elemento crucial para esta discussão se apresenta exatamente na indissociabilidade entre o sujeito psicológico e o sujeito do conhecimento. Dessa forma, conhecimento e interesses pessoais se sobreporiam, dando para as funções do julgamento caráter afetivo.

4. DISCUSSÃO

A negação é um aspecto que se faz fortemente presente nas comunicações bolsonaristas, que ao se debruçarem em uma realidade paralela, negaram a realidade, negaram a gravidade da doença, relativizaram os indicadores. Na conjuntura analisada, poder-se-ia indicar que os bolsonaristas desenvolveram algo em sua psique que os impediria de olhar e aceitar a realidade tal qual ela se apresenta, dando maior predileção para uma representação hedônica e fantasiosa. Assim, o juízo opta por contestar uma manifestação do real, permitindo que o sujeito bolsonarista não tenha que entrar em um conflito doloroso para si mesmo, que seria a aceitação da incompetência do líder. Isso fica mais fácil de ser explicado ao se entender que a realidade, por mais que seja apresentada, não é digerível, ou seja, não é apreendida. O juízo de um bolsonarista transfere todas as informações que lhe são desgostosas para o campo da negação, partindo dessa perspectiva, nenhuma argumentação lógica contra o presidente lhe seria compreensível.

Tal como defendido por Safatle (2014), o conhecimento e os interesses pessoais podem se sobrepor em dado momento. Esse aspecto pode ser percebido em uma das linhas narrativas adotadas pelos bolsonaristas: a apropriação de discursos de médicos e demais agentes sanitários que propunham caminhos antagônicos ao restante da academia, tais como: Osmar Terra, Anthony Wong, Priscilla Verissimo, Anthony Ferrari, (os três últimos falecidos por Covid, e o primeiro ficou internado em estado grave por mais de duas semanas) etc. (PINHEIRO, 2020; CONGRESSO EM FOCO, 2020). Dessa forma, esses profissionais da ciência, movidos por seus próprios ideais e convicções, permitiriam que os seus sujeitos psicológicos se sobrepussem aos sujeitos do conhecimento, ou seja, escamoteariam o seu ideário científico, prestigiando e veiculando inverdades.

Safatle (2014) pontuaria que nesse contexto, os agentes sanitários, dotados de formação técnica e científica para reconhecerem os riscos da doença, as recalcam, negando a realidade comum objetivada. O sujeito pensante sempre que se depara com um objeto, observaria que há nele algo inadequado, portanto, algo que o poderia escapar. Esse sujeito, enquanto cientista ao se deparar com a doença enquanto objeto na realidade, observa que há algo

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

inadequada nela, que a deixa escapar propositalmente.

Destarte, a negação poderia advir tanto do eleitor bolsonarista na condição de receptor das informações, como também dos especialistas

que propagariam informações alinhadas com a percepção do Planalto, negando a ciência e a metodologia científica, não reconhecendo os enormes riscos que isso poderia trazer aos seus pacientes, às suas carreiras e igualmente, às suas vidas.

Quadro 1 - Negação nas redes bolsonaristas e direcionamento da culpa

Político e meio	Mensagem	Tipo de negacionismo	Culpados
Osmar Terra Twitter	A gripe suína, H1N1, matou 2 pessoas a cada dia no Brasil em 2019. Este número, deve ser maior que as mortes que acontecerão pelo coronavírus aqui. E não se parou o país nem se destruiu a economia, como está acontecendo agora. É o fato e a versão do fato" (18/03/2020)	- Minimização do risco - Comparação disparatada	- Os que querem parar a economia; - Aos mal-informados;
Gil Diniz, Carteiro Reação Twitter	"Há cada 4 mortos por COVID-19 no Brasil, 1 é cidadão paulista. A imprensa vendida silencia, as medidas tomadas por João Dória já se mostraram ineficazes e letais." (22/01/2021)	- Científico	- João Dória (Governador de São Paulo) - Imprensa
Carla Zambelli Facebook	"O caso da tuberculose e o crime do covid: fique em casa your ass A Tuberculose é uma doença respiratória potencialmente letal transmitida exatamente do mesmo jeito que o covid19: pessoas doentes soltam gotículas no ambiente ao tossir, espirrar ou falar, e essas gotículas passam o microrganismo de uma pessoa para outra. Mesmo tendo uma vacina disponível e um tratamento padrão de eficácia cientificamente comprovada, a tuberculose continua	- Comparação disparatada - Científico - Minimização	- Cientistas - Políticos - Apoiadores da vacina e do distanciamento social

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Observando o que foi mencionado, percebe-se que diante de um fato tão duro quanto o colapso climático ou uma pandemia, entrar em negação pode ser considerada uma reação comum. Na atual conjuntura, os movimentos de recusa não somente aumentam o risco de infecção pelo vírus, mas também "contaminam" a sociedade psicologicamente, em decorrência de uma rede de identificações.

Esse fenômeno social é nocivo não apenas porque

implica a produção e difusão em massa de teses controversas em relação a consensos científicos validados, mas também porque gera movimentos de recusa que provocam impactos diretos no comportamento de milhões de pessoas. Isso ocorre, sobretudo, quando tais conhecimentos inspiram políticas públicas destinadas a transformar comportamentos e modos de vida coletivos, os quais afetam interesses econômicos poderosos. Entretanto, a realidade a ser negada, no caso dos apoiadores bolsonaristas, não se

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

limitaria a rejeitar a legitimidade e seriedade da doença, mas também, o fracasso gerencial e político de Jair Bolsonaro (AMARAL, 2021), tornando-se assim uma rejeição dupla e concomitante, onde a necessidade de apoiar a condução da política da crise, implica necessariamente em se negar a doença e suas consequências sociais.

Por conseguinte, o conceito freudiano poderia ser aplicado pelo fato de o negacionismo do líder resultar no negacionismo dos liderados, todavia, isso resultaria em uma outra dúvida: por que tal líder ascendeu ao poder? Freud também poderia responder essa pergunta, por meio de sua publicação de 1921, no trabalho intitulado Psicologia de grupo e análise do ego. Nele, Freud (1990) apontou que a seleção de um líder da massa, no caso o presidente da república, ocorreria sob certas condições, entre as quais, o reconhecimento de uma similaridade entre os membros dessa massa e esse líder. Portanto, a escolha do representante consistiria, grosso modo, no mesmo desejo inconsciente ou no mesmo ódio a certas entidades, indivíduos ou grupos sociais (FREUD, 1990).

Na conjuntura brasileira-bolsonarista, esses ódios poderiam ser sintetizados na repulsa contra instituições, como o PT e o STF, contra pessoas, Lula, Alexandre de Moraes e Átila Iamarino, ou até mesmo, de maneira mais difusa, como contra os governadores e prefeitos e (FIGURAS 2, 3 e 4). Nesse aspecto, as narrativas de ódio serviriam para atender parte da população, desejante de nutrir sua repulsa pelos grupos odiados (AVRITZER, 2020).

Nota-se aqui uma característica bastante inquietante. A natureza original da assimetria

entre o eleitorado bolsonarista era em grande parte pela ojeriza ao Lula enquanto indivíduo; ao PT enquanto grupo; e ao comunismo enquanto ideologia. Quando se inicia a pandemia, o discurso não-científico de Bolsonaro finca raízes (RESENDE, 2021), distanciando-se de todas as demais visões do mundo, inclusive de grupos de direita que o apoiaram antes da eleição e até o início da pandemia. A solução bolsonarista foi aproximar retoricamente todos aqueles que tinham uma percepção diferente de Bolsonaro na condução da pandemia desses grupos “considerados” comunistas e odiados, a fim de se manter a consistência entre Bolsonaro e seu discurso.

Ao analisarem as 200 postagens feitas por Bolsonaro que vinculavam a pandemia ao comunismo, Barbosa, Ely e Barbosa (2021) levantaram que elas tiveram mais de 763 mil interações. Segue-se a ela narrativa levantada de que Bolsonaro é um líder perseguido pelos demais, lutando sozinho contra um sistema que rejeita um tratamento precoce que salva vidas. Assim, sua paranoia, sua mania de perseguição ganham força nas postagens de seus apoiadores, estimulando instintos de defesa para com ele. A justificativa para tal se encontraria no livro Psicologia das Massas e Análise do Eu, em que se percebe que as massas são movidas por ilusões, onde a ética se apoiaria no amor (CASTILHO, 2019). Ou seja, amar e proteger o presidente em um momento no qual ele está sendo atacado e perseguido seria o comportamento ético esperado, e jamais o questionar. Isso também evidencia a cobrança feita aos apoiadores para que saiam em defesa do presidente, atrelando essa atitude a uma atitude patriota. No Quadro 2, falas bolsonaristas são percebidas e encaixadas nos conceitos.

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

Quadro 2 – A representação do mal-estar e da perseguição em falas de bolsonaristas em mídias digitais e tradicionais

Características	Comunicação política
Ameaças provenientes da natureza	“Estamos preocupados, obviamente, mas não é uma situação alarmante”. (26/01/2020) (BERALDO, 2020)
	“Tem a questão do Coronavírus, que no meu entender está sendo superdimensionado [...] o poder destruidor desse vírus”. (09/03/2020) (G1, 2020)
	“E agora tem essa conversinha de segunda onda”. (13/11/2020) (MACHADO, 2020)
Percebibilidade e corpórea	“Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho...”. (22/03/2020) (BBC, 2020)
	“Dizem que 60% dos brasileiros foram ou serão infectados, e a partir desse momento poderemos dizer que estamos livres do vírus, tendo em vista esse percentual grande de pessoas que conseguiram os anticorpos”. (16/04/2020)
	“Pra vocês [mais jovens] a possibilidade de algo mais grave é próximo de zero”. (07/07/2020) (SETUBAL, 2020)
	“Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”. (26/11/2020)
Diferença entre os sujeitos	“Eu tenho o direito constitucional de ir e vir. Ninguém vai tolher minha liberdade de ir e vir”. (10/04/2020)
	“O Supremo decidiu que quem decide essas questões [de combate ao coronavírus] são governadores e prefeitos. Então, cobrem deles. A minha opinião não vale. O que vale são os decretos dos governadores e prefeitos”. (29/04/2020) (PORTINARI; TRINDADE, 2020)
	“Quem assistiu Chernobyl vai entender o que ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa mais uma vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas que salvaria inúmeras vidas. A culpa é da China e liberdade seria a solução”. (Eduardo Bolsonaro, 18/03/2020) (BOLSONARO, 2020)
Perseguição	“É uma disputa política por parte desses caras, eu estou sozinho em um canto, apanhando de todo mundo. Grande parte da mídia, não são todos, muitos governadores, os chefes do Poder Legislativo, que é o da Câmara e o do Senado, batendo o tempo todo, é uma luta de poder”. (16/03/2020) (FONSECA, 2020).
	“Tem certos governadores, tenho que criticar de novo, que estão tomando medidas extremas, que não competem a eles: fechar aeroportos, fechar rodovias... Não compete a eles”. (20/03/2020)

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi identificar se existiam motivos para se acreditar que a aceitação do atual presidente Jair Bolsonaro está associada ao sucesso das estratégias de comunicação política executadas por ele e por seus apoiadores. Para responder esses desígnios, alguns conceitos do campo da psicologia foram brevemente apresentados e sintetizados nos

termos que se seguem: o mal-estar dividido em ameaças da natureza, falibilidade corpórea e estranhamento ao outro; negação da realidade (verificar); a negação do líder e seus reflexos nos liderados; a perseguição; comportamento das massas e o ódio coletivo como fator agregador.

Todos esses conceitos foram encontrados na atual conjuntura pandêmica e demonstrados por situações manifestadas claramente. Igualmente,

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

encontrou-se nas ações de comunicação promovidas pela rede de bolsonaristas atributos que parecem fortalecer os padrões psíquicos mencionados. Por exemplo, no que tange a predileção ao líder por conta de um ódio destinado à uma organização inimiga, mostra-se que houve uma série de tentativas de associar o período pandêmico e o vírus à uma ameaça comunista. Em outras palavras, os apoiadores seriam alienados pelos seus líderes - que na perspectiva freudiana - norteada imaginariamente pelo delírio de que a pandemia seria uma invenção proposital comunista, que mancomunada com governadores, visava prejudicar o governo do presidente.

Com isso, ainda seria possível apregoar a imagem de perseguido ao líder Bolsonaro, a fim de estimular em seus apoiadores a obrigação moral e patriótica de defendê-lo, e jamais questioná-lo. Nesse aspecto, associou-se características comunistas nos outros grupos políticos - obviamente nada comunistas -, expandindo e englobando apoiadores de outras ideologias às filosofias marxistas. Nesse bojo, englobou-se todos aqueles que pensam contrariamente ao presidente.

No que se refere à negação da doença, viu-se que há motivos para se acreditar que a sociedade de forma geral poderia estar relutante em aceitar a ameaça da natureza pela própria tipologia do mecanismo de negação, e da materialidade falível do corpo. Soma-se as afirmações passadas pelo presidente, asseverando que existe tratamento para a doença, reforçando esse aspecto da negação na sociedade, criando uma anteposição entre o presidente que não quer aceitar a morte, e que em paralelo mostra aos seus seguidores que ela não é necessária, "bastaria não querer" (RESENDE, 2021). A repulsa ao outro, no caso os chineses, também operaria nesse sentido.

Ao longo desta digressão, percebeu-se que seria razoável aceitar que o discurso comunicacional da equipe bolsonarista foi acertado e que seu marketing soube se aproveitar de características da psique da massa para reforçar o apreço social ao presidente. A comunicação política transmite claramente as mensagens de agentes políticos, ampliando a percepção popular sobre como pensa determinado ator político e dando enorme visibilidade para ele. Há, contudo, um ponto de ressalva que deve ser feito: a estruturação das premissas que sustentam os discursos bolsonaristas se mostram um tanto quanto desconexos com a realidade, desapropriados de

uma linha narrativa minimamente convincente, logo, não reproduzem em absolutamente nenhuma instância à realidade objetiva.

Todas as historietas disparadas pelo time do presidente e de seus apoiadores se debruçam cada vez mais em fantasias descaradas, irrealistas, fantasiosas e rapidamente desmentidas por grupos técnicos qualificados. Em outras palavras, ainda que a comunicação tivesse encontrado aceitação popular, ela só tem essa aceitação por parte daqueles que já estavam dispostos a acreditar no presidente e que já eram fortemente inclinados a procurar um líder inquestionável. Não há sinais mínimos de convertibilidade de uma narrativa fictícia em um relato lógico capaz de enganar pessoas que fossem minimamente reticentes ao bolsonarismo, o que demonstraria que os próprios autores dessa comunicação política também devem acreditar no que escrevem. Esse grupo de mensagens reproduzidos à exaustão dá a percepção de verdade, mas apenas para aqueles predispostos a acreditar. A psicologia é muito feliz em antecipar isso, principalmente no que foi encontrado no livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1990).

Neste aspecto, demonstra-se que há a ideia de que existe uma ilusão coletiva, criada em torno do presidente e que isso se deu antes do início da pandemia, e este ponto é crítico para este esforço reflexivo: esta ilusão não foi necessariamente desenvolvida por ele nem por sua equipe de comunicação, mas fruto de uma combinação de fatores situacionais pré-eleição, no qual ele oportunamente se encontrava. Elementos como: a crise institucional que abalou tanto o PT como o Congresso, causada pela Lava Jato; a descrença coletiva no STF, a partir das transmissões dos julgamentos ao vivo e maior possibilidade da população de identificar e predizer os votos dos juízes; a expansão no consumo de tecnologia portátil (smartphones acompanhados de aplicativos como WhatsApp e Facebook que não consumiam os planos); analfabetismo político; analfabetismo digital; nostalgia fantasiada do período militar; as forças armadas como as únicas instituições confiáveis; a necessidade de buscar por um líder emancipador típica de religiões monoteístas; ampliação exponencial do número de igrejas evangélicas, dentre outros foram somados a elementos pós-eleição, como incontáveis erros na condução da pandemia por políticos favoráveis aos métodos restritivos no combate à pandemia; corrupção; dificuldade na retratação e adoção de discursos por parte da OMS, entre outros.

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

Esses fatos somados resultaram em uma idolatria desmedida pelo presidente que se reflete em sua comunicação política, e não apenas em sua comunicação eleitoral. Essa idolatria acaba por ser alimentada por roteiros fantasiosos, frutos da equipe de comunicação do presidente, mas que não goza de capacidade de convencimento ou sustentação sistemática. Os seguidores de Jair Bolsonaro provavelmente se manteriam fiéis com qualquer discurso apresentado por ele, desde que exista algum discurso. Portanto, como se viu, a comunicação política está devidamente associada à Comunicação Pública e Governamental, onde as redes sociais se misturam a fim de divulgar ações e posições políticas, muitas vezes distintas do real interesse social. Aqui, há um indício forte dos riscos que a democracia pode sofrer por conta desse abuso da utilização de mídias sociais, de maneira direta ou indireta.

Encerra-se postulando que as distorções nas falas presidenciais, reproduzidas à exaustão por seus correligionários, demonstram que é mais provável que ocorra um estado psicológico de

negacionismo aos erros do executivo federal, movidos por ódio aos outros grupos e pelo medo incalculável de perder a última esperança (encarnada no próprio Presidente), tornando as estratégias comunicacionais menos relevantes, permitindo que fossem até formuladas a partir de qualquer conteúdo insonso, que o efeito seria o mesmo. Acredita-se que o êxito político do bolsonarismo não está associado com ele em si, nem às suas estratégias de se manter no poder, mas sim, em uma espécie de delírio coletivo, regado de medos e inseguranças (da morte, do estrangeiro, de assumir o erro pela torcida fanática, de perda da esperança) do que a capacidade comunicacional de sua equipe.

Este trabalho tem como principais limitações a própria proposta de ser um ensaio, o que o privou de uma metodologia robusta. Ficam assim como sugestões estudos qualitativos, como entrevistas em profundidade com bolsonaristas, buscando verificar e categorizar quais os valores e reações que eles têm em relação a cada publicação e como aquilo poderia contribuir ou não na disposição de se manter fiel ao presidente.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. CPI pode convocar ministros, prefeitos e governadores na próxima semana, 30 abr. 2021. Senado Federal. Disponível em < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/30/cpi-pode-convocar-ministros-prefeit-os-e-governadores-na-proxima-semana> >. Acesso em 25 ago. 2021.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Jair Bolsonaro e a pandemia: notas sobre práticas idiotas. *Almanaque de Ciência Política*, v. 5, n. 1, p. 01-12, 2021.

AVRITZER, Leonardo. Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro. *Todavia*, 2020. BBC. 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. BBC, 27 nov. 2020. Disponível em: . Acesso em 25 nov. 2021.

BERALDO, Paulo. "Não é uma situação alarmante", diz Bolsonaro sobre o coronavírus. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2020. Disponível em: . Acesso em 25 nov. 2021.

BOLSONARO, Eduardo. Quem assistiu Chernobyl... Twitter.: @EduardoBolsonaroSP.

Disponível em: . Acesso em 25 nov. 2021.

BOLSONARO, Jair. Alguns jornalistas idiotas criticaram o churrasco FAKE, mas o MBL se superou, entrou com ação na justiça. 09 mai. 2020. Facebook: Jair Messias Bolsonaro. Facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1915313918617585> >. Acesso em: 20 ago. 2021.

BOLSONARO, Jair. Lembro a nação...Twitter: @jairbolsonaro. 08 jun. 2020. Disponível em: < <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1269942255298777095> >. Acesso em: 20 out. 2021.

BRANDÃO, Elizabeth. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, J (Org.). *Comunicação Pública: estado, mercado, sociedade e interesse público*. São Paulo: Atlas, 2007.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n.140, p. 30-47, 2021.

CASTILHO, Pedro Teixeira. O SINTOMA SOCIAL NA PSICANÁLISE: DA DEMOCRACIA À ANOMIA. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 144-153, maio, 2019.

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019a.

CESARINO, Letícia. On digital populism in Brazil. *Political and Legal Anthropology Review - Ethnographic Explainers*, 15 abr. 2019b.

CLETO, Murilo Prado; CORRÊA, Murilo Duarte Costa. A hipótese bolsonarista: as trincheiras e as linhas. *Lugar Comum-Estudos de mídia, cultura e democracia*, n. 54, p. 287-312, 2019.

CONGRESSO EM FOCO. Osmar Terra é o parlamentar que mais publica fake news sobre covid-19, aponta levantamento. UOL. 15 abr. 2020. Disponível em: < <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/osmar-terra-e-o-parlamentar-que-mais-publica-fake-news-sobre-covid-19-aponta-levantamento/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

DINIZ, Gil. Há cada 4 mortos por... Twitter: @careteiroraeca. Disponível em: < https://twitter.com/careteiroraeca?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor >. Acesso em: 20 ago. 2021.

EVANGELISTA, Simone; SÁ, Simone Pereira de. Gêneros musicais, conservadorismo e nacionalismo: trilhas sonoras da convocação a atos políticos em defesa da presidência brasileira. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 44, p. 175-188, 2021.

FERNANDES, Joana Lobo. 2010. *Marketing Político e Comunicação (Política)*. Conceitos de Comunicação Política. João Carlos Correia, Gil Batista Ferreira, Paula Espírito Santo, 117-126. Livros LabCom.

FONSECA, Pedro. Bolsonaro fala em "luta de poder" e diz que isolar chefe do Executivo seria golpe. Reuters, Brasil, 16 mar. 2020. Disponível em: < <https://www.reuters.com/article/saude-coronavirus-bolsonaro-idLTAQBN2132RP> >. Acesso em 25 nov. 2021.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de grupo e análise do ego, in: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1930[1929]). O mal-estar na

civilização, in: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1930[1929]).

FREUD, Sigmund. A negação. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2014. G1. Bolsonaro diz que 'poder destruidor' do coronavírus 'está sendo superdimensionado', São Paulo, 09 mar. 2020. Disponível em: . Acesso em 25 nov. 2021.

GAZETA DO POVO. 35% aprovam governo do presidente Jair Bolsonaro, diz pesquisa. *Gazeta do Povo*, 30 abr. 2021. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/braves/bolsonaro-gestao-e-aprovada-por-35-dos-en-trevistados-diz-pesquisa/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

LENNON, Federico. Elhomo digitales y la nueva realidad de las campañas electorales. In: RAFAELLI, Marina; MENDIETTA, Angelica. IV Cumbre Mundial de Comunicación Política. México: Soriano Editores, 2014.

MACEDO, Roberto Gondo; ROSA, Paulo César. A comunicação política no cenário democrático contemporâneo: um estudo comparativo da estrutura eleitoral brasileira e norte-americana. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*. V.13, nº 26, 2014.

MACHADO, Renato. Bolsonaro diz que possibilidade de segunda onda da Covid é 'conversinha'. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 nov. 2020. Disponível em: . Acesso em 25 nov. 2021.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, 2020.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. *Revista de administração contemporânea*, v. 15, p. 320-332, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel Coronavírus. Disponível em < <https://covid.saude.gov.br/> >. Acesso em 29 abr. 2021.

NASCIMENTO, Thamires N.; SOARES, Rita. A Comunicação Pública nas Redes Sociais Digitais: Uma Análise do Facebook do Governo do Pará. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 10, p. 81297-81310, 2020.

ENSAIO: O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

PAULINO, Fernando Oliveira; WAISBORD, Silvio. Las narrativas del populismo reaccionario: Bolsonaro en Twitter durante la pandemia. *Mediapolis-Revista de Comunicación, Jornalismo e Espaço Público*, n. 12, p. 33-48, 2021.

PINHEIRO, V. Médico distorce dados sobre efeitos colaterais para desacreditar estudos da Coronavac. *O Estado de São Paulo*. 17 nov. 2020. Disponível em < <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/medico-distorce-dados-sobre-efeitos-colaterais-para-desacreditar-estudos-da-coronavac/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

PORTINARI, Natalia; TRINDADE, Naira. 'Tenho o direito constitucional de ir e vir', diz Bolsonaro, ao passear por Brasília e visitar hospital e farmácia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2020. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/politica/tenho-direito-constitucional-de-ir-vir-diz-bolsonaro-ao-passear-por-brasilia-visitar-hospital-farmacia-24364215> >. Acesso em 25 nov. 2021.

RESENDE, B. The fascist performances of Bolsonarismo. *Confluente-Rivista Di Studi Iberoamericani*, p. 254-269, 2021.

RIPOLL, Leila. A negação freudiana: fissuras na razão cartesiana e na neutralidade científica. *Rev. Epos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, dez. 2014

ROTHBERG, Danilo; DA SILVA VALENÇA, Amanda. Comunicação Pública para cidadania no avanço das redes sociais oficiais. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 13, n. 26, 2014.

ROY, Deblina; SINHA, Kritika. Cognitive biases operating behind the rejection of government safety advisories during COVID19 Pandemic. *Asian journal of psychiatry*, v. 51, p. 102048, 2020

SAFATLE, V. Posfácio - Aquele que diz "não": sobre

um modo peculiar de falar de si. In: *A negação*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

SETÚBAL, Yasmim. 'Algo mais grave não quer dizer só morrer': especialistas reagem à fala de Bolsonaro sobre Covid-19 em jovens. *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 jul. 2020. Disponível em: . Acesso em 25 nov. 2021.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro critica governadores: 'Medidas extremas que não competem a eles'. *Correio Braziliense*, Brasília, 20 mar. 2020. Disponível em: . Acesso em 25 nov. 2021.

URZÚA, Alfonso et al. La Psicología en la prevención y manejo del COVID-19. Aportes desde la evidencia inicial. *Terapia psicológica*, v. 38, n. 1, p. 103-118, 2020.

WILLIAMS, Caitlin R.; KESTENBAUM, Jocelyn Getgen; MEIER, Benjamin Mason. Populist Nationalism Threatens Health and Human Rights in the COVID-19 Response, 2020.

ZAMBELLI, Carla. Facebook: Carla Zambelli. "O CASO DA TUBERCULOSE E O CRIME DO COVID: FIQUE EM CASA YOUR ASS". Disponível em: < <https://www.facebook.com/ZambelliOficial/posts/3291138004310016> >

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Doutorando em Administração, Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM. Mestre em Administração, Universidade Federal de Lavras - UFLA. E-mail: rafael.sadocco@acad.espm.br

2 Mestra em Administração Pública, Universidade Federal de Lavras - UFLA. E-mail: suelensouzaadm@hotmail.com.

3 Bacharela em Psicologia, Universidade Paulista - UNIP. E-mail: helenregina04.hr@gmail.com.

Degradação ambiental planetária: uma evidência que transita entre o negacionismo e o reconhecimento

RESUMO: O presente ensaio propõe uma reflexão crítica sobre a postura negacionista de alguns atores políticos perante a crescente degradação ecossistêmica global. Para tal finalidade, analisa de forma contextualizada o cenário socioambiental brasileiro do período governamental em curso, sob a responsabilidade do presidente Jair Bolsonaro, que tem se caracterizado por um estilo de liderança que sistemática e permanentemente injeta indiferença e até menosprezo à crise ambiental em curso. Serve-se como pano de fundo dos aportes da Teoria Crítica nascida no seio do direito e da filosofia nos anos 1990, baseada no reconhecimento das diversas demandas coletivas como via alternativa de justiça social, numa ação contrária à apatia ou desinteresse, recolhendo, assim, para enriquecimento do debate, algumas das contribuições dos filósofos Axel Honnet e Ana Fascioli. São identificadas algumas interfaces entre o projeto político vigente brasileiro, as narrativas que o sustentam e elementos da realidade vivenciada na gestão pública local e internacional de cunho ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Negacionismo. Meio ambiente. Reconhecimento.

Planetary Environmental Degradation: evidence that transits between denial and recognition.

ABSTRACT: This essay proposes a critical reflection on the denialism stance of some political actors towards the growing and evident degradation of the global ecosystem. Therefore, it contextualizes the Brazilian socio-environmental context of the current government period, under the responsibility of President Jair Bolsonaro, who, according to the author, has been characterized by a leadership style that systematically and permanently injects indifference and even contempt for the current environmental crisis. As a background, this essay uses the contributions of the Critical Theory born within the law and philosophy in the nineties, which is based on the recognition of the various collective demands as an alternative means of social justice, contrary to apathy or disinterest, thus collecting some of the contributions of the philosophers Axel Honnet and Ana Fascioli. Some interfaces are identified between the current Brazilian political project, the narratives supporting it, and the reality experienced in local and international environmental public management.

KEYWORDS: Denial. Environment. Recognition.

Soraya Romero Villarreal ¹

ENSAIO: Degradação ambiental planetária: uma evidência que transita entre o negacionismo e o reconhecimento

Dentro das tensões mais subjacentes da política encontra-se aquela que exhibe a distância entre o agora e a utopia, entre o dever ser e o presente vivido. Na teoria, todo discurso deveria ser amparado em algo concreto - discursos vazios costumam não se sustentar no longo prazo. Mas, o que fazer quando, em um momento específico, eles parecem se alastrar na esfera pública? Ou, ao menos, ter força para construir realidades paralelas ou colocar em dúvida aquilo que é cientificamente verificável?

Um sistema de governo e as figuras políticas que o acompanham, por si mesmos, carecem de legitimidade ou, dito de outro modo, não são absolutos ou autossuficientes. Uma das faces dessa legitimidade baseia-se na avaliação rotineira sobre o papel desempenhado pelo poder público por parte dos cidadãos como um todo. Neste contexto, o poder de ação comunicativa - entendida como o exercício vivo e pulsante de emitir e receber informação, ideias, dados, sentimentos e emoções-, ainda que sendo em cada tempo e em cada sociedade de natureza dinâmica e multifatorial, aparece sempre como preponderante.

As nuances nas avaliações, opiniões e juízos expressam o nível de discernimento dos governados - mas também dos governantes-, frente à marcha dos acontecimentos num momento determinado. Os questionamentos levantados pelos cidadãos quando convertidos em atores políticos surgem a partir das demandas explícitas ou tácitas que giram em torno de vários elementos, que podem ser: o estilo de liderança dos políticos, os temas relevantes nesse espaço/tempo, a percepção sobre a solidez ou não da democracia e até da gestão pública, o ideário de sociedade e bem-estar comum, entre outros.

Estes mesmos elementos influenciam, é claro, a ação dos governantes. A sobrevivência e o desenvolvimento dos projetos políticos e de seus executores - ou suas personalidades em destaque -, estão inevitavelmente atrelados a este tipo de relação social e comunicativa. Esta relação, nos seus componentes ideais, deveria ser clara, no sentido de expor abertamente as agendas de poder em curso, e respeitosa, revelando que seu âmbito de ação é o cenário público, onde convergem cidadania e democracia. Embora, o curso e o resultado desse fluxo nem sempre sejam simples de prever, já que bem podem solidificar uma liderança ou abrir espaço para novas bandeiras e projetos políticos, como pode configurar um

quadro de repúdio e intolerância, limitando inclusive a presença estatal em alguns ambientes ou dimensões sociais.

É válido neste ponto salientar que, ainda que o produto final dessa relação social e comunicativa seja considerada como positiva ou não para x ou y setor, ator ou tema em questão, o certo é que ela não acontece fora dos contornos do Estado. É preciso, portanto, lembrar que, no caso do Estado moderno, são a proteção, a provisão dos bens públicos e a promoção do desenvolvimento social, alguns dos aspectos fundamentais que delimitam seus contornos. Deste ente com caráter superior, que, no caso do Brasil, congrega uma população e delimita um território, espera-se não só que resguarde deveres e direitos, mas que manifeste nas suas expressões e materialize nas suas ações um senso supremo de responsabilidade.

Uma responsabilidade que longe de ser abstrata, vai muito além das interpretações que possa suscitar desde o ponto de vista jurídico ou sociológico, deixando em aberto o conhecimento - neste caso de quem exerce o poder -, dos interesses da sociedade que representa; ou seja, o grau de compreensão que possui sobre as leis de desenvolvimento da história desse coletivo, mas também do mundo circundante. Vários são os instrumentos no mundo da política que têm atendido a esse chamado: a Constituição Federal de 1988 é um deles. Fruto de um esforço por dar ao Brasil, naquele momento, um olhar mais integrativo sobre o homem e a dignidade que o reveste, ela recolhe argumentos e princípios fundamentais da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Muitas narrativas e ideários, assim como iniciativas na forma de políticas públicas, planos 2 e programas nas mais diversas frentes, têm sido desenvolvidos a partir desse contexto, direcionados ao cumprimento desse norte constitucional.

Contudo, o que se constata no presente período presidencial é a instalação de uma condição de indiferença como forma de governo. Isto é notoriamente palpável no tratamento distante, superficial e até com tom depreciativo - totalmente contrário ao protocolo e à altura do mais alto cargo do Executivo -, ao redor de questões pertinentes a cenários altamente sensíveis, como a pandemia ocasionada pelo Covid-19 ou os eventos calamitosos de desmatamento e queimadas da floresta amazônica, que interferem diretamente no enfrentamento global da crise ambiental.

ENSAIO: Degradação ambiental planetária: uma evidência que transita entre o negacionismo e o reconhecimento

Panorama este que carrega repercussões internacionais negativas na luta contra as mudanças climáticas, assim como fortes posicionamentos, das mais diversas origens, canalizadas por diversos meios de comunicação, contra as ações e as omissões dos governantes.

Precisamente foi este último episódio que colocou o Brasil no centro da discussão internacional diante da urgência em proteger o patrimônio ecológico do planeta e reduzir as emissões de gases de efeito estufa, sem importar em que território se encontre. De forma dissonante, a minimização dos acontecimentos ambientais (mas, não apenas destes) e o olhar despreocupado do atual presidente não gera respostas à altura da emergência climática vivida por todo o planeta. Paradoxalmente, o fato de o governo atual fragilizar a fiscalização ambiental e trabalhar para a flexibilização das políticas públicas, quando o Brasil é um país com perfil altamente poluidor no cenário regional e internacional, torna a questão ambiental ainda mais uma questão prioritariamente política.

O reconhecimento do caráter transfronteiriço da questão ambiental está sendo feito por grande parte dos líderes mundiais ainda que, para alguns cientistas, que alertam sobre os efeitos da destruição desmedida há décadas, isso poderia ter ocorrido antes. Na contramão dos esforços globais, o Brasil, enquanto Estado, parece apresentar um vazio institucional em termos de respostas ou, muito pior, uma ação contra a proteção ambiental, evidenciada pela passividade na criação de instrumentos e na implementação de medidas para preservar e restaurar uma floresta emblemática, que está sendo sistematicamente condenada a desaparecer pelas queimadas e pelo desmatamento.

Negar os prejuízos socioambientais decorrentes dos crimes que acontecem na Amazônia não é apenas forjar um caminho impossível para o progresso econômico a qualquer custo, mas também recusar a ciência, recusar os direitos das minorias, em especial da infância brasileira cada vez mais afastada de um futuro sustentável, das famílias com vocação agrícola esquecidas nos locais mais longínquos do país, dos povos indígenas, entre outros. Abdicar da compreensão do valor da natureza por si mesma é um contrassenso, ainda mais quando observada a magnitude da pegada ambiental do Brasil, em termos de sermos um dos principais emissores de CO₂ de América Latina, disputando somente com

México a primeira posição neste ranking. 3

Neste sentido, se analisado, todo ato político - incluídos aqueles que implicam omissão ou negação - sugere uma responsabilidade localizada entre a cúpula do poder e as esferas executoras. O foco que direciona dita ação política nasce de uma demanda, uma iniciativa, mas também da importância dada a uma evidência ou a uma urgência. O interesse por responder aos desafios práticos das sociedades contemporâneas deveria ser transversal aos direitos do cidadão e no seu núcleo, hoje mais do que nunca, à proteção do meio ambiente. Tanto um quanto outro constituem aspectos extremamente valiosos em um mundo que perde cada vez mais a confiança nas suas instituições democráticas e na sua capacidade de resguardar a vida num futuro próximo.

Para Honnet (2013), os níveis de reconhecimento ou de menosprezo - seja de uma causa, de um indivíduo ou de um tema - que uma sociedade apresenta entre seus integrantes determina a textura ou o tipo de entrelaçamento do seu tecido social. O reconhecimento, mais do que um tópico auxiliar, tem passado a ser um eixo essencial na discussão das Ciências Sociais das últimas duas décadas; relevância da qual não escapa a temática ambiental, já que afinal o enfrentamento das problemáticas ambientais da nossa era passa pela compreensão das relações sociais.

Justamente, segundo os estudos sobre Teoria Crítica de Fascioli (2018), é a partir dos anos 1990 que cresce a reflexão filosófica da justiça contemporânea, na qual autores como Axel Honnet, Nancy Fraser e Charles Taylor, para citar alguns exemplos, dão surgimento ao Modelo Teórico do Reconhecimento. Um novo enfoque com caráter reivindicativo, que tem contribuído como ponto de partida fundamental para movimentos sociais como os coletivos de gênero, de minorias étnicas ou sexuais, assim como para iniciativas de justiça transicional, entre tantos outros.

Reconhecer significaria, nesta orientação, se levantar contra uma visão liberal hegemônica e ampliar o terreno do debate da vida em sociedade, saindo dos marcos de interesse e de discussão de uns poucos. Segundo Honnet (2013), o núcleo da reivindicação, desde o ponto de vista da necessidade de uma sociedade não só justa, mas também sadia, é a tomada de consciência do amplíssimo leque de interesses e problemáticas que compõem a vida do ser humano.

ENSAIO: Degradação ambiental planetária: uma evidência que transita entre o negacionismo e o reconhecimento

Nesta ordem de ideias, é inevitável não debater sobre a insuficiência de um dos modelos preestabelecidos que têm dado substrato histórico à ação estatal, qual é o da justiça distributiva ou de distribuição equitativa de recursos ou bens primários - com marcado ênfase nas políticas econômicas em detrimento da questão ambiental -, e que hoje em dia não é mais suficiente para determinar se um Estado está sendo eficiente ou não na sua gestão.

Distribuição e reconhecimento passam a ser elementos complementares e igualmente necessários, sobretudo em uma sociedade onde os conflitos e as vozes que os representam são cada vez mais inesperados e desafiadores, e onde a justiça também adquire novas escalas e tons que vão além dos mecanismos jurídicos (FASCIOLI, 2018).

Consequentemente, cada dimensão da vida em sociedade, antes de mais nada deveria contar com a garantia de ser tratada e observada de forma equitativa; ou seja, ter a mesma relevância no planejamento público, oportunidades plausíveis de acessar o orçamento estatal e contar com todos os canais possíveis de comunicação e discussão. Sendo a preservação e conservação do meio ambiente um mundo não só discursivo, mas também prático e real com identidade própria, o que se observa em países como Brasil é um tratamento diferencial em sentido negativo, que o posiciona quase como um paradigma excludente e não transversal no contexto da política e da gestão pública.

Apesar de o último informe do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, o IPCC, divulgado neste ano 2021, ressaltar a gravidade da crise climática e demonstrar que já sentimos seus impactos, há quem prefira acreditar que não é possível alterar o modo de vida conquistado e nem abrir mão de alcançar o que países ditos desenvolvidos já alcançaram às custas da colonização. Parece preferível pensar que tudo se resume a alarmismos dos cientistas, dos ambientalistas, dos jornalistas, etc. , ou que a humanidade encontrará uma saída pela via da 4 ciência e da tecnologia para resolver o problema do que considerar que realmente seremos afetados por extremos climáticos, escassez de água, epidemias, perdas nas safras e uma vasta lista de danos que já estão tornando nossas vidas mais complexas.

O negacionismo climático não é uma novidade,

muito pelo contrário, um claro exemplo na história recente, é o forte apoio da indústria dos combustíveis fósseis nos Estados Unidos ao que eles denominam a "guerra contra o aquecimento global". Foi precisamente durante o governo de Donald Trump que dito mecanismo foi amplamente espalhado, chegando ao ponto do governo americano se retirar do Acordo de Paris - tratado direcionado para enfrentar a crise climática global no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudanças Climáticas. Bolsonaro, nos passos de Trump, beneficia-se com a circulação de desinformação para semear dúvidas na opinião dos cidadãos e seguir com seu plano econômico de cunho basicamente extrativista.

A importância de se debater essa situação diz respeito ao fato de que enquanto circularem mensagens opostas, confusas ou divisoras, o público não especialista no assunto tenderá à passividade, esperando para fazer qualquer mudança que esteja ao seu alcance. Essa disputa de narrativas sobre a realidade climática, amplificada com a polarização política, tende a atrasar o apoio e a reivindicação por ações imediatas, que poderiam afetar o nosso modelo econômico atual, baseado na utilização de combustíveis fósseis. É preciso se perguntar: quem promove o desinteresse e até a ausência da problemática ambiental na esfera pública?

O negacionismo climático aparece então como um instrumento sub-reptício de construção de políticas públicas de corte socioambiental. Ele serve como estratégia para seguir adiante com planos de desregulamentação das leis ambientais, como ocorreu no país quando foi reformado o Código Florestal, e mais recentemente, no fraco comprometimento do Brasil na Conferência das Partes realizada em Madri, a COP-25. Aqueles que defendem iniciativas econômicas liberais e consideram a legislação um entrave ao desenvolvimento econômico utilizam essa retórica para confundir a opinião pública. Logo, negar o colapso ambiental torna-se o primeiro escudo daqueles que lucram com as causas do problema climático.

Porém, a discussão é muito mais profunda e atravessa o campo das experiências e visões de mundo. O negacionismo se expande quando articulado à ideologização política, que mistura aspectos diferentes das vidas das pessoas e os divide entre nós X eles. A maioria dos negacionistas

ENSAIO: Degradação ambiental planetária: uma evidência que transita entre o negacionismo e o reconhecimento

climáticos não lucra com a emissão de gases de efeito estufa, mas está enredado em um regime discursivo que associa o debate ambiental a um grupo diferente do dele (pode ser de intelectuais, de uma elite econômica ou de defesa de algo que, de fato, nunca foi usufruído). Essa construção discursiva é alimentada com conspirações, de todas as ordens, que mascaram tomadas de decisão que vão contra a preservação da natureza.

O eixo central da presente discussão é a temática ambiental, embora, é evidente que a falta de reconhecimento de eventos tangíveis e palpáveis, inclusive medíveis desde o ponto de vista econométrico ou estatístico é uma constante em muitos cantos do planeta, abrangendo situações tão diversas que podem ir desde o tráfico de armas, a precarização do trabalhador contemporâneo, até a homofobia ou o uso massivo das inteligências artificiais. Contudo, não é necessário ir muito longe para inferir que é o tempo o grande inimigo do negacionismo. Seja qual for a situação problemática a que se faz referência, quando colocada sob o prisma do negacionismo, com o transcorrer do tempo ela tende a se tornar mais desafiadora e não a desaparecer.

Eventualmente, estilos de liderança com dita postura são em muitas ocasiões dissimuladamente permitidos e até alimentados não só localmente mas também no cenário internacional, cuja temática socioambiental apesar da proliferação de variados tratados e convênios, ainda está em seus primórdios, quando se trata de reconhecimento jurídico transfronteiriço e de punição na forma de sanções econômicas. A ausência de uma estrutura de direito ambiental internacional firmemente reconhecida,

Bibliografia

BANERJEE, N. How Big Oil Lost Control of Its Climate Misinformation Machine. Inside Climate News Politics & Policy. New York: Dezembro 22, 2017. Disponível em: <https://insideclimatenews.org/news/22122017/big-oil-heartland-climate-science-misinformation-campaign-koch-api-trump-infographic/> Acesso em: 15 de nov. 2021.

FASCIOLI, A. Potencial y Límites de la Justicia como Reconocimiento. Una Mirada Crítica a la Obra de Axel Honnet. In: Axel Honnet: Reconocimiento, Herida Moral y Teoría Crítica (Spanish Edition). Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá: Sello Editorial Javeriano: 2018.

vinculante e operacional, que consiga superar seus conteúdos fortemente axiológicos, faz com que não poucos líderes mundiais continuem transitando numa direção oposta ao bem-estar dos seus congêneres e do planeta.

Parar de negar e dar um passo rumo ao reconhecimento implica muito mais que narrativas ou atos simbólicos. É preciso promover estratégias de solidariedade, de respeito, de precaução ou de proteção, coerentes aos marcos do Estado de direito, com uma amarração normativa, clara e sustentável. Embora, para que isso aconteça, a motivação deva estar bem definida - discursos vazios nos encontros internacionais, à procura de captar recursos de assistência e cooperação, não são muito condizentes com a tolerância no avanço das queimadas, com o desmatamento massivo, ou a promoção das monoculturas, todos eles fatos que minimizam nossa capacidade de sobrevivência no planeta.

A luz no final do túnel, por mais clichê que pareça, ainda pode ser a imensa e criativa força que habita o humano. Não podemos esquecer que, se o Estado é composto por uma sociedade multidimensional, dinâmica e vibrante, sempre existirão novas possibilidades, ainda que pequenas, através dos esforços políticos. Criar oportunidades endógenas de desenvolvimento e projetar vias alternativas para uma sustentabilidade razoável e realista, assim como espaços para nos pensar a nós mesmos, resultará na capacidade de produzir não só novos entendimentos no plano teórico, mas também atuações e práticas que protejam as qualidades e potencialidades desse novo mundo no qual estamos, e desse novo sujeito que hoje em dia somos, merecedor do direito de evoluir como espécie lado a lado com o meio ambiente natural.

HONNETH, A. El entramado de la Justicia. Sobre los límites del procedimentalismo contemporáneo. In: Perspectivas Críticas de la Justicia Social. Pereira G. (Editor), p. 11-28., Porto Alegre: Evangraf, 2013.

RECUERO, R.; SOARES F. Desinformação e Meio Ambiente: O caso das Queimadas no Pantanal Brasileiro. In: Journal and Digital Media and Interaction. Universidade de Aveiro. Aveiro. v. 3, n. 8. p. 64-80, 2020. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/jdmi/article/view/21243> Acesso em: 19 de nov. 2021.

CLIMATE WATCH. Os países que mais emitiram gases de efeito estufa nos últimos 165 anos.

ENSAIO: Degradação ambiental planetária: uma evidência que transita entre o negacionismo e o reconhecimento

Greenhouse Gas Emissions and Emissions Targets. 2019. Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/04/ranking-g-paises-que-mais-emitem-carbono-gases-de-efeito-estufa-aquecimento-global> Acesso em: 16 de set. 2021

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Administradora pública e cientista política da Escuela Superior de Administración Pública (Bogotá-Colômbia); Mestre em meio ambiente e desenvolvimento da UFPR; discente da Faculdade de Letras da Universidade Católica Paulista. E-mail: soraya.romerov@gmail.com

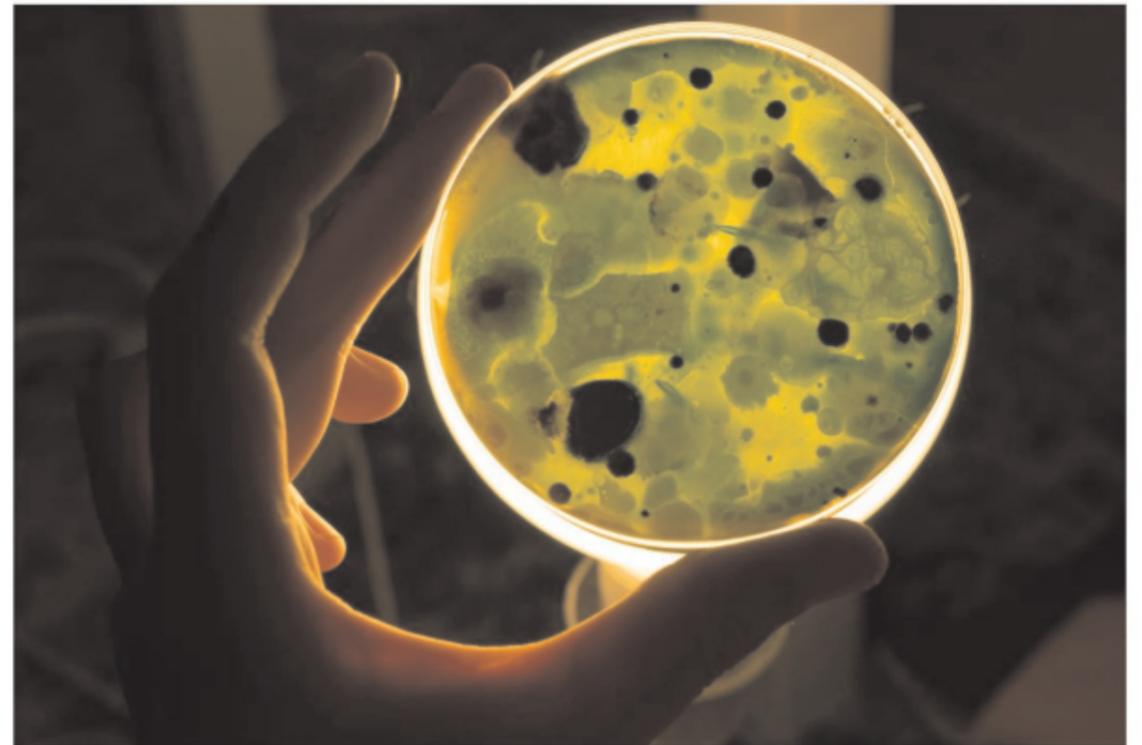
2 A CF/88 está profundamente marcada desde o seu início pelo pensamento e aportes de Jaques Maritain, que participou como protagonista na redação da declaração dos direitos humanos. Frente a mundos tão distantes e absolutistas, como o capitalismo e o socialismo, que diluíam a figura do ser humano, a aposta na nova era democrática do Brasil nos anos 80, foi pela re colocação do homem no centro do exercício político, posicionamento que, como será discutido, ainda está longe de ter se consolidado.

3 Segundo os dados da plataforma Climate Watch

(2019): “Em 2016, o último ano da série histórica coberta pelo gráfico, o Brasil figura no nível mundial como o sexto maior emissor anual, mostrando a importância e a necessidade de o país adotar políticas de baixo carbono”. Nos cálculos mais atuais da plataforma, considerando os anos mais recentes, que não estão expressos em forma de gráfico ainda, o Brasil figura como o sétimo maior emissor.

4 Recuero e Soares (2020), em estudo sobre as queimadas no Pantanal, apontam que, mesmo sem comprovações, foram verificadas narrativas para culpar movimentos sociais e indígenas ou ainda distorcer as informações e alegar que a imprensa é responsável por aumentar a gravidade dos fatos ambientais. Negar a realidade tornou-se mais fácil com a propagação das redes sociais, já que as informações não passam por um filtro de checagem, como ocorre com os conteúdos jornalísticos.

5 Um caso bastante conhecido é o financiamento feito pela indústria de combustíveis fósseis nos EUA para fomentar estudos científicos que sustentassem os seus interesses, atacando e minimizando a credibilidade dos resultados de pesquisas revisadas por pares, nas quais a ligação entre o aquecimento global e o uso de energias não renováveis era constatada, com o objetivo de suscitar a dúvida nos cidadãos (Banerjee, 2017).



arte

ARTES

Esta seção da ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte funciona como um espaço expositivo no qual são publicadas, quadrimestralmente, produções artísticas e culturais relacionadas às mudanças climáticas, submetidas à avaliação peer review nos mais diversos formatos (ensaios fotográficos, vídeos, animações, instalações, etc.) e relacionadas ao tema proposto por cada edição da revista. Também serão divulgadas produções audiovisuais resultantes de experimentações (oficinas-instalações) feitas pela equipe da revista, pesquisadores, artistas convidados e públicos diversos, espaço-tempo que chamamos Laboratório-Ateliê. Confira as produções do dossiê 01 da revista ClimaCom sobre “Redes”

Produções artísticas e culturais

Esta seção atua como um espaço expositivo da revista, no qual podem ser publicadas produções artísticas e culturais nas mais diversas modalidades (vídeo, áudio, fotografia, escrita, pintura, desenho, etc.) que possam multiplicar pensamentos em torno das mudanças climáticas na relação com o tema proposto por cada edição da revista. Também podem ser submetidos registros de produções (instalações, oficinas, exposições, intervenções, etc.), em formato digital para publicação.

Há jardins entre a terra e o mar
Valéria Menezes Scornaienchi
Pag. 154

desejos-vacina
Tiago Amaral Sales
Pag. 170

Inocência infinitiva
Leonardo Domingos Braga da Silva
Pag. 186

Bandeira de ninguém
Chana de Moura
Pag. 180

ARTES:

Há jardins entre a terra e o mar

Minha pesquisa determina e é determinada pelos percursos da minha vida cotidiana. Há muito tempo venho desenvolvendo um trabalho relacionado com a natureza. Costumo fazer coletas ao longo do caminho e acompanho o processo de transformação das plantas e dos fragmentos que recolho e coleciono.

O meu encontro com Livro da Natureza, de Fritz Kahn, aconteceu há 7 anos atrás em um sebo que costumo frequentar. O tema, as ilustrações, a materialidade e a abordagem entre o científico e o poético despertaram o meu interesse. Adquiri vários exemplares e passei a utilizá-lo no meu trabalho.

As pesquisas com os fragmentos naturais e o acompanhamento de seus processos de mutação me levaram a criar desenhos que se apresentavam de início como desenhos de observação mas se transformaram depois em outras imagens. Sigo estabelecendo com esses elementos uma relação a partir dos sentimentos, do afeto e dos segredos escondidos em suas superfícies. Os desenhos surgem em cadernos, folhas soltas e papéis diversos; e junto com os fragmentos de plantas formam uma coleção que se amplia ao longo do tempo, constituindo um atlas afetivo de botânica.

Os trabalhos apresentados nesse portfólio são um recorte dos trabalhos realizados nesse série onde os desenhos são feitos com aquarela de terra e de grafite, e as reflexões e criação de pequenas narrativas surgem a partir da ideia de pensar jardins nas suas formas mais expandidas. Jardins que transitam entre o céu, o mar e a terra. Jardins nos quais seria possível imaginar novas composições de existências, de coexistências de seres de todos os reinos convivendo em harmonia.

Essa publicação foi realizada com imagens de uma série de trabalhos chamada há jardins entre o céu e a terra, que dá nome ao livro, e que traz como proposta fabulações que provoquem a reflexão de novos mundos, novas conexões entre os seres que estão todos imersos nesse lugar de terra, útero e vestígios da própria terra, de onde surgem as insurgências.

Valéria Menezes Scornaienchi

Textos, imagens e edição da artista.

valeriascornaienchi.com

ARTES: Há jardins entre a terra e o mar



foto rosana torralba

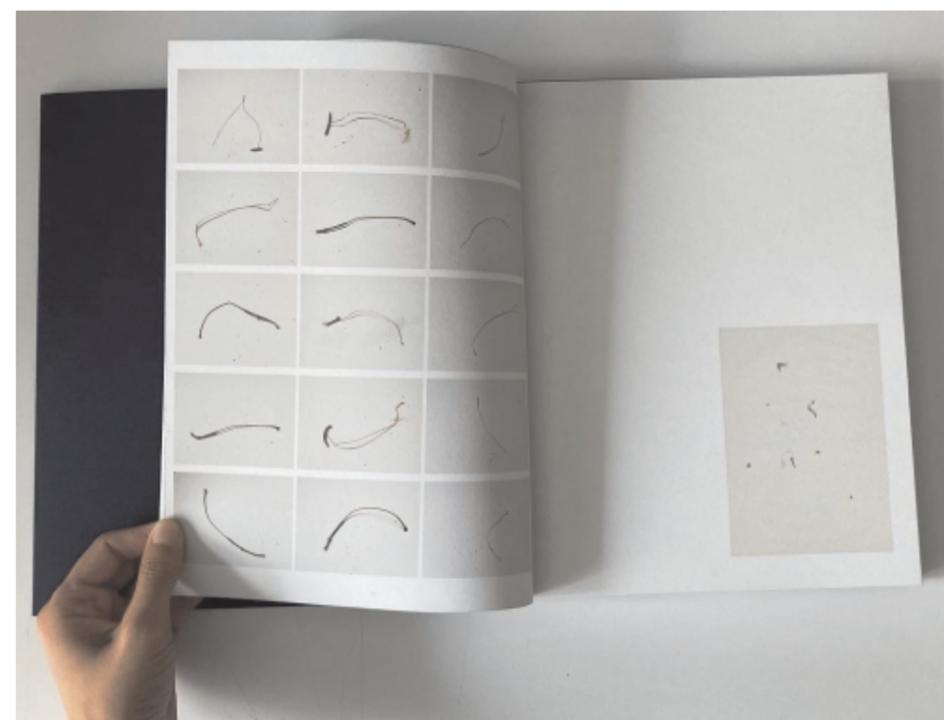
*um sentimento de alegria
me invade
quando eu penso
nesse projeto lindo,
sensível e que permite
muitas reflexões.*

tudo se refaz,
de valeria scornaienchi

jardins e ateliês, por alguma razão secreta, mantêm muitos graus de afinidade e parentesco. sentimo-nos enfeitiçados nesses espaços porque neles está contida uma premissa, a duração de tempo, de memória e imaginação. fora da racionalidade intrépida, movem-se irmanados, cúmplices de uma metamorfose, em ritmo lento, quase invisível a olhos nus. nesses espaços de jardins e ateliês tudo pode ser eternamente recombinado. tudo se refaz. não há começos, mas recomeços, renascimentos e recriações.



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Diante dos negacionismos" - Ano 08 / n. 21, 2021



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Diante dos negacionismos" - Ano 08 / n. 21, 2021





é com muita alegria que eu e a fotô editorial convidamos para o lançamento do meu fotolivro 'tudo se refaz'.

meus agradecimentos mais que especiais para fabiana bruno, elaine pessoa, eder chiodetto, fabio messias, nathalia parra e a todos que participaram desse projeto.

@fotoeditorial





foto rosana torralba



foto rosana torralba



foto rosana torralba



ARTES:

Linnaeus

No princípio, era o jardim, então o homem - podemos pensar em Adão, em Carolus Linnaeus, em cada cientista de nossa história - principiou a tarefa de dar nomes às coisas, fazer da alteridade sua prole intelectual.

Ao autorizar o uso do nome do cientista para integrar o nome de uma espécie, a taxonomia moderna organizada por Linnaeus consagra a "paternidade" do saber sobre aquilo que virtualmente "descobre" (melhor seria dizer "sistematiza").

Na instalação de Moscheta, feita com a colaboração de seu pai, toda essa história é colocada em suspensão, com as estantes e pastas idênticas ordenadas e vazias - à espera de centenas de etiquetas desconectadas de suas espécies - como se um deus brincalhão tivesse embaralhado todo o trabalho feito até hoje e nos desse a chance de olhar novamente o jardim lá fora como pura alteridade.

Linnaeus | instalação com 2000 tags de papel escritas à mão, alumínio, estantes de ferro, lâmpadas fluorescentes, fios elétricos, caixas poliondas e carimbos sobre papel | 300 x 300 x 270 cm

Marcelo Moscheta

Texto | Paulo Miyada

Fotos | Rafael Dabul

ARTES: Linnaeus



ARTES:

Não sei | Pessoas Simples | Encontro no tempo | Sobre oposto

Todas as obras são tinta acrílica sobre papel

Tamanho 59x42 cm

Ano | 2021

21/12/2021

ARTES: Não sei | Pessoas Simples | Encontro no tempo | Sobre oposto |



desejos-vacina

Título: desejos-vacina

Quantos desejos atravessam um corpo na espera e no encontro com uma vacina? Esta é uma escrita poética produzida a partir da travessia pandêmica da covid-19, em um corpo à espreita de possíveis, em desejos-vacina.

Tiago Sales Amaral

Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). Mestre e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Graduando em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e pós-graduando em Pedagogia Universitária pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS - Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES.
E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com
Telefone: (34) 991415396

21/12/2021

desejos-vacina

I
os olhos brilham
a boca saliva
os músculos contraem
e relaxam

o corpo todo vibra
ao pensar numa agulha
que fura a pele
e a penetra
injeta um líquido
induz reações

o corpo clama
pelo poder-médico
poder-científico
saber-poder
poder-controle

o corpo clama:
biopoder
ou seria uma súplica:
salve uma vida

II
biosseguranças
distâncias
aversões
a-contaminações

III
desejos de cura
desejo-vida
desejos-utopias
desejos-vacina

IV
imunizações racionais
rachar negacionismos
encontros alegres?
sair dos abismos
defender a vida
forjar refúgios
criar abrigos

ARTES: desejos-vacina

V
desejo-fim-pandêmico
anseio de caminhar
nos escombros, perambular
olhar as ruínas
contemplar as ausências
na falta de ar, respirar

VI
privado
contido
desejo-cerceado
deserto-subjetivo
desejo-submetido
dessubjetivado
desacreditado
desiludido

VII
vigilâncias médicas
liberdades mortíferas
relações assépticas
prisões protetivas

VIII
sonhar uma cura
ter esperança
sonhar vacinas
desejar mudanças

IX
desejos viscerais

X
linfócitos anseiam
o aprender-vacina
o prazer-vacina
o tesão-vacina

XI
desejo entre patentes
relações diplomáticas
caos que não acaba

gotas de esperança
penetram alguns corpos
p.i.n.g.a.d.o.s
quais corpos serão
imunizados?

XII

I e n t i d õ e s
desesperadoras
ansiofênicas

XIII
ausências de vacina
só resta a espera
mas espera em silêncio
é uma chacina

espera = morte
vacina = vida

morte de tantos
desesperançados
d-e-s-p-e-d-a-ç-a-d-o-s
sem ar
espero
(des)esperançoso
esperando
tentando esperar
até quando?

XIV
espero um pico
um furo
preencher um vazio?
frear um genocídio

XV
me encho de desejo
por também ser furado

XVI
um corpo
nada (no) vazio

XVII
no furo entrará
esperança

XVIII
líquidos indutivos
memória imunológica
mas nada apaga
a memória dos que foram
sem espera

XIX
furo-vazão
libertação
gotas
líquidos
explosão

delírios?
utopias?

cansado de me guardar

só quero me jogar
sair por aí
em desejos sem fim
pela boca
pelos braços
p.e.r.f.u.r.a.d.o.s
pelos arrepios
pelos arrepiados
corpo desejoso
de outros espaços

XX
corpo inteiro
corpo frag ment ado
corpo em ausências
corpo em saudade
corpo de sp do
edaça

XXI
criar presenças
vida nas ausências
vidas inusitadas
zigzaguear em resistências
diárias re-existências
instaurar outros mundos
resiliências

XXII
desejo-liberto
vida transbordante
gritos, súplicas
movimentos, esperanças
em gotas, rios, oceanos
em fricções

acontecimentos
penetram corpos
criam corpos
encontram corpos
vazando

preenchendo
lavando
levando
levitando
em forças
potências
movimentos
presenças
em outros,
e outros,
e outros
desejos
possíveis?

ARTES:

[filme infra-vermelho] para Claudia Andujar

É uma vídeo performance para o poema de Antonio Martinelli com o Urucum. O urucum (*Bixa orellana*) é o fruto do urucuzeiro uma pequena árvore da América tropical. Seu nome tem origem na linguagem Tupi-Guarani transliterado “uru-ku” e significa “vermelho”. Seus frutos são cápsulas em forma de coração, com espinhos maleáveis, que se abrem e revelam pequenas sementes alinhadas, que podem virar tinta, pó, óleo, remédio e condimento. É utilizado por indígenas para pintar o corpo em diferentes rituais mas também para hidratar, proteger a pele do sol e de picadas de inseto. O vermelho de sua tinta é também o sangue que escorre nas mãos da branquitude, frente ao genocídio e destruição dos povos da floresta.

Marina Guzzo e Antonio Martinelli

Ficha Técnica

Marina Guzzo
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP- Campus Baixada Santista
marina.guzzo@unifesp.br
(11)985118893

criação, pesquisa e performance: Marina Guzzo
inspirada no poema homônimo de Antonio Martinelli
finalização de edição: Patrícia Araujo
efeitos sonoros: Mateus Guzzo
urucum: Sítio Angelina Iperó
apoio de produção artística: Marli Pedroso

21/12/2021

ARTE: [filme infra-vermelho] para Claudia Andujar |

POEMA
[filme infra-vermelho] para Claudia Andujar
diante da magnitude de Urihi-a
- terra-floresta Yanomami -
[como um criança
paralisada diante de um jaguar
sem ação ou medo
diante de estupenda beleza] daquela
floresta magenta
gigantemente impressa
- 12,1 x 8,1m -
e guardada em papel
fotográfico
- impressão sobre filme de base de polipropileno

ABL 145 - e frente a todo poder,
toda fragilidade
daquela imagem:
eu chorei, e chorei pelo nariz,
sibilante em bronquite,
um choro agudo - em vão
livre -
que não era
medo, mas espanto,
uma floresta de afetos
bombeou
meu sangue e,
para não me entregar
a um infarto,
meu pulmão
agradeceu todo aquele ar
[e pouco me importou
o público ao meu lado
e seus olhares,
eu somente busquei o belo],
e, diante da grandeza
da ideia de: árvores, pássaros, curumins, aldeia,

formigas, bichos, eu percorri artérias
nas matas daquela floresta
de sangue vivo: morto,
olhando o reflexo das árvores
vermelhas
no vidro temperado,
do chão de vidros,
e na água da piscina
poliesportiva, abaixo de mim,
eu naveguei distante,
por rios capilares, amazonicos,
[logo eu, que ainda nem conhecia o Ó

Serdespanto],
meu coração,
sangrou diante do átrio
do prédio de concreto e vidro

e da representação da natureza
[aorta]
como obra de arte,
[ali, em meio a multidão
majoritariamente branca
eu, descendente de
indo-europeus,
envergonhado e em estado de graça]
no retorno asfalto da vias
- ligação leste oeste
que corta a imensa são paulo - passei
por rios aterrados e quase
mortos [foi o cheiro
podre que me
lembrou],
nada ali
era verde
não havia indígenas
- exceto um povo pobre,
miserável,
mulheres e homens
carregando suas vidas
em casas de carroças,
num muro militante:
“No Brasil, todo mundo é índio
exceto quem não é”
sentença,
ainda sem sentido,
mas que espasmou em mim,
até o desembarque final.
entrei embaixo da ducha
já sem camisa de linho branca que, joguei no chão

da sala, como se tudo que fosse sujo
e que fosse largado
no meio do caminho tivesse
o poder de se purificar,
[sangue seco amarela
ou fica barrento,
e alvejante algum garante
a branquitude romântica
que tanto cantamos
para expurgar nossa
culpa],
molhado e ensanguentado -
de um sangue que não era meu
mas que bebi e ainda corre
dentro:
da terra do encanamento dos tubos dos rios

aterrados em mim -,
percebi meu corpo pesado
e, quando olho:
meu peito
meu pelos
meu púbis,

ARTE: [filme infra-vermelho] para Claudia Andujar |

percebo que sustentava o jeans
encharcado, como quem
guarda o pecado,
[entre despir- me e limpar-me
da culpa cristã]
procuro apoio para o pânico, e
um mínima sustentação
da minha herança,
eu sei que posso cair
[e eu devo aceitar a queda?
mas e tudo que fizemos?
e tudo que evoluímos?
e tudo que conquistamos?
e tudo que descobrimos?
e tudo que construímos?
e tudo que refinamos?
e tudo que esclarecemos?
e tudo que progredimos?]
eu não aceitaria jogar tudo
no ralo,
toda essa sujeira,
não fosse
tocar o bolso
e, de dentro do jeans,
tirar coisas que,
juro, levarei anos para entender como foram

para ali,
em minha posse:
anzóis,
moedas,
contas de vidros,
e triturados cortantes
de espelho
que, eu enfiei na boca,
mastiguei até virar
farelo
de paçoca,
antes de dormir.

.
sonhei que eu era um monstro
insone,
e que meus pares,
outros monstros como eu,
me alertavam:
- tem nada não, companheiro, essa culpa não é

sua,
[se for,
resolva
em terapia],
e garanta a paz
e o sono dos justos,
pois amanhã é dia de branco.
mas o jaguar sorriu pra mim.

ARTES:

Inocência infinitiva

Poema sobre uma ave um peixe que trocam, por vontade, magicamente de habitat, mas findam imediatamente por causa da poluição.

Leonardo Domingos Braga da Silva

UFRN/PPGFIL

leonardexistimans@live.com

(84) 98810-7404

ARTE: Inocência infinitiva

Inocência infinitiva

Um pássaro, uma gaivota
Voa alto e observa
Nada há, só o mar
Céu limpo e nenhuma terra ou ilha
Só a gaivota e o mar

E o mar se rejubila por observá-la
A gaivota em pleno ar, também olha para o mar
O mar dança e a gaivota se espanta
"Que motivo há para tanto o mar se inquietar?"

A gaivota desce para ao mar questionar
Mas, o mar não responde, silencia e se aquieta
O pássaro sobe voo enquanto medita: "como será ser mar?"
"Dos céus já tudo experimentara e estava cansado de voar"
Dos altos as águas parecem lençóis, "que vontade de se aconchegar"
Mas gaivota não é peixe, "como poderei tal coisa experimentar?"
Então o pássaro avista um peixe e decide a ele questionar:
"Como faço para nadar se só sei voar?"
- "Nas profundezas vivi muito tempo, onde luz não há"
"E agora vejo um pássaro que deseja nadar"
- "Quero experimentar as águas que tanto tempo observei"

"Venho voando sem parar, sem lugar para pousar, cobiço sim um lar"
O peixe riu e foi-se embora, e o pássaro ficou a se lamentar
Mas, logo volta o peixe, com uma sereia, também a nadar
"Vivi nas profundezas e agora já cansei, por minha vez desejo voar"
"Trago esta sereia que pode nos ajudar"
"Tem ela um líquido mágico que nos pode transmutar"
O peixe passarinho alegre para as nuvens, e foi devorado por um pássaro de aço
O pássaro alegre foi para o fundo, puxado por algas de plástico.

ARTES:

Queimada

Jorge Vicente nasceu em 1974, em Lisboa, e desde cedo se interessou por poesia. Com Mestrado em Ciências Documentais, tem poemas publicados em diversas antologias literárias e revistas, participando, igualmente, nas listas de discussão Encontro de Escritas, Amante das Leituras e CantOrfeu. Faz parte da direção editorial da revista online Incomunidade. Tem cinco livros publicados, sendo o último cavalo que passa devagar (voltad'mar: 2019).

Jorge Vicente

jorgevicente.seacarrier@gmail.com

+351916279149

21/12/2021

ARTES: Queimada

QUEIMADA

1.

queima mar ardente
Rio Negro, branco, da cor das estrelas pintadas
queima a selva a seiva o suave luar das catacumbas
queima o poder agreste da esperança
de um riso trágico e perdido
queima o luar indígena morto de doença
enquanto hippies extáticos celebram o sol de Manaus
queima o poema que é fúria e transe e justiça
queimem a mulher afegã nos seus olhos de futuro

queimem quem morre de crude de bombas artesanais de miséria
quem morre com as vidas voltadas para o prato sem restos
ou sem desejo

queimem o som e a palavra e o dom da profecia
a floresta o amor tão triste que tenho por ti.

2.

falha flor
falha temerosa cidade
falha rosa de Hiroxima ou de Harlem
falha rosa de fogo anunciando amianto ou xisto ou gás de esperança

falha genocida voz como as águias
falha entre continentes e oceanos
entre grito amazônica e de voz pintada
de voz talvez tão falha como a sucuri que espreita
no recôncavo das folhas.

ARTES:

Bandeira de ninguém

A bandeira é de importância crítica para a manutenção e reprodução da identidade de um país, pois conecta as pessoas à sua nação, lembrando-lhes o que seu país representa. Entretanto, uma bandeira também pode ser usada para aumentar um certo senso de excepcionalismo nacional. Por isso, as bandeiras representam um instrumento recorrente de nacionalismo que tem sido historicamente usado para justificar e validar diferentes atos de violência contra minorias ao longo da história. Em 2018, logo após a eleição de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil, o nível de violência contra minorias brasileiras começou a crescer exponencialmente em todo o país. O aumento dos incidentes violentos é frequentemente relacionado à instigação da violência presente no discurso político de Bolsonaro, repleto de ideais nacionalistas e discriminatórios. A bandeira é um símbolo tão essencial para aquilo que defende a família Bolsonaro que Flávio Bolsonaro chegou a enxugar lágrimas com a bandeira nacional. Após uma breve leitura de imagem do vídeo, percebe-se que a mão usada por ele é a mão na qual leva sua aliança de casamento. Dois elementos propagandísticos fortes desse governo estão presentes no vídeo: a pátria e a família tradicional. Para desenvolver a Bandeira de Ninguém, fragmentei a bandeira nacional brasileira e coloquei suas partes em frascos de laboratório como uma tentativa simbólica de dissolver a ideia utópica de uma identidade brasileira unificada. Os fragmentos foram então sobrepostos por uma mistura de bactérias coletadas de diferentes indivíduos pertencentes às minorias como a comunidade Lgbtqi+, povos indígenas e povos negros brasileiros, bem como de elementos relacionados às suas culturas (peças de arte, joias, roupas etc.). Em vez de uma identidade unificada e estática, o resultado foi uma combinação viva e misturada de identidades brasileiras: uma miscigenação que a bandeira parece não querer abraçar. Conforme as bactérias e outros microorganismos começaram rapidamente a assumir o controle dos pedaços da bandeira, eles se dissolveram e os transformaram. Os microorganismos passaram a decompor uma poderosa ferramenta do nacionalismo na velocidade da misericórdia da natureza. Após tirar algumas fotos do processo de colonização dos microrganismos, manipulei alguns deles, criando transmutações ainda mais coloridas do que um dia foi a bandeira nacional de um país.

Países de produção: Alemanha e Brasil. Ano: 2021.

Chana de Moura

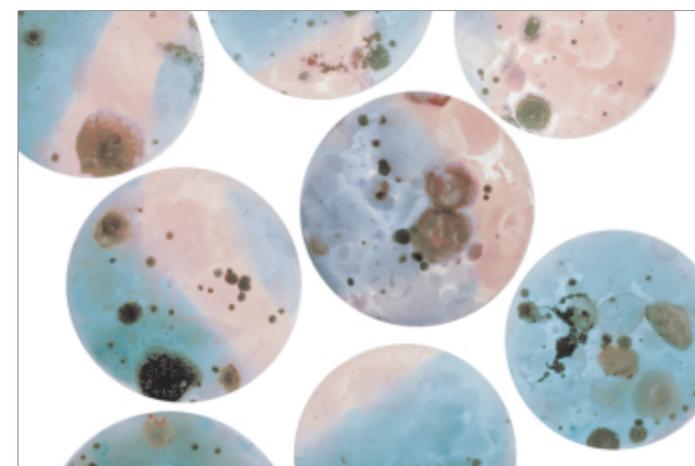
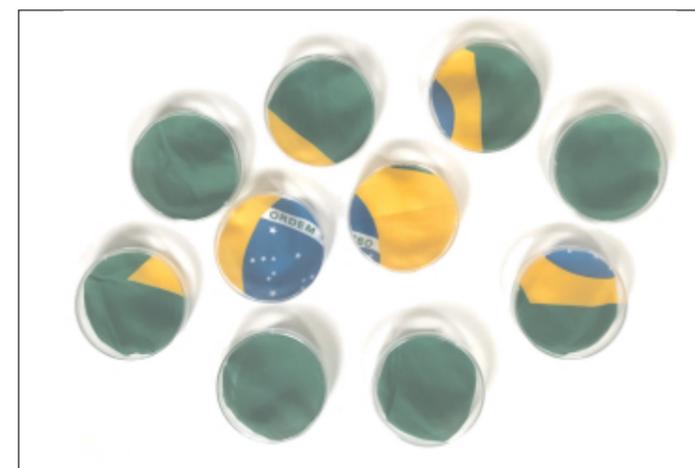
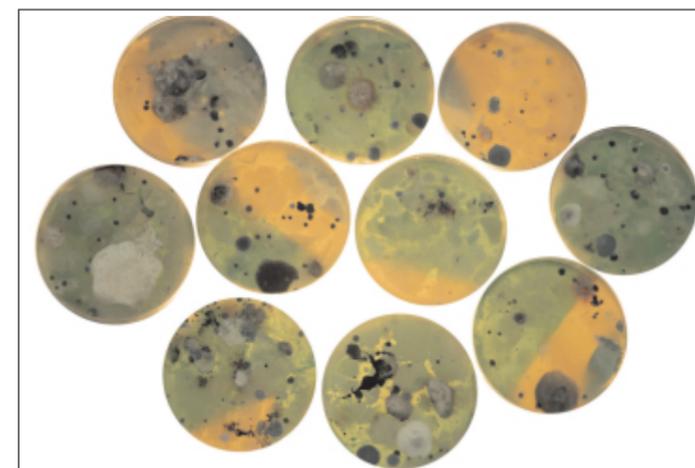
Doutoranda na Universidade de Arte e de Design de Linz

chanademoura@gmail.com

21/12/2021

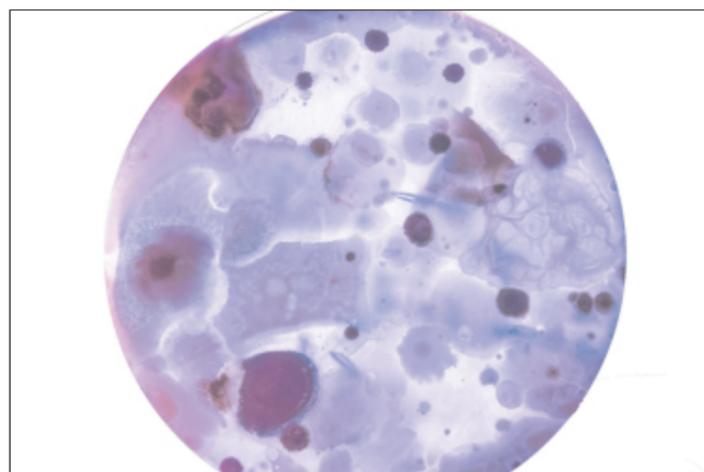
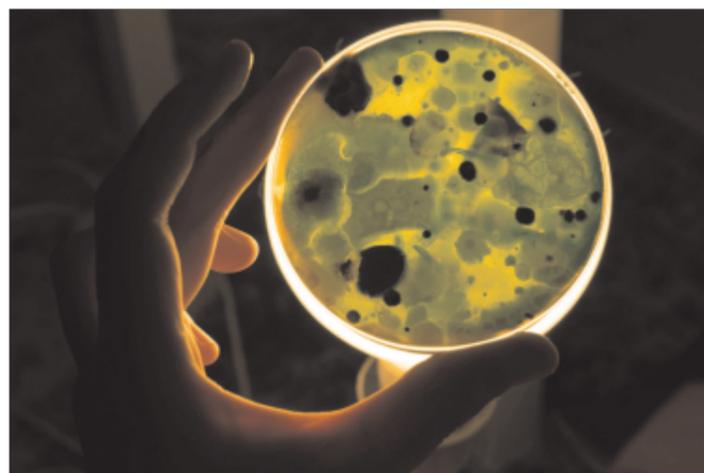
ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Diante dos negacionismos" - Ano 08 / n. 21, 2021

ARTES: Bandeira de ninguém



ClimaCom Cultura Científica - Dossiê "Diante dos negacionismos" - Ano 08 / n. 21, 2021

ARTES: Bandeira de ninguém



ARTES:

Como nascem as nuvens

Este é um trabalho em desassossego, uma criação poética e visual sobre como nascem as nuvens dentro de uma coleção científica. Essas nuvens que se formam e que testemunham as fotografias dão contornos as nossas inexoráveis inquietações, sobretudo diante do crescente negacionismo científico e de uma pandemia que assombram o mundo que experimentamos e temos criado para nós. Caminhamos pela arte para criar uma narrativa poética e mostrar essas nuvens que são hifas de fungos crescendo, contaminando e consumindo os exemplares de uma coleção científica. O processo de reconhecer uma espécie como nova só é válido para a comunidade científica se sua descrição for publicada em uma revista científica com a caracterização da sua morfologia, cor, tamanho e quaisquer particularidades que saltam aos olhos. Então a espécie nova recebe um nome e um exemplar tipo ou alguns exemplares tipos são associados a ela. Assim a ciência vai acontecendo, catalogando o que é encontrado, disponibilizando para a comunidade. Reconhecer essa biodiversidade passa também por reconhecer a importância dos museus, das coleções científicas, do trabalho dos taxonomistas empenhados em compor um mapa com essas pequenas miudezas que são arrancadas do mundo para compor o que nós, na biologia, chamamos de espécie e que nós, na arte, chamamos de nuvens.

Como nascem as nuvens (2021)

Técnica: fotografia digital

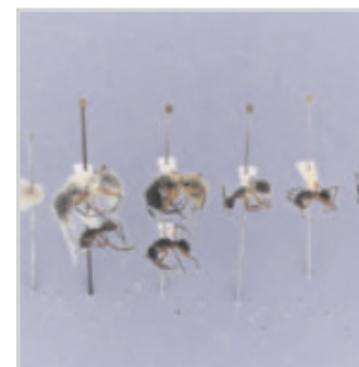
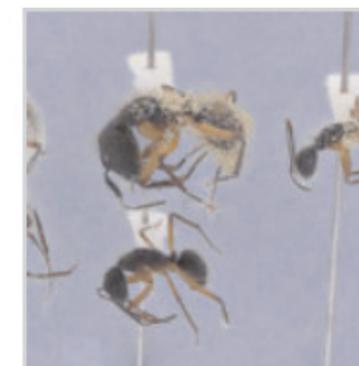
Autoras: Mônica Ulysséa, Fabíola Fonseca

Financiamento: FAPESP, FUNCAP-CE

Brasil, 2021

21/12/2021

ARTES: Como nascem as nuvens



ARTES:

Impressões – Marcas da Terra

Colher as folhas, secar, fazer uma composição, colar no papelão, entintar e estampar. Na busca por um chão comum, vem também o desejo de celebrar os povos originários desse território tão vasto. Cada bordadeira buscou, na sua memória, nos seus afetos e referências, palavras de diferentes povos indígenas que vão bordadas nas estampas das folhas, junto com uma intervenção livre. O grupo é formado por jovens mulheres de meia idade e idosas, com e sem filhos, donas de casa e especialistas em suas áreas de trabalho, artistas, filhas, irmãs, mães, avós e amigas. É um grupo rotativo. Entre as participantes do grupo há aquelas com um longo histórico geracional de fios nas suas vidas e outras que nunca bordaram. Esse trabalho foi resultado da Oficina de Bordado 2021 da EMIA - Texturas Sonoras, conduzida pela artista professora Joana Salles e colaboração da designer têxtil Ci Teixeira. A EMIA é uma escola pública e gratuita, fundada em 1980. A escola funciona em três casas dentro do parque Lina e Paulo Raia, no Jabaquara, zona sul de São Paulo.

IMPRESSÕES | MARCAS DA TERRAS - BORDAEMIA

Técnica: Bordado livre sobre impressão de folhas em tecido

20 X 20 cm

ARTISTA-PROFESSORA:

Joana Salles

ORIENTAÇÃO DE ESTAMPARIA:

Ci Teixeira

ARTISTAS BORDADEIRAS:

Ana Galluzi

Indhira Dias

Amália Boratino

Joana Salles

Caroline Fukumoto

Juliana Santolia

Cecília Teixeira

Livia Gabriel

Dalvací Porto

Marcella Schiavon

Debora Prates

Naige Naara

Denise Molina

Nivia Gonçalves

Eunice de Paula

Renata Augusto

Gisela Bueno

Vera Silva Augusto Marques

Canção Tikuna transmitida por Djuena Tikuna, ensinada por Maru Ohtani

Percussão asalato e voz: Maru Ohtani

Mixagem de som: Tico Prates

Coro- Grupo BordaEmia

JOANA SALLES

Artista têxtil e arte-educadora. Transita entre as artes manuais, o figurino teatral e cultura popular brasileira. Formada em Letras é mestra em Moda, Cultura e Arte. Dedicou-se a projetos de arte e cultura em comunidades integrando pessoas e construindo trabalhos colaborativos através do bordado e a mistura de linguagens artísticas. Desde 2016, é artista professora de Artes Visuais na EMIA - Escola Municipal de Iniciação Artística | SP onde ministra as oficinas de bordado para comunidade.

Idealizadora do grupo BordaEMIA.

Contatos

salles.joana@gmail.com

Instagram

@la_buena_juanita

@bordaemia

Facebook

Joana Salles

21/12/2021

ARTES:

Fiar ou desfiar

'Fiar ou desfiar' é uma obra feita no tecido de algodão. Minha mãe usava o tecido para transformá-lo em primorosos panos de prato. Resolvi desfiá-lo: o mesmo fio que nos sustenta, ao se soltar, cria uma nova direção onde mora o suportar. Resolvi (re)bordá-lo: o fio que solta, volta em forma de cicatriz.

Ficha técnica

Fiar ou Desfiar 1

33 x 42,5 x 0,2 cm

Tecido de algodão desfiado, fios de algodão e tinta de tecido
2019

Fiar ou Desfiar 2

45 x 48 x 0,4 cm

Tecido de algodão desfiado, fios de algodão, monotipia e bordado
2019

Fiar ou Desfiar 3

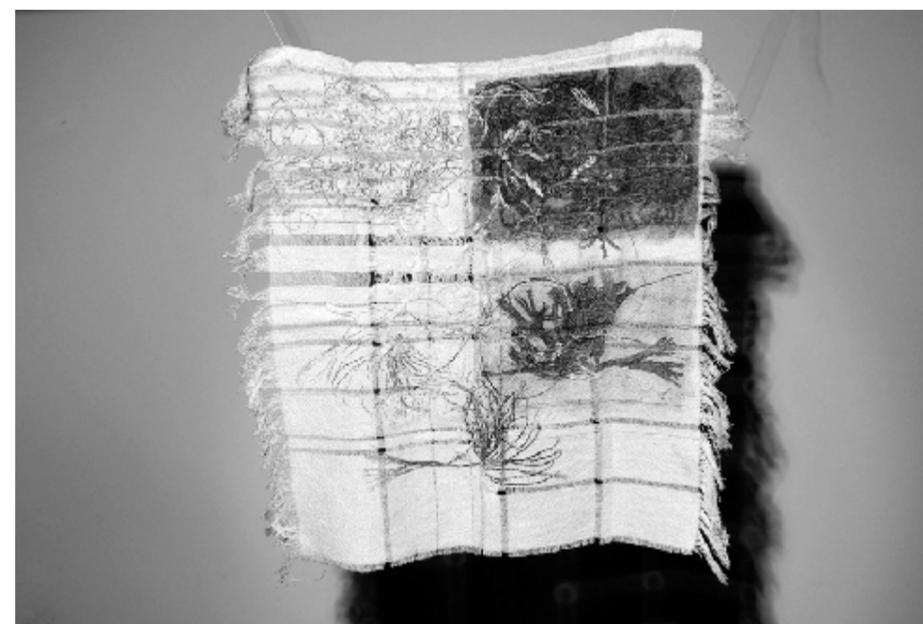
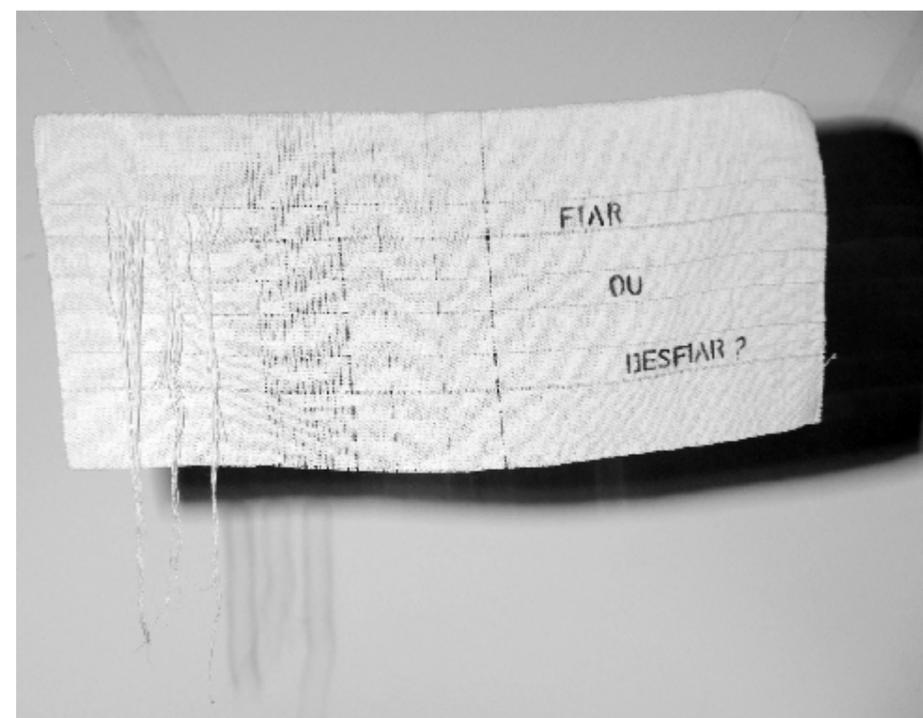
105 x 45 x 0,3 cm

Tecido de algodão desfiado e fios de algodão
2019

Vera Figueiredo, durante muitos anos, exerceu a docência em Matemática na Unicamp, sua primeira paixão. Depois de aposentada descobriu outra paixão, a arte. Foi na própria Unicamp, de volta como aluna, que cursou aperfeiçoamento em Artes Visuais. Assim permanece como uma artista que exerce a liberdade da criação, saboreando a arte experimental.

21/12/2021

ARTES: Fiar ou desfiar



ARTES: Fiar ou desfiar



paseos [in]naturales (des)encuentros en una deriva multi-conexiones-cosmicas

Conectar con sabidurías ancestrales: la fractura posible sobre el filo mismo de la racionalidad moderna: oportunidad para descubrir y hacer tejido con pasajes siempre continuos, aunque laberínticos. Inventar continuidades en las discontinuidades. Hacer del cine la pregunta por intersticios e intervalos postnaturales y más que humanos.

Un kino-zine colectivo de:

Daniel Santiago Cortés
Juan Felipe Grisales Tangarife
Juan José Osorio Villegas
Laura Correa Montoya
Luz Adriana Sánchez Segura
María Adelaida Galeano Pérez

Tiagx Vélez
Trinidad Caballero

Agradecimientos:

Santiago Moscoso

Organización:

Juan José Osorio Villegas
Maestría en Cine Documental
Universidad Pontificia Bolivariana

Concepción:

Sebastian Wiedemann
Doctorado en Educación
Universidad Pontificia Bolivariana

Edición:

Sebastian Wiedemann

Hambre | espacio cine experimental

Este Kino-zine es resultado del taller La ancestralidad como futuro y otros modos de hacerse a experiencias cinematográficas ofrecido por Sebastian Wiedemann dentro de las actividades de la Maestría en Cine Documental propuestas para la Escuela de Verano Saberes UPB - Retrofuturos 2021.

Hambre | espacio cine experimental

hambrecine.com

hambre.cine@gmail.com

ISSN 2346-8831

CC BY-NC-SA

Medellín

Septiembre 2021

22/12/2021



Encontros no Labirinto

Encontros no Labirinto” foi um ciclo de seminários de pesquisas, um curto-circuito online de conversas sobre tecnologias da vida, e as pesquisas que fazemos no grupo sobre esses e outros temas. Em contexto ainda de pandemia, aproveitamos a oportunidade dada pela contingência remota para revisitar e rerepresentar nossas pesquisas publicamente, e para convidar ao debate colegas e pesquisadoras de outros estados, instituições e países. Encontros labirínticos, por onde circularam muitos afetos e conhecimentos.

A programação completa pode ser conferida aqui: <https://www.labirinto.labjor.unicamp.br/programacao/> e está publicada no canal do Labirinto no YouTube.

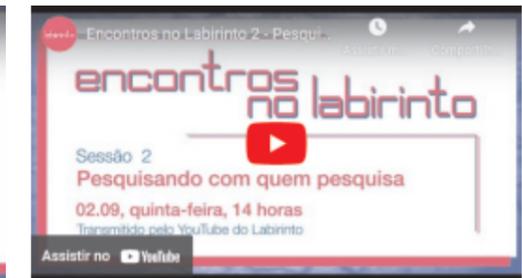
Encontros no Labirinto é uma iniciativa do Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologias da Vida (Labirinto) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

22/12/2021

Encontros no Labirinto 1



Encontros no Labirinto 2



Encontros no Labirinto 3



Encontros no Labirinto 4



Encontros no Labirinto 5



Encontros no Labirinto 6



Cantos sagrados da aldeia Awa Porungawa Dju

Pajé Guaíra canta e fala sobre os cantos sagrados (mboraí) da aldeia tupi-guarani Awa Porungawa Dju. Cantos que fazem parte da vida da aldeia e que estão intimamente conectados à renovação espiritual e ao contato com Deus (Nhanderu) e a natureza.

FICHA TÉCNICA

Captação | Marcus Vinicius de Souza Ferreira
Montagem | Susana Dias

Este trabalho foi publicado no [site](#) e YouTube do projeto "Arvorecer de casa em casa", que tem uma parceria com a Revista ClimaCom.

Arvorecer de casa em casa"

O que é?

"ARVORECER de casa em casa" é um projeto permanente que possibilita a artistas e criadores atuantes nos mais diversos campos profissionais apresentarem seus saberes e invenções, oferecendo semanalmente conteúdos das artes, ciências, filosofias e técnicas às casas, lares e abrigos que habitamos.

Quem somos?

Essa iniciativa é realizada por coletivos e grupos de pesquisa que pretende criar uma atmosfera de afeto e alegria, de estudo e movimento, de liberdade e solidariedade fazendo nascer pelas vias digitais uma floresta de escritas, vídeos, fotografias, desenhos, bordados, músicas, germinando novos modos de habitar, cuidar de si, dos outros e com os outros.

Como surgiu a iniciativa?

Sabemos que a pandemia que nos assola e as circunstâncias impostas por ela causaram e continuam causando uma série de consequências e mudanças - algumas delas irreversíveis - nas vidas de muitos profissionais. Por isso, durante esta fase de distanciamento social e de seus efeitos duradouros, decidimos, num exercício de ativismo poético, movimentar o universo criativo dos espaços virtuais. Esse movimento dará a esses criadores a possibilidade de trabalharem, gerando renda e sustentando suas famílias.

O que oferecemos?

Os conteúdos do Arvorecer são artesanalmente produzidos por criadores e coletivos, buscando potencializar a diversidade de reflexões sobre o humano e gerar resiliência em tempos de emergência socioambiental e pandêmica. Torna-se urgente germinar o novo com a potência da interconexão entre saberes múltiplos, entre vida e arte.

Por que apoiar?

Para possibilitar a continuidade da produção de conteúdo e colaborar na construção de políticas de cuidado extensivas, transformando o estar em casa num espaço de bons combates. Desejamos que, por meio de redes e rizomas, as pessoas - mesmo em suas casas - possam ser raiz e nutrição desses saberes, ramificando-se, conectando-se com esses criadores e à múltiplas dimensões e possibilidades do conhecimento, da cultura e da arte. E, por que não, nos novos tempos que virão?!

Acesse o site para apoiar:

<https://www.padrim.com.br/arvorecer>

Uma floresta que nos faz perceber que não estamos sozinhos e que, a cada material compartilhado, plantamos uma árvore de sensações - juntos, arvorecemos!

21/12/2021



Peixes-folha

Peixes-folha é uma série de Mário da Mata Martins que visa promover uma relação entre árvores e peixes, mostrando conexões sutis entre essas duas formas de vida. [@martins.mariodamata](https://www.instagram.com/martins.mariodamata)

Benjamina. Inspirada na Ficus benjamina, essa aquarela explora por meio do surrealismo uma evolução alternativa: quando a folha de ficus que cai no lago não se decompõe por completo, mas se torna viva de outra forma sob o brilho da água.

Vriesia. Inspirada na Bromelia vriesia, a explosão de cores dessa aquarela evoca não apenas a relação dos peixes e folhas, mas também com seres mitológicos, como dragões. Uma verdadeira fantasia visual.

Maranta. Inspirada na Maranta Leuconeura, a planta oração, esse peixe-folha evoca a sisudez e circunspeção necessários ao mimetismo e a prece. A prontidão no olhar de quem espera.

Estes trabalhos foram publicados no [site](#) e [instagram](#) do projeto “Arvorecer de casa em casa”, que tem uma parceria com a Revista ClimaCom.

“Arvorecer de casa em casa”

O que é?

“ARVORECER de casa em casa” é um projeto permanente que possibilita a artistas e criadores atuantes nos mais diversos campos profissionais apresentarem seus saberes e invenções, oferecendo semanalmente conteúdos das artes, ciências, filosofias e técnicas às casas, lares e abrigos que habitamos.

Quem somos?

Essa iniciativa é realizada por coletivos e grupos de pesquisa que pretende criar uma atmosfera de afeto e alegria, de estudo e movimento, de liberdade e solidariedade fazendo nascer pelas vias digitais uma floresta de escritas, vídeos, fotografias, desenhos, bordados, músicas, germinando novos modos de habitar, cuidar de si, dos outros e com os outros.

Como surgiu a iniciativa?

Sabemos que a pandemia que nos assola e as circunstâncias impostas por ela causaram e continuam causando uma série de consequências e mudanças - algumas delas irreversíveis - nas vidas de muitos profissionais. Por isso, durante esta fase de distanciamento social e de seus efeitos duradouros, decidimos, num exercício de ativismo poético, movimentar o universo criativo dos espaços virtuais. Esse movimento dará a esses criadores a possibilidade de trabalharem, gerando

renda e sustentando suas famílias.

O que oferecemos?

Os conteúdos do Arvorecer são artesanalmente produzidos por criadores e coletivos, buscando potencializar a diversidade de reflexões sobre o humano e gerar resiliência em tempos de emergência socioambiental e pandêmica. Torna-se urgente germinar o novo com a potência da interconexão entre saberes múltiplos, entre vida e arte.

Por que apoiar?

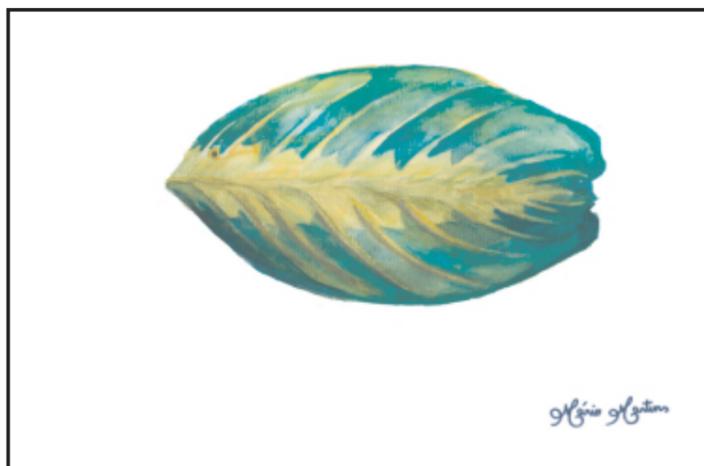
Para possibilitar a continuidade da produção de conteúdo e colaborar na construção de políticas de cuidado extensivas, transformando o estar em casa num espaço de bons combates. Desejamos que, por meio de redes e rizomas, as pessoas - mesmo em suas casas - possam ser raiz e nutrição desses saberes, ramificando-se, conectando-se com esses criadores e à múltiplas dimensões e possibilidades do conhecimento, da cultura e da arte. E, por que não, nos novos tempos que virão?!

Acesse o site para apoiar:

<https://www.padrin.com.br/arvorecer>

Uma floresta que nos faz perceber que não estamos sozinhos e que, a cada material compartilhado, plantamos uma árvore de sensações - juntos, arvorecemos!

21/12/2021



Desterro

DESTERRO tem sido a maneira como a artista Mariana Vilela tem vivenciado a quarentena e suas decorrências: distanciamento social, cancelamento de contratos de trabalho, desafio de ser mãe, tutora dos filhos, cozinheira, faxineira, artista, esposa e vizinha. Sentimentos como angústia, incerteza, medo e solidão trouxeram a princípio um corpo paralisado, mas, que aos poucos, buscou no bordado de si a possibilidade para um novo agir.

FICHA TÉCNICA

Concepção e performance | Mariana Vilela

Este trabalho foi publicado no [site](#) e YouTube do projeto "Arvorecer de casa em casa", que tem uma parceria com a Revista ClimaCom.

"Arvorecer de casa em casa"

O que é?

"ARVORECER de casa em casa" é um projeto permanente que possibilita a artistas e criadores atuantes nos mais diversos campos profissionais apresentarem seus saberes e invenções, oferecendo semanalmente conteúdos das artes, ciências, filosofias e técnicas às casas, lares e abrigos que habitamos.

Quem somos?

Essa iniciativa é realizada por coletivos e grupos de pesquisa que pretende criar uma atmosfera de afeto e alegria, de estudo e movimento, de liberdade e solidariedade fazendo nascer pelas vias digitais uma floresta de escritas, vídeos, fotografias, desenhos, bordados, músicas, germinando novos modos de habitar, cuidar de si, dos outros e com os outros.

Como surgiu a iniciativa?

Sabemos que a pandemia que nos assola e as circunstâncias impostas por ela causaram e continuam causando uma série de consequências e mudanças - algumas delas irreversíveis - nas vidas de muitos profissionais. Por isso, durante esta fase de distanciamento social e de seus efeitos duradouros, decidimos, num exercício de ativismo poético, movimentar o universo criativo dos espaços virtuais. Esse movimento dará a esses criadores a possibilidade de trabalharem, gerando renda e sustentando suas famílias.

O que oferecemos?

Os conteúdos do Arvorecer são artesanalmente produzidos por criadores e coletivos, buscando potencializar a diversidade de reflexões sobre o humano e gerar resiliência em tempos de emergência socioambiental e pandêmica. Torna-se urgente germinar o novo com a potência da interconexão entre saberes múltiplos, entre vida e arte.

Por que apoiar?

Para possibilitar a continuidade da produção de conteúdo e colaborar na construção de políticas de cuidado extensivas, transformando o estar em casa num espaço de bons combates. Desejamos que, por meio de redes e rizomas, as pessoas - mesmo em suas casas - possam ser raiz e nutrição desses saberes, ramificando-se, conectando-se com esses criadores e à múltiplas dimensões e possibilidades do conhecimento, da cultura e da arte. E, por que não, nos novos tempos que virão?!

Acesse o site para apoiar:

<https://www.padrim.com.br/arvorecer>

Uma floresta que nos faz perceber que não estamos sozinhos e que, a cada material compartilhado, plantamos uma árvore de sensações - juntos, arvorecemos!

21/12/2021



Sopros da mata

Esta série de rodas de conversa surge dos estudos do grupo de pesquisa multiTÃO (CNPq-Labjor-Unicamp), no âmbito do projeto Arvorecer de casa em casa, em torno do que pode a comunicação em alianças com a atmosfera, os animais e as plantas.

Pensando com a atmosfera | Hellen Audrey e Valéria Scornaechi são as convidadas desta primeira conversa da série Sopros da mata - rodas de conversas organizadas pelo grupo multiTÃO do Labjor-Unicamp - Larissa Bellini, Karolyne de Souza e Susana Dias.

Pensando com os animais | Participam desta roda de conversa os convidados: Alda Romaguera (professora do grupo Ritmos de Pensamento - Uniso - Sorocaba) Leandro Belinaso (professor do grupo Tecendo - UFSC) Marcos Reigota (professor do grupo Estudos Perspectiva Ecologista de Educação da Uniso-Sorocaba) Mariana Vilela (artista e pesquisadora do grupo multiTÃO do Labjor-Unicamp e integrante do Arvorecer de casa em casa) Emanuel Miranda (jornalista e pesquisadora do grupo multiTÃO do Labjor-Unicamp) Rodrigo Reis Rodrigues (compositor e pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Novas Metodologias em Artes da Unesp-SP) Tetê Espíndola (artista e musicista) Bené Fonteles (artista plástico, jornalista, editor, escritor, poeta e compositor) Glória Albuês (cineasta e ativista cultural) Flávia Catunda e Gabriel Catunda (filhos de Marta Catunda) David de Codes (professor da Universidade Estadual de Feira de Santana) Eder Proença (pesquisador do grupo Ritmos de Pensamento da Uniso-Sorocaba) Josefina de Fátima Tranquilin-Silva (pesquisadora do grupo Ritmos de Pensamento da Uniso-Sorocaba) Estas rodas de conversas são organizadas pelo grupo multiTÃO do Labjor-Unicamp, pelas pesquisadoras Larissa Bellini, Karolyne de Souza e Susana Dias. Neste episódio da série contamos com a participação de Alda Romaguera e Bené Fonteles na organização do evento.

Pensando com as plantas | Participam desta roda de conversa os convidados: Luã Apyká (tupi-guarani da aldeia Tabaçú, localizada na Terra Indígena Piaçaguera no litoral sul de São Paulo, professor e pesquisador, graduando em linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp); e Mariana Vilela (artista multimídia e arte-educadora, graduada em Letras Português e Espanhol pela Faculdade São Bernardo em 2011, atriz com formação pelo Teatro Universitário da UFMG em 2003, mestranda do programa Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo Labjor-Unicamp e pesquisadora do grupo multiTÃO). Esta roda de conversa foi organizada pelo grupo multiTÃO do Labjor-Unicamp, pelas pesquisadoras Larissa Bellini, Karolyne de Souza, Rayane Barbosa e Susana Dias.

Este trabalho foi publicado no site e YouTube do projeto "Arvorecer de casa em casa", que tem uma parceria com a Revista ClimaCom.

"Arvorecer de casa em casa"

O que é?

"ARVORECER de casa em casa" é um projeto permanente que possibilita a artistas e criadores atuantes nos mais diversos campos profissionais apresentarem seus saberes e invenções, oferecendo semanalmente conteúdos das artes, ciências, filosofias e técnicas às casas, lares e abrigos que habitamos.

Quem somos?

Essa iniciativa é realizada por coletivos e grupos de pesquisa que pretende criar uma atmosfera de afeto e alegria, de estudo e movimento, de liberdade e solidariedade fazendo nascer pelas vias digitais uma floresta de escritas, vídeos, fotografias, desenhos, bordados, músicas, germinando novos modos de habitar, cuidar de si, dos outros e com os outros.

Como surgiu a iniciativa?

Sabemos que a pandemia que nos assola e as circunstâncias impostas por ela causaram e continuam causando uma série de consequências e mudanças - algumas delas irreversíveis - nas vidas de muitos profissionais. Por isso, durante esta fase de distanciamento social e de seus efeitos duradouros, decidimos, num exercício de ativismo poético, movimentar o universo criativo dos espaços virtuais. Esse movimento dará a esses criadores a possibilidade de trabalharem, gerando

renda e sustentando suas famílias.

O que oferecemos?

Os conteúdos do Arvorecer são artesanalmente produzidos por criadores e coletivos, buscando potencializar a diversidade de reflexões sobre o humano e gerar resiliência em tempos de emergência socioambiental e pandêmica. Torna-se urgente germinar o novo com a potência da interconexão entre saberes múltiplos, entre vida e arte.

Por que apoiar?

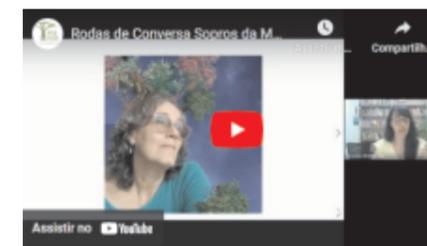
Para possibilitar a continuidade da produção de conteúdo e colaborar na construção de políticas de cuidado extensivas, transformando o estar em casa num espaço de bons combates. Desejamos que, por meio de redes e rizomas, as pessoas - mesmo em suas casas - possam ser raiz e nutrição desses saberes, ramificando-se, conectando-se com esses criadores e à múltiplas dimensões e possibilidades do conhecimento, da cultura e da arte. E, por que não, nos novos tempos que virão?!

Acesse o site para apoiar:

<https://www.padrim.com.br/arvorecer>

Uma floresta que nos faz perceber que não estamos sozinhos e que, a cada material compartilhado, plantamos uma árvore de sensações - juntos, arvorecemos!

21/12/2021



Para se pensar o Antropoceno

Alyne Costa possui graduação em Comunicação Social (habilitação Relações Públicas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014) e doutorado em Filosofia também pela PUC-Rio (2019). Sua pesquisa se concentra na área de Filosofia e a Questão Ambiental, com ênfase no Antropoceno e na catástrofe ecológica global, considerando também as repercussões do tema na antropologia e na política. Foi bolsista do Programa de Doutorado-sanduiche no Exterior da Capes de abril de 2017 a janeiro de 2018, período em que esteve vinculada à Universidade Paris Nanterre. Foi bolsista Nota Dez da FAPERJ (2016-2018). Tem experiência também nas áreas de comunicação social, responsabilidade social e sustentabilidade. Atualmente é pós-doutoranda do Colégio Brasileiro de Altos Estudos (UFRJ), com pesquisa sobre mudanças climáticas e seu enfrentamento no Brasil.

20/12/2021

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica,

sobre o acesso à população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.



Negar a história é uma forma de governo

Patrícia Valim possui graduação em pedagogia pelo Centro Universitário Fundação Santo André (1996) e graduação em HISTÓRIA (2003) também pela Fundação Santo André. É Mestre em História Social (2007) e Doutora em História Econômica (2013), ambos pela Universidade de São Paulo. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em História na UFBA, com bolsa CAPES/PNPD, durante o período de dezembro/2013 - janeiro/2015. Lecionou por oito anos nas graduações de História, Pedagogia e Serviço Social em IES privadas de São Paulo. Atualmente é Professora Adjunta de História do Brasil Colonial no Departamento de História da UFBA. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia e História Econômica, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Bahia; Produção, Circulação e Consumo no Brasil Colonial, Conjunturas Insurgentes, Cultura Política e Cultura Jurídica no Brasil Colonial; Justiça e Poder na Crise do Antigo Regime; Conjuração Baiana de 1798; Lutas pela Independência Política na Bahia.

Alexandre Avelar possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997), mestrado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2006). Desenvolveu estágio pós-doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em 2016-2017. É Professor Associado II da Universidade Federal de Uberlândia e Pesquisador do CNPq (Bolsista Produtividade). Tem experiência na área de História, com ênfase em Estado e Sociedade, Teoria da História e Historiografia, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia, intelectuais, escrita da História e biografia.

20/12/2021

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica,

sobre o acesso à população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.



Negacionismo histórico e científico: um combate para a história das ciências

Gabriel da Costa Ávila é Professor Adjunto no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, atuando no curso de Licenciatura em História e no Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. cursou Doutorado (2011-2015) e Mestrado (2009-2011) no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Licenciatura e Bacharelado em História na Universidade Federal da Bahia (2005-2008). A dissertação foi publicada em 2013 com o título "Epistemologia em Conflito: uma contribuição à história das Guerras da Ciência". A tese de doutorado, "Ciência, objeto da história", recebeu Menção Honrosa no "Prêmio SBHC Melhor Tese e Melhor Dissertação ? 2016". Foi Vice-Diretor do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB (2016-2020). Foi Coordenador do Colegiado de Licenciatura em História da UFRB (2015-2016), editor Associado (Associate Editor) da Transversal: International Journal for the Historiography of Science (2016-2018) e Segundo Secretário da Sociedade Brasileira de História da Ciência (2016-2018). É membro do Scientia - Grupo de Teoria e História da Ciência da UFMG. Tem experiência de Ensino e Pesquisa na área de História, com ênfase em História e Historiografia das Ciências, Teoria e Filosofia da História, História da Epistemologia no Século XX e, mais recentemente, história ambiental.

20/12/2021

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica, sobre o acesso à

população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.



Podemos sonhar com um futuro no Antropoceno?

Alexandre Araújo Costa é Bacharel em Física pela Universidade Federal do Ceará (1992), Mestre em Física pela Universidade Federal do Ceará (1995), Doutor em Ciências Atmosféricas pela Colorado State University (2000), com Pós-Doutorado pela Universidade de Yale (2004-2005). Foi Gerente do Departamento de Meteorologia e Oceanografia da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (2005-2008) e atualmente sou Professor Titular da Universidade Estadual do Ceará. Tenho atuado principalmente nos seguintes temas: Microfísica e Macrofísica de Nuvens, Modelagem Atmosférica, Climatologia Física, Mudanças Climáticas e Meteorologia Aplicada. Publiquei mais de 40 artigos em periódicos científicos com revisor e mais de uma centena de trabalhos completos em anais de eventos científicos. Colaborei com o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas em seu Primeiro Relatório de Avaliação Nacional (RAN) como autor principal. No entanto, mais do que uma produtividade acadêmica contabilizada nestes números e títulos, considero fundamental que pensemos sobre que ciência desenvolvemos e a serviço de quem ela se coloca. Num contexto de crise ecológica e profundo fosso social, os avanços científicos devem, inequivocamente, se colocar a serviço da defesa da vida, do equilíbrio ambiental e climático e do combate às injustiças em nossa sociedade.
Links: <http://oquevocefariasesoubesse.blogspot.com>
<https://www.youtube.com/channel/UCxgR...>

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica,

sobre o acesso à população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.



A força decolonial da memória: reescrita da história travesti através do teatro

Helena Vieira é pesquisadora, transfeminista e escritora. Foi colunista da Revista Fórum e contribuiu com diversos meios de comunicação como o Huffpost Brasil, Revista Galileu (matéria de capa sobre transexualidade), Cadernos Globo (Corpo: Artigo Indefinido), Revista Cult e Blog Agora É que São Elas da Folha de São Paulo. Foi consultora na novela a Força do Querer. Recentemente, foi co-autora dos livros " História do Movimento LGBT " organizado por Renan Quinalha e James Green, " Explosão Feminista" organizado por Heloísa Buarque de Holanda, " Tem Saída? Ensaios Críticos sobre o Brasil", organizado por Rosana Pinheiro Machado e " Ninguém Solta a Mão de Ninguém: Um manifesto de resistência", da editora Clarabóia. Dramaturga, fez parte do projeto premiado pela Focus Foundation na categoria Artes Cênicas " Brazil Diversity", em Londres, com a peça " Ofélia, the fat transexual". Desenvolveu junto ao Laboratório de Criação do Porto Iracema das Artes, pesquisa dramática intitulada " Onde estavam as travestis durante a Ditadura?"



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IhJ5lV7v3J4>

Economia ecológica e a Teoria Monetária Moderna (MMT)

Isabela Callegari é mestra em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia da UNICAMP, tendo como tema de dissertação “Paradigma do crescimento, réquiem de uma ideia de progresso: origens, limites e alternativas”. Possui graduação em Economia pela Fundação Getulio Vargas - SP (2009). Atuou profissionalmente como pesquisadora em Economia e garantia de direitos fundamentais no escritório CSPM Advogados Associados, em Porto Alegre. Anteriormente, foi bolsista de mestrado pela Unicamp e pesquisadora em Sustentabilidade no Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getulio Vargas (GVces), realizando projetos na Rio+20 e projetos em parceria com o Ministério da Fazenda e a Embaixada Britânica. Trabalhou como tradutora autônoma português-inglês, professora particular de inglês e de reforço em matérias dos cursos de Economia, Administração, Relações Internacionais e Contabilidade; como trainee na área de crédito e securitização na RB Capital; e como estagiária em análise de risco no Citibank. Na graduação, foi auxiliar de pesquisa na área de sociologia, com o projeto “Burocracia e Redes Interpessoais”, de coordenação da Prof. Ana Cristina Braga Martes (FGV), e no projeto “The Impacts of Income Transfer Programs on Income Distribution and Poverty in Brazil: an integrated microsimulation and computable general equilibrium analysis”, de coordenação de Samir Cury (FGV). Atuou em projetos sociais de construção de moradias emergenciais (TETO); em alfabetização de jovens e adultos (DA-FGV); e como representante discente na EESP-FGV e na pós-graduação do IE-Unicamp. Principais áreas de interesse acadêmico atualmente: paradigmas de desenvolvimento; desenvolvimento versus crescimento econômico; antropocentrismo; antropoceno; capitalismo, desigualdade e colapso ambiental; ecologia crítica; economia social; economia ecológica; e planejamento urbano. Site: www.isabelacallegari.com Twitter e Instagram: @callegarisabela. Pra quem se interessar, tem o site da sociedade brasileira de economia ecológica e essa página introdutória aqui: <http://ecoeco.org.br/economia-ecologica/> Artigo da autora sobre MMT: <https://ijf.org.br/a-hora-e-a-vez-da-...> Site da MMT Brasil, onde escrevo mensalmente, e artigo inicial de introdução à aproximação da MMT com a Economia Ecológica: <https://mmtbrasil.com/mmt-e-economia-...> Há também um curso de graduação recém criado em Economia Ecológica na UFCE, que é o único do mundo em nível de graduação.

20/12/2021

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica, sobre o acesso à

população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.



Primo Levi: a história, a literatura de testemunho e o evento limite

Pedro Caldas é Bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense (1995), mestrado e doutorado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1999 e 2004). Durante o doutorado, obteve bolsa sanduíche da CAPES para pesquisar Kulturwissenschaftliches Institut - NRW, em Essen, na Alemanha entre outubro de 2001 e setembro de 2002. Fez pesquisa de pós-doutorado no Centro Internazionale di Studi Primo Levi, em Turim (Itália). Atualmente é professor associado do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde atua como professor e desenvolve pesquisas na área de Teoria e Metodologia da História.

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica, sobre o acesso à

população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.



Ler, pensar, escrever

Juliano Garcia Pessanha é graduado em filosofia pela Universidade de São Paulo (1986), mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009) e doutor em Filosofia na Universidade de São Paulo (2017). Autor de *Recusa do não-lugar* (Ubu- 2018), da trilogia *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000) e *Certeza do agora* (2002), também publicou *Instabilidade perpétua* (2009), todos reunidos em nova edição sob o título *Testemunho transiente* (Cosac Naify, 2015), vencedor do Prêmio APCA, Grande Prêmio da Crítica, categoria Literatura. É pesquisador no grupo de pesquisa Filosofia e práticas psicoterápicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), liderado por Zeljko Loparic, com certificação do CNPq. São suas áreas de interesse a filosofia contemporânea (Nietzsche, Heidegger e Sloterdijk) e as relações entre filosofia e literatura (Kafka, Musil, Gombrowicz, Blanchot e Cioran). É professor da pós-graduação em Formação de Escritores do Instituto Superior de Educação Vera Cruz. Dirige grupos de estudo de filosofia desde 1998.

20/12/2021

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica, sobre o acesso à

população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.



Por uma nova macrofísica do poder

Juliano Garcia Pessanha é graduado em filosofia pela Universidade de São Paulo (1986), mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009) e doutor em Filosofia na Universidade de São Paulo (2017). Autor de Recusa do não-lugar (Ubu- 2018), da trilogia Sabedoria do nunca (1999), Ignorância do sempre (2000) e Certeza do agora (2002), também publicou Instabilidade perpétua (2009), todos reunidos em nova edição sob o título Testemunho transiente (Cosac Naify, 2015), vencedor do Prêmio APCA, Grande Prêmio da Crítica, categoria Literatura. É pesquisador no grupo de pesquisa Filosofia e práticas psicoterápicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), liderado por Zeljko Loparic, com certificação do CNPq. São suas áreas de interesse a filosofia contemporânea (Nietzsche, Heidegger e Sloterdijk) e as relações entre filosofia e literatura (Kafka, Musil, Gombrowicz, Blanchot e Cioran). É professor da pós-graduação em Formação de Escritores do Instituto Superior de Educação Vera Cruz. Dirige grupos de estudo de filosofia desde 1998.

20/12/2021

Conversações Filosóficas

Série de Entrevistas

Caio Souto

Neste conjunto de entrevistas, o canal Conversações Filosóficas entrevistou pesquisadoras e pesquisadores que problematizam a crise atual que vivenciamos atualmente em seus mais diversos sentidos, como por exemplo econômico, médico-sanitário, científico, ético-político, sociológico, filosófico e/ou existencial. São conversas sobre o negacionismo científico, sobre a importância de uma pedagogia científica, sobre o acesso à

população das pesquisas que envolvem questões que concernem a todos nós e ao mundo atual em que vivemos. Também são conversas sobre as relações de força estabelecidas por grandes grupos que são contrários à produção científica, a relação entre a narrativa histórica, a narrativa literária e a narrativa de testemunho, sobre o contexto histórico do autoritarismo brasileiro, sobre os efeitos da ascensão do fundamentalismo neopentecostal e o declínio da igreja católica na compreensão do poder teológico-político no Brasil. Foram tematizadas em tais conversas, ainda, as possíveis alianças entre o pensamento científico contemporâneo ocidental e o pensamento indígena de autores como Krenak, Kopenawa, entre outros.





jornalismo

NOTÍCIAS:

As vozes dos povos originários na COP26

A participação da indígena Txai Suruí que discursou na abertura da COP26 e da artista visual indígena Mavi Morais, fazem pensar na necessária inclusão dos povos originários nas cúpulas do clima.

9/12/2021

NOTÍCIAS: As vozes dos povos originários na COP26

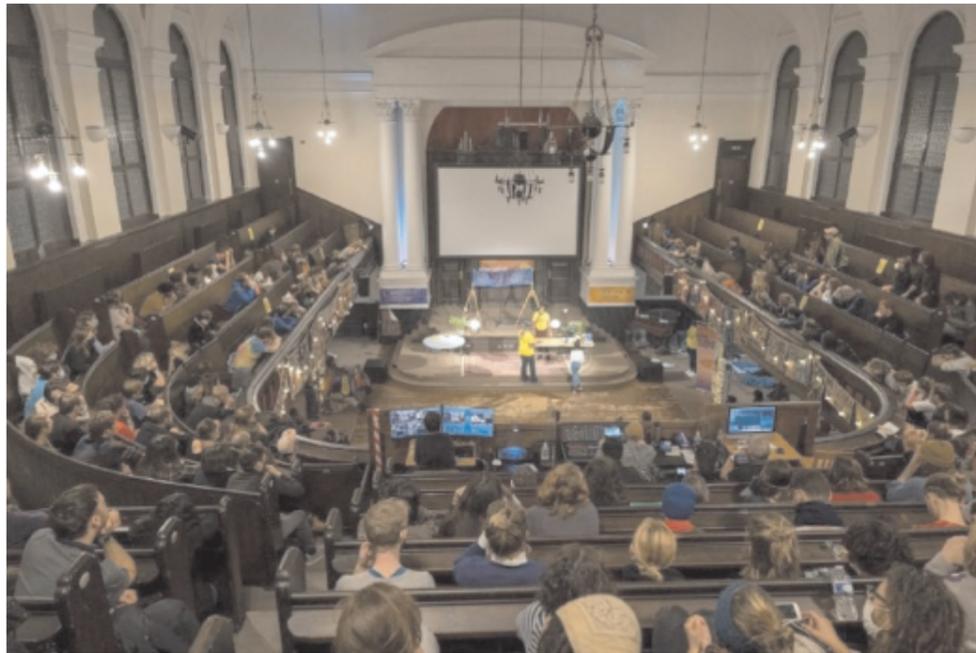
Por | Gláucia Pérez
Editora | Susana Oliveira Dias



Fonte: BBC News Brasil

Txai Suruí, do povo indígena paiter suruí de Rondônia, foi destaque na COP26 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2021), que ocorreu entre os dias 1º ao 12 de novembro deste ano em Glasgow, na Escócia. A ativista, de 24 anos, fez um discurso na abertura da COP26 e disse que para ela apesar de ter sido uma grande honra participar do evento, que considera tardia essa participação, pois apenas agora, em 2021, um representante do povo originário teve voz em uma conferência que aborda decisões sobre as mudanças climáticas. Ela defendeu que os povos originários precisam sentar à mesa de negociações e decidir junto os compromissos e medidas a serem tomadas, pois são os guardiões da floresta e ainda não foram realmente incluídos nesse debate.

2021 Avaliando a inclusão dos povos originários em debates e decisões quanto as mudanças climáticas em cúpulas do clima a professora do departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, Joana de Oliveira, afirma: "Precisamos traçar alianças generosas, capazes de reconhecer que outras formas de saber e existir são tão complexas e fundamentadas quanto as nossas. Abrir nossos ouvidos a essas vozes, saber pensar juntos, sem constituir relações de assimetria". Ela considera, ainda, que as comunidades indígenas "insistem em existir e em serem ouvidas", e dá o exemplo da constituição de 1988, quando foi garantido aos povos originários os seus direitos fundamentais para a permanência das suas comunidades e culturas: "Isso não foi dado, foi conquistado pela luta de muitos".



Na mesma conferência ocorreu a “Cúpula dos Povos”, que são movimentos da sociedade que têm como interesse denunciar corporações empresariais e políticas governamentais que contribuem com a degradação do meio ambiente, e consequentemente cometem violações em relação aos povos originários locais. O modo de resistência desses movimentos é denunciar a atuação de governos que vão contra o meio ambiente, e as falsas medidas que prometem trazer soluções climáticas. A reunião desses movimentos, como aconteceu na COP26, é uma forma de fortalecimento de convicções e estratégias políticas e socioambientais.

Reportagens que cobriram a cúpula do clima, como a da mídia ninja “A COP26 é nossa, mas nem tanto”, levantaram a questão da sociedade estar preparada e informada sobre as mudanças climáticas. Defendendo que apenas assim diferentes grupos poderão cobrar ações práticas e políticas governamentais efetivas dos responsáveis pelas políticas públicas de preservação do meio ambiente e combater a vulnerabilidade diante das fake news que pregam o negacionismo climático.



A arte também esteve presente na cúpula do clima como força de resistência dos povos originários. A artista visual e fotógrafa Mavi Morais de origem kariri-sapuyá, do sul da Bahia, expôs sua arte nos outdoors nas ruas de Glasgow, na campanha “Choose Earth”, que teve como objetivo apoiar as lutas e resistência das comunidades indígenas. Assim como promover trocas de conhecimento através da arte e uma nova percepção da sociedade em relação a esses povos. Através dessa campanha, líderes indígenas serão beneficiados

financeiramente para continuar suas lutas a favor da preservação do meio ambiente e do planeta. A professora Alik Wunder, da Faculdade de Educação da Unicamp, fala sobre a potência desse trabalho: “O trabalho artístico de Mavi Morais tem impacto visual, altera a paisagem das cidades. Na guerra de narrativas e na maquinaria midiática a arte vem com muitas potências: filosóficas, poéticas, de encantamento, de crítica e reflexão de abertura de olhares, todas válidas e necessárias”.

NOTÍCIAS: As vozes dos povos originários na COP26

Bibliografia consultada:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59215594>

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-09/txai-surui-destaque-da-cop26-vivo-sob-clima-de-ameacas-desde-que-me-conheco-por-gente.html>

<https://midianinja.org/?s=cupula+dos+povos+foc+a>

<https://midianinja.org/?s=povos+ind%C3%ADgenes+n%C3%A3o+querem>

<https://mudancasclimaticas.fapesp.br/2021/11/01/o-que-esperar-das-resolucoes-da-cop26/>

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-
artes sub-vertendo ciências, educações e
comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e
Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC)
- (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº
16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9);
R e v i s t a C l i m a C o m :
<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>
e Revista ClimaCom.

Cortes de investimento em C&T são preocupantes

O corte no orçamento de ciência e tecnologia - C&T, no dia 08 de outubro de 2021, mostrou o momento de caos que vivemos, e a necessidade urgente de reverter esse corte, pois sem investimento na educação e em pessoas qualificadas não é possível fazer ciência.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

No dia 08 de outubro o governo federal fez um corte de 600,3 milhões de reais no orçamento da ciência e tecnologia. Esse corte significa que 87% do que estava destinado financeiramente ao Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação não será repassado, e que apenas 89,7 milhões serão destinados ao órgão. Segundo avalia Alfredo Lopes, filósofo, escritor, e autor do blog Brasil Amazônia Agora: "ciência, educação e a qualificação das pessoas são instrumentos de resistência e mudanças. Sem isso iremos para o caos. E o caos já está instalado no Brasil pátria armada que nós já estamos vivendo". Essa avaliação ele fez no dia 15 de outubro durante o evento online "Qual o impacto dos cortes em C&T e educação para o Brasil, e em particular para a Amazônia?", realizado pela Academia Brasileira de Ciências, feito com o intuito de discutir e buscar possíveis soluções para o corte no orçamento de C&T.

O evento contou também com a participação de: Emmanuel Tourinho, reitor da Universidade do Pará; Camila Ribas, coordenadora da biodiversidade do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA; Sanderson de Oliveira, professor da Universidade do Amazonas, lidera grupo de pesquisa sobre línguas e culturas amazônicas. O evento foi mediado por Adalberto Luis Val membro da Academia Brasileira de Ciências e ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA.

Os palestrantes mostraram-se indignados com os cortes e ressaltaram a necessidade de uma união da comunidade acadêmica brasileira, principalmente agora, para enfrentar mais esse ataque do governo federal à ciência e tecnologia no Brasil. Essa união deve ser imediata e não deve ser marcada por "relações coloniais dentro do próprio Brasil", como defendeu Camila.

Isso passa por mudar a percepção que se tem em

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | [multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações](#)

relação, por exemplo, a algumas regiões do país. O Estado do Amazonas é considerado por muitos uma região desabitada e sem competência científica intelectual instalada. Isso não corresponde à realidade, a região é habitada por povos e culturas do local que são "capazes de nos ensinar como criar novos modelos civilizacionais que respeitem os nossos recursos, as nossas florestas, e que possibilitem um aproveitamento sustentável das nossas riquezas naturais", ressaltou Tourinho.

De acordo com os palestrantes, a região Amazônica sempre teve uma parcela menor na distribuição de recursos dentro do país. Para que haja desenvolvimento na região é necessário desenvolver a pesquisa e cultura na Amazônia capacitando pessoas do local para que esse conhecimento permaneça na região amazônica, valorizando o fato de que são as pessoas locais que conhecem e são mantenedoras da cultura e biodiversidade da região.

Os palestrantes também colocaram que o desenvolvimento de ciência e tecnologia no país é recente, mais ainda no Amazonas, mas que já acontecia uma descentralização da ciência no Brasil e que agora com os cortes coloca em risco o desenvolvimento da ciência na região. Desde 2015 há cortes no orçamento para C&T, e os cursos de graduação e pós-graduação que vinham tendo um aumento foram prejudicados, bem como os alunos que dependem de bolsa de pesquisa de órgãos como a Capes. Projetos já estavam em defasagem devido a recursos financeiros não serem repassados, e agora correm o risco de provavelmente ficarem estagnados ou até mesmo serem finalizados.

A evasão de pessoas que são locais e que foram capacitadas na região mostra a falta de perspectiva de futuro da C&T. Há um custo de investimento nesses pesquisadores e eles acabam saindo devido a melhores ofertas.

[e comunicações \(CNPq\)](#)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista ClimaCom.

Pesquisadores do INCT Mudanças Climáticas defendem conexão entre cientistas e sociedade para combate ao negacionismo e fake news

O 3º webinar do ciclo de popularização da ciência enfatizou a necessidade da comunidade científica construir um canal de comunicação com a sociedade para levar conhecimento de ciência e dos estudos produzidos nos centros de pesquisas.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

NOTÍCIAS: Pesquisadores do INCT Mudanças Climáticas defendem conexão entre cientistas e sociedade para combate ao negacionismo e fake news

No dia 09 de agosto de 2021 foi apresentado pelo [Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima - IPCC](#) o sexto relatório de análise (AR6) sobre as mudanças climáticas globais. Nesse relatório foi ratificado que é “inequívoca” a influência humana nas mudanças climáticas, e nos extremos climáticos devido ao aquecimento global.

O 3º webinar do ciclo de popularização científica: “[Uma gota de ciência, uma dose de resiliência - Clima, saúde e resiliência](#)”, realizado no dia 25-08-2021, trouxe informações deste relatório para o debate em que três pesquisadoras falaram sobre as mudanças climáticas, saúde e resiliência. O debate fez parte de uma série de webinários realizados para disseminar as pesquisas de cientistas, e melhorar a comunicação entre eles e a sociedade. Participaram do debate as pesquisadoras: Dra Regina Alvalá do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais - Cemaden, e membro do INCT de mudanças climáticas fase 2 do subcomponente de “Desastres Naturais, áreas urbanas, infraestrutura física e desenvolvimento urbano”; Profa Adelaide Nardocci, da Faculdade de Saúde Pública da USP, e Dra Elizabeth Rangel da Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, e membro do INCT de mudanças climáticas fase 2 no subcomponente de “Saúde”.

Em um artigo publicado na Agência Fiocruz de notícias: “[Urgência de ações concretas frente à crise climática global](#)”, foi mencionado o relatório “O argumento da Saúde para a ação climática” lançado pela ONU para consulta pública que esteve disponível até 25 de agosto de 2021 sobre o clima e a saúde. Esse relatório faz parte da COP26 (26ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas da ONU) que ocorrerá em Glasgow entre os dias 1º e 12 de novembro desse ano, onde 197 países discutirão sobre as mudanças climáticas e o que fazer para combater. As alterações climáticas afetam diretamente o ser humano e tem uma implicação direta na saúde, por isso a importância de se falar e tratar do tema das mudanças climáticas e saúde humana.

No webinar as pesquisadoras reforçaram que os incêndios que ocorreram no país afetam a qualidade do ar e conseqüentemente a saúde das pessoas, aumentando os casos de doenças respiratórias, cardiovasculares, alergias, e até mesmo o câncer de pulmão. Consideraram que a saúde humana tem sido afetada pelo aumento das

doenças transmitidas pelos insetos (as doenças zoonóticas), e que isso está associado diretamente com a destruição das florestas tropicais naturais, o aquecimento global e o desmatamento. E ainda que doenças como: malária, dengue e covid-19, entre outras, estão interligadas ao modo como nos relacionamos e degradamos o meio ambiente.

Levantaram também sobre os movimentos migratórios devido ao agravamento da qualidade da água e alimentação. E a importância de cuidarmos dos nossos hospitais e centros de saúde, porque cada vez mais precisaremos deles. Outro fator importante considerado no webinar foi que a tecnologia pode ser uma aliada para a resiliência do clima e saúde. E como exemplo foi destacada a parceria que o Cemaden e a cidade de São José dos Campos fizeram para mapear a probabilidade de casos de COVID-19 na cidade, a partir de dados levantados e informados pela Secretaria de Saúde do Município e o monitoramento por satélite.

Todas as pesquisadoras ressaltaram a necessidade de que os estudos realizados nas instituições e centros de pesquisas precisam chegar até a sociedade para combater o negacionismo e informações falsas. Para os pesquisadores que participaram do webinar é urgente e necessário criar uma ponte para conectar os cientistas e a sociedade com informações de qualidade e baseadas em evidências científicas.

Exemplos dessa “ponte” são as reuniões mensais dos pesquisadores do Cemaden para divulgar as ocorrências no mês em relação as inundações, deslizamentos e secas. O público pode assistir e interagir fazendo perguntas e/ou tirando dúvidas. Há, também do Cemaden, a 6ª campanha Aprender para prevenir com o tema “Desastres, aqui? Como prevenir?”, que participam escolas, universidades, defesas civis, coletivos. Que também tem o contexto de divulgar e popularizar a ciência. Ambas as informações são da professora Regina Alvalá do Cemaden.

O Prof. Eduardo Mário Menciondo defendeu uma ciência aberta: “Aquele que humaniza nosso dia a dia, e aquela que nos imuniza contra os vírus das fake News, das notícias falsas”. Menciondo é pesquisador do INCT mudanças climáticas fase 2, do subcomponente “Segurança hídrica”, professor da [Escola de Engenharia de São Carlos \(EESC-USP\)](#), e atual coordenador científico do [Centro de Estudos e Pesquisas em Desastres \(CEPED-USP\)](#), que foi o mediador e idealizador

NOTÍCIAS: Pesquisadores do INCT Mudanças Climáticas defendem conexão entre cientistas e sociedade para combate ao negacionismo e fake news

desse webinar voltado à divulgação da ciência.

Novas palestras do CEPED/USP do Ciclo "Uma Gota de Ciência, Uma Dose de Resiliência" são organizadas pelo INCTMC2 com apoio da FAPESP,

integrados com outros projetos interdisciplinares vigentes, dentre eles: [Belmont Forum's Theory of Change Observatory on Disaster Resilience](#), [Center of Applied Maths for Industry - CEPID](#), e [Center of Engineering Research on Artificial Intelligence - C4AI](#).

Bibliografias consultadas:

Jornal USP - Links das notícias: <https://jornal.usp.br/ciencias/a-ciencia-contra-o-negacionismo/>; <https://jornal.usp.br/ciencias/ipcc-se-nada-foi-feito-colapso-climatico-e-iminente/>

45ª edição dos Webinários da Academia Brasileira de Ciências (ABC) - "Comunicação científica: Como falar mais alto do que a desinformação" - Link: <http://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2021/09/webin%C3%A1rio45.png>

Revista online a publica - Link da notícia: <https://apublica.org/2021/08/relatorio-do-ipcc-comprovao-aquecimento-global-ja-esta-aqui/>

Agência Fiocruz de Notícias - Link da notícia: <https://agencia.fiocruz.br/urgencia-de->

[acoesconcretas-frente-crise-climatica-global](#)

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | [multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações \(CNPq\)](#)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); *Revista ClimaCom*: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista ClimaCom

O estresse térmico na região da floresta amazônica já é uma realidade e tende a aumentar com as mudanças climáticas e desmatamento

O desmatamento, as queimadas e as mudanças climáticas contribuem para o processo de savanização da floresta amazônica, e conseqüentemente o aumento da temperatura na região podendo levar a população local ao estresse térmico.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

NOTÍCIAS: O estresse térmico na região da floresta amazônica já é uma realidade e tende a aumentar com as mudanças climáticas e desmatamento

Em um artigo, de 2021, para a revista científica britânica Nature os pesquisadores Beatriz Oliveira, da Fiocruz Piauí; Marcus Bottino do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe); Paulo Nobre do INCT mudanças climáticas fase 2 - subcomponente modelagem do sistema terrestre e produção de cenários futuros de clima para estudos de vulnerabilidade, impactos, adaptação e resiliência; e Carlos Nobre do Instituto de Estudos Avançados da USP, falam sobre o estudo realizado na região Amazônica que descreve o processo de savanização que já ocorre devido ao desmatamento, queimadas e as mudanças climáticas, aumentando a temperatura na região. A elevação da temperatura deixará um ambiente inabitável para a população, principalmente para os mais vulneráveis, levando ao estresse térmico.

De acordo com o estudo o aumento do desmatamento na Amazônia significa que o que foi estipulado no Acordo de Paris, em 2015, não está sendo mantido. Para se ter uma ideia o desmatamento em 2020 deveria ser de 3.925 km² ao invés disso foi de 11.022 km². E ainda nesse mesmo ano, em setembro, houve recordes de calor, não apenas no país mais em todo o mundo devido as mudanças climáticas, aumentando ainda mais as temperaturas na região.

Em uma entrevista em fevereiro de 2021 para o Valor Econômico o pesquisador e climatologista Carlos Nobre disse que em 1990, em um artigo científico, apontou que em 30 anos a savanização amazônica poderia acontecer. Na época o desmatamento era pequeno, mas que agora não há como negar que o processo de savanização já ocorre, e algo precisa ser feito imediatamente, que é imprescindível que no máximo cinco anos o desmatamento seja zerado e inicie de imediato o processo de restauração.

No Brasil, o desmatamento e as queimadas junto às mudanças climáticas irão tornar quase impossível a sobrevivência do homem na região norte e centro-oeste, uma vez que essas regiões serão as mais

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | [multiTÃO: prolifera- artes sub-vertendo ciências, educações e](#)

atingidas. As altas temperaturas e umidade que ocorrerão nessas regiões não permitirá o resfriamento do corpo humano, ao contrário, irá gerar uma elevação da temperatura que causa o estresse térmico prejudicando a saúde humana, inclusive a mental, e a capacidade física de realizar as atividades diárias, podendo levar a morte.

Para calcular o estresse térmico causado pelas altas temperaturas foi utilizado nesse estudo o indicador "Temperatura de bulbo úmido" - WBGT (wet-bulb globe temperature), que considera as seguintes condições da atmosfera: temperatura, umidade, radiação solar e velocidade do vento.

Em dois cenários estima-se que o processo de savanização da floresta amazônica e às mudanças climáticas afetariam diretamente a saúde de seis milhões de pessoas, considerando o WBGT > 34°C, e o RCP4.5 (representative concentration pathways), que representa a quantidade de gás carbônico que entra na atmosfera, e que é um dos índices mais baixos. E afetaria a saúde de onze milhões de pessoas, considerando o WBGT > 34°C, e o RCP8.5, que é o índice mais alto, onde não seria possível uma pessoa ter atividades ao ar livre mais do que uma hora/dia.

O estudo considera também que as ações humanas como as queimadas, as atividades de mineração e o desmatamento, junto a falta de planejamento urbano e saneamento básico contribuem para o aumento da desigualdade e vulnerabilidade da população. Sem contar que as mudanças climáticas colaboram substancialmente para esse quadro. Sendo assim os serviços sociais de saúde serão de grande ajuda para minimizar o impacto na população.

A pesquisadora Beatriz Oliveira considerou na notícia da Agência Brasil do dia 1º de outubro que "o setor de saúde poderia ser um importante motivador na formulação de políticas integrativas para mitigar o risco de estresse térmico e a redução da vulnerabilidade social".

[comunicações \(CNPq\)](#)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9);
Revista [ClimaCom](#):
<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista [ClimaCom](#)

NOTÍCIAS:

As informações falsas contribuem para o negacionismo climático e a aceleração das mudanças climáticas

A negação que a queima dos combustíveis fósseis é uma das principais causas de emissão de gás carbônico contribui para a aceleração das mudanças climáticas, o aquecimento global e os extremos climáticos.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

NOTÍCIAS: As informações falsas contribuem para o negacionismo climático e a aceleração das mudanças climáticas

O sexto relatório de análise (AR6), lançado no dia 09 de agosto de 2021 pelo Painel Intergovernamental sobre Mudança no Clima (IPCC), considera que a queima de combustível fóssil é uma das principais causas de emissão de gás carbônico (CO2) na atmosfera no último século. De acordo com o professor de filosofia da ciência da USP, Pablo Rubén Mariconda, “a negação de que os combustíveis fósseis representariam um aporte significativo nas mudanças climáticas, serve para negar também que estamos em uma nova era geológica como a do Antropoceno”. A fala de Mariconda ocorreu no evento online “Quais os interesses do negacionismo climático?”, realizado dia 06 de setembro. A professora de filosofia da PUC-RJ, Alyne Costa, que também participou do evento, ressaltou que entre os cientistas “não há controvérsia alguma, há um consenso da ciência a respeito do caráter antropogênico das mudanças climáticas”.

Nesse evento o documentário de 2020 foi o ponto de partida para o diálogo sobre o negacionismo climático. O documentário dinamarquês intitulado “A campanha contra o clima” fala das indústrias petrolíferas e a queima dos combustíveis fósseis. No filme mostra que para que as atividades dessas indústrias permaneçam sem serem afetadas é necessário produzir o negacionismo climático, e uma das maneiras de se fazer isso é discutindo sobre a veracidade das mudanças climáticas, mesmo que existam dados científicos afirmando que é “inequívoca” a influência humana no clima e extremos climáticos. Essa discussão é mantida porque, uma vez que é contestado o que os cientistas do clima estão afirmando, não é feito acordos ou leis reduzindo ou até mesmo para parar o uso de combustíveis fósseis.

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | [multiTÃO: proliferações, artes sub-vertendo ciências, educações e](#)

No decorrer do evento foi levantado também a questão da eficácia e legitimidade, que de acordo com o Prof. Pablo, é o interesse no que está sendo produzido que politicamente se avalia a legitimidade de algo ou do que é produzido, mesmo que não seja benéfico para a sociedade. E de que os meios de comunicação controlam a opinião pública, e muitas vezes, a favor da desinformação. Segundo a Prof. Alyne seria importante a ciência reconquistar a confiança da sociedade, procurar compreender a falta de confiança das pessoas na ciência, e não apenas melhorar a comunicação. Ela ressaltou também que é importante se atentar que há tempos a ciência desqualifica o que não é científico e agora os negacionistas agem da mesma forma contra a própria ciência dizendo que os cientistas têm outros interesses, muitas vezes ideológicos, ao afirmarem sobre as mudanças climáticas e aquecimento global.

Os professores complementaram dizendo que para que haja uma verdadeira redução no avanço do aquecimento global e extremos climáticos são necessários organismos internacionais com legislações globais, e que todos os países, sem exceção, cumpram as leis e normas estabelecidas para combater as mudanças climáticas que são inevitáveis.

Já está ocorrendo uma transformação drástica no planeta, a Terra irá se regenerar sem ou com os humanos, mas cabe a humanidade decidir se quer permanecer no planeta Terra ou ser extinta. As mudanças climáticas, o aquecimento global e os extremos climáticos têm nos desafiado a pensar outras formas de ser e estar na Terra.

[comunicações \(CNPq\)](#)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); [Revista ClimaCom](#): <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista ClimaCom

NOTÍCIAS:

A coexistência entre humanos e algoritmos no monitoramento de fenômenos climáticos extremos

Na sua tese de doutorado, "No olho do furacão - reconfigurações laborais e produção de subjetividade na 'Era do Acesso'", o pós-doutorando Bruno Stramandinoli Moreno da Unesp, descreve o que ocorre na 'sala de situação' de um centro de pesquisas governamental, o Cemaden, que monitora fenômenos climáticos extremos em áreas de risco onde há probabilidade de desastres naturais.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

NOTÍCIAS: A coexistência entre humanos e algoritmos no monitoramento de fenômenos climáticos extremos

A tese de doutorado "No 'olho do furacão' - reconfigurações laborais e produção de subjetividade na 'Era do Acesso' ", foi apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, por Bruno Stramandinoli Moreno em julho de 2021 e teve como orientador o professor Carlos José Martins.

A tese teve como foco a relação complexa entre agentes humanos e não-humanos e a produção de subjetividades, de modos de existir, que emergem no trabalho de profissionais que atuam na Sala de

Situação do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) em São José dos Campos, São Paulo.

A Sala de Situação do Cemaden foi criada em 2011 em decorrência do desastre que ocorreu na região serrana do Rio de Janeiro, e serve para detectar desastres naturais e emitir sinal de alerta, caso haja perigo. No Brasil ocorrem dois tipos principais de desastres naturais: as inundações, que provocam desabrigados; e os deslizamentos de terra, que geram muitas mortes.



Fonte: <http://www.cemaden.gov.br/sala-de-operacao>

Quando há possibilidade de um perigo iminente de inundação ou deslizamento de terra, os tecnólogos da Sala de Situação comunicam a defesa civil local, para que esta tome as medidas de proteção da população adequada. Para gerar os alertas, os profissionais que atuam na sala de situação - advindos de diferentes áreas, desde desastres naturais, geociências, hidrologia e meteorologia - trabalham em equipe por um período de seis horas em escala de revezamento.

Esses trabalhadores lidam com denso emaranhado computacional, um imenso volume de dados e sistemas computacionais para emissão de alertas de inundações e outros desastres e dão a pensar muitos aspectos das relações laborais com o fenômeno do Big Data e suas relações com as mudanças climáticas. "O Big Data é uma 'caixa preta' de inúmeras diferentes técnicas de tratamento de dados. Os entendimentos que produz, ficam envolvidos em uma aura de 'precisão'

e 'correção', que dificulta a emergência de qualquer questionamento", explica Bruno.

Bruno ressalta que a tomada de decisão, de emitir ou não o alerta, "ainda é fruto do agente humano". Porém, os dados emitidos pelos sistemas computacionais complexos "interferem em alguma medida a tomada de decisão", subentende-se que esse novo panorama, humano e algoritmos, seja híbrido. Ao final, completa: "Com a chegada de outros recursos e agentes computacionais, como os algoritmos, tipo machine learning, e as Inteligências Artificiais, por exemplo, instaura-se uma 'caixa preta', ou várias 'caixas pretas'. Em que a atuação do 'agente humano' fica cada vez mais 'agenciada' (tomada) pela figura do 'agente computacional' ".

Bruno relaciona, em seu estudo, a Sala de Situação no Cemaden com a transição das sociedades disciplinares, em que os humanos são

treinados e moldados para agirem dentro de um contexto específico, para as sociedades de controle, onde os humanos e algoritmos se conectam e “a atuação laboral é arquitetada e reconfigurada como um fluxo contínuo”. Bruno identifica uma diferença entre a noção de vigilância e de alerta: “Enquanto o alerta focaliza, delimita e restringe a atenção de quem observa, a vigilância abrange, generaliza e produz um modo

de 'livre fluência', mobilidade. Ou seja, se a quantidade de dados e informações, no alerta, reduz-se ao necessário. O Necessário, na vigilância, é amplificar o fluxo de informações com os quais se precisa lidar. A subjetividade laboral, nesse emaranhamento de máquinas e humanos, de acordo com a tese, é produzida num forte contexto de fragmentação, incerteza, complexidade e controle.

```

1010100 1010010 1000001 1000100 1010101 1011010 1001001 1010010 101101 1010011 1000101 100000
100000 1010 1010101 1101101 1100001 100000 1100000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000
1100100 1100101 100000 1101101 1101001 1101101 100000 1010 11101001 100000 1110100 1101111
1100100 1101111 100000 1101101 1110101 1101110 1100100 1101111 111010 100000 1010 1101111
1110101 1110100 1110010 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000 11101001
100000 1101110 1101001 1101110 1100111 1110101 11101001 1101101 111010 100000 1010 1100110
1110101 1101110 1100100 1101111 100000 1110011 1100101 1101101 100000 1100110 1110101 1101110
1100100 1101111 101110 100000 100000 1010 1010 1010101 1101101 1100001 100000 1110000 1100001
1110010 1110100 1100101 100000 1100100 1100101 100000 1101101 1101001 1101101 100000 1010
11101001 100000 1101101 1110101 1101100 1110100 1101001 1100100 11100011 1101111 111010 100000
1010 1101111 1110101 1110100 1110010 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101
100000 1010 1100101 1110011 1110100 1110010 1100001 1101110 1101000 1100101 1111010 1100001
100000 1100101 100000 1110011 1101111 1101100 1101001 1100100 11100011 1101111 101110 100000
100000 1010 1010 1010101 1101101 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000
1100100 1100101 100000 1101101 1101001 1101101 100000 1010 1110000 1100101 1110011 1100001
101100 100000 1110000 1101111 1101110 1100100 1100101 1110010 1100001 111010 100000 1010
1101111 1110101 1110100 1110010 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000
1010 1100100 1100101 1101100 1101001 1110010 1100001 101110 100000 100000 1010 1010 1010101
1101101 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000 1100100 1100101 100000
1101101 1101001 1101101 100000 1010 1100001 1101101 1101111 11100111 1100001 100000
1100101 100000 1101010 1100001 1101110 1110100 1100001 111010 100000 1010 1101111 1110101
1110100 1110010 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000 1010 1110011
1100101 100000 1100101 1110011 1110000 1100001 1101110 1110100 1100001 100000 100000 1010 1010
1010101 1101101 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000 1100100 1100101
100000 1101101 1101001 1101101 100000 1010 11101001 100000 1110000 1100101 1110010 1101101
1100001 1101110 1100101 1101110 1110100 1100101 111010 100000 1010 1101111 1110101 1110100
1110010 1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000 1010 1110011 1100101
100000 1110011 1100001 1100010 1100101 100000 1100100 1100101 100000 1110010 1100101 1110000
1100101 1101110 1110100 1100101 101110 100000 100000 1010 1010 1010101 1101101 1100001 100000
1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000 1100100 1100101 100000 1101101 1101001 1101101
100000 1010 11101001 100000 1110011 11110011 100000 1110110 1100101 1110010 1110100 1101001
1100111 1100101 1101101 111010 100000 1010 1101111 1110101 1110100 1110010 1100001 100000
1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 101100 100000 1010 1101100 1101001 1101110 1100111
1110101 1100001 1100111 1100101 1101101 101110 100000 100000 1010 1010 1010100 1110010 1100001
1100100 1110101 1111010 1101001 1110010 100000 1110101 1101101 1100001 100000 1110000 1100001
1110010 1110100 1100101 100000 1010 1101110 1100001 100000 1101111 1110101 1110100 1110010
1100001 100000 1110000 1100001 1110010 1110100 1100101 100000 1010 10000000010100 100000
1110001 1110101 1100101 100000 11101001 100000 1110101 1101101 1100001 100000 1110001 1110101
1100101 1110011 1110100 11100011 1101111 100000 1010 1100100 1100101 100000 1110110 1101001
1100100 1100001 100000 1101111 1110101 100000 1101101 1101111 1110010 1110100 1100101 100000
10000000010100 100000 1010 1110011 1100101 1110010 11100001 100000 1100001 1110010 1110100
1100101 111111 1010
    
```

TRADUZIR-SE
 Uma parte de mim
 é todo mundo:
 outra parte é ninguém:
 fundo sem fundo.

 Uma parte de mim
 é multidão:
 outra parte
 estranheza e solidão.

 Uma parte de mim
 pesa, pondera:
 outra parte
 delira.

 Uma parte de mim
 almoça e janta:
 outra parte
 se espanta

 Uma parte de mim
 é permanente:
 outra parte
 se sabe de repente.

 Uma parte de mim
 é só vertigem:
 outra parte,
 linguagem.

 Traduzir uma parte
 na outra parte
 — que é uma questão
 de vida ou morte —
 será arte?

Fonte: Tese de doutorado do Bruno Stramandinoli Moreno |

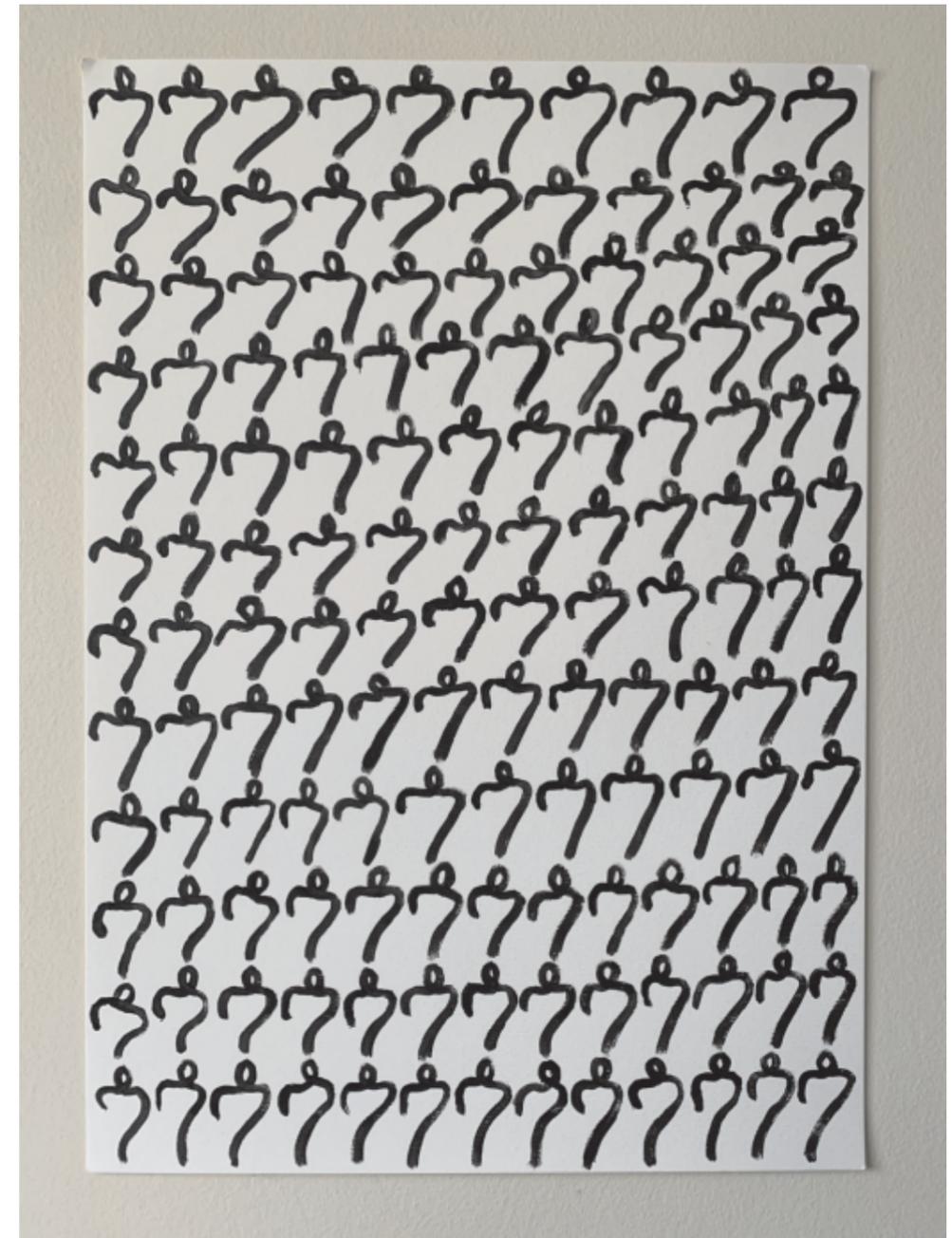
Adaptado de GULLAR (2004, p.335), convertido para linguagem binária

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista **ClimaCom**: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista **ClimaCom**.

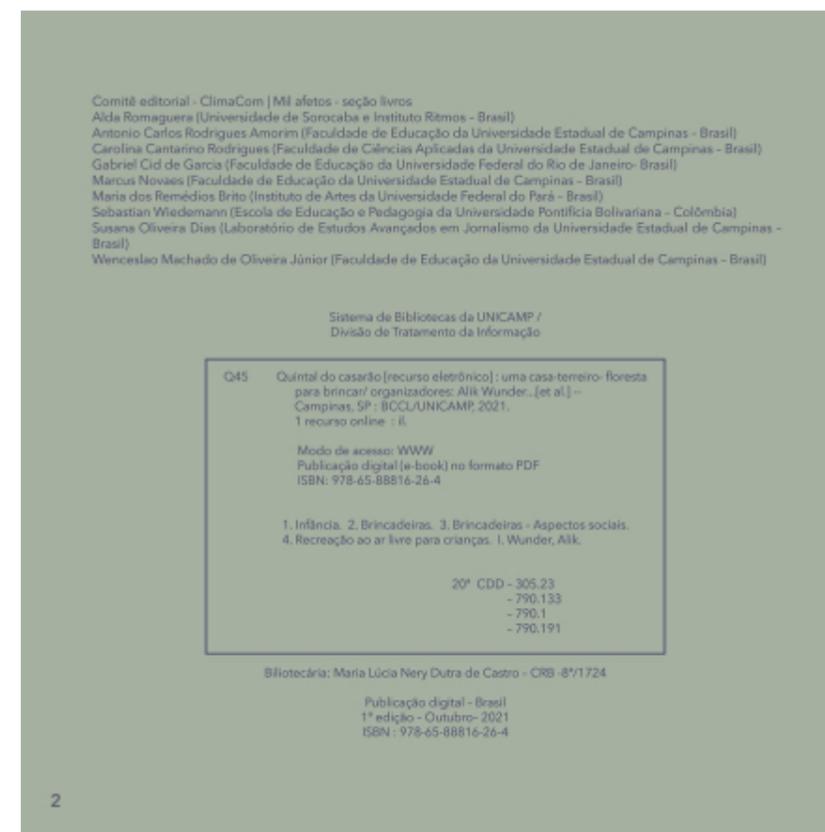
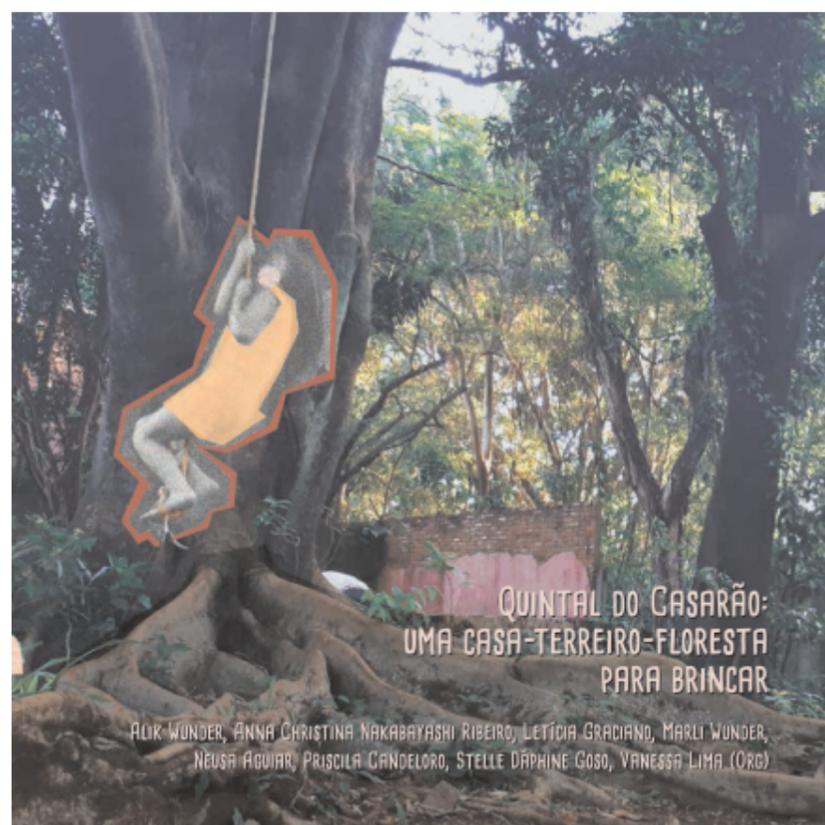
Coletivo e grupo de Pesquisa | [multiTÃO: prolifera-artes sub-vertendo ciências, educações](#)



livros

Quintal do Casarão: Uma casa-terreiro-floresta para brincar

Alik Wunder, Anna Christina Nakabayashi Ribeiro, Letícia Graciano, Marli Wunder, Neusa Aguiar, Priscila Candeloro, Stelle Daphine Goso, Vanessa Lima (orgs.)



SOBRE O LIVRO

Uma casa, um casarão. Tantas portas e janelas, há tempo fechadas, ganham vida num abrir e fechar agora rotineiros: Centro Cultural Casarão, uma Casa de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas desde 2005. As crianças e os adolescentes são os primeiros a chegar, em estado de curiosidade, e encontram lá um acolhimento, fundam um lugar de estar e ser, de cultivo da infância, de seus brincares, peraltagens e histórias. Fundam o que hoje reconhecemos ser uma grande vocação desta casa, justo por razão de cultivo: preparar-se para acolher as crianças em seus brincares livres. Cada página desse livro é uma fresta por onde é possível dar uma espiadinha ao "Quintal do Casarão", lugar de brincar, uma casa-floresta-terreiro. As páginas do livro são frestas por onde também nos espiamos, ao nos imaginarmos adentrando nas imagens, compondo-as com a nossa presença. Convidamos vocês a se imaginarem nessas paisagens fotográficas

animadas por desenhos e cores. O que mais poderia advir dessas composições imagéticas? Brincamos no quintal, brincamos em festas, brincamos de fotografar, brincamos de escrever, brincamos de desenhar, brincamos de fazer um livro. O convite aqui é pra vocês brincarem de ver!

Ficha Técnica:

- Fotografias: Marli Wunder, Vanessa Lima, Priscila Candeloro, Neusa Aguiar, Letícia Graciano, Vania Brega, Alik Wunder

- Arte sobre fotografias: Letícia Graciano Arte Gráfica: Letícia Graciano

- Curadoria de texto e imagens: Grupo de Estudos Infâncias no Casarão

- Realização do Projeto Quintal do Casarão: Caixeiros da Guia e Grupo de Estudos Infâncias no

LIVROS: Quintal do Casarão: Uma casa-terreiro-floresta para brincar

Casarão Grupo de Estudos Infâncias no Casarão: Marli Wunder, Neusa Aguiar, Priscila Candeloro, Andrea Desiderio, Alik Wunder, Eliana Pereira Rollo, Anna Christina Nakabayashi Ribeiro, Stelle Dáphine Goso, Vanessa Lima, Roberta Mencarini Grama, Leticia Graciano Grupo Caixeiras da Guia: Marli Wunder, Márcia Balzani (in memoriam), Josely Rimoli, Neusa Aguiar, Susana Oliveira Dias, Alik Wunder, Priscila Candeloro, Daniella Echeverria, Lucilene Danciguer, Luciana Ruiz, Daniela di Grazi, Vanessa Tel, Andrea Desiderio, Rosana Batistela, Luiza Alonso (in memoriam)

- Mestres, mestras, artistas e grupos que estiveram nos Ciclos de Festas e Quintais do Casarão (2009-2019) que nos guiam e animam: Cia de Reis Ases do Brasil, Cia de Reis Voz do Oriente, Cia de Reis Mensageiros da Paz, Cia de Reis Estrela Guia, Cia de Reis São José Operário, Cia de Reis Grupo 4 Folclórico Campinense, Terno de Congado de São Sebastião do Paraíso (MG), Terno de Moçambique de Fagundes (MG), Tambor de Crioula de São Benedito de Campinas, Jongo Dito Ribeiro, Urucungos, Puítas e Quijengues, Savuru, Caixeiras da Guia, Caixeiras das Nascentes, Grupo Entrefios e Memórias, Grupo Cantavento, Núcleo de Samba Cupinzeiro, Companhia Paraládoanjos, Grupo It teatro No Mundo da Lua, Grupo Sabuká Kariri-Xocó, Mirna Rolin, Pawana Crodi, Dé Kariri-Xocó, Suinara

Kariri-Xocó, Cristina Bueno, Marcelo Taynara, Mestre Sinhá Rosária, Mestre Tião Carvalho, Ana Maria Carvalho, Mestre Chico (in memoriam), João Bá (in memoriam), Mestre Tião Mineiro, Mestre Marquinhos, Mestre Alceu (in memoriam), Mãe Dinéia, Mestre Júlio, Mãe Celeste (in memoriam) Mestres e mestras brincantes, pesquisadores e pesquisadoras da cultura tradicional da infância que já estiveram conosco e que nos inspiram: Lydia Hortélio, Lucilene Silva, Roquinho, Renata Meirelles, David Reeks, Gabriela Romeu, Renato Noguera, Coletivo das Arteiras - SME Campinas: Lígia Prando, Vanessa Lima, Vanessa Simas, Luciana Basseto, Tatiana Carvalho Farias, Luciane Salado, Ana Paula Reis.

Organizadoras: Alik Wunder, Anna Christina Nakabayashi Ribeiro, Leticia Graciano, Marli Wunder, Neusa Aguiar, Priscila Candeloro, Stelle Dáphine Goso, Vanessa Lima.

Todo projeto foi realizado no Centro Cultural Casarão, Casa de Cultura ligada à Secretaria Municipal de Cultura de Campinas (SP), com gestão compartilhada com o Coletivo Casarão desde 2011.

Apoio: PROAC EDITAL 14/2019 - EDITAL DE INCENTIVO AO DESENVOLVIMENTO DA CULTURA POPULAR, TRADICIONAL, URBANA, NEGRA, INDÍGENA E PLURAL NO ESTADO DE SÃO PAULO.

LIVROS:

Casarão: onde todas as terras se encontram

Susana Dias (org.)



LIVROS: Casarão: onde todas as terras se encontram

Sistema de Bibliotecas da UNICAMP /
Divisão de Tratamento da Informação

C263 Casarão [recurso eletrônico] : onde todas as terras se encontram /
organização: Susana Oliveira Dias. -- Campinas, SP :
BCCL/UNICAMP, 2022.
1 recurso online : il.

Modo de acesso: WWW
Publicação digital (e-book) no formato PDF
ISBN 978-65-87175-22-5

1. Cultura 2. Jardim. 3. Floresta. 4. Arte. 5. Fotografia.
I. Dias, Susana Oliveira.

20ª CDD – 306
– 635
– 578.73
– 700
– 770

Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB -8ª/1724

SOBRE O LIVRO

Diante da possibilidade de restrição do acesso ao Centro Cultural Casarão, devido à tentativa de implementação de um projeto de cinturão de segurança durante a pandemia em 2021, o Coletivo Olhar Amoroso atendeu ao chamado das plantas de ocupar os jardins e honrar o encontro com os materiais que a natureza nos oferece. O reencontro no Casarão do Olhar Amoroso - um coletivo formado por artistas de Campinas que se reuniram em torno de atividades propostas pelo artista Bené Fonteles, no segundo semestre de 2019, quando foi professor visitante no Instituto de Artes da Unicamp - foi repleto de emoção. Nessa época, o Olhar Amoroso teve a honra de se encontrar e expor os trabalhos desenvolvidos no Casarão. Muitos não conheciam o espaço e ficaram encantados com a força do que nele acontece. Sob a coordenação de Neusa Aguiar, esta Casa de Cultura da Secretaria Municipal de Campinas nos convida a uma intensa relação com a vida. Nela somos convocados a nos conectarmos e nos sentimos parte da Terra, um chamado que o

grupo que criou este livro buscou acolher. Desde 15 de agosto de 2021 o grupo se reuniu, sendo acolhido por Neusinha e Anna Nakabayashi, inicialmente todas as semanas e depois de 15 em 15 dias. Foram 10 encontros, com uso de máscaras e todos os cuidados necessários. Este livro é resultado desses encontros e uma oferenda ao Casarão, às terras, águas, coisas, plantas, bichos e sobrenaturezas que aqui vivem, um elogio ao aberto e aos encontros, um agradecimento por sua existência e pelo trabalho fabuloso realizado por Neusinha, Ana e o Coletivo Casarão.

criações: Ana Angélica Costa, Alessandra Penha, Isilda Oliveira, Miki Narita, Malu Arruda, Mariana Vilela, Neusinha Aguiar, Rosana Torralba, Susana Dias, Valéria Scornaienchi e Vera Figueiredo.

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO: Susana Dias

Este livro é uma ação do Coletivo Amoroso apoiada pela Revista ClimaCom, Labjor-Unicamp.

FICHATÉCNICA

Dossiê “Diante dos negacionismos”

Editoras | Carolina Cantarino (FCA-Unicamp), Simone Pallone (Labjor-Unicamp), Alice Dalmaso e Susana Dias (Labjor-Nudecri-Unicamp)

Editoração | Carolina Cantarino, Susana Dias, Karoline de Souza e Larissa Bellini

Curadoria seções de Arte e Laboratório-Ateliê | Susana Dias

Curadoria seção Arvorecer de casa em casa | Karoline de Souza e Larissa Bellini

Revisão | Carolina Cantarino, Simone Pallone, Alice Dalmaso e Susana Dias

Capa | Imagem grande: Há jardins entre a terra e o mar de Valéria Scornaienchi; Imagens pequenas: retiradas do livro Casarão: onde todas as terras se encontram, organizado por Susana Dias.

Grupos | [multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educacões e comunicacões \(CNPq\)](#)

Redes de Pesquisa | [Rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas](#)

Instituição | [Faculdade de Ciências Aplicadas \(FCA\)](#) e [Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo \(Labjor\)](#) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e [Centro de Educação](#) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Projeto | Tema Transversal “Divulgação do conhecimento, comunicação de risco e educação para a sustentabilidade” do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC 2a. Fase) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9)

Pós-graduação | [Mestrado em Divulgação Científica e Cultural](#) e [Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais](#) (Unicamp)

FICHA TÉCNICA

Dossiê “Diante dos negacionismos”

Editoras | Carolina Cantarino (FCA-Unicamp), Simone Pallone (Labjor-Unicamp), Alice Dalmaso e Susana Dias (Labjor-Nudecri-Unicamp)

Editoração | Carolina Cantarino, Susana Dias, Karoline de Souza e Larissa Bellini

Curadoria seções de Arte e Laboratório-Ateliê | Susana Dias

Curadoria seção Arvorecer de casa em casa | Karoline de Souza e Larissa Bellini

Revisão | Carolina Cantarino, Simone Pallone, Alice Dalmaso e Susana Dias

Capa | Imagem grande: Há jardins entre a terra e o mar de Valéria Scornaienchi;
Imagens pequenas: retiradas do livro Casarão: onde todas as terras se encontram,
organizado por Susana Dias.

Grupos | multiTÃO: prolifera-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações
(CNPq)

Redes de Pesquisa | Rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas

Instituição | Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) e Laboratório de Estudos Avançados
em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Centro de
Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Projeto | Tema Transversal “Divulgação do conhecimento, comunicação de risco e
educação para a sustentabilidade” do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para
Mudanças Climáticas (INCT-MC 2a. Fase) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº
16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9)

Pós-graduação | Mestrado em Divulgação Científica e Cultural e Programa de Pós-
graduação em Ciências Sociais (Unicamp)